



Sirlene Oliveira de Souza

Educação Infantil no Facebook: registros e diálogos

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Dr^a Zena Winona Eisenberg

Rio de Janeiro,
março de 2021.



Sirlene Oliveira de Souza

Educação Infantil no Facebook: registros e diálogos

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Zena Winona Eisenberg
PUC-Rio

Prof^a. Flavia Miller Naethe Motta
UFRRJ

Prof^a. Rosália Maria Duarte
PUC-Rio

Prof^a. Vera Maria Ramos de Vasconcellos
UERJ

Prof^a. Silvia Brilhante Guimarães
PUC-Rio

Prof^a. Monah Winograd
Coordenadora Setorial do Centro
de Teologia e Ciências Humanas
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 30 de março de 2021.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Sirlene Oliveira de Souza

Mestre em Educação pelo PPGEduc/UFRRJ. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Especialista em Administração Escolar, Supervisão e Orientação. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico de Educação Infantil do Colégio Pedro II. Integra o Grupo de Pesquisa: Desenvolvimento Humano e Educação (Grudhe) - PUC-Rio. Atua principalmente com temas relacionados a Educação Infantil, Infância, Políticas Públicas de Educação, Creche e Formação de professores.

Ficha Catalográfica

Souza, Sirlene Oliveira de

Educação infantil no Facebook: registros e diálogos / Sirlene Oliveira de Souza; orientadora: Zena Winona Eisenberg. – 2021.
209 f ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2021.

Inclui bibliografia

1. Educação - Teses. 2. Educação infantil. 3. Facebook. 4. Famílias. 5. Registros. 6. Creche. I. Eisenberg, Zena Winona. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Agradecimentos

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, por oferecer materiais, infraestrutura e profissionais de excelência.

À professora Dr.^a Zena, minha orientadora, pelos ricos e sistemáticos direcionamentos acadêmicos, mas também pela escuta, pela tranquilidade, pelo acolhimento, que possibilitaram que o desafio de formação como pesquisadora se tornasse um caminho agradável.

Às pesquisadoras e pesquisadores do GRUDHE, pelas contribuições dadas nas longas discussões em cada passo da pesquisa.

Às equipes dos EDI do Município do Rio de Janeiro, junto às equipes da 6^a CRE e da SME, pelo acolhimento e parceria dessa pesquisa e na co-construção dessa pesquisadora. Especialmente às professoras e mães que toparam os diálogos.

Aos companheiros da turma de doutorado de 2017.1: Adriena, Adrian, Aldenira, Elise, Isabel, Ivo, Liliane, Luisa, Maria Paula e Vitoi pelos aprendizados e emoções compartilhadas de maneira tão leve e autêntica.

Aos demais professores que compõem a banca examinadora, pelas contribuições à tese e pelo rico diálogo estabelecido ao longo de minha formação enquanto pesquisadora: Flávia Motta, Vera Vasconcellos, Rosália Duarte, Silvia Brilhantes; e às suplentes: Ana Rosa Picanço e Cristina Carvalho.

Ao Dr. Maciel, pelo companheirismo nas articulações teóricas e metodológicas, mas também, por ser meu amor, meu parceiro, comprometido com nossa organização cotidiana e sempre tão cuidadoso com meu bem-estar.

A meus pais e meu irmão, pelo incentivo e apoio incondicional a formação profissional e acadêmica e por, através de suas trajetórias, terem sido os primeiros a me ensinar o papel que a educação tem na estrutura social e política em uma sociedade democrática. Também aos cunhados, sobrinhos, sogra e sogro (agora *in memoriam*), por estar ao nosso lado nesse caminho.

Aos amigos, compreensivos com minhas ausências e afetuosos no encorajamento. Em especial, às equipes das escolas onde atuei durante o doutorado, pelo cotidiano de diálogos entre pesquisa e práticas educativas: CIEP 227 Procópio Ferreira, E. M. Marcílio Dias e Colégio Pedro II – CREIR.

Nesse tempo marcado por uma pandemia, meu agradecimento a Deus, pela vida!

Resumo

Souza, Sirlene Oliveira de; Eisenberg, Zena Winona. **Educação Infantil no Facebook: registros e diálogos**. Rio de Janeiro, 2021. 209p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objetivo deste estudo foi conhecer as percepções de familiares e profissionais sobre o uso do Facebook pelas equipes de Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do município do Rio de Janeiro. Este objetivo surge de uma questão antiga, mas ainda muito presente no trabalho com crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, referente à comunicação entre famílias e profissionais da Educação Infantil. A prática de compartilhar registros pedagógicos nas páginas de redes sociais cresceu em um momento em que o acesso à internet se popularizou e se tornou, então, um meio rápido para famílias terem informações sobre as ações pedagógicas realizadas nas instituições de educação. Entende-se que essa prática exerce um papel no diálogo entre família e escola e que permite o conhecimento a parte do que é planejado e vivenciado na mesma. Dá-se foco à maneira como o Facebook é usado pela escola: seus objetivos, suas escolhas e o retorno que recebem e/ou esperam receber. Como objetivos específicos, buscou-se a) identificar que propósitos cercam a decisão de uso da rede social Facebook por professores regentes e equipes gestoras; b) compreender os critérios de organização adotados ao fazer uso do Facebook e como isso envolve profissionais, famílias e crianças; e c) conhecer os aspectos que se revelam importantes no cotidiano com a divulgação nas redes sociais. Como aporte teórico, foram adotados autores que abrangem as relações entre família e escola, o uso das novas tecnologias da comunicação nessa relação e discussões que fundamentam as práticas de Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em três EDI do município do Rio de Janeiro, tendo como participantes a equipe gestora de cada unidade (duas diretoras e uma professora articuladora), oito professoras regentes e nove familiares (mães) de crianças matriculadas. A metodologia incluiu os seguintes instrumentos: (i) planilha de levantamento da utilização do Facebook; (ii) questionário sobre o uso de redes sociais; (iii) entrevista *online* com profissionais das escolas; (iv) entrevista *online* com familiares; e (v) amostras de postagens no Facebook. As entrevistas aconteceram entre os meses de junho e outubro de 2020. O tratamento dos dados se deu por meio de análise

temática realizada com apoio do software ATLAS.ti. Construíram-se três eixos de discussão, a saber: os propósitos de uso do Facebook, o gerenciamento organizado e as reverberações percebidas. Os resultados apontaram que profissionais e familiares usam a rede social Facebook como apoio à interlocução dos EDI com as famílias e ao conhecimento da proposta pedagógica da Educação Infantil em suas especificidades.

Palavras-chave

Educação Infantil. Facebook. Famílias. Registros. Creche.

Abstract

Souza, Sirlene Oliveira de; Eisenberg, Zena Winona. **Early childhood education on Facebook: records and dialogues**. Rio de Janeiro, 2021. 209p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The aim of this study was to get to know the perceptions of family members and professionals about the use of Facebook by the staff from the Espaços de Desenvolvimento Infantil (Spaces of Child Development) in the city of Rio de Janeiro. This objective arose from an old issue, but still very present in the work with children ages between 0 and 5 years and 11 months, which refers to the communication between families and Early Childhood Education professionals. The practice of sharing pedagogical records on social network grew at a time when access to the internet became popular and also it provides a quick way for families to have access to the work that is documented by the institutions. It is understood that this practice plays a role in the dialogue between family and school and that it gives access to part of what is planned and experienced in it. Focus is given to the way that Facebook is used by the school professionals: their goals, their choices and the feedback they receive and / or expect to receive from parents. More specifically, we sought to a) identify the purposes surrounding the decision to use Facebook, by teachers, management, and other professionals involved; b) understand the organizational criteria they adopt when using Facebook and how it involves professionals, families and children; and c) know the aspects that prove to be important in daily life and that are worthy of being broadcast on social networks. As a theoretical contribution, studies were adopted that cover the relationship between family and school, the use of new communication technologies in this relationship and discussions that underlie the practices of Early Childhood Education. The research was carried out in three Child Development Spaces (EDI), with the management team of each unit (two directors and an articulating teacher), eleven leading teachers and nine family members of enrolled children. The study methodology included the following instruments: (i) a survey of the use of Facebook; (ii) a questionnaire on the use of social networks; (iii) an online interview with school professionals; (iv) an online interview with family members; (v) samples of postings on Facebook. The interviews took place between the months

of June and October in 2020. The data were processed through thematic analysis carried out with the support of the ATLAS.ti software. Three axes of discussion were built, namely, the purposes of using Facebook, organized management and the perceived reverberations. The results showed that professionals and family members use Facebook as support for the dialogue between EDI and families, as well as for the knowledge construction of the pedagogical proposal of Early Childhood Education in its specificities.

Keywords

Early Childhood Education. Facebook. Families. Records. Nursery school.

Sumário

1	Introdução	18
2	Educação e redes sociais: interlocuções e desafios	24
2.1	As redes sociais em meio aos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação	24
2.2	Redes sociais e comportamentos: o Facebook em destaque	29
2.3	Redes Sociais e educação nas pesquisas	33
2.3.1	Adesão e uso na comunicação entre escolas e famílias	37
2.3.2	Sobre a visibilidade do trabalho pedagógico	42
2.3.3	Desafios e ponderações para educação frente às redes sociais	45
3	Compreensões compartilhadas sobre Educação Infantil	51
3.1	A educação para a infância de 0 a 5 anos	51
3.2	Compreensões sobre Educação Infantil: diálogos com outras pesquisas	59
3.2.1	Educação Infantil enquanto direito de desenvolvimento integral	59
3.2.2	Entre a Educação Infantil e a preparação para o Ensino Fundamental	67
4	Caminhos da pesquisa e estratégias metodológicas	73
4.1	Pesquisa em escolas durante a pandemia	73
4.2	Procedimentos de pesquisa	74
4.2.1	1ª fase: Utilização do Facebook pelos EDI do município do Rio de Janeiro	75
4.2.2	2ª fase: Questionário <i>online</i> sobre o uso de redes sociais pelos EDI da 6ª CRE	76
4.2.3	3ª fase: Entrevistas semiestruturadas <i>online</i> e postagens	77
4.2.3.1	Perfil das unidades participantes	78
4.2.3.2	Perfil dos profissionais e familiares participantes	80
4.2.3.3	Contexto de realização das entrevistas	84
4.2.3.4	Análise de postagens no Facebook	87
4.3	Questões éticas de pesquisa e financiamento	87

4.4	Tratamento e análise do corpus de dados	88
5	Resultados e discussão	93
5.1	Levantamento da utilização do Facebook pelos EDI do município do Rio de Janeiro	93
5.2	Uso de redes sociais pelos EDI da 6ª CRE	98
5.3	Análise das entrevistas	102
5.3.1	Perspectivas profissionais sobre adesão ao Facebook	103
5.3.1.1	O uso da rede social Facebook como estratégia para integração família-EDI	104
5.3.1.2	Perspectivas sobre as relações família-EDI	110
5.3.1.3	O uso da rede social, Facebook, e o anseio pelo conhecimento e valorização da Educação Infantil	114
5.3.1.4	Perspectivas sobre a Educação Infantil e uso da rede social	120
5.3.2	Estratégias de organização e uso do Facebook	124
5.3.2.1	Gerenciamento	124
5.3.2.1.1	Gerenciamento de uso das imagens	125
5.3.2.1.2	Gerenciamento e atuação dos profissionais	129
5.3.2.2	As vivências compartilhadas no Facebook: a EI se faz conhecer(?)	131
5.3.2.2.1	Postagens: Crianças e seus modos de estar nos EDI	132
5.3.2.2.2	Postagens: Destaque das ações docentes	138
5.3.2.2.3	Postagens: A rotina em evidência	145
5.3.3	O que traz o uso do Facebook? Percepções entre EDI e famílias	152
5.3.3.1	A adesão ao uso da rede social	153
5.3.3.2	Os cuidados que o uso da rede requer	154
5.3.3.3	Os diálogos entre redes e encontros	158
5.3.3.4	Sobre outras oportunidades de conhecer a proposta pedagógica	160
6	Considerações Finais	164
7	Referências Bibliográficas	171
	Apêndice A - Sondagem de EDI no Facebook	185

Apêndice B - Questionário <i>online</i> sobre o uso de redes sociais pelos EDI	186
Apêndice C - Entrevista online com gestoras	194
Apêndice D - Entrevista online com docentes	196
Apêndice E - Entrevista online com os familiares	198
Apêndice F - TCLE para Gestores	199
Apêndice G - TCLE para Docentes	201
Apêndice H - TCLE para os familiares	203
Apêndice I - Termo de Assentimento	205
Anexo A - Parecer de Aprovação do CEP/PUC-Rio	207
Anexo B - Autorização de Pesquisa pela SME/RJ	208
Anexo C - Autorização de Pesquisa da SME/RJ publicada em Diário Oficial	209

Lista de abreviaturas e siglas

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CETIC	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
CMEI	Centros municipais de Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
IEI	Instituição de Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
NEI:PE	Núcleo de Estudos da Infância: Pesquisa e Extensão
PA	Professoras Articuladoras
PEI	Professores de Educação Infantil
PPGEduc	Programa de Pós graduação em Educação: Contextos contemporâneos e demandas populares
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUD	Política de Utilização de Dados
SEDUC/MT	Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
SME/RJ	Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TD	tecnologias digitais
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UMEI	Unidades de Educação Infantil

Lista de Figuras

Figura 1 – Usuários de internet, por atividade realizada - comunicação	26
Figura 2 – Recursos de comunicação disponíveis nas escolas urbanas brasileiras	28
Figura 3 – Uso de redes sociais pelas famílias com a escola	28
Figura 4 – Síntese dos procedimentos de produção de dados	75
Figura 5 – Categorias e subcategorias de análise	91
Figura 6 – Eixo Proposito de uso	104
Figura 7 – Eixo estrutura de uso	124
Figura 8 – Imagem 01: EDI D, 12/09/2019	132
Figura 9 – Imagem 02: EDI E 20/09/2019	133
Figura 10 – Imagem 03: EDI C, 23/10/2019	133
Figura 11 – Imagem 04: Postagem, EDI E, 22/10/2019	135
Figura 12 – Imagem 05: Postagem, EDI C, 30/08/2019	136
Figura 13 – Imagem 06: Postagem, EDI D, 03/09/2019	136
Figura 14 – Imagem 07: EDI C, 30/11/2019	139
Figura 15 – Imagem 08: EDI C, Postagem, 16/08/2019	139
Figura 16 – Imagem 09: EDI E, 29/09/2019	140
Figura 17 – Imagem 10: EDI C, 15/11/2019	142
Figura 18 – Imagem 11: EDI D, 15/11/2019	142
Figura 19 – Imagem 12: EDI E, 13/11/2019	143
Figura 20 – Imagem 13: EDI C, 03/09/2019	146
Figura 21 – Imagem 14: EDI D, 10/10/2019	147
Figura 22 – Imagem 15: EDI E, 19/11/2019	148
Figura 23 – Imagem 16: EDI E, 22/10/2019	150
Figura 24 – Imagem 17: EDI C, 23/10/2019	150
Figura 25 – Imagem 18: EDI E, 22/10/2019	151
Figura 26 – Eixo Reverberações	152

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – EDI por CRE	94
Gráfico 2 – Presença dos 287 EDI nas plataformas do Facebook	95
Gráfico 3 – Comparação entre uso de Página e Perfil por CRE.....	96
Gráfico 4 – Proporção de unidade com mínimo semanal por CRE	97
Gráfico 5 – Presenças das unidades dos EDI da 6ª CRE no Facebook ..	98

Lista de Quadros

Quadro 1 – Perfil dos 5 EDI participantes da investigação	80
Quadro 2 – Participantes das entrevistas, conforme a Unidade de Educação Infantil.....	81
Quadro 3 – Perfil dos profissionais gestores dos EDI participantes da investigação	81
Quadro 4 – Perfil das professoras participantes da investigação.....	82
Quadro 5 – Perfil dos familiares participantes da investigação	83
Quadro 6 – Detalhamento das entrevistas	85
Quadro 7 – Respostas das instituições sobre motivação de a instituição utilizar as redes sociais para interagir com as famílias e comunidade escolar	100
Quadro 8 – Respostas das instituições sobre motivações para compartilhar fotos/vídeos das vivências das crianças na unidade através de redes sociais	101

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Uso do Facebook por CRE.....	96
---	----

Introdução

Esta investigação teve por objetivo conhecer as percepções de familiares e profissionais acerca do uso do Facebook pelas equipes de três Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do município do Rio de Janeiro. Este objetivo surge de uma questão antiga, mas ainda presente no trabalho com a criança de 0 a 5 anos e 11 meses, referentes às articulações entre famílias e unidades de Educação Infantil e a educação da criança pequena.

Apresentaremos a partir de que contextos e experiências chegamos ao propósito de nos debruçarmos sobre o tema desta pesquisa e sua importância no campo da Educação Infantil, frente aos desafios da atualidade. A pesquisa sobre o uso de redes sociais pelas unidades de educação infantil envolve a preocupação com a qualidade do trabalho que abrange crianças pequenas, famílias e profissionais, além de se vincular aos meus interesses profissionais sobre o papel da Educação Infantil e das políticas públicas de atendimento à infância.

O interesse em pesquisar esse nível da educação se dá em consonância com o percurso profissional da pesquisadora. Inicia-se com a docência, desde a formação em nível médio de ensino, como professora regente e orientadora pedagógica em diferentes municípios. A formação ampliou-se ao longo das experiências vividas durante a graduação em Pedagogia, como integrante do Núcleo de Estudos da Infância: Pesquisa e Extensão (NEI:PE) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e com o mestrado no Programa de Pós graduação em Educação: Contextos contemporâneos e demandas populares, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEduc/UFRRJ). Na busca por colaborar com as discussões políticas e acadêmicas de atendimento educacional com crianças menores, o percurso foi integrado pelo exercício profissional e acadêmico no campo da Educação Infantil. A atuação como pesquisadora é antes de tudo uma postura política, em defesa de um segmento de educação ainda invisibilizado (Gil, 2018); o que exige muita luta e poucas conquistas em meio aos desafios do contexto social e político atual.

No histórico das políticas públicas de atendimento à criança na faixa etária entre 0 e 5 anos, a assistência àquelas que necessitavam de cuidados durante o

período que seu responsável necessitava trabalhar se fez mais presente (Kuhlmann Júnior, 2010). Desde então, mudanças referentes às políticas públicas de Educação Infantil, seguindo a Constituição Federal (Brasil, 1988) na garantia do direito à Educação para a criança pequena, e o dever do Estado de oferecer esse atendimento educacional em creches e pré-escolas, foram construídas. Dentre eles, documentos que foram instituídos e reelaborados nos últimos vinte anos, tais como: o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA/90 (Brasil, 1990); a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/96 (BRASIL, 1996); os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI/98 (Brasil, 1998); as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI/09 (Brasil, 2009); dentre outros. Estes documentos trazem em seu discurso uma das maiores conquistas no que tange à educação da infância, que é o reconhecimento da criança enquanto sujeito de direitos.

Em consonância com os direitos das crianças e dos bebês à educação de qualidade, a LDB (Brasil, 1996) também garante que a Educação Infantil tenha papel complementar às ações da comunidade e das famílias em prol do desenvolvimento integral da criança. As DCNEI (Brasil, 2009) ainda ressaltam que é responsabilidade das instituições de Educação Infantil (EI) compartilhar e complementar a educação e o cuidado das crianças com as famílias, com elaboração de sua proposta pedagógica em um processo coletivo de participação de profissionais e de toda a comunidade escolar. Enquanto profissional e pesquisadora da Educação Infantil, minha atenção se volta para as práticas cotidianas que viabilizam essa proposta e quais processos tornam a mesma factível e coerente com o direito das crianças.

O questionamento que dá sentido a esta pesquisa se estabelece no momento histórico que vivenciamos, onde há uma apropriação evidente entre escolas e famílias do uso de redes sociais para comunicação (Cetic.br¹, 2020) e onde as redes sociais são usadas por muitas instituições de Educação Infantil, na interlocução com a comunidade escolar, tornando-se prática comum nas redes de ensino da cidade. Em sondagem inicial, identificamos que das 287 unidades de EDI existentes no município no primeiro semestre de 2019, 236 (82%) apresentaram uma conta no Facebook. Parte do que é proposto e das experiências vividas pelas crianças estão

¹ Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

acessíveis para a comunidade escolar, por meio de informes e dos registros feitos em relatos e imagens publicados nas contas do Facebook das unidades. A prática de compartilhar e registrar as experiências vividas nas unidades de educação em uma página de rede social vem crescendo, tornando-a um meio rápido de contactar as famílias e apresentar as propostas feitas pelas equipes. Esta prática tem se tornado comum e tem exercido papel importante nas interações das famílias e escola, permitindo às primeiras outros modos de informar-se sobre o que é planejado e vivenciado na creche.

Para entender o contexto em que buscamos apreender o uso das redes sociais no diálogo entre escola e família, procuramos na literatura acadêmica o conhecimento já construído sobre os usos de redes sociais e educação, com foco na Educação Infantil. Os achados na literatura nacional e internacional evidenciam a ênfase das pesquisas em níveis de Ensino Médio e Superior (Rodríguez Hoyos et al., 2015; Pascariu & Ceobanu, 2019). Em todos os níveis, os estudos circundam os usos da rede como ferramenta de interação e processos de ensino aprendizagem entre professores e alunos (Santaella, 2013). Os poucos estudos envolvendo o segmento da educação infantil tinham como foco o uso das plataformas para comunicação com as famílias a fim de realizar o acompanhamento da vida escolar das crianças (Antunes, 2017; Silva, 2017). Como o uso pelo segmento da EI é voltado para a comunicação com a comunidade escolar, ampliamos nosso olhar para as pesquisas que tinham por foco o uso das tecnologias na comunicação extraescolar, por entender que esses poderiam ter abordagens que incluíssem as redes sociais. Os poucos estudos encontrados tinham como achados uma avaliação positiva de uso de redes sociais para a comunicação entre escolas e famílias.

Desta forma, chegamos ao nosso objeto de estudo: - o uso da rede social 'Facebook' como forma de compartilhar registros e vivências nas unidades de EI. Damos foco à maneira como essa plataforma é usado pela escola: seus objetivos, suas escolhas e o retorno que recebem e/ou espera receber.

Diante disso, temos como objetivos específicos:

- a. Identificar que propósitos cercam a decisão de uso da rede social Facebook por professores regentes, gestores e demais profissionais envolvidos;
- b. Compreender os critérios de organização que adotam ao fazer uso do Facebook e como isso envolve profissionais, famílias e crianças;

c. Conhecer os aspectos que se revelam importantes no cotidiano com a divulgação nas redes sociais.

Como forma de aproximação a nosso objeto, buscamos então a interlocução entre estudos referentes aos usos de tecnologias e redes sociais na educação e estudos referentes aos diálogos entre escola e família sobre a EI. Para tal, se fez necessário tomar duas abordagens, divididas em dois capítulos, ambos perpassados pela ideia de diálogo entre família e creche. A temática reúne o conhecimento do campo que pensa os usos das tecnologias na educação e do campo que se dedica à própria constituição da EI.

No primeiro capítulo, debruçamo-nos sobre as redes sociais e a educação. Dedicamos uma seção para a apresentação da plataforma Facebook e a discussão sobre o comportamento social relacionado ao seu uso. Apontamos alguns dados que contextualizam a ampliação de uso da internet e redes sociais entre a população, em especial entre famílias e escolas. Também apresentamos as discussões e os principais achados e contribuições de algumas pesquisas que tiveram como tema o uso de redes sociais na educação. Ainda trouxemos alguns artigos que abordam as Tecnologias da Informação e comunicação por relacionarem-se ao tema de comunicação entre famílias e unidades de educação. Estas foram selecionadas por terem uma abordagem que se aproxima da discussão de uso das redes sociais por instituições de EI.

Debruçar-nos sobre os usos das redes sociais pelas famílias e instituições de Educação Infantil requer ter como lentes as especificidades do campo. Já que os estudos sobre as redes sociais e educação nos mostraram que há nuances próprias na adesão que creches e pré-escolas realizam das TIC e das redes sociais.

Assim, no segundo capítulo, articulamos o conhecimento acumulado sobre o campo da EI e os principais conceitos que constituem as reflexões acadêmicas e os documentos da área educacional de base para as práticas de trabalho com crianças e bebês. Algumas questões referentes à EI têm sido construídas, historicamente, em discussões acadêmicas e profissionais, a partir de conceitos como *cuidado e educação, interações e brincadeiras, crianças e infâncias* (Reis, 2018; Tiriba, 2005; Macêdo & Dias, 2006; Bujes, 2001; Ortiz & Carvalho, 2012). Com estes conceitos em mente, trouxemos nesse capítulo as pesquisas que envolvem as percepções de profissionais e famílias sobre o trabalho com crianças de 0 a 5 anos.

Nosso foco esteve na comunicação que acontece entre creches e famílias sobre as práticas de trabalho educacional oferecido às crianças e bebês.

No terceiro capítulo, trazemos os caminhos planejados e percorridos para olhar o fenômeno escolhido. Evidenciamos nossas lentes, que são perpassadas pela perspectiva sócio-histórica de construção do conhecimento. Descrevemos o passo a passo de nossa escolha metodológica, envolvendo recursos da pesquisa qualitativa, com análise exploratória de uso do Facebook, aplicação de questionários, entrevistas e a análise de postagens no uso do Facebook pelas instituições. Para a escuta dos sujeitos e suas percepções, empregamos o recurso de entrevistas individuais por programas de videochamada. O campo de estudo trata-se de três EDI da 6ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE)² do município do Rio de Janeiro. A escolha por essa CRE aconteceu por estar entre aquelas que apresentaram maior número de unidades com contas nas redes sociais. As entrevistas aconteceram entre os meses de junho e outubro de 2020 com 30 participantes de 5 (cinco) EDI; foram selecionadas para tratamento de dados 20 entrevistas com participantes de três instituições. Um EDI foi eliminado das análises, pois só foi possível realização das entrevistas com a equipe gestora. O outro EDI não foi selecionado para análise, pois o uso do Facebook não atendia ao critério de uso mínimo semanal. Os dados analisados são oriundos das entrevistas realizadas com três diretoras, oito professoras e nove mães. Na sequência, elucidamos as estratégias utilizadas para tratamento dos dados, que lançou mão da análise temática e fez uso do Software Atlas.ti para auxílio na codificação e construção das categorias. Nossa contextualização perpassa pela realização de uma pesquisa no decurso da Pandemia pela COVID-19, que acabou por tornar-se um marco temporal importante. Esse contexto levou à adoção de estratégias específicas e diferenciadas de interação com o campo e com os sujeitos de pesquisa.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados e a discussão. Organizamos os resultados em três eixos de discussão: os propósitos de uso das redes; a organização estabelecida para e com seu uso; as reverberações percebidas no contexto de uso das redes sociais nos EDI, apresentadas pelos participantes. Em nossa discussão, articulamos as perspectivas de profissionais e mães como forma

² CRE é a sigla para Coordenadoria Regional de Educação. Trata-se da divisão administrativa adotada pela prefeitura do Rio de Janeiro para as unidades de educação municipal. Assim, as instituições de educação são distribuídas em 11 CREs.

de compreender o que trazem para a proposta de trabalho com a infância o uso de redes sociais.

Os objetivos e articulações desta pesquisa, evidenciam a busca por colaborar para o desenvolvimento de políticas administrativas e práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento integral de crianças pequenas nos ambientes coletivos de educação da infância. Traremos nesta tese contextos e discussões de modo a evidenciar experiências e perspectivas que contribuam para o trabalho que pensa o direito das crianças em ter a articulação entre os diferentes adultos envolvidos em sua educação, além de contribuir para o campo científico da educação voltados às análises das relações entre famílias e educação infantil.

2

Educação e redes sociais: interlocuções e desafios

Neste capítulo, buscamos dialogar com os conhecimentos construídos sobre o uso das redes sociais na educação. Nosso objeto tem como contorno o uso da rede social Facebook para comunicação de instituições de educação infantil. Na busca de contribuições de pesquisas anteriores, foi necessário expandir nosso olhar. A compreensão de nosso objeto requer uma aproximação com o campo no qual ele está inserido e, assim, buscamos abarcar os contextos da comunicação humana via tecnologias e sua relação com a Educação. Trazemos ao final do capítulo trabalhos empíricos, publicados a nível nacional e internacional entre os anos de 2010 e 2021, que contemplam o uso das redes sociais pelas escolas de forma direta ou via discussão de uso de tecnologias. Ainda damos foco especial aos que abordam tal forma de comunicação por unidades de Educação Infantil.

2.1

As redes sociais em meio aos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação

O uso das redes sociais pela educação se faz em uma sociedade que se desenvolve, se apropria e ressignifica variadas formas de comunicar. A escolha passa por práticas institucionais construídas historicamente. Compreender a Educação Infantil presente nas redes sociais, em especial no Facebook, passa pela necessidade de entendermos que campo é este em que o contato, a conversa, a troca ou mesmo a simples exposição ou informação acontece.

O uso de redes sociais tem um caminho que começa distante, existe desde a evolução das tecnologias e de seu uso social. Nas últimas décadas do século XX assistimos o surgimento de novas formas de comunicação, de disseminação de conteúdo, de culturas digitais, entre outros processos de mudanças em grande intensidade, potencializados pelos avanços das tecnologias. Surgem ao longo do século novas modalidades de informação que auxiliam à comunicação, seja na forma de *hardware*, *software*, rede e celulares em geral. As chamadas TIC se inserem de forma intensa em diversos setores sociais. A possibilidade de conexão

em rede e os objetos produzidos como tecnologias móveis se fazem presentes com outras possibilidades, marcando o início do século XXI. As inovações e mudanças sociais ocorridas no final do século XX, quando o papel da tecnologia da informação e comunicação se tornou cada vez mais evidente, se fez notar nas relações entre os sujeitos. Entendemos, assim como Lucena (2016), que, conforme são criados novos meios de comunicação, os sujeitos se apropriam deles com novos formatos culturais, recriam seus usos.

Para apreender o uso das redes sociais no diálogo entre EDI e famílias, optamos por nos debruçar sobre o panorama atual de uso de Tecnologias da Informação e Comunicação no Brasil. Segundo relatório de pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)³, no ano de 2019, 71% dos domicílios brasileiros pesquisados⁴ tinham acesso à internet, estando a região sudeste acima da média brasileira com 75%. O tipo de conexão de maior uso é por cabo ou fio, em 44% dos domicílios e em 27% se dá por conexão móvel (chip ou 3G/4G).

No uso individual da internet havia 134 milhões de usuários (74%), tendo o celular como acesso principal em 99% dos casos e como acesso único em 58% dos casos. A classe D, E concentra o uso exclusivo do celular em 85% dos usuários. Ainda se destaca o crescente acesso à internet entre as classes C e DE⁵ nos últimos três anos. Entre os usuários de internet com acesso exclusivo pelo celular, destaca-se a grande porcentagem de analfabetos ou pessoas com nível de escolaridade em Ensino Fundamental ou Médio. Conforme figura abaixo, dentre as principais atividades de uso da internet destaca-se a comunicação, onde 92% dos usuários enviam mensagens por *WhatsApp*, *Skype* ou *chat do Facebook* e 75% buscam o uso de redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat*.

³ Criado em 2005, o CETIC.Br é um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), ligado ao Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br). Tem a missão de monitorar a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil.

⁴ A população alvo foi de 23.490 domicílios (71 %) e 20.536 indivíduos, numa abrangência nacional, coletada entre outubro de 2019 e março de 2020.

⁵ Classificação adotada pela plataforma para identificar as classes com menor renda.

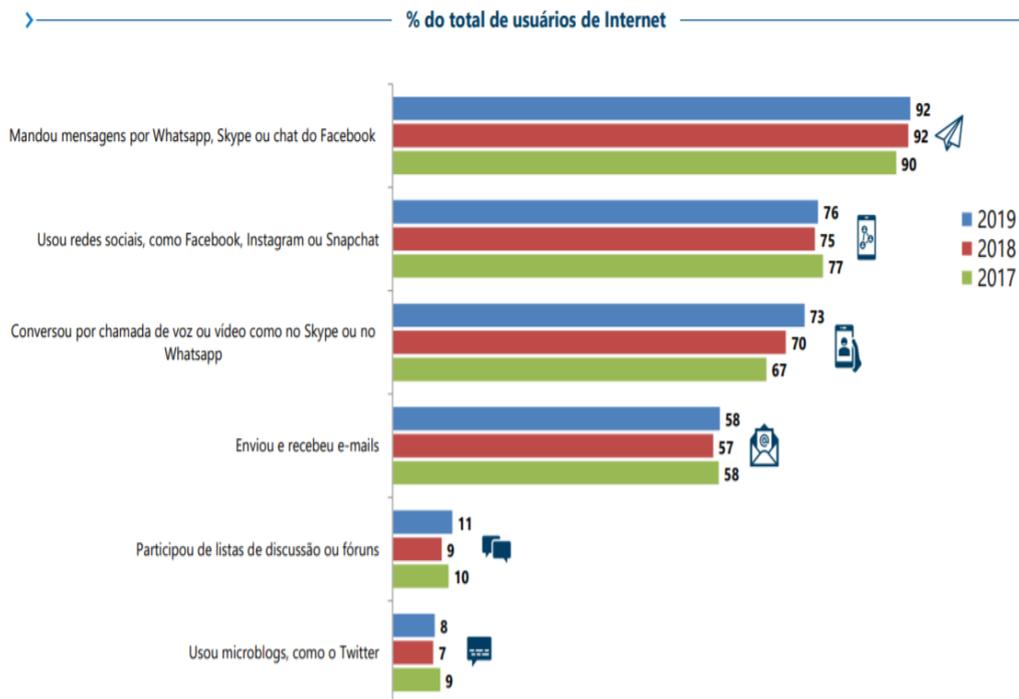


Figura 1 - Usuários de internet, por atividade realizada - comunicação
Fonte: Cetic.br (2020).

Este panorama geral nos ajuda a compreender um pouco do fenômeno de grande adesão e utilização de mídias digitais. Visto que o perfil de uso brasileiro vem se modificando e de certa forma sendo ampliado, apesar de estar ainda distante de uma democratização de alcance à internet⁶. O acesso começa a chegar aos brasileiros com menores rendas, permitindo às famílias seus usos em diferentes contextos, inclusive no que se refere à educação de seus filhos; seja como meio de acesso ao conhecimento ou como forma de estar mais atento ao percurso escolar.

Segundo Lucena (2016), a intensificação de uso das TIC na Educação aconteceu principalmente com políticas públicas de acesso com “laboratórios de informática” nas escolas, a partir de 1997. No entanto, essa política não reverberou o avanço esperado, pois sofreu com questões estruturais e de formação que não estavam em condições de receber as novas tecnologias.

Duarte et al. (2019) estudaram práticas mídia educativas realizada com 911 escolas do município do Rio de Janeiro, que nos ajudam a entender sobre o uso e a apropriação que a escola tem feito e as possibilidades construídas, chegando hoje

⁶ O contexto de Pandemia evidenciou um pouco mais essas diferenças de acesso, quando as instituições escolares, os profissionais, os estudantes e as famílias manifestaram as dificuldades encontradas para a alternativa de atividades educativas não presenciais, com uso da internet.

ao seu uso junto à comunidade. Segundo as autoras, a educação tem as mídias como assunto de aprendizado desde as primeiras décadas do século XX. Ganhou campo nos estudos acadêmicos, na educação e um olhar atento das políticas públicas, principalmente com o advento da televisão e dispositivos de mediação tecnológica.

Argumentam

Nos anos 1920, tratava-se de integrar o rádio e o cinema às aulas; entre 1970 e 1980, o debate incluiu a necessidade de articular televisão e didáticos e, posteriormente, as orientações para uso de mídias nas práticas educativas diziam/dizem respeito à adoção de tecnologias digitais de informação e comunicação, em perspectivas cada vez mais complexas (Duarte et al., 2019, p. 3).

Duarte et al. (2019) indicaram ainda que na rede pública de ensino havia poucas práticas de produção de mídias contemporâneas e que isso era resultado de precariedade da internet e escassez de equipamentos adequados disponíveis. Ainda argumenta que é frágil o trabalho das escolas em relação a educação com uso de redes sociais. No Ensino Fundamental, ações educativas sobre produção de materiais na internet foram identificadas somente em 46% das 911 unidades pesquisadas.

Ao mesmo tempo que a população passou a ter maior acesso aos recursos tecnológicos, estes passavam também por transformações, apresentado novos formatos, outros desenhos, bem como mudanças em seus usos. A escola hoje tem as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em diferentes usos e objetivos, sendo objeto de ensino, instrumento metodológico e meio de comunicação os mais diversos. Cetic.br. nos fornece dados de uso dessas tecnologias dentro da educação brasileira em escolas de Ensino Fundamental e Médio. A figura abaixo apresenta resultados de estratégias de interação a distância usadas pelas escolas-

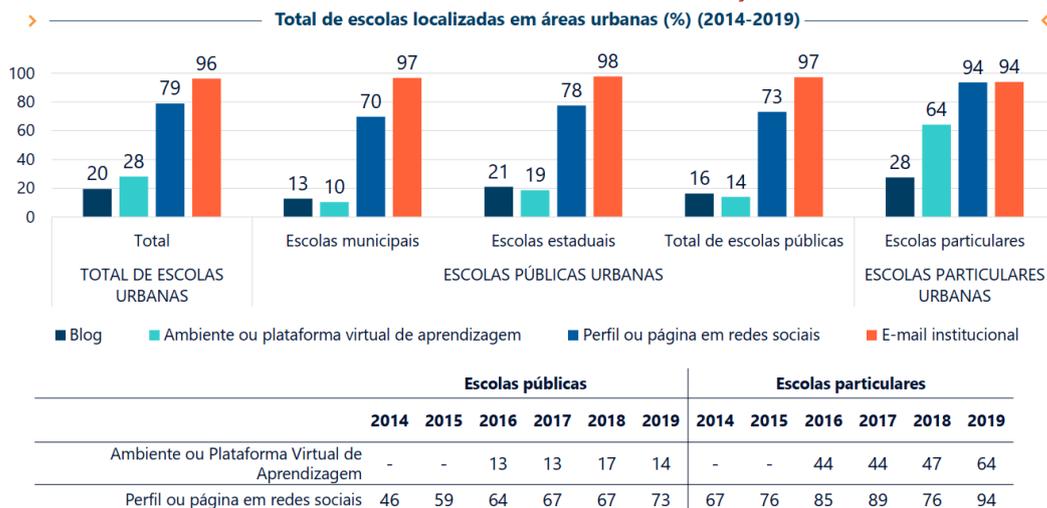
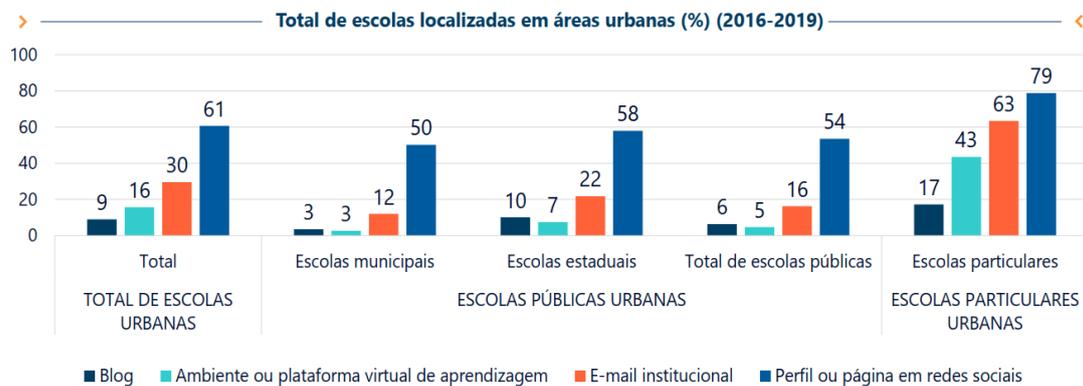


Figura 2 - Recursos de comunicação disponíveis nas escolas urbanas brasileiras
Fonte: Cetic.br (2020).

Estes dados demonstram a realidade brasileira urbana quanto à utilização de TIC e as possibilidades e dificuldades de expansão de seu uso na educação brasileira. Há crescimento gradual dos usos de recursos tecnológicos para a comunicação e fica claro que as redes sociais e o e-mail são os recursos mais utilizados. O Cetic.br apresenta também dados referentes ao uso desses recursos tecnológicos pelas famílias, como vemos na figura a seguir.



Entre 2016 e 2019, a porcentagem de **instituições públicas urbanas** cujos pais ou responsáveis utilizaram perfis ou páginas em redes sociais para interagir com a escola passou de **32%** para **54%**.

Figura 3 - Uso de redes sociais pelas famílias com a escola
Fonte: Cetic.br (2020).

Os dados destacam as redes sociais como recursos utilizados pelas famílias em contato com as escolas. Apesar de tratar de dados referentes ao Ensino

Fundamental e Médio, não contemplando o nível da Educação Infantil, foco de nossa análise, são dados importante para pensar como vem se construindo a comunicação e o diálogo entre famílias e escolas brasileiras. Os dados produzidos pelo Cetic.br demonstram a importância de pensar os usos de TIC na sociedade brasileira.

Nesta tese é fundamental refletir o papel social e político da instituição escolar e a apropriação que elas veem fazendo dos meios informacionais e seu uso na relação com a comunidade escolar. Isto nos ajuda olhar as relações que os sujeitos estabelecem hoje com as tecnologias e como o comportamento social se modifica. A sociedade ligada em rede, a possibilidade de acesso a informações e os contatos na palma da mão, seja no ônibus a caminho do trabalho ou de casa, na hora do almoço ou entre uma tarefa doméstica e outra, são só alguns cenários que se fazem presentes no dia a dia dos sujeitos, que têm a possibilidade de ter entre essas informações e contatos o dia a dia escolar vivenciado por seus filhos.

2.2

Redes sociais e comportamentos: o Facebook em destaque

O Facebook é uma plataforma de acesso e uso da internet. Seu surgimento, funcionamento, apropriação pelos sujeitos sociais e o papel que desempenha hoje nas relações sociais, fazem parte do processo de compreensão de sua presença e a opção de uso pelas instituições escolares.

Segundo Barker (2014) redes sociais são definidas como

Indivíduos ou grupos ligados por algum vínculo comum, status social compartilhado, funções semelhantes ou compartilhadas ou conexão geográfica ou cultural. As redes sociais se formam e descontinuum de maneira ad hoc, dependendo da necessidade e do interesse específicos. Incluídos como alguns dos muitos tipos de redes sociais estão o sistema de apoio, a rede natural de ajuda, os grupos de auto-ajuda e os grupos formais ou de ganhos que tratam de um problema comum (Baker, 2014, p.399).

Entendemos que uma rede social é um mecanismo de mediação de interações de pessoas. Com o advento da internet e da possibilidade da conexão entre indivíduos, com contornos diferentes do espaço-tempo, essas redes se configuram de forma a abarcar os meios digitais. Segundo Santos & Rossini (2014) a explosão

de conexões via computador, seguida por dispositivos móveis de acesso à internet, deu início ao conceito de *redes sociais*. Estas autoras destacaram que:

Com a conexão ampliada pela WWW (World Wide Web), as comunidades sociais passaram a se auto organizar de forma rizomática, heterárquica e aberta, possibilitando conversas e narrativas para além do presencial. Ou seja, não há distinção entre as interações vivenciadas no ciberespaço e fora dele (Santos & Rossini, 2014, p. 93).

Diante do panorama geral das relações humanas, perante as Tecnologias da Informação e a exposição sobre o que representam hoje as redes sociais em nosso contexto, daremos foco ao Facebook. Para compreendê-lo como ferramenta apropriada pela educação, em especial pela primeira etapa da educação básica, é necessário entender como essa rede social tornou-se popular.

Surgiu, em fevereiro de 2004⁷ como uma interface de interação local, entre estudantes universitários. Foi criada por Mark Zuckerberg, então estudante de Harvard. Inicialmente, era um site de rede social *online* utilizado apenas naquela Universidade, sendo ampliada para outras universidades em cerca de um mês, tornando-se popular entre os universitários (Skemp, 2019). Em 2006, a rede de relacionamentos foi aberta ao público geral em sua versão corporativa (Bicen & Uzunboylu, 2013; Facebook, 2019; Hew, 2011; Oliveira et al., 2019; Santana et al., 2009; Vermelho & Velho, 2016). Era, essencialmente, um site de rede social *online*, criado com o objetivo de possibilitar a comunicação entre pessoas, compartilhando informações entre si, com vistas “a aumentar a popularidade dos sujeitos”. Atualmente, os usuários da rede social podem interagir de forma ampla, além de unirem-se a grupos de amigos, podem conectar-se e interagir com membros de outras comunidades com interesses semelhantes. Ainda estão entre as principais atividades da plataforma compartilhar fotografias, trocar experiências e informações, curtir fotos ou postagens de amigos, bem como mandar mensagens privadas (Bicen & Uzunboylu, 2013; Oliveira et al., 2019; Simões & Augusto, 2019).

A popularidade inicial do Facebook foi atribuída a fatores como a possibilidade ampla de acesso à internet dentro dos campi universitários e por ter sido, inicialmente, um público privado de estudantes, dispostos a socializar e compartilhar informações pessoais em uma rede ampla de conexões sociais

⁷ Dados do site da empresa disponível em <https://about.fb.com/company-info/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

(Skemp, 2019). Ainda no ano do lançamento, o site alcançou um milhão de usuários, atraindo a atenção e interesse de grandes empresas, pela grande concentração de base de usuários, com uma faixa etária jovem adultos e alta frequência de uso.

Segundo dados compartilhados pela própria empresa Facebook⁸, no último trimestre de 2019 a empresa atingiu a média de 1,66 bilhão de usuários ativos diários em dezembro, um aumento de 9% em relação ao ano anterior (Facebook, 2019). No Brasil seu uso tem sido noticiado⁹ como o terceiro maior do mundo, mesmo que haja, nos últimos anos, uma queda de uso no mundo inteiro, até mesmo no Brasil.

Desde a criação, o Facebook veio desenvolvendo inúmeros recursos, que tinha por propósito manter os usuários em exploração contínua, pelas possibilidades diversas de uso e interesse. Dentre os recursos, podem ser citados: atualização de status, notificações, recurso de marcação de fotos, *feed* de notícias, vídeo ao vivo, capacidade dos usuários de comentar vídeos em tempo real usando *emojis* e demais maneiras de controle de quais atividades compartilham e com quem (Skemp, 2019). O conjunto de recursos tem mantido o Facebook entre as redes sociais mais utilizadas no mundo, inclusive no Brasil.

Através de um estudo de *Survey*, Oliveira et al. (2019) buscaram identificar entre 150 usuários do Facebook o nível de intenção dos usuários em utilizar o Facebook e os níveis de influências externa, interpessoal e de gênero. Os resultados mostraram que os amigos e colegas de trabalho/estudo eram os maiores influenciadores dos usuários do Facebook, gerando interação social e satisfação. Os amigos também foram apontados sobre a continuidade de uso das redes sociais. Para Amante (2014), as interações *online* representam uma possibilidade de apoiar e incrementar as relações que os sujeitos já possuem, permitindo a manutenção dessas relações. Krasnova et al. (2010) demonstraram que a conveniência de poder fazer uso das redes sociais para manter e desenvolver relacionamentos e usufruir da plataforma motiva a divulgação de informações.

⁸ FACEBOOK. Press Releases. Facebook Reports Fourth Quarter and Full Year 2019 Results. Disponível em: <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2020/Facebook-Reports-Fourth-Quarter-and-Full-Year-2019-Results/default.aspx>. Acesso em: 10 abr. 2020.

⁹ Dados apresentados pelo Data Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 12 abr. 2020.

A questão de privacidade e exposição é um tema que cerca as discussões sobre o uso de redes sociais *online*, com sua adesão no campo da educação. Para Simões & Augusto (2019, p. 135) “Os *sites* das redes sociais são espaços programados e desenhados para encorajarem os utilizadores a levar a cabo ações específicas”. Ao trazer a temática da exposição e vigília no Facebook eles buscaram fazer um esboço de retrato do mesmo. Colocaram em vista os valores, objetivos e interesses do desenvolvimento dessa plataforma e ainda problematizaram como a rede social “reflete ao nível do seu funcionamento a complexidade e heterogeneidade das sociedades contemporâneas” (Simões & Augusto, 2019, p. 134). Os autores ressaltaram, ainda, a rede social como uma empresa capitalista que, como qualquer outra, tem como objetivo a produção de lucro. Tais intuitos financeiros podem ser colocados em prática via uso de um software assentado numa Política de Utilização de Dados, a chamada PUD; uma PUD que incentiva a tendência social do exibicionismo social.

Sobre o uso das informações contidas no Facebook, notamos que as empresas têm explorado as informações pessoais dos usuários dessa rede social para obter lucro. Assim, a rede social Facebook, com base em sua PUD, produz um conjunto de dados referentes a localização, preferências, relações que são vendidas para empresas de marketing, transformando tais dados em mercadoria (Simões & Augusto, 2019). A partir dos dados colhidos dos usuários, esse *marketing* organiza perfis de consumidores que são traçados por meio dos interesses e comportamentos expostos no ambiente virtual, fornecendo a possibilidade de um marketing diferenciado em função dos diferentes perfis mapeados.

No que se refere às percepções de usuários do Facebook quanto à vigilância e às restrições aplicadas na rede, Augusto & Simões (2017) identificaram¹⁰ quatro perfis de usuários, aqueles que eram: preocupados, despreocupados, conscientes em risco, e inconscientes seguros¹¹. O perfil denominado como “preocupados” eram aqueles que aplicavam maiores restrições de rede, pois conheciam mais os riscos sobre exposição a interesses econômicos e governamentais. O perfil “despreocupados” se compôs de sujeitos que conheciam menos sobre os riscos de exposição e que entendiam como justificáveis o acesso a informações com

¹⁰ Realizados em Portugal, nas cidades de: Viseu, Coimbra, Covilhã e Fundão.

¹¹ Termos em inglês, respectivamente: “concerned users; unconcerned users; aware at risk users; safely unaware users” (Augusto & Simoes, 2017, p. 601).

finalidades de segurança e práticas lucrativas. Os usuários “conscientes em risco” demonstraram conhecimento das variáveis a que estavam expostos sobre seu uso da rede, mas não fizeram uso de estratégias de proteção a suas informações, como leitura do PUD ou aplicação de configurações de privacidade. Os usuários que “inconscientes seguros” buscaram superficialmente ações de proteção à sua privacidade, pois tinham conhecimento sobre riscos, mas não aprofundado, e acreditavam que a plataforma os protegia e agia para proteger os usuários.

Compreendemos que o contexto das redes sociais, em particular do Facebook, proporcionou uma emergência de problemáticas sociais que passaram a ter novos contornos. Questões como vigilância, compartilhamentos e restrições de dados, bem como exibicionismos sociais ganharam novas dimensões de debate, incluindo os aspectos éticos que envolvem esse fenômeno social. Ao utilizarmos esses recursos nas instituições educacionais, nos inserimos em novos ambientes e contextos, o que requer dos sujeitos desses espaços reflexões e ações que considerem aspectos éticos e de exposição.

2.3

Redes Sociais e educação nas pesquisas

Com o objetivo de aproximar-nos do objeto de pesquisa e buscar uma melhor elucidação do mesmo, realizamos uma revisão de literatura nacional e internacional na busca de pesquisas produzidas nos últimos dez anos (2010 a 2020). São elas: artigos científicos, teses e dissertações sobre os temas relacionados a presente pesquisa. A partir dessa análise, foi possível perceber os tipos de investigações realizadas, suas elaborações, os principais teóricos que contribuem para o conhecimento da área, os conhecimentos produzidos e as questões precedentes ou ainda não respondidas pelos estudos. Utilizamos como fontes de pesquisa o Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o portal de Periódicos da CAPES, a Base de Dados da biblioteca da PUC e ainda, o Google Acadêmico. As primeiras buscas aconteceram entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019 e uma segunda, complementar, foi realizada no segundo semestre de 2020.

Inicialmente fizemos uma série de cruzamentos entre palavras chaves, compreendidas como temas importantes para nossa pergunta de pesquisa inicial. As palavras escolhidas foram *Facebook* e *Educação Infantil*; diante dos resultados

distantes de nossa vertente de discussão incluímos *creche, família, redes sociais, tecnologias da informação e comunicação*. Em um segundo momento, essas palavras foram complementadas por *comunicação família-escola, relação família escola, tecnologias digitais*.

Uma primeira leitura, a partir dos títulos, mostrou que as combinações geraram um grande número de artigos, que não se relacionavam com a nossa temática e precisaram ser refinados. Lançamos mão de filtros oferecidos pelas diferentes plataformas, que de modo geral abrangem o período, os campos de localização das palavras-chaves e a forma como essas se relacionam. Em alguns casos, a busca ainda mantinha resultados com mais de cem opções de trabalhos, nesses casos, optamos por verificar apenas as primeiras páginas dos resultados, até que as opções se mostrassem muito distantes da temática. Essa situação aconteceu principalmente na plataforma do *Google Acadêmico*, onde há a opção de os resultados serem mostrados por ordem de relevância.

A segunda análise se deu com a leitura dos resumos de cada trabalho. Ainda assim, a busca revelou um número bem pequeno de pesquisas que se aproximassem do nosso objeto de estudo. Com isso, ainda usamos outra possibilidade de refinamento presente em algumas plataformas. Algumas vezes, nos valem da leitura de algumas referências usadas pelos autores dos textos selecionados.

Nosso foco no Facebook como uma ferramenta de diálogo sobre as vivências da instituição de Educação Infantil não estava contemplado na maioria dos estudos encontrados. Até mesmo por abordarem o Facebook como um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), com uma estrutura utilizada pela Educação a Distância, em especial no Ensino Superior. Entendemos que o uso dessa rede pelos sujeitos envolvidos na Educação Infantil não se dá como AVA, pois a Educação Infantil de qualidade não se faz (nem é possível ser feita) na modalidade a distância. Focamos então nos estudos que compreendiam as relações do segmento Educação Infantil, pautado no diálogo entre profissionais da educação, crianças e familiares, em prol do desenvolvimento integral do sujeito e que complementassem as ações da família (Brasil, 1996). Poucos trabalhos atendiam aos critérios para o levantamento do estado da arte na relação do Facebook e seu uso pelas instituições de EI. Optamos pela inclusão então de artigos e trabalhos de estudos indiretos e que colaborassem para um avanço em pesquisas sobre a temática.

Assim, trabalhos envolvendo o uso das tecnologias de informação e comunicação entre família e instituições de Educação Básica, ainda com atenção especial à EI ou ao seu uso na interação família e escola, se tornaram foco de nossa busca, por entendermos que estes estudos, além de abrangerem o Facebook, trariam contribuição para nossa questão de estudo.

Na busca por compreender as relações construídas entre Tecnologias da Informação e Comunicação e a Educação, ficou claro que há um campo crescente de estudos nesta área. Pesquisadores e outros profissionais já reconhecem o papel social das TIC na sociedade, imbricado nas relações, que a educação, não só não pode deixar de compreender o campo, como precisa refletir sobre o potencial de trabalho com esta ferramenta.

Lapa & Pretto (2019) propõem uma reflexão sobre a integração das TIC na educação como um espaço de possibilidade de formação para a cidadania. Entende que é necessário construir redes que divulguem informações e produção de conhecimento colaborativo, aberto e comprometido com a transformação social. O desafio que se põe à escola com a cultura digital envolve integrar o uso social das tecnologias às práticas escolares. É necessário que a cultura digital se torne pressuposto básico da cultura escolar, o que pressupõe articulação entre políticas públicas, o fortalecimento do professor e a integração de práticas sociais e escolares (Bonilla & Pretto, 2015).

Rodríguez Hoyos et al. (2015) realizaram revisão da literatura científica, produzida internacionalmente, sobre o uso de sites de redes sociais em diferentes níveis de ensino. Um total de 62 artigos publicados de 2008 a 2013 foram analisadas. Buscaram compreender de que forma a rede social popular poderia trazer contribuição aos processos de ensino e aprendizagem dentro da educação formal. Os resultados indicaram, que dos 62 artigos selecionados, 87% focavam no Ensino Superior, 8% no Ensino Médio e 2% no treinamento contínuo. Há de se destacar que nessa investigação, 3% dos estudos analisados não tinham a especificação do nível de escolaridade/treinamento. Pascariu & Ceobanu (2019) realizaram a análise de 43 artigos empíricos internacionais publicados em revistas entre 2015 e 2018 que tinha por foco o Facebook como ambiente educacional. Buscaram examinar a contribuição da rede social para o ensino e a aprendizagem dentro da educação formal. Dos 43 artigos encontrados o maior percentual de estudos estava concentrado no Ensino Superior (74,5%), seguido pelo Ensino

Médio (20,9%). Os dados desses estudos (Pascariu & Ceobanu, 2019 Rodríguez Hoyos et al.2015) nos indicaram que a Educação Infantil não tem sido privilegiada nos trabalhos realizados sobre uso de redes sociais.

Rodríguez Hoyos et al. (2015) destacaram que na maioria dos trabalhos as redes sociais são utilizadas como ferramenta educacional (71%), seguido do uso pelo aluno (19%), uso institucional (5%), uso acadêmico (3%) e design dos sites de redes sociais (2%). Devemos frisar que a categoria “uso institucional” incluía os trabalhos de pesquisa em que as instituições de educação empregam as redes sociais como ferramentas de comunicação. Os dados nos apontam que os estudos sobre o tema estavam focados especialmente no nível de Ensino Superior e que é necessário abranger os outros níveis (Rodríguez Hoyos et al.2015).

Da literatura encontrada inicialmente, houve um número considerável de estudos que buscavam entender o valor do Facebook enquanto um ambiente de aprendizagem, com trocas em rede (Santaella, 2013). Tais estudos evidenciaram o modo que o Facebook tem sido utilizado por professores, seja como um ambiente de trocas de conhecimentos ou como ambiente de aprendizagem estimulante para os alunos (Moreira & Januário, 2014). Encontrar essa abordagem de estudos mostrou que o Facebook tem se tornado uma ferramenta utilizada pelos profissionais da educação em diferentes níveis de ensino e que estudos têm se voltado para esse fenômeno. Ao mesmo tempo, mostrou que o eixo de abordagem tem dado ênfase maior ao uso das TIC e redes sociais como ferramenta de apoio em metodologias e na comunicação entre professor e aluno. Hershkovitz & Forkosh-Baruch (2013) analisaram aspectos referentes a relação alunos-professores. Entrevistou 11 estudantes israelenses do Ensino Médio do sistema público, durante o período de agosto a dezembro de 2011, buscando entender as relações de comunicação aluno-professor nos aplicativos baseados no Facebook. Os resultados sugeriram que as relações entre alunos e professores nas redes sociais são um reflexo dos relacionamentos da vida real.

O uso do Facebook como ambiente de aprendizagem foi analisado em suas vantagens. Bicen & Uzunboylu (2013) buscaram descobrir os efeitos positivos de uso do Facebook na opinião de 35 professores de Ensino Fundamental e Médio. Aplicaram um questionário em escala antes e após o uso da plataforma. Os resultados indicaram que o ambiente virtual do Facebook é considerado uma ferramenta positiva que auxilia os professores a realizarem muitas atividades com

aulas remotas. Cunha Júnior et al. (2016) examinaram as postagens de grupos no Facebook, organizados por professores de diferentes cidades brasileiras entre fevereiro de 2013 e junho de 2014; ainda utilizaram um questionário para saber como a comunicação entre professores e alunos foi afetada pelo uso do Facebook. Das vantagens relatadas, os professores citaram o uso de diferentes materiais digitais que contribuía com as discussões em sala de aula sobre os tópicos em estudo.

2.3.1

Adesão e uso na comunicação entre escolas e famílias

Os estudos aqui apresentados demonstram um panorama de adoção do uso das mídias sociais pelas unidades e redes escolares, como forma de complementar as ações das unidades junto às famílias. Eles trazem dados sobre como profissionais e familiares de crianças matriculadas em unidades de educação básica usam estas redes como comunicação, e ainda citam quais são os meios digitais de preferência nas pesquisas.

Clipa & Juravle (2019), em estudo realizado na Romênia, buscaram a opinião de 60 famílias e 60 professores sobre o uso de comunicação *online* entre família e escola. A hipótese era que a comunicação *online* é uma boa opção, frente às dificuldades de comunicação da escola e que apresentaria pouca diferença em relação a comunicação presencial. Nesse contexto, 80% dos pais e 76,7% dos professores disseram que esse tipo de comunicação podia melhorar o relacionamento com a escola. A maioria dos pais optou pelo uso de WhatsApp, enquanto os professores, em sua maioria, optaram por plataformas institucionais, como o e-mail. Antunes (2017) realizou um estudo de caso em uma creche de São Paulo, identificou que familiares e professores estavam dispostos a usar tecnologias digitais para ampliar a comunicação entre escola e família. Apesar de a escola fazer uso de um *blog*, as famílias desconheciam o mesmo e apontavam o WhatsApp e o Facebook como recursos viáveis para maior integração família-escola.

Silva (2017) discutiu o uso das tecnologias digitais (TD) na comunicação entre escolas de Educação Infantil privadas e famílias de Porto Alegre-RS. Por meio de um estudo de caso, tendo como sujeitos os gestores e coordenadores, buscou identificar as tecnologias digitais usadas na comunicação complementar entre instituição e família e a contribuição delas como ferramentas de acompanhamento

do desenvolvimento das crianças. Esse estudo não tinha por foco as redes sociais, mas elas estavam presentes nos dados encontrados, constituindo-se como categoria. A autora percebeu que entre os vários recursos abordados em sua pesquisa, o Facebook é a única mídia utilizada por todas as escolas pesquisadas, mostrando ser a mais conhecida e viável. Seguindo desta plataforma estavam o WhatsApp, site e e-mail. O WhatsApp ganhou destaque no estudo pela agilidade de facilidade de uso, sendo muito popular entre as famílias, mas trazendo a necessidade de dialogar sobre os limites necessários para a exploração desse recurso, extrapolando as fronteiras do profissional e do pessoal.

Mumcu (2018), ao examinar as perspectivas de pais e professores de 14 escolas, públicas e privadas da Turquia, no uso de mídias sociais para comunicação, percebeu que a maioria dos professores de pré-escola público e privadas usa o WhatsApp na comunicação com os pais, sendo que alguns também usam o Facebook para esse fim. O autor destaca que a maioria dos professores de instituições públicas e privadas de pré-escola estavam abertos ao uso de novas tecnologias de comunicação. Os resultados mostraram ainda que a maioria dos pais de crianças em idade pré-escolar, julgava que as mídias sociais fossem elementos de contribuição à comunicação entre professores e pré-escola.

Locklear (2019) pesquisou o papel da mídia social na comunicação junto a profissionais e familiares do distrito escolar de Robeson (Carolina do Norte, EUA). Buscou saber as principais informações que as famílias recebem e que mudanças ocorreram após uma formação no distrito sobre o uso de meios de comunicação social. Ele registrou que os canais preferidos para receber informações são e-mail, Instagram, sites de escolas e de professores, aplicativos do Blackboard Connect e smartphones. Entre os profissionais, a preferência para receber formação profissional estavam o Twitter, aplicativos para smartphones, Instagram e blogs. A pesquisa registrou que não houve alteração da comunicação para 42,3% dos entrevistados e para 30,8% a comunicação aumentou após a formação. Ainda destaca que informações sobre desempenho acadêmico, expectativa dos alunos e reuniões de pais, estavam presentes de forma satisfatória através das redes para 47% e 42% dos entrevistados, respectivamente.

As ferramentas de mídias sociais se apresentam nas pesquisas como formas práticas, rápidas e de baixo custo para uma comunicação entre escola e família, mostrando ser o principal benefício da escolha deste modelo pelos sujeitos

envolvidos na educação institucional de crianças pequenas. Tal dado relaciona-se aos dados apresentados pelos estudos do Cetic.br (2020), quando mostram o aumento de alcance aos recursos digitais e sua adoção pelas famílias nas interações com as escolas.

Para Denman (2018), a principal descoberta sobre o uso do Facebook foi a conveniência. Em seu estudo, buscou entender se o Facebook era uma plataforma útil para melhorar o envolvimento dos pais como um meio alternativo de comunicação, percebeu que a eficácia de seu uso, no relato dos pais, estava relacionada à rotina de trabalho e sua vontade de se envolver na vida e na educação dos filhos. Assim, o Facebook passou a ser visto como uma plataforma onde os pais entendem que podem reunir diferentes usos e ter acesso a informações sobre a escolarização de seus filhos. Um dado importante nos achados desse autor é que os pais lançam mão da ferramenta de notificação da mídia social para permanecer o mais atualizado possível.

Chairatchatakul et al. (2012), partindo da compreensão que ferramentas das redes sociais podem ser produtivas para o bom relacionamento entre escola e família, fazem uma análise de uso do Facebook pelos pais de crianças de uma escola de EI na Tailândia. Pesquisaram o envolvimento dos pais bem como quais elementos eram seus preferidos no uso do Facebook na comunicação com a escola, ou seja, os hábitos e comportamentos digitais. Os autores destacaram a possibilidade de os pais estarem a par dos acontecimentos da escola mesmo a distância. Citaram para isso como a escola oportuniza o acompanhamento de ações com a exibição de atividades no Facebook. O comportamento dos pais na rede mostrava maior interesse diante dos registros em imagens, pois os pais que não podiam estar na unidade, entendiam esse recurso como forma de se manter informado.

Bernardi & Silva (2015) apresentam um artigo onde descrevem uma experiência de utilização da mídia social Facebook como mecanismo de compartilhamento de atividades pedagógicas em uma escola pública de EI. Com objetivo de investigar o significado do compartilhamento de informações, teve por sujeitos, os profissionais e as famílias usuários de páginas criadas no Facebook, a fim de compartilhar atividades e informações sobre a escola. Os sujeitos apontaram benefícios no uso da rede, seja pelo fluxo de informação ou pelo benefício de poder acompanhar a rotina das crianças na unidade. A autora conclui que a mídia social,

por ser de fácil utilização, facilita o compartilhamento de atividades e experiências, além de mostrar a evolução dos alunos para os demais membros da comunidade escolar. Os sujeitos apontaram benefícios no uso da rede, pelo fluxo de informação. As conclusões dessa pesquisa seguem às anteriores, onde o Facebook facilita o compartilhamento de atividades e experiências. O mesmo foi percebido por Silva (2017), pois foram apontados pelos pais e profissionais a agilidade, a simultaneidade e a acessibilidade atual, possível pelo pouco custo adicional para a escola. Na pesquisa foi registrada ainda uma forma de organização do uso da mídia social WhatsApp tanto para comunicação direta com cada família, como por meio de “grupos” com as famílias de uma turma inteira como um veículo de comunicação sobre a escola, para esclarecimento de dúvidas, envio de informações, em que as diretoras relatam a rapidez de respostas das famílias. Também foram apontadas a acessibilidade, rapidez e simplicidade nos estudos de Mumcu (2018), por professores de instituições públicas de Educação Infantil. Estes pontos tornaram o uso das mídias um modo prático de comunicação com responsáveis, na concepção dos professores.

Como parte das vantagens de ter atualizações rápidas e com acesso fácil, alguns estudos mostraram que pais e profissionais indicaram a possibilidade de acompanhar o andamento das ações da unidade. Este dado é encontrado por Denman (2018), ao analisar se as mídias eram consideradas uma ferramenta útil por pais e professores da Flórida/EUA para estar a par da vida escolar dos filhos. Em sua análise, a grande maioria dos pais manifestou positividade no uso do Facebook para acompanhar atualizações e atividades em andamento na aula de seus filhos. Palts & Kalmus (2015) pesquisaram o uso de mídias sociais na Estônia. Através de 12 grupos focais com pais e professores realizados em seis escolas, identificaram que todos os pais e professores participantes entendiam que a comunicação digital facilitava a comunicação entre escola e família visando o desenvolvimento acadêmico dos alunos. Já Amaya e Pereira (2014) perceberam que o site escolar das instituições estudadas, ia além do elo entre docentes, discentes e era uma ferramenta para a família gerir a escolarização dos filhos.

Estudos revelam que o uso do Facebook é potencial como ferramenta para a integração escola-família. Entre as categorias de análise construídas por Novaes (2018), ao estudar os mecanismos de aproximação entre instituição e família, estava a categoria “Redes sociais e integração CEI-família”. Novaes (2018) buscou

entender a concepção da relação escola-família nas percepções dos familiares de um Centro de Educação Infantil municipal de São Paulo. A autora escolheu alguns aspectos observáveis no contexto da escola, dentre eles o uso do Facebook, criada pela unidade dois anos antes da pesquisa. Por meio de um questionário enviado aos responsáveis, a autora buscou entender o que os pais sabiam sobre a Educação Infantil. A categoria Facebook obteve uma frequência de respostas que indicou avaliação positiva do uso da rede social, como mais um facilitador na aproximação entre escola e família. A pesquisadora percebeu que os responsáveis correspondiam à possibilidade de ver registros das experiências das crianças, além de acompanhar depoimentos de professores e educadores, em forma de troca. Esse acesso via mídia social foi entendido como um fator de consolidação da confiança no trabalho da instituição nas análises da pesquisadora. No estudo de Denman (2018), os pais relatam que o uso das mídias sociais colabora para que eles se sintam parte de uma comunidade, pois o uso que a escola faz do Facebook permite o conhecimento dos acontecimentos na sala de aula.

Sobre as ações da escola, Chairatchatakul et al. (2012) compreendem que há uma postura de acolhimento das ideias e sugestões dos pais, sendo responsivos ao que é apresentado por eles. Assim, o mundo da escola com suas proposições deixa de ser desconhecido, com mais informações sobre as ideias e como os administradores pensam e organizam a educação escolar. Isso é possível no uso das redes sociais, pois os administradores podem compartilhar continuamente e de maneira aberta as propostas. Para os pesquisadores, o que já é conhecido diminui barreiras de aproximação. Esses resultados corroboram com os de Mumcu (2018), professores de pré-escola pública e privada mostraram entender que o uso de mídias sociais desempenha um papel na comunicação com os pais.

Couto (2018) revela que o retorno oferecido aos familiares sobre as experiências na escola ainda ocupa mais de 90% no formato em papel. Drape et al. (2018) indicam que a plataforma Facebook é mais uma ferramenta a ser utilizada, de forma complementar, numa relação que tem muito mais elementos e formas de desdobramentos na comunicação entre escola e família.

Apesar do interesse mostrado pelos familiares, outros pesquisadores perceberam que as interações via mídias sociais nem sempre se fazem em forma de diálogo, ou com feedbacks. Sobre isso, Drape et al. (2018) destacam que esse meio de comunicação poder ter caráter unidirecional. Em sua pesquisa, encontraram uma

postura de uso do Facebook por parte de escola, que se configurava de maneira informativa e com pouco espaço para discussão. Drape et al. (2018) perceberam o uso de postagem de fotos, vídeos, comunicados, propagandas e textos informativos. Para eles, as formas de disposição dessas informações não proporcionam diálogo, pois não apresentam dados suficientes para se entender a intencionalidade educativa e estabelecer trocas entre as diferentes instâncias. Os dados são entendidos pelo autor como uma ausência de diálogo da escola, em que mostra considerar a família um receptor de informações sem negociação de significados.

Fong (2018) realizou um estudo qualitativo na Califórnia no qual buscou encontrar novas maneiras de melhorar a cultura escolar, o clima e envolvimento dos pais. Examinou como as postagens do Facebook oferecem potencial oportunidade de conhecimento e riqueza cultural para a comunidade. O estudo mostra como as postagens fornecem um veículo para as famílias latinas compartilharem e acessarem quantidades significativas de Capital social. Os resultados do estudo sugerem pesquisas adicionais para melhorar o acesso à riqueza cultural e aos fundos de conhecimento da comunidade de pais e famílias

2.3.2

Sobre a visibilidade do trabalho pedagógico

Os resultados de algumas pesquisas destacam o interesse em tornar visível o trabalho feito dentro das unidades, e o quanto esse item se revela importante na escolha de uso das mídias sociais.

Silva (2017) salienta que a maioria das escolas está em um movimento de uso das tecnologias de informação e comunicação, pois consideram que eles permitem a comunicação do que está sendo vivenciado dentro da unidade, o que possibilita que as famílias tenham mais dados sobre o que se configura como experiência da Educação Infantil e aproxima os responsáveis para um diálogo com a instituição. Os estudos de Bernardi & Silva (2015) também apontaram o benefício de poder acompanhar a rotina das crianças na escola, além de mostrar o desenvolvimento dos alunos para os demais membros da comunidade escolar.

Evangelista (2017) analisou o uso das redes sociais pelo próprio professor, como forma de desenvolvimento profissional. Investigou se a formação recebida em um curso ministrado em 2014, chamado Redes de Aprendizagem, impactou as

Práticas docentes e o uso das TIC de 14 professores da Educação Básica lotados através da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT). Os resultados apontaram práticas de três dimensões: (i) uso administrativo; (ii) usos em sala de aula; e a (iii) tentativa de inserção da escola em contextos mais amplos, onde ela quer ser vista e assim se faz por meio do Facebook e de blogs.

Couto (2018) buscou compreender como as TIC têm sido utilizadas no processo de construção de documentação pedagógica na Educação Infantil e como podem ser ferramentas de visibilidade para estreitar laços entre família e escola. Teve como sujeitos parte do corpo docente de uma escola privada de São Paulo. A autora compreende que a documentação pedagógica torna visível a trajetória educacional e que o uso das TIC se torna elemento importante para esse objetivo, por ter um potencial pedagógico de partilhar aos não presentes o que foi vivido. Os resultados apontam que os educadores demonstram entender que as TIC são opções de grande valor para promover o protagonismo das crianças, possibilitar o registro de momentos significativos de aprendizagens, compartilhar o processo pedagógico com a comunidade escolar e contribuir com a construção da documentação pedagógica. A pesquisadora destacou que 72,7% dos educadores participantes da pesquisa utilizavam recursos digitais para registrar as vivências e aprendizagens das crianças. Ao mesmo tempo, também revela que o retorno oferecido aos familiares sobre as experiências na escola ainda ocupa mais de 90 % no formato em papel. Nos indicativos, a pesquisadora sugere a participação das famílias em pesquisas futuras a fim de captar suas percepções sobre o uso das tecnologias como suporte de documentação pedagógica e possibilidade de compartilhamento das atividades institucionais.

No trabalho de Couto (2018) há um destaque para as TIC como forma de tornar concreto e acessível parte da documentação pedagógica. O uso das tecnologias aparece como contribuição aos registros das aprendizagens das crianças.

Como parte do uso das TIC para registrar e contribuir com a documentação pedagógica tomamos a discussão de Pinazza & Fochi (2018) que argumentam haver diferença entre documentação pedagógica e registro. Para os autores a documentação pedagógica é parte de um trabalho de construção de memória educativa, um modo de evidenciar os conhecimentos construídos com as crianças e também uma forma de fortalecimento e afirmação da identidade própria da

Educação Infantil. Assim, o registro é um dos elementos que compõe a prática de documentação pedagógica, é apenas uma parte de toda uma construção exercida por adultos e crianças no contexto educativo.

Como parte da discussão sobre registro tomamos o uso de imagens em foco, que é parte dos recursos presentes nas redes sociais utilizadas pelas unidades como forma de compartilhar as ações escolares. Moraes (2021) realizou estudo com observações e entrevistas, em que buscou analisar a utilização da fotografia na narrativa e documentação das vivências de uma escola municipal em Erechim-RS, entre os anos de 2018 e 2019. Percebeu que há parâmetros e consensos sobre o que registrar através da fotografia e também sobre o que não mostrar através delas. Destacou que as escolhas das fotografias se relacionam ao objetivo ou destinatários delas. Um dos objetivos dos professores era o de compartilhar com as famílias o processo, as etapas de acontecimentos das atividades, ou os “processos de aprendizagem”. A pesquisadora percebe as imagens fotográficas como instrumento propositivo para profissionais, crianças e comunidade escolar, oportunidade de exercer postura reflexiva e que busca dar visibilidade às infâncias. Ainda na perspectiva da fotografia, Moran & Tegano (2005) problematizam que a fotografia tem papel de linguagem de investigação do professor e critica o fato de professores fazerem uso da fotografia como uma verdade, uma representação de algo óbvio e não trabalhar com ela como uma linguagem. Entendem que o professor precisa pensar na fotografia como algo maior que um registro de sala de aula, algo imbuído de significado e como linguagem pode ser lido de forma subjetiva. O compartilhamento dos registros em imagens realizados pelos professores propicia aos interlocutores a oportunidade de novas interpretações. As fotos não carregam consigo o significado original e quem olha tem as lentes de sua experiência individual, seus conhecimentos e contextos em que a fotografia se apresenta.

Novaes (2018) nesse tópico, notou que a possibilidade de observar momentos das crianças contribuiu para o fortalecimento da confiança no trabalho. Segundo a autora, quando a instituição adota a rede social para comunicar o trabalho realizado por meio do compartilhamento de informações, fotos e vídeos lança mão do componente imagético integrado à linguagem escrita, possibilitando uma aproximação tanto da comunidade atendida como com outros educadores. Com compreensões semelhantes, Silva (2017) revela que uma das grandes vantagens citadas pela escola investigada é a satisfação percebida junto aos pais em poder ver,

através de elementos imagéticos, situações vivenciadas pelas crianças na unidade. Chairatchatakul et al. (2012) destacam que conforme a página alcança o interesse maior dos usuários, a escola tem oportunidade de compartilhar mais com a comunidade o trabalho escolar, e as famílias mostravam interesses em ver registros que davam acesso ao que estava sendo vivido pelos seus filhos.

Sobre a interação que as famílias estabeleceram no Facebook com a escola, Drape et al. (2018) encontraram em sua análise que as escolas que fazem mais publicações têm uma interação maior através de visualizações e comentários, apesar do caráter desses comentários não contemplarem um diálogo de trocas sobre o que é postado, mas apenas elogios e felicitações à equipe ou questionamentos dos pais/responsáveis, que não tinham registros de respostas.

Ainda no sentido de dar visibilidade ao trabalho, porém chamando atenção de uso dela como uma estratégia de atração de interessados, Silva (2017) chama atenção para o relato de uma diretora das escolas investigadas que descreve como algumas escolas procuram a unidade por causa do conhecimento que tiveram via Facebook. Já Amaya & Pereira (2014) destacam que, em seu estudo, as instituições privadas se valiam dessa possibilidade de uso da rede social a fim de captar novos usuários. Assim, fazem uso da plataforma com o objetivo de promoção e divulgação de bons resultados da unidade para atrair novos alunos.

2.3.3

Desafios e ponderações para educação frente às redes sociais

Importante discussão, levantada em vários trabalhos e por diferentes sujeitos nas pesquisas aqui analisadas, se trata das questões éticas de uso dessas mídias sociais nas interações e comunicações entre instituição e famílias. O crescente uso dessas mídias também carrega desafios. O principal deles e mais sério é inerente aos direitos das crianças. Ainda há também um desafio no que se refere à administração de usos, por profissionais e familiares.

O estudo de Denman (2018) revelou que os pais estavam preocupados com a privacidade e a evolução do uso das mídias sociais por seus filhos. A preferência manifestada por professores em fechar o grupo para que apenas os pais e os convidados fossem autorizados para ver fotos, por motivos de privacidade foi um ponto indicado pelos responsáveis, ressaltando sua preocupação com o fato de ter

fotos disponíveis e outros elementos do cotidiano da criança na escola, sem a preocupação de ter estranhos com acesso a essas informações. Postura parecida foi percebida por Novaes (2018), em seu trabalho a escola pesquisada adotou um grupo fechado, em que apenas quem fazia parte dele tinha autorização para ver ou baixar as imagens. Isto se fez com a preocupação de que as imagens das crianças compartilhadas não estivessem acessíveis para pessoas indesejadas. No estudo de Silva (2017), preocupados com as posturas e regras de uso, a escola dividiu o uso entre páginas abertas e páginas de grupos fechados. Nas páginas abertas, com uso geral para a comunidade como um todo, faziam divulgação de informações e imagens mais gerais, em atividades em grupo ou somente com exibição de espaços sem presença das crianças. Nos grupos fechados com cada turma, usavam a fim de poder compartilhar fotos e trabalhos mais específicos das crianças.

Drape et al. (2018) ainda demonstram uma preocupação significativa sobre a exposição das crianças no *Facebook*. Em suas análises, cerca de 95% das 20 plataformas analisadas permitiam a publicação de conteúdos na linha do tempo por qualquer sujeito. Essa forma de gestão da página permitia a publicação de conteúdos diversos com pouco controle, permitindo a existência de conteúdos que fugiam aos interesses escolares, além de exposição desnecessária de alguns sujeitos. Em contrapartida, Chairatchatakul et al. (2012) perceberam no estudo que o maior fluxo de interações acontece pelas fotos e comentários nas mesmas e foi possível perceber que conforme a página adequa as publicações aos interesses mostrados pelos pais, mais as interações acontecem.

Sobre esse aspecto Mumcu (2018) revelou alguns dados, como o fato de que, apesar dos pais verem no envio de fotos um esforço de comunicação por parte dos professores, eles se preocupavam com a exposição que isso podia acarretar. Os profissionais tinham uma crença errônea de que o uso do *WhatsApp* para algumas informações não configurava um compartilhamento. Em seu estudo, ainda, percebeu que os professores tentavam adotar estratégias próprias de cuidado com informações das crianças, que as professoras revelavam não ter permissão para publicação de fotos em mídias sociais. Apesar dessas revelações percebeu algumas ações de pais e professores em suas falas que revelavam desconhecer aspectos de direitos das crianças.

Esses dados apresentam limitações importantes no uso de ferramentas midiáticas, que devem ser foco de atenção dos gestores – garantir privacidade e

segurança virtual aos usuários, atentando-se para os alertas de pontos negativos manifestados pelos dados dessa pesquisa como possíveis limites ou limitações nessa prática.

Outra questão delicada apontada pelos estudos se refere à forma de gerir os usos das redes sociais. Sobre isso, Silva (2017), afirma que a decisão sobre o uso de recursos para comunicação nas instituições pesquisadas por ela se dava pelo diálogo de gestores, incluindo diretores, administradores e coordenadores pedagógicos, sendo informados posteriormente aos pais e aos professores. Estes últimos contribuíram apenas com a melhoria de uso. A autora ainda destaca que somente três escolas das nove entrevistadas realizam uma avaliação formal sobre o uso das tecnologias digitais.

Gillens (2015) buscou descobrir a relação da integração das mídias sociais em práticas escolares e as mudanças na política de mídia social do distrito escolar público. Relatou que a demanda de uso das mídias sociais nos Estados Unidos dentro dos distritos escolares cresceu, de forma que se tornaram necessárias mudanças na legislação a fim de dar conta das necessidades de uso e de proteção aos usuários; ou seja, gerou mudanças em políticas públicas. Denman (2018) destaca que a decisão pelo uso de mídias sociais não partiu dos níveis administrativos, a decisão pelo uso aconteceu em cada unidade escolar e a administração havia permitido o uso desse recurso.

Também se revelou nas falas dos pais que nenhuma mediação tecnológica entre escola e famílias toma o lugar da presença. Nos resultados das pesquisas aqui apresentadas, fica destacada a importância que os pais dão às interações face a face entre eles e os professores. Denman (2018) relata que os responsáveis valorizaram o uso das mídias digitais, mas enfatizaram que ainda preferiam estar em contato pessoal, frente a frente diante de problemas envolvendo seus filhos. O mesmo foi percebido por Mumcu (2018) quando seu estudo revelou que os pais, principalmente de instituições públicas, continuam valorizando a comunicação frente a frente com os professores. Gigli et al. (2019) perceberam em seu estudo que pais italianos preferem marcar reuniões presenciais, principalmente sobre questões mais específicas de seus filhos.

Já tecemos aqui os achados que se referiam às possibilidades trazidas pelos usos das TIC e seus usos com mídias sociais para a comunicação e interação entre família e escola. É importante evidenciar agora os achados que traduzem um pouco

das dificuldades que se fizeram presentes e que desafiam os sujeitos no cotidiano desses usos.

Um dos desafios apontados por Drape et al. (2018) se refere à apropriação que os profissionais fazem das tecnologias, bem como sobre a administração das páginas. Em seus achados, localizaram problemas relativos à existência de mais de uma página de uma mesma unidade, em desuso, confundindo os usuários. O compartilhamento de imagens, sem detalhamentos que tornassem mais compreensíveis às famílias as intenções educativas também foram percebidas por eles.

Chairatchatakul et al. (2012) também perceberam em seus resultados que os pais estavam aprendendo a dialogar nas redes sociais através do seu próprio uso; não havia manuais, sendo necessário auxílio da unidade escolar para estabelecer formas de uso. Palts & Kalms (2015) também indicaram que apesar das vantagens relatadas, pais e professores indicaram que havia problemas significativos e barreiras de comunicação envolvidas no uso de canais digitais relacionados à competência digital desigual e alguns a atitudes e medos equivocados.

Mumcu (2018) demonstrou nas descobertas, que não apenas os professores de pré-escola, mas também os pais e os administradores das unidades de pré-escola tinham informações insuficientes sobre o uso de mídias sociais. O autor sinalizou a dificuldade dos professores para lidarem com aspectos relacionados à privacidade e exposição mínima, bem como mediar as interações enquanto gestor das redes sociais. Outro problema percebido pelo pesquisador tratou da confusão cotidiana entre momentos de atividades profissional e pessoal, visto que professores sinalizavam estar descontentes por serem incomodados tarde da noite com mensagens nas redes sociais e com assuntos que não integravam as ações escolares. Esta dificuldade também foi sinalizada no estudo de Antunes (2017).

Silva (2017) percebeu que, dos desafios sinalizados nos resultados do estudo, estavam a infraestrutura física (hardware) que envolvia, por exemplo, a organização do uso de aparelhos pessoais ou institucionais, disposição de rede *WiFi* e rede elétrica e a infraestrutura lógica (software), que envolvia o conhecimento e habilidade de uso dos recursos, além da infraestrutura de pessoal, que envolvia a necessidade de estabelecer organizações, posturas e regras de uso, bem como a adaptação com as demandas advindas do uso dos novos recursos. O autor concluiu que havia grande contribuição de uso desses recursos, mas isso dependia das três

infraestruturas, pois a inclusão do uso dessas mídias não significou o alcance imediato de famílias que tinham pouca comunicação com recursos anteriores. Os achados ainda indicaram problemas como horário de uso, posturas de falas, solicitações e exigência de respostas imediatas, interferência nas atividades realizadas, desejo por parte dos pais em ampliar esse vínculo para além da escola e situações de constrangimento no uso das redes sociais.

Evangelista (2017) encontrou resultados que mostram que ao mesmo tempo que o uso das redes sociais auxiliam na relação professor-aluno, expõe o docente. Para esse argumento o pesquisador citou a utilização pelas instituições de ensino como instrumento de controle; a indistinção entre vida privada da profissional; a sobrecarga pelo fato de o professor trabalhar em suas horas vagas e a citação pela equipe de que as redes sociais influenciavam diretamente nas ações e decisões da gestão escolar.

A sociedade produz e transforma os usos das tecnologias e seus significados. O que se inicia com fins específicos, de uso de um grupo social e economicamente restrito, torna-se uma ferramenta social e se funde com o próprio desenvolvimento da civilização. A sociedade em rede, a comunicação ubíqua, as redes sociais são pontos importantes no debate que trazemos aqui para refletir sobre as relações estabelecidas hoje pelas instituições escolares.

Os estudos sobre as TIC revelam que essas se mostram ferramentas úteis, em crescente uso, entendidas pelos profissionais e administrações públicas como potenciais no trabalho educativo. Ao mesmo tempo, aponta desafios e aspectos importantes no cuidado de adoção de seus usos. A necessidade do imediato, as variedades comunicativas crescentes entre a população, a incorporação das mídias móveis no dia a dia, as possibilidades de a escola tornar acessível seu trabalho à comunidade escolar e o direito das crianças, de que família e escola estejam em diálogo constante em prol do desenvolvimento dela, ancoram uma busca por estreitar a conversa. Os textos deste levantamento apontam para um uso das redes sociais em constante crescimento como forma de dar visibilidade ao trabalho educativo e das possibilidades que são ampliadas de construir um diálogo sobre ele junto às famílias.

No entanto, os estudos mostram também que ainda é preciso organizar melhor o uso que se faz dessas redes. Utilizar estratégias de ampliação como forma de alcançar mais sujeitos, melhoria do equipamento, definir melhores estratégias de

proteção à exposição, estar atento aos riscos de ultrapassar as fronteiras do pessoal e profissional e até mesmo dos direitos trabalhistas são só alguns desafios apontados.

A EI tem um papel político que se fortalece na construção de seu lugar dentro de uma comunidade composta por profissionais, crianças e familiares. Discutir a infância e a Educação infantil em diálogo com os textos aqui apresentados traz desafios e possibilidades, dado que os aspectos de funcionalidade da comunicação e participação da família estão presentes. Mas nos interessa pensar como a EI se faz presente em suas especificidades nesse lugar. Se a forma de comunicação e as próprias redes sociais ocupam hoje um espaço tão importante nas relações entre os sujeitos, há não só ideias sendo publicadas, imagens sendo curtidas ou experiências sendo compartilhadas, mas também diálogos sendo construídos, significados sendo divididos, e objetivos sendo compostos entre sujeitos.

3

Compreensões compartilhadas sobre Educação Infantil

Neste capítulo, teceremos debates para a reflexão e diálogo entre as unidades de Educação Infantil e as famílias sobre o tema em estudo. Abordaremos discussões teóricas que abarcam a construção de uma Pedagogia da infância, que se relaciona ao percurso de constituição de políticas públicas de atendimento de bebês e crianças de até 5 anos de idade, buscando compreender como se constitui esse segmento. Para isso, analisaremos estudos recentes sobre o que instituições de educação e famílias pensam sobre a primeira etapa da Educação Básica. Esperamos que esses estudos nos forneçam elementos para a questão que envolve as redes sociais presentes na nossa pesquisa.

Nosso compromisso é trazer vozes do campo acadêmico que buscam compreender a Educação Infantil no Brasil, através de argumentações e proposições que colaborem para o entendimento do que se pretende em um trabalho educacional com a primeira infância. Entendemos, numa perspectiva histórico-cultural, que a constituição de compreensões e discursos se dá nas relações que o homem constrói com o outro, nas diferentes posições que ocupam nas esferas sociais (VIGOTSKI, 2007; 2009). Processa-se no campo intersubjetivo, em que a linguagem é uma construção, que carrega marcas de interações anteriores, vividas em outras comunidades semióticas (SANTOS, 2010).

3.1

A educação para a infância de 0 a 5 anos

No Brasil, a educação é um direito garantido à criança pequena desde a Constituição de 1988 (Brasil, 1988). Internacionalmente, desde a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU, 1959) marco do direito à Educação da criança pequena. Tornou-se uma discussão de responsabilidade oficial do campo da educação brasileira a partir de sua inclusão como primeira etapa da educação básica com a LDB 9394/96 (Brasil, 1996) por meio do artigo 29, onde diz que:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico,

psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.(BRASIL, 1996, p.11)

A Educação Infantil, em especial a creche, teve sua história construída por lutas, caminho percorrido junto às mulheres em meio a transformações socioeconômicas e culturais (Kuhlmann Júnior, 2011). A Educação Infantil nas políticas públicas tem sido associada a movimentos sociais e políticos, inicialmente com foco no direito das mulheres trabalhadoras terem seus filhos assistidos, sendo seguido da visão de direito das crianças à garantia de bem estar, educação e de participação social. O caminho que começou marcado pela assistência, passou a ganhar espaço nas discussões educacionais e acadêmicas, carregando consigo o debate sobre seu papel, no desenvolvimento e socialização das crianças.

No campo acadêmico estas discussões foram compartilhadas por sujeitos que se debruçavam sobre diferentes formas de investigar a educação da criança pequena, passando por áreas como a psicologia do desenvolvimento (Vasconcellos et al., 2008), filosofia para/com crianças (Kohan, 2005; 2007), geografia da infância (Lopes, 2008; Lopes & Costa, 2017) e sociologia da infância (Vasconcellos, Sarmiento, 2007; Corsaro, 2011), construindo, assim, um novo campo dos Estudos da Infância (Sarmiento; Gouvea, 2009). Ao pensarmos os processos educacionais em diálogo com os Estudos da Infância e as Políticas Públicas em prol dos bebês e das crianças (Bondioli; Mantovanni, 1998; Cerisara, 1999; 2002; Corsino, 2009; Craidy & Kaercher, 2001; Guimarães, 2011; Rocha & Kramer, 2011; Rosseti-Ferreira et al., 1998; Silva & Lopes, 2010; Vasconcellos, 2011; Vasconcellos & Eisenberg, 2016) que vislumbramos o contexto em que surgiu e se sistematizou a Pedagogia pensada para a criança de 0 a 5 anos. (Cerisara, 2004; Melo, 2019; Oliveira-Formosinho et al., 2007; Rocha, 1999). Nossas reflexões trazem algumas das contribuições dessas áreas, visto que elas têm sido importantes na constituição das práticas pedagógicas para bebês e crianças; ajudando na compreensão de como a Educação Infantil se apresenta, se constrói e é debatida hoje, e o que envolve a definição de seu lugar.

Quando consideramos as contribuições dos Estudos da Infância e das discussões da Pedagogia voltada para a infância, propomos um diálogo construído em consonância com esse debate histórico da Educação Infantil. Assim, é essencial

a análise de conceitos/termos caros e fundantes para a Educação Infantil, como: *assistência; cuidado e educação; infâncias e crianças; brincadeiras e interações*.

A história da constituição da Educação Infantil traz para o debate os conceitos de *assistência, cuidado e educação*, bem como a ideia de preparação para o Ensino Fundamental. Desde Cerisara (1999), esses aspectos tomam lugar nas discussões, pois havia dois formatos de educação voltadas para a criança pequena no Brasil: uma para a educação da população pobre, com desenho de guarda da criança e outra tendia a uma preparação para o Ensino Fundamental, essa mais voltada para a classe média. Um campo que deveria se constituir então numa complementariedade entre cuidado e educação tinha uma cisão, por duas perspectivas distintas de olhar a educação de bebês e crianças.

A construção histórica do campo político e acadêmico que pensa a educação para a infância, foi marcada entre o olhar para a criança como *objeto de tutela* e a criança como *sujeito de direitos*. A mudança de perspectiva veio com a inclusão do atendimento a crianças pequenas como primeira etapa da educação básica na LDB/96 (Brasil, 1996). Nesse campo entram as discussões do binômio cuidar-educar.

Tiriba (2005) também ressalta que a mudança dos termos não resolveu contrassensos, pois a cisão entre cuidar e educar inclui aspectos relativos a classes sociais, ainda resquícios de nosso regime escravocrata, onde o cuidado com o corpo era competência das pessoas escravizadas no país. Assim, muitas vezes, as atribuições de profissionais entram em discussão, confrontando papéis e mantendo a dicotomia entre cuidar e educar. Azevedo (2007) percebeu que a dicotomia colaborava para um enfraquecimento do papel profissional do professor da Educação Infantil, pois diante da tentativa de negar que esteja no papel de cuidador, os professores buscavam as práticas do Ensino Fundamental para ter seu lugar profissional reconhecido.

Para Cerisara (1999)

No entanto, a inclusão das creches e pré-escolas no ensino básico implica riscos, porque mesmo havendo clareza de que as instituições de educação infantil - tenham elas a denominação que tiverem - não devem ser depósitos de crianças, substitutas maternos ou hospitais, também há clareza de que as creches e pré-escolas não devem reproduzir as práticas sociais que têm sido desenvolvidas nas escolas de ensino fundamental. Este é o quadro que hoje se coloca para todas as profissionais da área e tem como eixo fundamental a busca da definição da especificidade do trabalho

pedagógico a ser realizado nas instituições de educação infantil, ou seja, a construção de uma Pedagogia da Educação Infantil que rompa com a Pedagogia Escolar tal como tem sido desenvolvida nas escolas de ensino fundamental (Cerisara, 1999, p. 15).

Tiriba (2005) e Cerisara (2002) questionam, então, se a discussão sobre *cuidado e educação* serem indissociáveis tem colaborado para o avanço do trabalho com a pequena infância. Argumentam ser necessário rever práticas à luz da Pedagogia da Educação Infantil. Ao tratar da formação docente para a infância pequena, Cerisara (2004) problematiza as práticas educacionais afirmando que a pedagogia ministrada nos cursos ainda não contemplava as especificidades da pequena infância. Para ela, ignoram não haver uma infância, mas infâncias; portanto, não havendo um padrão único de ser criança, não há lógica em um trabalho padronizado a ser realizado de forma descontextualizada. Para a autora, “é preciso que a pedagogia a ser realizada também contemple as diversidades das crianças, de cada grupo de crianças nas suas competências, nas suas possibilidades” (Cerisara, 2004, p. 9). Essa perspectiva impacta na concepção do trabalho docente de modo a restringir a percepção e mediação docente nas práticas culturais infantis.

Guimarães (2009) traz contribuições para além da discussão da dicotomia, argumentando a necessidade de se olhar para o sentido real e cotidiano da relação entre cuidado e educação. Como contribuição, ao pensar a educação com bebês, Guimarães et al. (2019) refletem que o cuidado se trata de uma postura ética, de relação alteritária, de atenção, de abertura ao diálogo com as crianças, e não só direcionada a elas. Isso promove a emergência de uma potência comunicativa e relacional.

Numa defesa dessa relação, Cerisara (2002) diz

O que reivindicamos é o espaço para a vida, para a vivência dos afetos - alegrias e tristezas - para as relações entre coetâneos e não coetâneos, para os conflitos e encontros, para a ampliação do repertório vivencial e cultural das crianças a partir de um compromisso dos adultos, que se responsabilizam por organizar o estar das crianças em instituições educativas que lhes permitam construir sentimentos de respeito, troca, compreensão, alegria, apoio, amor, confiança, solidariedade, entre tantos outros. (Cerisara, 2002, p. 13)

A compreensão de bebês e crianças como sujeitos ativos, propõe um trabalho pedagógico específico para esse público. Cerisara (1999) e Rocha (1999) nos proporcionam refletir sobre a Pedagogia da Educação Infantil/Infância que

considera a criança e a sua cultura. Cerisara (1999) apresenta três desafios principais para a constituição de saberes e práticas educacionais para/com bebês e crianças de até 5 anos: (1) a preocupação de não trazer para a Educação Infantil práticas do Ensino Fundamental; (2) a ação integrativa de cuidado e educação; e (3) a formação profissional para que sejam professores todos que trabalham com essa faixa etária. Devemos mencionar que a garantia de ter professores na atuação em espaços de Educação Infantil foi uma conquista recente, tendo sido parte das lutas de movimentos sociais por compreender ser papel dos professores mediar práticas educacionais com bebês e crianças pequenas.

Rocha (1999) buscou entender a constituição de uma pedagogia da Educação Infantil, investigando as produções acadêmicas sobre a educação da criança de 0 a 6 anos no Brasil. Desde então, vem trazendo para as discussões o que conceitua como campo de Pedagogia da Educação Infantil. Argumenta em defesa de uma pedagogia que articule os conhecimentos das diferentes áreas disciplinares. Buss-Simão et al. (2015) explicam essa perspectiva ao afirmarem que

[...] tem por foco a necessidade de uma pedagogia que contemple as especificidades da educação de crianças de 0 a 6 anos de idade como balizadora da ação docente nos processos educativos e busca privilegiar, no campo investigativo, análises que envolvam as crianças e seus contextos sociais e culturais, negando as análises que concebem as crianças como indivíduos isolados em uma abstração social e cultural. (Buss-Simão et. al., 2015, p. 107)

Entender o lugar que a criança ocupa nas esferas sociais está no cerne do trabalho educacional com a mesma, guiando perspectivas de todos os sujeitos envolvidos e das práticas construídas. Os estudos sociais da infância e sua aproximação com a educação da criança pequena tem contribuído para a construção do trabalho educacional. É necessário ver a criança em sua positividade, ativa, situada no tempo e no espaço, que cria formas próprias de interpretação e de ação sobre a realidade. A criança é sujeito ativo, que na relação com seus pares de mesma idade, ou adultos, tem formas próprias de interação e de conceber o mundo.

A criança é um ser em potência, que se relaciona com o contexto social, histórico e político, numa relação que envolve o saber de si mesma e do mundo à sua volta. Nesse contexto, formula, reconstrói, encontra parâmetros, informações e contribui, construindo sua identidade como criança e como membro de um grupo social. (Dip & Tebet, 2019; Kramer, 2009; Malaguzzi, 1999; Sarmiento, 2007).

Pensar a Educação Infantil requer pensar a criança em sua totalidade, implica reconhecer sua capacidade de produção simbólica, as histórias que carrega, as relações que estabelece, contextualizá-la em um momento histórico.

Ainda do campo da sociologia, Sarmiento (2005) afirma que a infância deve ser concebida como categoria social composta por sujeitos historicamente situados. Esse pensamento veio de forma a contrapor o olhar para a criança enquanto objeto e para a infância como uma etapa do desenvolvimento, aquela em que falta algo, dando lugar a pensar suas especificidades e potencialidades. Do campo da filosofia, Kohan (2008, p. 41) argumenta ser preciso “pensar a infância desde outra marca ou, melhor, a partir do que ela tem e não do que lhe falta; como presença e não como ausência, como força e não como incapacidade”.

Olhar para a criança como sujeito capaz de atribuir significado ao seu mundo e intervir no seu meio é fundante para construir a Educação Infantil que defendemos nesse estudo. É uma marca necessária e presente na perspectiva contemporânea de educação das crianças pequenas que pesquisadores e profissionais têm se proposto a construir. Afirmamos isso, pois entendemos que o conhecimento que o campo da educação para bebês e crianças veio construindo, tem reverberado entre pesquisadores e profissionais da educação, uma questão cara para o campo nesse momento, ao pensarmos se a materialidade desse conhecimento se faz presente e tem sua marca no trabalho construído.

Uma pedagogia voltada ao propósito citado entende a criança como agente cultural e informante qualificado. Um olhar para a linguagem da criança em sua interação com o mundo constitui fundamentalmente a construção do trabalho pedagógico. Isso significa entender que o ser em potência, presente nas instituições de educação, se apropria e constrói seu conhecimento de mundo pelas diferentes linguagens. As DCNEI/09 (Brasil, 2009) esclarecem que na proposta curricular, as práticas de trabalho pedagógico devem ter as interações e brincadeiras como eixos norteadores, de forma a proporcionar experiências e articular saberes sobre nosso patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico. Consta, ainda, que

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (Brasil, 2009, p.2)

O brincar é elemento central da ação pedagógica que concebe a instituição de Educação Infantil como local onde a criança se forma e amplia repertórios culturais e a criança como sujeitos social de direitos. Esse entendimento traz desafios, inclusive da própria compreensão de brincadeira. Percebemos a brincadeira como atividade significativa na constituição subjetiva, social e cultural da criança. Portanto, notamos que esse é outro conceito caro à educação da infância, pois está atrelado à concepção de criança presente. A brincadeira é um direito da criança, sendo reconhecida por documentos de diferentes organismos sociais, como pela Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU, 1989, Art. 31), pelo ECA (Capítulo II - Brasil, 1990), e pelos Critérios Para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (Campos & Malta, 2009).

Autores como Vigotski (2007; 2009), Corsaro (2011) e Brougère (2002) são alguns dos teóricos importantes para pensar esse fenômeno social e o processo do desenvolvimento infantil. Assim, podemos notar que a brincadeira é dotada de uma significação social precisa, que requer ser aprendida; o que acontece na interação com o outro (Brougère, 2002). Devemos estar atentos à natureza interativa da brincadeira por oportunizar sociabilidades e a fundação das culturas da infância. (Sarmiento, 2004). Dessa forma, na coletividade as crianças reproduzem o mundo dos adultos ao mesmo tempo em que se apropriam dele e o reinterpretam. Movimento entendido por William Corsaro como cultura de pares (Corsaro & Edler, 1990; Corsaro, 1988; 2009), ele consiste em “um conjunto de atividades, rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e partilham na interação com as outras crianças” (Delgado & Muller, 2005, p. 163). Portanto, cabe compreender o papel ativo que as crianças têm nos contextos em que estão inseridas. Pelas palavras de Corsaro:

Com cultura de pares, estou falando de crianças que produzem e criam seus próprios mundos coletivos num sentido genérico. Embora sejam afetadas pelo mundo adulto (que também afetam), as culturas de pares das crianças têm sua própria autonomia. (Muller, 2007, p. 275)

O campo do desenvolvimento infantil também traz contribuições para a discussão do brincar. Por meio dos postulados vigostkianos, podemos compreender que pelo brincar a criança interage com o mundo, tendo oportunidade de conhecer, contextualizar, repensar e ressignificar variadas relações do contexto social. Assim,

podemos encarar a brincadeira como espaço de construção de conhecimentos, em que os significados que transitam por essa atividade são apropriados pelas crianças de modo particular e singular (Queiroz et al., 2006). Vasconcellos (2009 p.75) explica que, ao brincar, as crianças utilizam um repertório de ações, objetos e imagens mentais que “servem de transição entre as restrições reais do período da infância e as situações do mundo adulto, transformando o que é apreciado e desejado em realizações de sonhos e fantasias”. Portanto, por meio da brincadeira a criança transgredir sua realidade imediata proporcionando que ela seja protagonista de seu desenvolvimento por refletir sobre suas ações, tendo como fonte de mediação privilegiada as significações do mundo adulto que foram construídas no brincar. Assim, as crianças assumem papéis que possibilitam a elas interpretar, reproduzir e ressignificar as regras sociais de seu cotidiano (Santos et al., 2010).

Esses pressupostos de desenvolvimento, por vezes, têm levado diferentes profissionais a uma instrumentalização do brincar, tendo como foco o ensino. Isso fragmenta o efetivo brincar, por privilegiar o ensino sem oportunizar que elas reconstruam a realidade com seus pares. Devemos recordar que, apesar de o brincar propulsionar desenvolvimento e aprendizagem, esses estão ligados à cultura da criança; assim, instrumentalizar a brincadeira com fins pedagógicos que visem o ensino tende a refletir as preocupações educacionais inseridas na cultura dos adultos, sem considerar e oportunizar que as crianças assumam o protagonismo no seu desenvolvimento (Góes, 2001; Sutton-Smith, 1988).

Com base nesses preceitos sobre o brincar, ainda cabe considerar que investigações em contextos de Educação Infantil indicam que a brincadeira propicia que crianças criem, ressignifiquem seu meio e assumam a posição de participantes ativos no processo de socialização. Rivero & Rocha (2019) argumentam que a brincadeira é a maneira da criança agir no mundo, sendo recurso comunicativo para participar da vida cotidiana e dar significado às próprias ações. Por ser processo complexo, se faz necessário observação e acompanhamento interessado do educador, que possibilite reconhecer os repertórios das brincadeiras, provenientes das variadas inserções sociais e culturais das crianças (Rivero & Rocha, 2019). Soares & Côco (2019, p. 21) complementam que os docentes, ao mediar o brincar, devem estar atentos “às necessidades e demandas das crianças, mobilizando espaços de observação, de escuta e de incentivo às proposições infantis”.

3.2

Compreensões sobre Educação Infantil: diálogos com outras pesquisas

No desafio de compreender melhor este campo em que nos debruçamos, organizamos aqui um levantamento da literatura acadêmica dos últimos 10 anos (2010 a 2020), sobre a visão da Educação Infantil construídas entre profissionais da área e familiares de crianças de menos de 5 anos. Para tal, buscamos nos bancos de dados: Banco de Teses e Dissertações da CAPES, portal de Periódicos da CAPES, a Base de Dados da biblioteca da PUC e Google Acadêmico, artigos, teses e dissertações, tendo como palavras chaves *Educação Infantil, família, concepções, percepções, perspectivas, visão e produção acadêmica* em diferentes combinações e flexões.

Agrupamos as principais temáticas presentes nos achados empíricos dessas pesquisas, a fim de apresentar de forma mais didática as contribuições deles e os diálogos possíveis desses com o nosso objeto de estudo. Encontramos nas análises uma quantidade expressiva de referência a duas perspectivas de Educação Infantil: (i) desenvolvimento integral da criança e (ii) perspectiva preparatória para o Ensino Fundamental. Temáticas como conceitos de criança e infância, assistência, cuidado e educação, relações entre família e escola constituíram-se como eixos que perpassam as duas perspectivas e farão parte de nossa discussão.

3.2.1

Educação Infantil enquanto direito de desenvolvimento integral

Uma das abordagens importantes para nossa pesquisa e presente nos artigos selecionados, se refere à compreensão do papel da Educação Infantil como lugar de desenvolvimento integral dos sujeitos. A legislação apresenta a Educação Infantil como direito da criança, trazendo a mesma para o centro das ações. As prerrogativas legais são um aspecto importante e abordado frequentemente pelos estudos acadêmicos quando se propõem a focar na Educação Infantil, em especial a creche. Para Furtado (2014), os artigos acadêmicos estudados partilham da ideia de que a Educação Infantil é um direito da criança, e que tem o objetivo de promover o desenvolvimento integral da mesma. Ressaltam que a educação tem o desafio de

construir bases de atuação mais condizentes com a perspectiva de criança, para construção de uma pedagogia da Educação Infantil que se constitui pela definição das especificidades do modo como as crianças aprendem com práticas que possibilitem a ação do sujeito-criança. Mediante perspectivas de criança e infância diferentes disso, a educação da criança pequena toma um outro viés, que perde de vista a criança ativa em seus processos educacionais, age com centralidade nas ações adultas de ensino e não com os processos de construção de conhecimento próprios das crianças.

Pesquisas mostram que a perspectiva da Educação Infantil como lugar de promoção de desenvolvimento integral, está presente nas percepções de familiares de crianças matriculadas na Educação Infantil que participaram dos estudos. Destacamos alguns deles em seus objetivos e organizações.

Destacamos nos estudos apresentados (Moraes et al., 2013; Araújo, 2015; Barroca, 2016) aqueles que enfatizam a consistência com a literatura, legislação e políticas públicas da área. Araújo (2015), através de análise documental e entrevistas, teve por intuito compreender como as crianças, suas famílias e educadores(as) atribuem sentidos à educação infantil. Percebeu em sua análise que os familiares compreendem que a instituição é um espaço que deve primar pelo desenvolvimento da criança. Perspectiva parecida foi percebida por Moraes et al. (2013), com utilização de questionário investigou as representações sociais de Educação Infantil de cinco pais de crianças matriculadas em Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) e cinco de pré-escola particular. Percebeu que as percepções das famílias eram coerentes com os objetivos retratados nas DCNEI, legislação vigente naquele momento para a Educação Infantil.

Os estudos de Machado & Monteiro (2016), Monteiro (2014) e Gallo (2010) mostraram também que as percepções dos participantes das pesquisas rompem com uma visão tradicional ligada à assistência. O artigo de Machado & Monteiro (2016) identificou, através de um questionário com escala, o consenso das representações sociais de Educação Infantil entre 108 pais e mães de crianças matriculadas em instituições de Educação Infantil, públicas e privadas da cidade do Recife-PE. Este artigo fez parte de um estudo maior onde Monteiro (2014) fez opção pelo uso de um questionário e de entrevista semiestruturadas para coletar dados e informações. Nos resultados a representação de Educação Infantil compartilhada trazia a ideia de que se trata de etapa educacional de base e promoção do desenvolvimento e

aprendizagem das crianças, como ação educativa complementar à exercida pelas famílias.

Gallo (2010) buscou compreender o que 156 famílias de três instituições de educação infantil de um município da região de Ribeirão Preto entendem por qualidade da instituição de educação infantil e quais elementos são considerados para a realização da avaliação. Percebeu que as famílias mostraram que não se contentam apenas com a guarda e alimentação de suas crianças e que tem contribuições às reflexões e ações em prol da qualidade das instituições de educação infantil.

Aspectos referentes a cuidados e autonomia (Barroca, 2016; Gallo, 2010), interações com outras crianças e brincadeiras (Araújo, 2015; Gallo, 2010; Machado & Monteiro, 2016) também estavam presentes nas expressões das famílias que percebiam esses elementos como importantes na educação da criança pequena. Nos achados de Gallo (2010), as famílias se referem às interações com outros sujeitos, conquistas nas aprendizagens relativas à socialização e à fala. Nos achados de Machado & Monteiro (2016), entre os pais participantes da pesquisa, 87,7% vinculados às instituições públicas e 86,2% às instituições privadas concordam que a brincadeira deve ser estimulada na Educação Infantil.

Para Gallo (2010), Machado & Monteiro (2016) e Monteiro (2014), a possibilidade dessa percepção está ligada ao conhecimento que as famílias têm das ações existentes nesses espaços. Com a comunicação e possibilidade de acessar o espaço da unidade de educação, puderam ampliar suas percepções sobre aquilo que a própria instituição entende como papel da mesma.

No entanto, conflitos entre a compreensão de desenvolvimento integral da criança e outras percepções estavam presentes nas falas de familiares participantes das pesquisas. Os motivos apresentados pelos pesquisadores em seus achados para esses conflitos de percepção variam entre o nível de escolaridade, condições socioeconômicas, a própria história inicial da criação dos espaços de creche, a divergência entre percepções anteriores que os pais construíram por experiências próprias e o acesso ao que é feito na creche; ou seja, às possibilidades existentes na relação estabelecida entre a família e a escola (Araújo, 2015; Barroca, 2016; Ciríaco & Roman, 2016; Gallo, 2010; Monteiro, 2014).

Ciríaco & Roman (2016) na busca de compreender a função atribuída a creche entrevistou 4 famílias de berçário e maternal de uma instituição pública de

Naraiva/MS. Apontam uma visão assistencialista do atendimento, já que os familiares destacam a necessidade das mães trabalhadoras e da necessidade da creche como local de guarda e cuidados, além de atrelarem a figura materna às professoras.

Monteiro (2014) afirma que níveis de instrução e renda dos pais e mães influenciaram a variação de suas representações sociais. Em seus resultados de pesquisa, pais de escolas públicas, apesar de evidenciarem em suas falas a compreensão da Educação Infantil em acordo com a legislação e produções da área, por outro lado, mostraram também preocupação com o futuro profissional e expectativa de ascensão social, pois acreditam na Educação Infantil como oportunidade de acesso a conhecimentos para um avanço da vida profissional, comparando inclusive com as próprias experiências. Na fala dos pais de escolas privadas não foi percebida referência a essa preocupação, valorizando o momento vivido pelas crianças naquela fase.

Nos resultados de pesquisa de Barroca (2016) e Ciríaco & Roman (2016), a opinião dos pais mostra uma percepção de que o acesso à Educação Infantil contribui para o desenvolvimento da criança, pois eles valorizam a interação e socialização como fatores positivos, mas não há uma noção consolidada do que é desenvolvido na creche. Ressaltam que existe um resquício do assistencialismo e que, apesar de inúmeros direitos alcançados, o grupo pesquisado ainda entende que a instituição tem a função de atendimento em cuidados, pois enfatizam critérios de busca do serviço relacionados à necessidade das mães trabalhadoras, ao entendimento da creche como local de guarda e à percepção das professoras como uma figura materna (Ciríaco & Roman, 2016), e mencionam o papel da escola em substituição do papel da família. Também entendem que a percepção dos pais está ligada ao contexto histórico do atendimento à criança pequena.

Araújo (2015) aponta que as famílias entendem a instituição de Educação Infantil como um local de cuidado, diferenciam seu papel, que vai para além de um cuidado maternal; percebem que é o lugar para seus filhos serem felizes, primando pela brincadeira e convívio com outros sujeitos. Compreendem esta etapa como primeira da educação básica, mas como parte disso, acreditam e esperam que a criança desenvolva leitura e escrita. Ao mesmo tempo em que mais de 70% dos pais participantes da pesquisa associavam o motivo de matrícula do filho à possibilidade

de brincadeiras, aprendizados e convívios com outras crianças, mais de 60% entendem que a Educação Infantil tem o papel de ensinar a ler e escrever.

Em nossa revisão, o trabalho de Furtado (2014) faz uma análise de artigos acadêmicos da área educacional que tem a educação da criança pequena como objeto e discute as concepções de creche. Teve como *corpus* 83 trabalhos situados nos periódicos nacionais, classificados pela CAPES como A1 e A2 no ano de 2012, na área da Educação, disponíveis entre os anos de 1997 e 2011. Esses artigos ajudam-nos a perceber como os conceitos de infância e criança têm estado presentes em diferentes pesquisas, pois são objeto adjacente na discussão. Nas análises de artigos realizados por Furtado (2014), o conceito de criança expresso nos artigos acadêmicos traduz um sujeito ativo, plural, com potencialidades e capacidades, produtor de cultura e participativo no seu processo educacional. Entendemos ser importante debruçar-nos sobre os conceitos de educação da criança pequena, creche, crianças e infâncias, pois tais perspectivas são elementos basilares para pensarmos o trabalho que se propõe a construir na Educação Infantil. Há entre os trabalhos analisados um acordo conceitual da existência de uma infinidade de *crianças e infâncias* que são constituídas na medida em que sofrem influências do meio social, cultural, histórico, econômico e de outras estruturas. Quanto às concepções sobre creche, há consenso entre os artigos que a principal causa de origem desses espaços educativos são os movimentos sociais. Além disso a creche destaca-se nos artigos em duas finalidades espaço de guarda e proteção e espaço de cuidar e educar da criança pequena.

Teodoro (2017) investigou concepções sobre criança, infância, docência na Educação Infantil, escolarização da primeira infância, e relação família-escola de mães e professoras de crianças atendidas por duas creches públicas de Minas Gerais. Em consonância com os achados dos artigos acadêmicos de Furtado (2014), identificou na fala das professoras uma compreensão de infância que rompe com as definições mais tradicionais, em que se vê a criança como um receptáculo de ações dos adultos.

Barroca (2016) objetivou analisar as concepções sobre criança, desenvolvimento infantil e das funções da Educação Infantil. Com a proposta de grupos focais ouviu familiares e profissionais de duas creches da rede pública do Recife. Barroca (2016) percebeu que as profissionais mostraram uma perspectiva de criança enquanto um ser frágil que necessita de cuidados e de disciplina, além

da preparação para a vida adulta; ao mesmo tempo a pesquisadora percebeu que também estavam presente nas falas de professores e famílias uma visibilidade da criança, com reconhecimento da participação da criança no âmbito social. Ao mesmo tempo percebeu o reconhecimento pelos pais de um protagonismo da criança.

Maia (2012) entrevistou oito professores de Educação Infantil da Rede Pública de um município do interior do Mato Grosso do Sul em que buscou analisar as concepções de criança, infância e educação. Em seus achados percebeu que as professoras participantes da pesquisa tinham uma concepção de criança idealizada, que é feliz, brincante, descontextualizada de todo um conjunto social.

Teodoro (2017), abordando elementos do capital cultural, enfatiza como este se reflete nas formas de percepção de famílias e educadores sobre infância e criança. Aponta que as mães com determinado capital cultural, evidenciam questões mais direcionadas ao bem-estar psicológico e intelectual, enquanto as outras abordam questões pragmáticas e mais corporais como brincar, fazer arte etc. Já as professoras apresentam concepções de criança e de infância mais objetivas, fruto de reflexão teórica e prática diária, fazendo menção à questão do aprendizado e de formação.

Pensar a infância objetivada pelo sujeito-criança, é entendê-la heterogênea, e igualmente plural, uma categoria social, múltipla e diversa nas diferentes culturas, e não um fenômeno único e universal (Furtado, 2014). Há entre os pesquisadores um acordo, ou perspectivas, da existência de uma multiplicidade de crianças e infâncias, e que precisam ser pensadas em um contexto social, cultural, histórico, econômico e de outras estruturas, visto que são constituídas nestes contextos.

O que a sociedade entende em um determinado momento histórico por criança, infância, educação e política de infância constitui o que se constrói como educação Infantil. Entender as crianças como atores sociais, inseridas em um contexto, que se relacionam com ele de forma ativa, produzindo cultura, e que vivem infâncias múltiplas, permite-nos entender a Educação Infantil como lugar de escuta, de compartilhamento de experiências, lugar de direito da criança, com o fim de promover espaços-tempos em que o conhecimento de mundo e a transformação dele sejam compartilhados em uma relação igualitária de respeito por cada sujeito envolvido.

Trouxemos também as contribuições das discussões sobre o cuidado e a educação da criança na Educação Infantil que se fazem presentes nos resultados de

alguns trabalhos encontrados (Casanova, 2011; Freitas, 2017; FURTADO, 2014; Reis, 2018; Silva, 2014; Teodoro, 2017). Essa temática também compõe parte robusta das discussões do campo e abarcam as tensões entre uma perspectiva assistencialista de educação para a criança pequena e os objetivos constituídos no campo sobre o direito a educação integral.

Educação e cuidado são entendidos como indissociáveis nessa etapa, onde as políticas públicas educacionais precisam contemplar a criança em sua totalidade e considerar as especificidades do trabalho com a infância pequena, compondo o papel desse segmento na educação nacional (Faria, 2005). Esses dois eixos já estão em xeque no campo da Educação Infantil há alguns anos, permeando as principais discussões sobre a atuação desse segmento da educação.

Silva (2014) realizou entrevistas individuais e em grupo na busca de analisar o estabelecimento da confiança de mães de crianças de 0 a 3 anos em uma Instituição de Educação Infantil (IEI) pública de Belo Horizonte. As análises revelaram que as mães associam a ideia de substituto materno às profissionais da educação. Os resultados convergem com os encontrados por Casanova (2011). O estudo objetivou ouvir onze famílias de crianças de berçários que frequentam a creche em período integral, procurando compreender o sentido atribuído por elas às atividades realizadas na creche. Os depoimentos revelam que a creche é o local onde a criança é deixada em segurança para que a mãe trabalhe. Apesar das mães fazerem associações de desenvolvimento das crianças a estadia na creche, as correlações não dialogam com as ações dos profissionais de educação.

Freitas (2017) realizou um estudo de caso com três grupos focais, com abordagem sobre as representações sociais das famílias sobre professores da Educação Infantil que atuam em Unidades de Educação Infantil (UMEI) da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Muitos dos pesquisados apontaram a interação social e o brincar como demandas das crianças para a procura de instituições. Em contrapartida enfatizaram o cuidar e a importância maior desse aspecto, ao revelarem buscaram um lugar que garanta proteção e segurança para os seus filhos.

Nos trabalhos analisados na revisão de Furtado (2014), cuidar e educar formam um binômio, como tentativa de expressar a integração entre educação e cuidado como ideal de atendimento à criança pequena. Tentam marcar a identidade desse segmento, como um campo dotado de especificidades que o diferencia de

outros segmentos da educação. Reis (2018) buscou analisar o trabalho e a indissociabilidade entre o cuidado e a educação na Educação Infantil do município de Colina-SP. Realizou entrevistas semiestruturado com quatro professoras, a diretora da escola, a coordenadora pedagógica e a Secretária Municipal de Educação. Encontrou dados que evidenciam a compreensão de professoras da importância do cuidado e da educação, mas não compreendem a indissociabilidade entre os mesmos. Apesar de a equipe diretiva demonstrar compreender cuidado e educação como ações inseparáveis, não foi possível perceber ações administrativas em prol disso na identidade do trabalho.

Teodoro (2017) concluiu que a creche representava para as mães entrevistadas o auxílio principal em relação aos cuidados e à educação de seus filhos, mas mencionavam a formação intelectual e cultural da criança. Já Freitas (2017) percebeu que, apesar de a fala inicial se referir à necessidade de cuidados na ausência da família, as mesmas manifestaram reflexões que envolviam aspectos referentes a demandas das crianças, como interações e brincadeiras, buscando as instituições de educação para esse fim.

Ao investigar o contexto histórico que permeou as mudanças do trabalho com a infância, Reis (2018) problematiza as perspectivas de assistência e educação. Assim, a autora reflete sobre como os papéis desempenhados pelas instituições de atendimento a bebês e crianças são construídos nos variados momentos históricos, considerando a classe social atendida: cuidado para os filhos de classes sociais desfavorecidas; e preparação para as classes com maior poder aquisitivo. Tais perspectivas deram lugar à nova proposta, entendida como um papel integrador de cuidado e educação. Teodoro (2017) contribui para esse debate ao expor que a função da creche, na perspectiva dos sujeitos investigados, manifestou-se de formas diferentes de acordo com os contextos específicos e das camadas sociais. Importante destacar que o campo chega à adoção do binômio cuidar-educar depois de um histórico de ações nas instituições de Educação Infantil. Assim, o objetivo do trabalho era traçado conforme o público atendido, dividindo as instituições em lugares de assistência ou escolarização, fator relevante para pensar os dados produzidos por esses autores.

Casanova (2011), Ciríaco & Roman (2016), Freitas (2017) e Teodoro (2017) encontraram dados que revelam uma perspectiva mais assistencial da Educação Infantil. Já Freitas (2017) percebeu que o cuidar tem maior peso e importância para

as famílias, pois eles buscam um lugar que garanta proteção e segurança para os seus filhos enquanto trabalham. Para este autor, os objetivos legalmente definidos para a Educação Infantil ainda não são elementos consolidados no imaginário social. Teodoro (2017) encontrou falas da creche como local de cuidados que são realizados fora do âmbito familiar, lugar principalmente de assistência social de cuidado e proteção da criança para atender às demandas laborais, em especial, das mães trabalhadoras. Nos estudos de Casanova (2011) podemos notar que a autora identifica nas falas das famílias uma percepção mais assistencialista, onde o papel da instituição é de um local seguro, de cuidado para as crianças enquanto os responsáveis trabalham.

Nos resultados de pesquisa de Ciríaco & Roman (2016), os pais vinculam a estadia da criança na creche à necessidade de trabalhos das mães, à função desse lugar como “guarda” e o papel dos profissionais como uma figura maternal. Silva (2014) evidencia uma perspectiva parecida na fala dos pesquisados, quando afirma que, para avaliar a confiança ou ausência da mesma no trabalho da instituição de Educação Infantil, os responsáveis relacionam aspectos associados a uma figura de substituto materno e não a pontos profissionais como técnicas de trabalho e concepções.

Nas investigações analisadas fica evidente o impasse de concepções, em que as especificidades da faixa etária se tornam a principal referência para repensar práticas e discussões teóricas que corroborem a construção de uma pedagogia para a Educação Infantil. A história do atendimento à infância pequena se faz presente em compreensões ainda frágeis sobre o trabalho da Educação Infantil. Este é um segmento com especificidades de uma faixa etária, que também requer que a comunidade escolar, em especial as famílias, esteja em constante diálogo com as instituições para a construção do trabalho. Isso significa entender os integrantes da comunidade escolar como interlocutores ativos e aliados nas lutas desse segmento.

3.2.2

Entre a Educação Infantil e a preparação para o Ensino Fundamental

Outra categoria de achados nos trabalhos de pesquisa analisados, revela percepções sobre Educação Infantil numa perspectiva de ação preparatória para a vida escolar dos níveis seguintes, dando ênfase geralmente ao domínio da leitura e

escrita (Alves, 2015; Barros, 2013; Blanco & Silveira, 2011; Losso & Marchi, 2011; Maia, 2012). Essa compreensão estava presente em artigos que analisaram concepções de familiares (Alves, 2015; Blanco & Silveira, 2011; Losso & Marchi 2011) e também nos que analisaram falas de profissionais da Educação Infantil (Barros, 2013; Maia, 2012). Assim como nos artigos que entendiam a Educação Infantil como um espaço de desenvolvimento integral, esses artigos também apresentaram ambiguidades, com enunciações que valorizaram aspectos tidos como importantes para um desenvolvimento integral (Barros, 2013; Blanco & Silveira, 2011; Maia, 2012).

Blanco e Silveira (2011) realizaram entrevista semiestruturadas com seis pais, com filhos e filhas matriculados na rede pública de ensino de Dourados-MS, quando buscaram identificar as perspectivas em relação ao brincar das crianças. As análises mostraram que a maioria dos familiares afirmam que a criança vai a instituição de educação infantil porque eles precisam trabalhar e, tem aprendizagens importantes para prepará-la para o Ensino Fundamental. Resultados semelhantes foram encontrados por Losso & Marchi (2011). Através de entrevistas semiestruturadas, objetivaram conhecer a visão de sete pais e oito professoras sobre a socialização das crianças na educação infantil e, mais especificamente, compreender aspectos da construção social do chamado “ofício de aluno” neste nível de educação. A pesquisa foi realizada em uma instituição de educação infantil da rede municipal de Florianópolis-SC e as análises levaram a resultados de que os pais desejam despertar nas crianças atitudes precoces de disciplina e determinados hábitos e conhecimentos visando prepará-la para o “futuro” escolar e social.

Através de entrevistas, Alves (2015) focalizou os sentidos sobre a EI que emergiram nas vozes de 22 familiares das crianças no contexto da fila de vagas para matrículas em uma instituição de EI da Grande Vitória. Havia na fala dos familiares uma percepção da Educação Infantil como base da trajetória de escolarização, associando a situações de aprendizagens escolares posteriores e disciplinamento.

Barros (2013) fez uma análise comparativa sobre concepções e práticas de cinco professoras de uma escola particular de Educação Infantil e cinco de uma escola conveniada à prefeitura de São Paulo. Foi realizada a partir de questionários e entrevistas individuais. A pesquisadora percebeu que apesar de haver defesa nas falas das professoras em prol de um compromisso com a causa da infância, foi possível também verificar que há diferenças curriculares. A escola particular

molda-se a partir das demandas trazidas pelas famílias que têm como prerrogativas e expectativas a antecipação de demandas inerentes a vida escolar posterior. A unidade pública mostrou maior autonomia, porém trazia resquícios assistencialistas no trato com as crianças e com suas próprias famílias.

Nos estudos de Alves (2015), Blanco e Silveira (2011) e Losso & Marchi (2011), a maioria das famílias entende que a instituição de Educação Infantil tem como função a preparação para o Ensino Fundamental, afirmam que esta etapa é uma base, acreditam na necessidade de um processo educativo em que há preparação para um “ofício de aluno”, acreditando que esta etapa pode trazer um “plus” para o desempenho da criança nas etapas seguintes. A alfabetização foi o aspecto destacado como mais importante, entendendo que a aprendizagem formal, da alfabetização, da escolarização propriamente dita, se configura como papel da Educação Infantil. Revelam, assim, um desejo de que a criança aprenda mais rapidamente a escrever e a contar (Alves, 2015; Blanco & Silveira, 2011; Maia, 2012)

Em muitos dados, os responsáveis entrevistados olham para a Educação Infantil com os mesmos conceitos que utilizam para pensar o Ensino Fundamental (Blanco & Silveira, 2011): valorizam aspectos referentes ao futuro dos sujeitos, seja pensando num futuro vestibular ou para ter determinadas competências necessárias à vida em sociedade (Alves, 2015; Blanco & Silveira, 2016; Losso & Marchi, 2011). Acreditam em um modelo de educação disciplinar, que entende o professor como sujeito que tem conhecimentos a serem transmitidos em forma de conteúdos para as crianças (Alves, 2015).

Os artigos acadêmicos analisados por Furtado (2014) evidenciaram uma incidência de 6% de artigos que atribuem à creche a função de impactar no desempenho das crianças em níveis posteriores de escolarização. Nos artigos analisados por nós, encontramos resultados onde as percepções de profissionais também estão atreladas aos anos de escolaridade seguintes. Maia (2012) também encontrou em sua análise uma valorização do preparo para o Ensino Fundamental por parte das professoras, apesar de também haver nos dados uma evidência de tensão entre conteúdo e o aspecto lúdico que têm as ações de atendimento à infância pequena, mostrando, como dissemos acima, que estas percepções também oscilam. Souza (2017), abordando a brincadeira em sua investigação, percebeu que esta estava presente como uma mediação para preparação. Isso se dava pela ansiedade

de preparo para o Ensino Fundamental, onde a brincadeira era um recurso de controle de aprendizagens, um pretexto para a introdução de conteúdos.

Como dito, é perceptível também muitas ambiguidades nas percepções sobre a Educação Infantil reveladas sobre os participantes em vários estudos. Os estudos de Barros (2013) e Maia (2012) revelaram uma desconexão nas diferentes falas, visto que aspectos relativos ao desenvolvimento integral, percepção das potencialidades da criança e garantia do direito ao brincar estavam evidenciadas nas análises em conjunto com perspectivas preparatórias de aprendizagens. Para Barros (2013), ainda não há uma identidade clara da Educação Infantil. Para ela, as evidências de concepções de ações preparatórias nesse nível de escolaridade revelam como o histórico desta etapa ainda exerce influência sobre as perspectivas dos professores.

As aprendizagens inerentes aos objetivos do Ensino Fundamental sobre leitura e escrita aparecem nos estudos de Gallo (2010), ao mesmo tempo que no próprio discurso, os pais mostram compreensão de aprendizagens de forma mais ampla, envolvendo diferentes aspectos da constituição da criança. Para a autora estas percepções e declarações contraditórias estão ligadas ao fato de que os pais se veem entre experiências próprias e de relatos anteriores e a oportunidade de ver na creche os preceitos que envolvem o desenvolvimento global.

Albuquerque (2016), em estudo sobre a qualidade da Educação Infantil, ouviu gestores, professores, agente educadores e responsáveis de crianças de três creches no município do Rio de Janeiro, totalizando 21 entrevistas. A pesquisadora percebeu que o conceito de qualidade não era entendido de forma unânime, mas a maioria dos sujeitos entendiam que um bom trabalho na Educação Infantil estava relacionado ao desenvolvimento da criança. Na análise da autora, há três interpretações sobre a finalidade da Educação Infantil quando os sujeitos enfatizam o desenvolvimento infantil: a perspectiva de uma ação preparatória da creche para a pré-escola e Ensino Fundamental; o papel compensatório de carências; e um espaço de direito ao desenvolvimento integral do sujeito.

As famílias também apresentavam, apesar dos dados mais evidentes, percepções que caminhavam para as perspectivas de Educação Infantil defendida em documentos da área. Embora os pais ancorem suas representações em um modelo de Educação Infantil que prepara para o Ensino Fundamental, ressaltam de forma positiva a apropriação de conhecimentos pelas crianças nas ações próprias

daquela etapa. Nos estudos de Losso & Marchi (2011), os pais também desejam que a criança aprenda a “compartilhar”, a “dividir com o outro”; já nos estudos de Blanco e Silveira (2011) os responsáveis apresentam aspectos como as brincadeiras, o desenvolvimento da criança e o cuidado, como aspectos importantes para decidirem pela matrícula da criança na instituição de Educação Infantil.

Percebemos até aqui duas vertentes de pensamento sobre o papel da Educação Infantil que se fazem presentes entre profissionais e familiares, mas vimos também que é tênue a divisão entre as diferentes percepções.

Alguns autores aqui apresentados (Casanova, 2011; Ciríaco & Roman, 2016; Machado & Monteiro, 2016; Monteiro, 2014) mencionam em seus estudos a importância e os desafios que envolvem a relação entre família e escola no que se refere a construir compreensões sobre Educação Infantil, bem como construir as próprias ações da mesma.

Monteiro (2014) percebeu que as perspectivas dos pais mudavam conforme a perspectiva das instituições. Em abordagens tradicionais, os pais destacaram as atividades voltadas para a escolarização como ler, escrever e contar; já em perspectivas socioconstrutivistas, os pais fazem referências às atividades que valorizam os aspectos lúdicos e são menos enfáticos em relação às aprendizagens convencionais de leitura e escrita. Na amostra de estudo, pais e mães das escolas públicas e também das privadas sofreram influência das ações e percepções da própria instituição na construção da representação social de Educação Infantil e suas funções no cotidiano. Casanova (2011), ao escutar os sentidos que as famílias de crianças matriculadas no berçário atribuíam às atividades realizadas na instituição, notou que as famílias manifestaram compreensões do que as crianças fazem na creche, mas não conseguiram definir o porquê ou como de tais atividades.

Os estudos trazem para a discussão como o diálogo entre as duas instituições sociais pode e deve contribuir para uma compreensão pela comunidade do papel da Educação Infantil, visto que o distanciamento entre os mesmos permite um espaço vazio onde se constroem equívocos (Ciríaco & Roman, 2016). Faz-se necessário traçar estratégias de ação para possibilitar a aproximação e a construção de ações conjuntas (Monteiro, 2014), além de evidenciar como pais e mães consideram que as relações e interações entre eles e a instituição favorecem o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil (Machado & Monteiro, 2016).

A construção da Educação Infantil com a comunidade escolar passa pela compreensão e seu reconhecimento na organização social. Assim, interlocuções entre instituições e famílias, como estratégia elementar para uma educação que atenda às necessidades das crianças, passa também pelo movimento de luta, de fortalecimento, de afirmação incisiva do papel deste segmento. Tal reflexão, tão presente nas lutas da recente constituição desse segmento como parte da educação, é ainda estritamente necessária e se faz presente em movimentos que tentam afirmar a importância desse segmento, tendo como argumento as especificidades da área (Amorim et al., 2020). No atual momento político e social brasileiro, em que a educação é questionada em sua essência, a articulação entre escola e família configura-se como elemento de luta e resistência social, em especial da educação da infância em que ainda é necessário pensar na discussão sobre cuidado e educação, assim como transpor e avançar nesse diálogo que se faz presente no campo e nas pesquisas. Urge, frente a aspectos políticos do contexto atual a defesa do papel da educação coletiva das crianças pequenas (Amorim et al, 2020).

Compreendendo que nosso foco perpassa as TIC, em especial o Facebook, para chegar ao propósito de compartilhamento de significados entre instituição e familiares, aproximamo-nos de outros estudos, que não tinham como ferramenta de diálogo as TIC, mas que buscaram compreender quais sentidos e significados as famílias revelam sobre a educação Infantil. Em sua maioria, relatam uma variedade de compreensões que dependem de aspectos socioculturais e econômicos, mas que estão mais voltadas para os eixos de assistência, como possibilidade de local de guarda e cuidado diante da ausência dos familiares; como ambiente de ensino, seja em aspectos mais sociais; como preparo para a vida adulta ou para escolarização posterior; e como espaço de direito da criança, onde se empenha ações para o desenvolvimento integral e construção de conhecimento de mundo.

Para estas compreensões, as perspectivas sobre crianças e infâncias se fazem presentes, pois norteiam formas de olhar o lugar de cada sujeito na ação educativa, seja de crianças, professores e familiares. A fim de buscar a compreensão sobre educação infantil construída pelos sujeitos envolvidos no trabalho com a mesma, é necessário investigar o que vem sendo discutido sobre essa temática, bem como buscar dados de como ela pode estar representada e evidenciada nos registros do cotidiano das instituições, e se estão presentes nos diálogos entre profissionais, as crianças e as famílias.

4

Caminhos da pesquisa e estratégias metodológicas

A pesquisa buscou compreender as percepções de profissionais e famílias sobre o uso do Facebook pelas equipes dos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do município do Rio de Janeiro. Neste capítulo, apresentamos o caminho trilhado a partir da nossa questão de pesquisa, as estratégias metodológicas adotadas e descrevemos a construção do campo empírico. Em nossas escolhas metodológicas, buscamos o diálogo com os estudos abordados nos dois primeiros capítulos da tese, além de recorrer aos demais conhecimentos metodológicos produzidos no campo das ciências humanas. Também abordamos neste capítulo as alterações necessárias no decorrer do estudo, em vista do contexto de Pandemia, período em que a pesquisa foi realizada.

4.1

Pesquisa em escolas durante a pandemia

É importante esclarecer que, ao obter autorização para iniciar a pesquisa junto à SME/RJ (em 2 de março de 2020) e à 6ª CRE (em 13 de março de 2020), começou a ocorrer no Brasil o fenômeno pandêmico da COVID-19. Diante de tal contexto, as unidades de educação de todo o país suspenderam suas atividades. O que para o nosso estudo trouxe mudanças substanciais, não só pela ausência dos participantes nas unidades, mas também por uma mudança no uso das redes sociais; que passaram a ser utilizadas como uma das formas de interação escolas-famílias em um contexto em que as crianças estavam em casa e não mais na instituição.

A estrutura de pesquisa que havia sido desenhada, envolvia o convite à EDI de três CRE distintas, a visita às instituições e a realização de entrevistas *in loco*. Com a pandemia, algumas adaptações foram necessárias: (a) decidimos focar somente em uma Coordenadoria Regional de Educação, a 6ª CRE, visto que já tínhamos posse da autorização para algumas unidades e contato com a Gerência de Educação/6ª CRE/SME/RJ a que já tinha assentido na participação; (b) o início das atividades de pesquisa foi adiado, de forma a aguardar resoluções internas que seriam adotadas pela SME/RJ e a 6ª CRE; (c) por centralizarmos o estudo na 6ª

CRE, aumentamos o número de escolas participantes nesta Coordenadoria; (d) a etapa que envolvia o encontro com os participantes e as entrevistas teve que acontecer no modo *online* com o uso de ferramentas síncronas (vídeo chamada por *WhatsApp*, plataformas *Zoom* e *Google Meet*); (e) a entrevista se deu de forma retrospectiva, em relação às aulas presenciais, visto que nossa questão envolvia as vivências na unidade educativa e essas haviam sido paralisadas; (f) a análise dos dados virtuais da rede social *Facebook* teve um recorte no segundo semestre de 2019, logo antes da pandemia; (g) foi acrescido aos critérios de escolha dos participantes, ser profissional alocado na unidade e ter havido sua presença na rede social no ano de 2019; (h) foi adicionado, ao final do roteiro de entrevista, um item sobre o uso da rede social durante a pandemia, em contraste com o período pré-pandêmico. Esta adição ao protocolo de entrevista se deu por prevermos que as professoras e famílias estariam ansiosas por falar sobre a nova situação e, portanto, quisemos deixar claro que tal momento estaria garantido ao final da entrevista.

4.2

Procedimentos de pesquisa

A pesquisa foi dividida em três fases: a primeira com estudo exploratório, através de levantamento de postagens feitas por todos os EDI do Rio de Janeiro; a segunda consistiu de um questionário enviado aos gestores de todos os EDI da 6ª CRE, buscou entender o motivo e organização geral de uso da rede social; a terceira, foi uma entrevista realizada em modo *online* síncrono, individualmente com gestoras, professoras e mães de crianças matriculadas em EDI, a fim de captar as impressões e contribuições sobre o uso do *Facebook* pelas unidades de Educação Infantil.

Vale destacar que numa perspectiva histórico-cultural, entendemos o sujeito como ser conhecedor, construtor de seu conhecimento de mundo, onde nas variadas relações, nos diferentes encontros cotidianos e nas múltiplas vozes os sujeitos se constroem, sendo atores e autores em seus processos (Vigotski, 2007). Devemos ressaltar que os dados produzidos em uma fase definiram o andamento das seguintes. A estrutura geral da pesquisa é apresentada no esquema a seguir; os procedimentos individuais serão detalhados nos itens subsequentes.

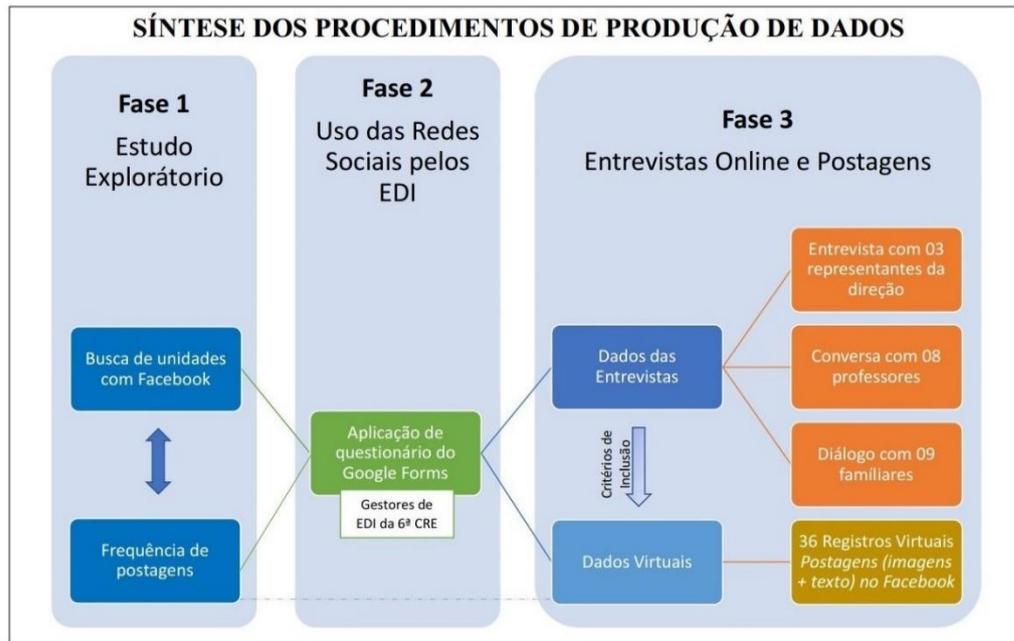


Figura 4 - Síntese dos procedimentos de produção de dados
Fonte: Elaborado pela autora.

4.2.1

1ª fase: Utilização do Facebook pelos EDI do município do Rio de Janeiro

Inicialmente, nosso foco era investigar o uso das redes sociais pelas escolas de educação infantil. No entanto, mediante uma visita exploratória às mídias, identificamos que os EDI utilizam majoritariamente o Facebook como forma de comunicação com as famílias. O WhatsApp também seria uma possibilidade, mas de difícil acesso em termos logísticos. E poucas unidades tinham conta em Instagram.

Assim sendo, na 1ª fase da pesquisa, realizamos um mapeamento dos Espaços de Desenvolvimento Infantil do Município do Rio de Janeiro que fazem uso frequente (pelo menos uma vez por semana) do Facebook com postagens de registros sobre vivências na unidade. O mapeamento foi realizado entre abril e julho de 2019, fase de caráter exploratório, visou identificar a utilização do Facebook pelos 287 EDI em funcionamento no município do Rio de Janeiro. O foco era as instituições que tinham uma conta em uso no Facebook e com que frequência era utilizada. O objetivo foi verificar a relevância do uso dessa rede pelas instituições

municipais e, assim, prever a aplicabilidade da pesquisa e sua importância para o contexto municipal.

O mapeamento foi feito a partir da lista de escolas apresentada no *site* Data.Rio¹². Com o uso dessa listagem, construímos uma tabela em Excel, que foi preenchida *online* pela própria pesquisadora e mais três assistentes de pesquisa¹³, seguindo itens previamente definidos relativos à existência de uma conta da instituição no Facebook, ao tipo de plataforma utilizada e frequência de uso. Assim, criamos uma planilha *online* e a alimentamos, virtualmente, com as seguintes informações: sigla da instituição adotada pela SME/RJ; nome da unidade; endereço; contato; CRE à qual pertence; tipo de plataforma do Facebook; data da visualização dos dados; endereço virtual na rede social; datas com as últimas cinco publicações; intervalo entre as publicações; média de frequência das publicações (ver Apêndice A).

Caso fossem encontrados diferentes registros de uma mesma unidade, era considerado aquele que apresentasse uso mais recente e os outros eram descartados. Com a localização de um registro da instituição no Facebook foi anotado em tabela do Excel qual tipo de apresentação, a possibilidade de visualização do conteúdo e o registro das datas das últimas seis ocorrências, considerando como ocorrência cada dia com postagens feitas. A partir dos dados obtidos com a análise de uso do Facebook ainda foi possível fazer um recorte das possíveis unidades que poderiam fazer parte da pesquisa.

4.2.2

2ª fase: Questionário *online* sobre o uso de redes sociais pelos EDI da 6ª CRE

Na segunda fase, buscamos mapear objetivos e critérios gerais de organização da 6ª CRE do município do Rio de Janeiro, quanto ao uso das redes sociais pelas unidades de educação infantil, especificamente os EDI. O questionário é uma possibilidade de acessar dados mais gerais, informações mais abrangentes e a

¹² Disponível em: <https://www.data.rio/>. Acesso em: 10 ago. 2018

¹³ Contamos com três assistentes de pesquisa para busca de dados nessa fase: duas integrantes do Grudhe (Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação do Departamento de Educação da PUC-Rio), ambas graduandas do curso de Pedagogia e um doutor em Educação pela UERJ.

seleção de pontos a serem melhor explorados, posteriormente, em observações e entrevistas (Flick, 2004). A busca objetiva de informações pode, assim, ser ressignificada em consonância com a análise de dados de outros procedimentos de coleta de dados, como os que envolvem diálogo com os sujeitos (Gonzalez Rey, 2010).

Enviamos através de *link* de formulário do Google um questionário¹⁴ (Apêndice B) a ser respondido pela equipe gestora da instituição (Diretora, diretora adjunta ou professora articuladora – PA). Tínhamos por objetivo, além de obter mais dados sobre como os EDI faziam uso do Facebook, analisar as formas de organização das instituições no uso do Facebook; ou seja, organizar dados relativos a objetivo de sua escolha, os profissionais envolvidos, equipamentos utilizados e administração do mesmo. O *link* foi distribuído por meio do *e-mail* das instituições para todos os 29 EDI, constantes em listagem cedida pela equipe de Educação Infantil da GED da 6ª CRE, complementada por consulta à lista do Data.Rio. Recebemos respostas de sete (24%) unidades.

A resposta das unidades a esse questionário foi um dos critérios de seleção das participantes. A partir dos dados obtidos com a primeira e segunda fases de pesquisa, selecionamos os EDI que convidaríamos para 3ª fase da pesquisa.

4.2.3

3ª fase: Entrevistas semiestruturadas *online* e postagens

Na terceira fase, foram contactados os sujeitos dos cinco EDI selecionados e realizadas entrevistas com os 30 participantes alvo da investigação. Os encontros tiveram como foco dialogar com os sujeitos sobre o uso de redes sociais no compartilhamento do que é vivenciado nas instituições. A escuta dos sujeitos que estão no cotidiano da Educação Infantil e que têm feito uso das redes sociais, em comunicação com as famílias nos permitiu entender como o fenômeno de uso das redes sociais entre as duas instituições tem reverberado nos modos de olhar, compreender, significar e dialogar sobre essa prática. Os protocolos completos das entrevistas encontram-se nos Apêndices C, D, e E.

¹⁴ Destacamos que o envio do link do questionário se deu em 3 diferentes momentos, via e-mail para todos os EDI da 6ª CRE. O primeiro envio se deu alguns dias após o início da suspensão das atividades escolares em toda rede.

Para tal foi necessário contatar, via WhatsApp e e-mail a equipe de Educação Infantil da GED da 6ª CRE¹⁵. Após aprovação de ajustes da pesquisa tivemos o auxílio dos mesmos para contatos de e-mail e WhatsApp das diretoras dos oito EDI selecionados a participar da pesquisa, dos quais cinco unidades responderam positivamente ao convite. Após o mapeamento de quem concordava em participar, apresentamos individualmente a proposta para as equipes gestoras, professores e famílias de crianças matriculadas nas instituições. Abaixo descrevemos detalhadamente o local e os participantes.

4.2.3.1

Perfil das unidades participantes

A partir da perspectiva teórica construída entendemos, que os profissionais e famílias das instituições de Educação Infantil são nossos interlocutores privilegiados. São sujeitos inseridos em uma dinâmica de interação social, que contribuem com suas histórias à questão investigada. São os sujeitos, com suas histórias, que nos permitem “um palco de manifestações de intersubjetividades e interações entre pesquisador e grupos estudados, proporcionando a criação de novos conhecimentos” (Minayo, 2004, p. 54).

A Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ) organiza a administração de suas unidades de educação distribuídas por 11 CRE. A escolha da 6ª CRE, ocorreu por ter maior número de instituições com uso frequente do Facebook. A escolha dos EDI se deu pelo recorte metodológico, visto que este modelo de instituição foi estruturado com o propósito de atender exclusivamente a faixa etária de creche e pré-escola, pensando as especificidades dessa idade, com práticas e organizações voltadas para essa faixa etária. Em nossa pesquisa, olhar instituições que pensam especificamente o atendimento a criança pequena nos permite uma aproximação e um recorte mais específico com sujeitos e usos do Facebook voltados, exclusivamente, ao atendimento de crianças de 0 a 5 anos e 11 meses.

O município do Rio conta com uma grande rede de Educação Infantil e tem sido referência de atendimento educacional para a criança pequena. Os EDI foram construídos em 2009, com a primeira unidade inaugurada em Bangu. Têm por

¹⁵ Parte dos ajustes feitos para adequação ao contexto de Pandemia.

objetivo atender crianças de 3 meses a 5 anos e 11 meses de idade em horário integral (Gil, 2018). Segundo o documento intitulado Espaço de Desenvolvimento Infantil – EDI: Modelo Conceitual e Estrutura (Rio de Janeiro, 2010, p.05)

O Espaço de Desenvolvimento Infantil – **EDI** – é um novo modelo público de atendimento à primeira infância e tem como **objetivo principal** realizar **atendimento educativo** às crianças entre 3 meses e 5 anos e 6 meses, por meio de uma **proposta pedagógica** que reconheça e valide a **integralidade da criança**, isto é, as **suas necessidades** físicas e de crescimento, psicológicas e emocionais, educativas e cognitivas, assim como seus desejos e interesses.

A seleção das unidades participantes se fez, inicialmente, por um conjunto de critérios que envolviam os resultados obtidos na 1ª fase da pesquisa, além dos resultados dos questionários *online*, a possibilidade de participação da pesquisa e as condições de acesso ao local onde a instituição estava inserida geograficamente¹⁶.

As gestoras dos EDI foram contatadas, após autorização da CRE. No quadro abaixo, é possível ver o público atendido e outras características das unidades participantes da pesquisa.

¹⁶ O último item deixou de ser critério com a abordagem de entrevistas *online*.

Instituição	Grupamentos atendidos	Turmas	Crianças matriculadas	Profissionais atuantes	Professores de Educação Infantil (PEI)	Professores Adjuntos de Educação Infantil (PAEI)	Professores II (PII)	Professores que contribuem com o registro cotidiano para Facebook
A	Berçário Maternal I Maternal II Pré-escola I Pré-escola II	8	198	32	9	3	0	12
B	Berçário Maternal I Maternal II	5	81	26	6	13	2	6
C	Berçário Maternal I Maternal II Pré-escola I	8	218	40	11	3	1	15
D	Pré-escola I Pré-escola II	6	147	9	3	0	4	6
E	Berçário Maternal I Maternal II Pré-escola I Pré-escola II	12	300	50	16	1	2 (Dir)	18

Quadro 1 - Perfil dos 5 EDI participantes da investigação

Fonte: Elaborado pela autora.

Os EDI estão localizados em ambientes com vulnerabilidade social, com perfil econômico de baixa renda, na zona norte do Rio de Janeiro. Estão situados em zonas de conflito. Atendem turmas das diferentes idades admitidas pela Educação Infantil do município, com crianças de 3 meses a 5 anos e 11 meses de idade. Quatro unidades participantes atendem do berçário à pré-escola, somente O EDI D atende apenas a pré-escola.

4.2.3.2

Perfil dos profissionais e familiares participantes

Os participantes da pesquisa foram os membros da equipe gestora (direção e professores articuladores) de cada unidade integrante, profissionais da educação responsáveis pela regência das turmas (Professores de Educação Infantil – PEI; Professor II – P II) e mães de crianças matriculadas no EDI.

Participantes	Instituições participantes					Total de Participantes
	EDI A	EDI B	EDI C	EDI D	EDI E	5 EDI
Gestão	1Diretora 1Diret-Adj. 1Prof. Artic.	1 Prof. Artic.	1 Diretora	1 Diretora	1 Prof. Artic.	7 representantes de direção
Professores Regentes	-	3	3	3	2	11 docentes
Famílias	-	3	3	4	2	12 familiares

Quadro 2 - Participantes das entrevistas, conforme a Unidade de Educação Infantil

Fonte: Elaborado pela autora.

a. Direção

Os critérios de escolha de qual gestor da instituição participar das entrevistas foram:

- utilização ativa (frequência mínima de uma postagem semanal) do Facebook por parte da unidade que geria;
- atuação na organização do uso do Facebook da unidade; e
- atuação na instituição no ano de 2019.

Gestor ¹⁷	EDI	Escolaridade	Cargo	Tempo ¹⁸ no cargo	Função atual	Tempo na função	Tempo como docente	Tempo docente PEI	Tempo docente PEI
Thaísa	A	Especialização	PEF	15	Diretora	3	15	3	3
Denise	A	Especialização	PEI	9	Diretora-Adjunta	2	8	8	6
Rayane	A	Especialização	PEI	08	Professora Articuladora	04	04	04	01
Andrea	B	Mestrado	P II e PEI	09	Professora Articuladora	1ano e 7meses	12	12	01
Paula	C	Especialização	PEF	09	Diretora	02	04	10	00
Simone	D	Graduação	P II	34	Diretora	03	12	12	01
Raquel	E	Graduação	PEI	09	Professora Articuladora	02	20	20	00

Quadro 3 - Perfil dos profissionais gestores dos EDI participantes da investigação

Fonte: Elaborado pela autora.

Entrevistamos diretoras, diretora adjuntas e professoras articuladoras. Em nossa pesquisa, compreendemos as Professoras Articuladoras (PA) como parte da

¹⁷ Os nomes dos profissionais participantes são fictícios.

¹⁸ Tempo em anos.

direção. As diretoras têm entre 8 e 34 anos de trabalho na prefeitura como professora. Nenhuma delas tem mais de 5 anos atuando na direção da unidade.

b. Docentes

Os critérios de inclusão dos docentes para participação das entrevistas, foram:

- atuação como integrante da equipe pedagógica da unidade no ano de 2019;
- atuação na organização das postagens do Facebook, seja por realizar o registro fotográfico e/ou postar na rede social e/ou por enviar os registros feitos para o responsável pela postagem.

Docente	EDI	Idade	Escolaridade	Cargo	Tempo como docente	Tempo de atuação na EI¹⁹	Tempo como Docente na Unidade
Gisele	B	27	Graduação	PEI	8 anos	4 anos	4 anos
Nadir	B	50	Ensino Médio	PEI	14 anos	16 anos*	15 meses
Marta	B	50	Graduação em Pedagogia	PEI	1 ano	26 anos*	1 ano
Tânia	C	28	Graduação	PEI	10 anos	8 anos	8 anos
Júlia	C	36	Graduação em Pedagogia	PEI	2 anos	17 anos*	8 anos
Larissa	D	39	Ensino Médio	P II	18 anos	2 anos	2 anos
Liana	C	37	Graduação	PEI	8 anos	2 anos	2 anos
Judite	D	25	Graduação em Pedagogia	PEI	4 anos	4 anos	1 ano e 6 meses
Helena	D	42	Graduação	P II	19 anos	1 ano e 6 meses	1 ano e 6 meses
Pamela	E	46	Graduação	PEI	4 anos	12 anos*	4 anos
Neli	E	40	Graduação em Pedagogia	PEI	4 anos	9 anos	4 anos

Quadro 4 - Perfil das professoras participantes da investigação

Fonte: Elaborado pela autora.

As participantes no grupo de professoras têm perfis bastante variados em idade, tempo de trabalho na educação, função e atuações anteriores à docência com

¹⁹ Este tempo refere-se ao tempo de atuação entre as funções de docentes ou de apoio na atuação em turmas de Educação Infantil.

a Educação Infantil. A atuação na educação varia entre 4 anos e 26 anos. Das 11 docentes, 9 têm formação em Ensino Superior. Todas são funcionárias concursadas, efetivas da prefeitura. Todas são do sexo feminino. As docentes foram contatadas por mensagens usando o WhatsApp após serem consultadas pelas diretoras sobre o desejo em participar da pesquisa.

c. Familiares

As famílias foram incluídas a partir dos seguintes critérios:

- Participação ativa no uso do Facebook da unidade com curtidas e/ou comentários nas postagens publicadas pela instituição; e
- Identificação como responsável por uma criança matriculada na unidade no ano de 2019.

Familiar	EDI	Idade	Escolaridade	Grau de parentesco
Daiane	B	35	Graduação incompleta	Mãe
Beatriz	B	23	Ensino Médio	Mãe
Jeane	B	32	Ensino Médio	Mãe
Valesca	C	24	Ensino Médio	Mãe
Lenita	C	34	Ensino Médio, técnico em química	Mãe
Thayane	C	27	Ensino Médio incompleto	Mãe
Nathália	D	27	Ensino Médio	Mãe
Rizete	D	30	Ensino Médio	Mãe
Luana	D	46	Ensino Médio	Mãe
Juliete	D	31	Ensino Médio	Mãe
Camila	E	41	Graduação	Mãe
Ana	E	24	Graduação incompleta	Mãe

Quadro 5 - Perfil dos familiares participantes da investigação
Fonte: Elaborado pela autora.

As participantes no grupo das famílias têm idades variando entre 24 e 46 anos. Todas são mulheres, mães de crianças matriculadas em turmas do berçário ao pré-escolar. Os familiares foram contatados por mensagens usando o WhatsApp, após serem consultados pelas diretoras sobre o desejo em participar da pesquisa.

4.2.3.3

Contexto de realização das entrevistas

A partir dos questionários respondidos, convidamos sete unidades respondentes a participarem das entrevistas; obtivemos a participação de cinco. A realização das entrevistas aconteceu do mês de julho a outubro de 2020. Apresentamos aos participantes os objetivos do estudo, procedimentos e foram esclarecidas dúvidas. Após convite e aceitação em participar da pesquisa, os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndices F, G, H e I).

As 29 entrevistas foram realizadas em formato *online* através do uso de ferramentas síncronas (6 através de *WhatsApp*, 1 usando *Google Meet* e 14 pelo *Zoom*), que variaram de acordo com a preferência do participante. Apenas uma das entrevistas aconteceu em dupla (EDI A – Gestão), as outras ocorreram individualmente. Os momentos também foram combinados previamente com cada participante. Existiram alguns problemas na internet, como pequenas falhas na conexão, com pouca interferência na comunicação realizada²⁰. Após a realização de todas as entrevistas fizemos opção de análise dos dados dos EDI C, D e E. A exclusão do EDI A na fase de análise, se deu pelo fato de termos realizado entrevistas apenas com as gestoras. No caso do EDI B, a exclusão aconteceu pois o EDI não atendia ao critério de frequência de uso mínima das redes sociais (semanal).

A entrevista foi adotada para conhecer as compreensões de Educação Infantil construídas entre os sujeitos. Concebemos que os sentidos se constroem pelo pesquisador e pelos pesquisados numa interlocução, na própria situação de pesquisa. Assim, por meio da entrevista, o discurso é cooperativamente construído, quando os sujeitos trazem para o diálogo a realidade de seu contexto, de seu grupo, classe e momento histórico (Freitas, 2002; Gonzalez Rey, 2005, 2010). Foi por essa possibilidade de construção discursiva que a entrevista semiestruturada se mostrou

²⁰ Apesar de não ser parte de nossa questão de pesquisa, o uso do Facebook na pandemia, este assunto foi incluído na entrevista através de uma questão referente ao uso, como estratégia de concentrar ideias referentes ao momento vivido. Entendemos que este seria um tópico abordado pelos sujeitos, devido ao momento vivido e os anseios que ele traz aos profissionais e responsáveis.

a estratégia adequada para este estudo. O quadro abaixo traz dados sobre data, tempo e plataforma de cada entrevista.

Entrevistados		Instituição	Data	Duração	Plataforma
Paula	Diretora	C	14/08/2020	01h38min	Zoom
Liana	Professora	C	24/08/2020	00h46min	Zoom
Tânia	Professora	C	25/08/2020	00h58min	Zoom
Júlia	Professora	C	27/08/2020	00h53min	Zoom
Valesca	Mãe	C	28/08/2020	00h32min	Zoom
Lenita	Mãe	C	31/08/2020	00h53min	Zoom
Thaiane	Mãe	C	18/09/2020	00h41min	Zoom
Simone	Diretora	D	21/08/2020	01h02min	Zoom
Larissa	Professora	D	04/09/2020	00h44min	WhatsApp
Judite	Professora	D	04/09/2020	00h49min	WhatsApp
Helena	Professora	D	14/09/2020	00h47min	Zoom
Nathália	Mãe	D	21/09/2020	00h32min	WhatsApp
Juliete	Mãe	D	28/09/2020	00h18min	WhatsApp
Luana	Mãe	D	25/09/2020	00h49min	WhatsApp
Rizete	Mãe	D	25/09/2020	00h26min	WhatsApp
Raquel	Professora Articuladora	E	14/09/2020	01h15min	Zoom
Neli	Professora	E	09/10/2020	00h59min	Zoom
Pâmela	Professora	E	01/10/2020	01h27min	Zoom
Camila	Mãe	E	29/09/2020	00h38min	Zoom
Ana	Mãe	E	29/09/2020	00h39min	Zoom

Quadro 6 - Detalhamento das entrevistas

Fonte: Elaborado pela autora.

a. Entrevista *online* com gestoras

Planejamos para este momento o tempo de uma hora e trinta minutos. Realizamos a entrevista semiestruturada com membros da equipe gestora com o intuito de identificar o objetivo da escolha do Facebook, as orientações vindas da SME/RJ (se existiam e quais seriam), bem como da própria direção da unidade na organização do uso do mesmo. Buscamos identificar: (i) os critérios estabelecidos no uso; (ii) como é organizada a “alimentação” da página; (iii) o acesso e a seleção dos registros de cada turma; (iv) que tecnologias digitais são utilizadas; (v) expectativas de recepção e significação dadas pelos pais e os diálogos estabelecidos

entre família e escola a partir das postagens. O protocolo completo da entrevista encontra-se no Apêndice C.

b. Entrevista *online* com docentes

As docentes foram contactadas pelas diretoras e consultadas sobre o interesse em participar da pesquisa. Em seguida as gestoras, me encaminhavam contato telefônico; quando era feita a apresentação mais detalhada da pesquisa e consulta final sobre o acordo em participar. Realizamos entrevistas semiestruturadas *online* individuais, com as profissionais de educação envolvidas na organização das postagens do Facebook. A entrevista teve como principal propósito identificar o objetivo das professoras ao adotar o uso do Facebook junto com a gestão da unidade e saber como se organizavam nesse uso. Demos foco: (i) aos objetivos das postagens; (ii) à escolha dos registros a serem compartilhados; (iii) aos sentidos dos registros realizados; (iv) para entender como cada profissional percebe a recepção e significação dada pelos pais ao uso da rede social; (v) quais diálogos estabelecidos entre família e escola aparecem a partir das postagens. O protocolo completo da entrevista está no Apêndice D.

c. Entrevista *online* com os familiares

As mães também foram contactadas pelas diretoras e consultadas sobre o interesse em participar da pesquisa. Se a resposta foi positiva, o telefone foi disponibilizado, para apresentação mais detalhada da pesquisa e consulta final sobre acordo em participar. Planejamos para a entrevista o tempo de uma hora. Essas entrevistas foram realizadas individualmente com as mães a fim de promover um diálogo que evidenciasse as impressões e percepções delas sobre o uso do Facebook e as postagens do EDI. Tivemos como foco: (i) a avaliação da família sobre a escolha do EDI em fazer uso da rede social; (ii) suas impressões sobre as postagens realizadas; (iii) as experiências que as crianças vivenciam com as postagens; (iv) as intencionalidades que percebiam no trabalho pedagógico; (v) como elas acham que o Facebook contribui para o diálogo com a instituição escolar e o acompanhamento do trabalho realizado com seus filhos. O protocolo completo da entrevista encontra-se no Apêndice E.

4.2.3.4

Análise de postagens no Facebook

Com a intenção de fazer um diálogo entre os dados apresentados nas narrativas dos sujeitos e os conteúdos presentes nas postagens realizadas no Facebook, fizemos uso de uma amostragem de publicações, envolvendo o texto introdutório e as imagens. A amostra foi retirada das publicações feitas no segundo semestre de 2019 (agosto a novembro) e resultaram em doze postagens de cada unidade, três de cada mês. Esta amostra compõe parte dos dados para análise e foram utilizados como critérios para a amostragem os seguintes pontos:

- Postagens relativas a vivências ocorridas com as crianças na unidade;
- Postagens que contenham uma apresentação das imagens em forma escrita;
- Intervalo médio de 10 dias entre postagens;

4.3

Questões éticas de pesquisa e financiamento

A pesquisa contou com financiamento da própria pesquisadora. A realização da mesma não trouxe ônus aos participantes ou à prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. O presente trabalho também foi realizado com apoio da CAPES - Código de Financiamento 001.

Este estudo foi realizado levando em consideração padrões éticos de pesquisa de acordo com a legislação que vigora, Resoluções 466/2012 (Brasil, 2012) e 510/2016 (Brasil, 2016). O projeto de pesquisa foi submetido à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio (Anexo A) e, em seguida, encaminhado à SME/RJ. Após aprovação pela comissão de ética da SME/RJ (Anexo B e C), fizemos contato com a 6ª Coordenadoria Regional de Educação, a fim de obter aprovação para realizar contato com as EDI, para iniciar o diálogo com as mesmas, apresentar a pesquisa e fazer um convite para sua participação.

Os participantes foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndices F, G, H e I). Diante da possibilidade de a pesquisa causar algum desconforto na rotina dos participantes e nas perguntas das

entrevistas, optamos por algumas ações de cuidado com relação a essa abordagem: (a) esclarecemos que a participação na pesquisa daria oportunidade aos participantes de exporem suas opiniões, dúvidas e sugestões, com garantia de sigilo, e que poderiam contribuir com conhecimentos que visavam desenvolver melhores práticas educacionais e buscar a qualidade do trabalho que abrange crianças pequenas, famílias e profissionais de educação infantil; (b) os procedimentos de pesquisa e tempo de duração da entrevista foram explicados antecipadamente; (c) as entrevistas aconteceram nos dias e horários de preferência dos participantes para que sua rotina não fosse prejudicada; (d) a pesquisadora esteve atenta à manifestação de qualquer desconforto por parte dos participantes e à necessidade de mudanças de calendário, horários, ou abordagem para evitar ou amenizar tais situações. Não houve desistência de nenhuma das participantes, nem tampouco expressão de desconforto.

4.4

Tratamento e análise do corpus de dados

Visto os diferentes momentos e estratégias utilizadas, cada fase demandou diferentes formas de organização e um olhar atento da pesquisadora à melhor maneira de tratar e debruçar-se sobre os dados. Aqui abordaremos o tratamento e análise dos dados em cada uma das três fases da pesquisa.

a. Utilização do Facebook pelos EDI do município e pela 6ª CRE

As duas primeiras fases da pesquisa tinham objetivos de sondagem e seleção. Os dados obtidos com o levantamento da utilização do Facebook pelos EDI do município do Rio de Janeiro, foram organizados em tabela no Excel e arquivados em nuvem. Para análise dos dados, foram consideradas a existência de contas na plataforma Facebook, o tipo de conta (página, perfil ou grupo) e a média de postagem das unidades.

b. Questionário *online* sobre o uso de redes sociais pelos EDI

Para a análise, fizemos uso dos recursos das tabelas apresentadas pelo formulário do Google. Geramos também o arquivo em Excel que foi arquivado em nuvem. Para as perguntas de múltipla escolha analisamos a frequência e para as perguntas abertas buscamos compreender os conteúdos expostos, comparando as similaridades e diferenças entre respostas. Mais tarde, essas repostas também foram comparadas aos resultados de análise das entrevistas das próprias instituições. Os questionários já haviam passado por uma análise prévia, com olhar flutuante, na busca de padrões para análise na primeira fase da pesquisa. Na última fase de análise dos dados, retornamos aos questionários para comparação e complementação de informações.

c. Entrevistas semiestruturadas *online e postagens*

O registro das entrevistas foi realizado com um gravador profissional e um aplicativo de gravação de voz no notebook e no celular ou *tablet* (quando o celular era usado para vídeo chamada pelo WhatsApp). No aplicativo Zoom é gerado, automaticamente, um arquivo de áudio. Ao final de cada entrevista, os áudios foram verificados e os dois com melhor qualidade selecionados para arquivar como material de análise. Para essa seleção, consideramos o volume e a interferência de ruídos. Os áudios produzidos foram organizados em arquivo de nuvem, agrupado por sujeitos, de acordo com a instituição participante. Para Análise dos dados de entrevistas e postagens de Facebook lançamos mão da análise temática.

A análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes. No entanto, ela muitas vezes também vai mais longe do que isso, e interpreta vários aspectos do tema de pesquisa (Braun & Clarke, 2006, p.5).

Para tratar os dados das entrevistas e postagens das unidades no Facebook, utilizamos o Software de análise de dados qualitativos Atlas.ti²¹. Os dados foram lançados em documentos distintos para cada entrevista e postagens no Facebook e foram analisados dividindo-os em partes. Iniciamos com a codificação das entrevistas e os códigos construídos a partir delas serviram de base para a análise dos documentos com amostras de postagens. Como o volume de dados foi grande

²¹ ATLAS.ti 8.0 (2019).

e com formatos distintos, o programa de análise foi fundamental para organização deles.

Iniciamos as análises ouvindo a entrevista de cada participante, na busca de mapear, selecionar e fazer marcações de cada ideia, afirmação ou relato significativo apresentado na fala deles. A escuta se deu tendo como norte nossa questão de pesquisa e objetivos específicos, mas estivemos atentos à marcação de trechos que se mostrassem em diálogo indireto à nossa temática de investigação. Na segunda escuta, atribuímos códigos, rótulos significativos que representassem as ideias apresentadas em cada trecho selecionado anteriormente. O método de codificação em áudio fez necessária a criação de códigos com maior detalhamento e representação da ideia contida em cada seleção do áudio. Esse processo revelou uma quantidade grande de códigos, que em revisões e acertos, nos levou ao número final de 143 códigos.

Em seguida, elaboramos um manual em uma planilha no Excel, com uma descrição das ideias contidas nos mesmos e exemplos de cada código. A procura de padrões se refletiu em categorias e subcategorias analíticas que apareciam ali exemplificadas (códigos de análise). Através do software, pudemos selecionar as unidades e classificá-las com maior cuidado.

O software Atlas.ti permite a atribuição de famílias de códigos às unidades de análise com significado para a pesquisa a partir do aparecimento de padrões. Com a associação dos códigos chegamos a 31 codificações principais. As categorias e subcategorias foram desenvolvidas no encaminhamento das análises e organizadas com base nos dados, em diálogo com os referenciais teórico-metodológicos da pesquisa. Os dados permitiram olhar para o objeto com maior profundidade, um olhar interpretativo, sem intenção de quantificá-los. A organização por padrões levou à criação das categorias e subcategorias de análise apresentadas na figura a seguir:

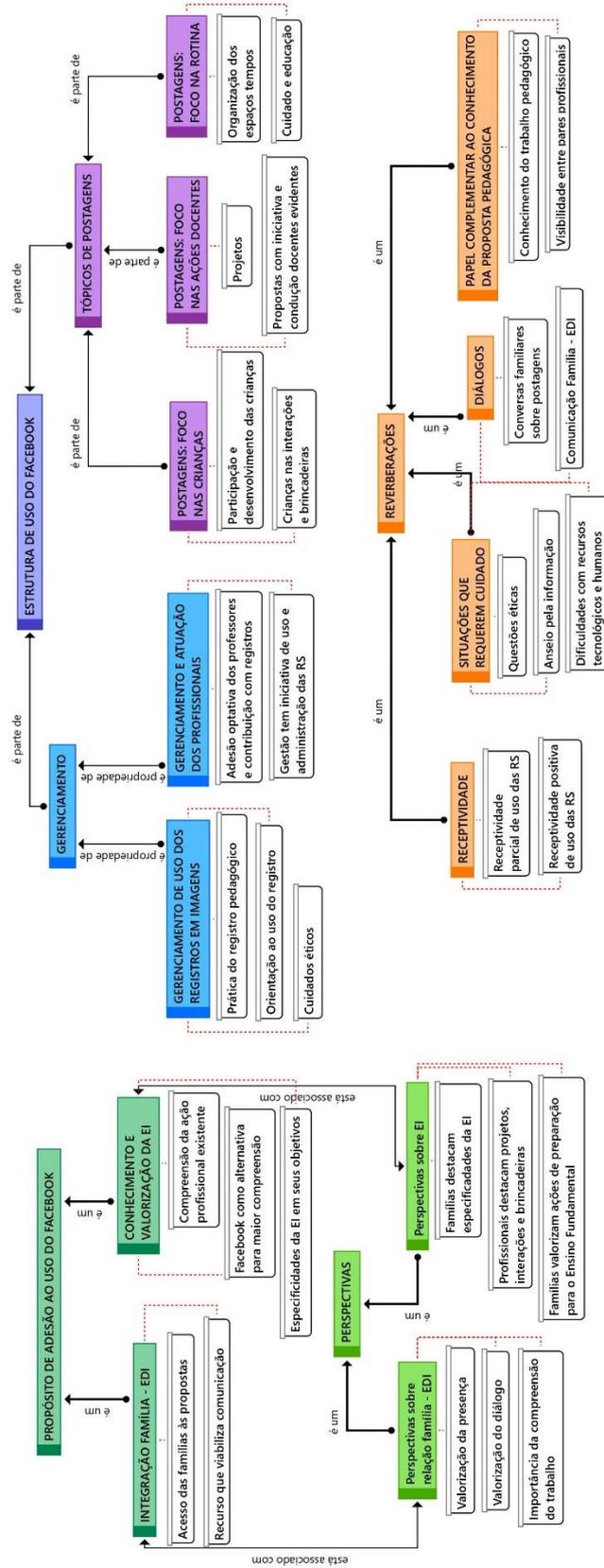


Figura 5 - Categorias e subcategorias de análise
 Fonte: Elaborado pela autora.

Com a organização das categorias, subcategorias e códigos, lançamos mão do recurso do Atlas.ti de ocorrência código-documento a fim de perceber quais códigos se faziam presente entre participantes e nas postagens das três instituições. Inicialmente, fizemos uso do recurso de agrupamento de documentos presentes no Atlas.ti, assim agrupamos os documentos de cinco formas e obtivemos os grupos de profissionais, que englobavam diretores, professores e PA; grupo de professores regentes; grupo de equipe diretiva e grupo de mães e grupos de EDI. A adoção dessa estratégia considerou que alguns códigos só foram atribuídos aos profissionais, em virtude de diferenças das entrevistas entre profissionais e familiares. Nesse caso, buscamos olhar a coocorrência entre equipe diretiva e professores regentes. Essa ferramenta nos permitiu perceber a convergência entre os grupos e guiou parte de nossa análise.

As amostras de postagens foram organizadas em documento de Word, um documento para cada postagem, contendo as imagens, o texto introdutório e a parte de identificação, que mostra quem fez a postagem e quando. Depois, cada documento foi transformado em PDF, gerando assim 12 documentos para cada unidade, 36 ao todo. A codificação das amostras utilizou as mesmas categorias e subcategorias utilizadas nas entrevistas, mas optamos por recortar a atribuição de códigos, fazendo uso daqueles que atribuímos às unidades de análise de entrevista que se referiam aos conteúdos postados na página.

5

Resultados e discussão

O objetivo central da tese foi conhecer as percepções de profissionais e famílias sobre o uso do Facebook pelas equipes dos Espaços de Desenvolvimento Infantil do Rio de Janeiro. Na busca por compreender mais sobre esse tema, foram feitas aproximações no campo da Educação Infantil, por entender que tal segmento tem especificidade próprias e formas próprias de organizar a comunicação entre profissionais de creches e EDI e familiares, especialmente ao adotarem redes sociais para tal fim. Os estudos anteriores, apresentados nos capítulos um e dois desta tese mostraram o quanto o Facebook contribui para a integração família e escola, também o quanto as famílias aprovam as estratégias que as professoras têm aderido no uso dessa ferramenta. Nesta tese buscamos aprofundar, compreender quais aspectos dessa contribuição é entendida, pensando as especificidades da EI. Nosso esforço doravante será compreender como a Educação Infantil está presente no diálogo que já era buscado com as famílias e que içou mais uma estratégia, com os avanços da comunicação e das mídias sociais. Organizamos o texto de acordo com o acontecimento das fases, de forma cronológica, por trazerem informações importantes para a compreensão das etapas seguintes.

5.1

Levantamento da utilização do Facebook pelos EDI do município do Rio de Janeiro

A primeira etapa da pesquisa foi realizada entre abril e julho de 2019. Os dados foram organizados em tabela no Excel e analisados para perceber a amplitude e frequência de uso do Facebook. A rede municipal era composta por 287 EDI no momento da pesquisa. Nessa fase da investigação, realizou-se a busca da existência de registro de cada um dos EDI na Plataforma Facebook. O gráfico abaixo situa a quantidade de EDI da rede do Rio de Janeiro, segundo dados obtidos no Data.Rio por CRE.

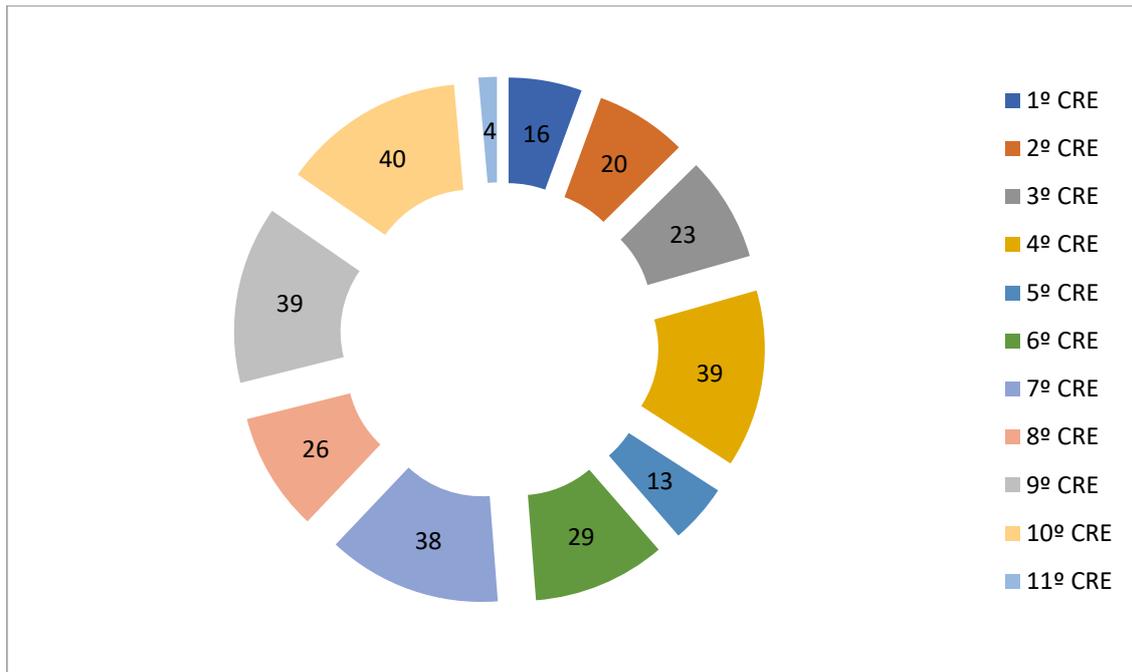


Gráfico 1 – EDI por CRE
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 1 descreve a distribuição de EDI por CRE. A disposição de EDI é irregular, a 11ª CRE por exemplo, que é oriunda da 4ª CRE, tem 4 unidades de EDI, enquanto a 10ª tem 40. A compreensão da diferença na quantidade de unidades é importante para pensarmos a quantidade de unidades que fazem uso do Facebook e de sua proporção em relação às CRE e ao município.

A seguir, trazemos alguns dados da sondagem inicial. Nosso objetivo foi mapear os usos do Facebook pelos EDI a fim de analisar o grau de significação que este uso teria nas relações das instituições educativas. Há novas formas de comunicação e um momento de elevado acesso a essas tecnologias e uso em nossa sociedade, a sondagem aqui apresentada visa descrever de que forma essa mudança está representada no uso do Facebook por EDI do município do Rio de Janeiro. A partir desses dados encaminhamos a melhor forma de avançar nas etapas seguintes da pesquisa.

Na primeira fase, coube realizar um panorama geral do município, com presença de todas as unidades e saber quais tinham uma conta no Facebook e qual a forma de apresentação escolhida, página, perfil ou grupo. Os dados encontrados estão resumidos no gráfico 2.

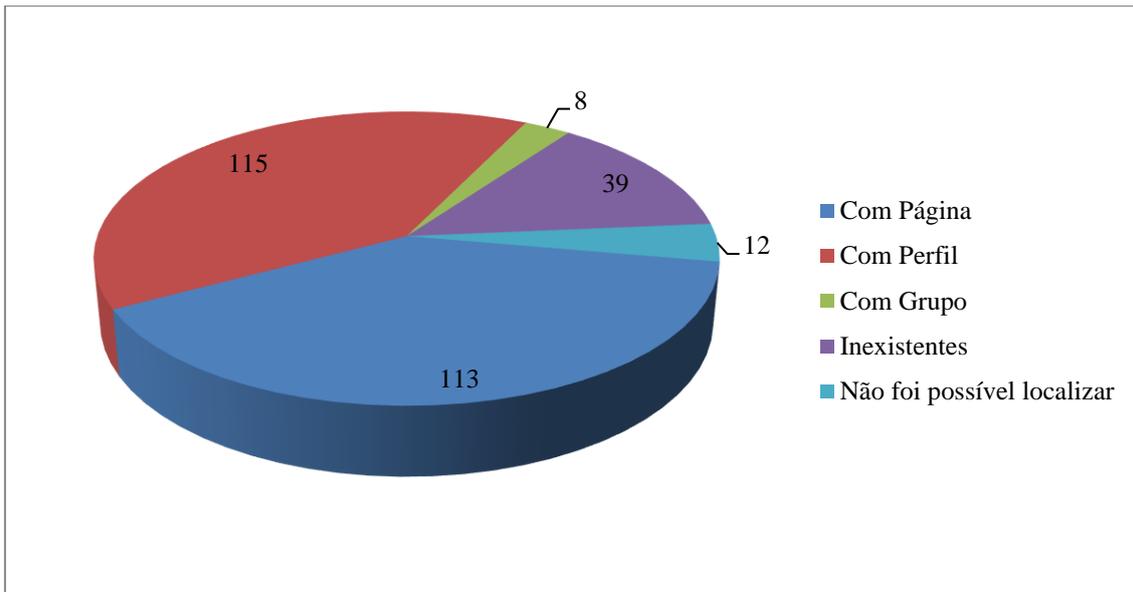


Gráfico 2 - Presença dos 287 EDI nas plataformas do Facebook
 Fonte: Elaborado pela autora.

Das 287 unidades de EDI, 236 (82%) apresentaram uma conta no Facebook. Ficou evidente a presença das escolas na rede social e como o campo da educação tem se aproximado das TIC (Santaella, 2013). Ainda foi possível perceber uma distribuição equilibrada entre o uso de perfis e páginas. Vale destacar que as relações estabelecidas nas duas formas de contas divergem, pois há regras diferentes para cada uma, ainda que seja possível fazer algumas alterações nas configurações.

A classificação “não foi possível localizar” se referiu a algumas instituições com identificação incompleta na listagem retirada do site do Data.Rio. A classificação “inexistente” se constituiu pelas unidades não encontradas com busca pelo nome do EDI.

Cabe considerar essa distribuição em nossas análises. Assim, no quadro abaixo, visualizamos de forma mais detalhada a distribuição de uso da rede social pelo município e a diferença que existe nesse uso, de uma região para outra.

CRE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Com Página	5	6	7	24	10	6	13	10	20	11	1
Com Perfil	5	4	10	11	3	18	14	11	15	22	2
Com Grupo	1	2	1	0	0	1	1	0	1	0	1
Inexistente	5	8	5	2	0	1	7	5	3	3	0
Não foi possível localizar	0	0	0	2	0	3	3	0	0	4	0
Total	16	20	23	39	13	29	38	26	39	40	4

Tabela 1 – Uso do Facebook por CRE

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de existir um número diferente de EDI por CRE, também houve uma adesão ao uso do Facebook em números diferentes por cada uma, bem como nas formas de plataforma adotadas. Analisaremos agora como se apresentou proporcionalmente o uso de páginas ou perfis por CRE, visto ser os dois formatos que se mostraram mais usados.

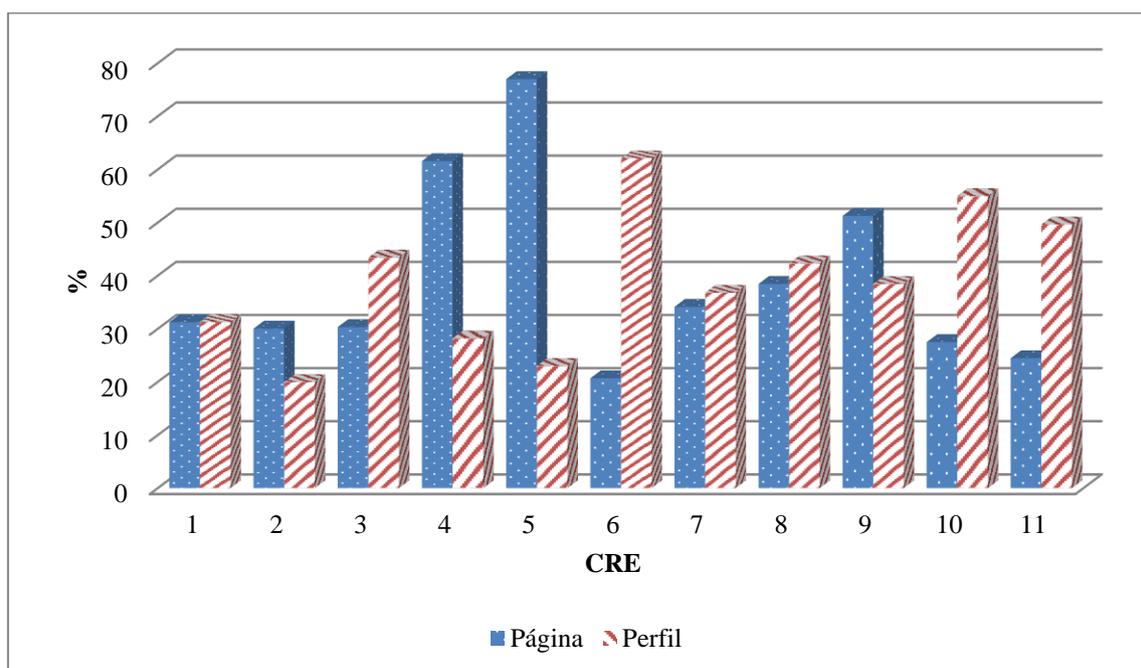


Gráfico 3 – Comparação entre uso de Página e Perfil por CRE

Fonte: Elaborado pela autora.

Estes números mostraram a proporção de uso do Facebook por CRE, a partir da quantidade de unidades existentes em cada uma. Destacaram-se em relação ao uso de páginas a 4ª, 5ª e 9ª CRE, pois 50% ou mais das unidades da região adotaram o uso de páginas. Em relação ao uso do perfil, sobressaíram-se as unidades da 6ª e 10ª CRE, com mais de 50 % das unidades da região fazendo uso do perfil. Não

houve dados que mostrassem quais características cercam a diferença entre CRE. Nas análises das entrevistas será explorado a participação da gerência da 6ª CRE em relação ao uso de redes sociais pelas unidades daquela coordenadoria.

Apesar de terem sido encontradas 236 unidades com conta do Facebook, nem todas faziam uso da mesma, ou realizavam um uso pequeno; assim, optamos por analisar a frequência de postagem de cada unidade. Como parâmetro de uso frequente do Facebook, considerou-se todas as unidades que postaram ao menos uma vez no intervalo de 7 dias corridos (semanal). O corte selecionou então as unidades com o mínimo de uma ocorrência semanal, pois quanto maior a frequência de uso, maiores as interações dos sujeitos via rede. Assim, ao analisar a frequência de uso de cada unidade, numa relação com a quantidade de EDI existentes em cada CRE, encontramos os seguintes dados:

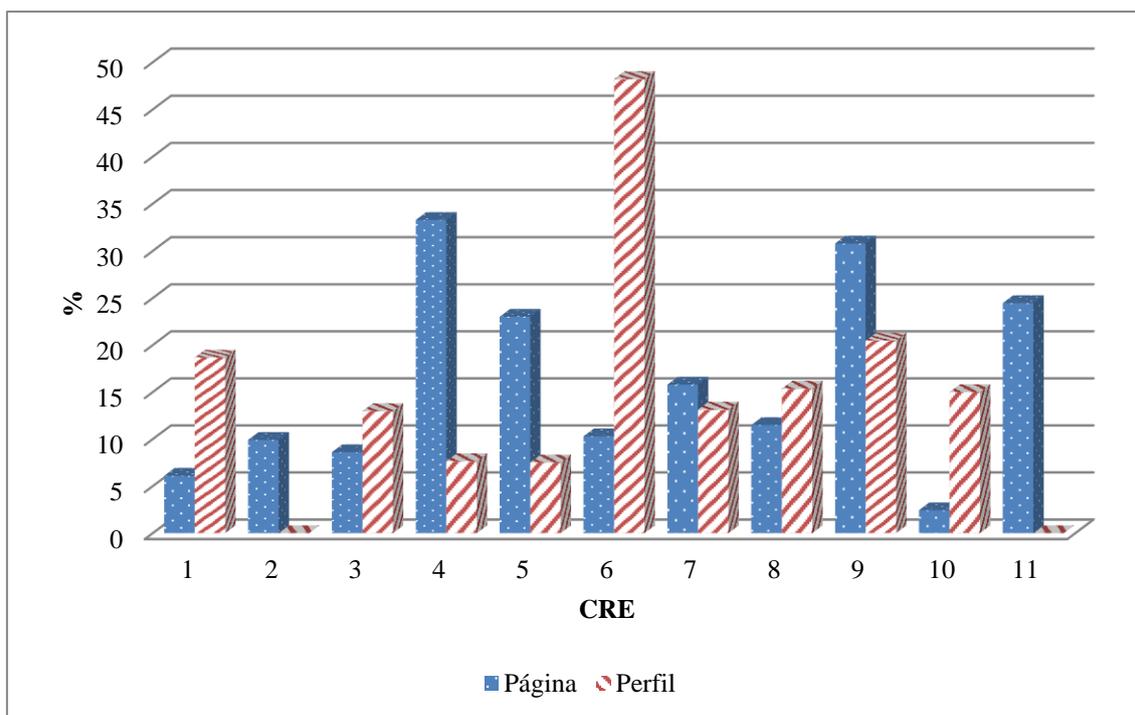


Gráfico 4 – Proporção de unidade com mínimo semanal por CRE
Fonte: Elaborado pela autora

Com estes dados iniciais, realizou-se um recorte, que permitiu a aproximação da região administrativa com maior uso do Facebook, seja em quantidade de contas existentes, ou pelo uso constante. Inicialmente, foram selecionadas a 4ª, 6ª, 7ª e 9ª CRE. Com o decorrer da pesquisa e recorte de adequação a 6ª CRE foi escolhida como lócus de pesquisa.

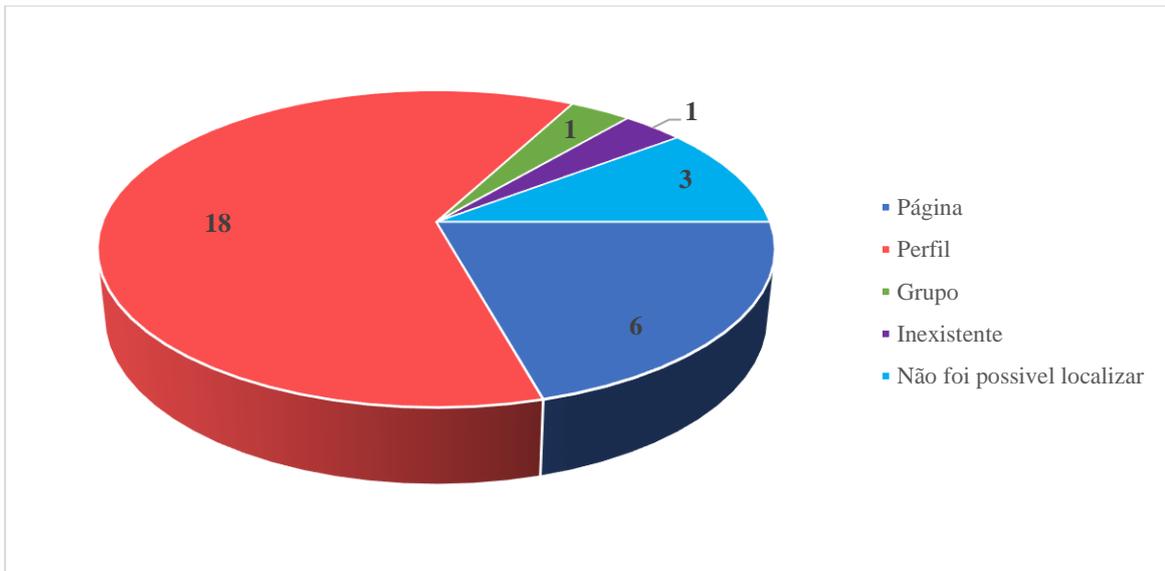


Gráfico 5 – Presenças das unidades dos EDI da 6ª CRE no Facebook
 Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro momento de pesquisa, o recorte iria considerar apenas as unidades que faziam uso de página. A adaptação da pesquisa ao contexto da pandemia exigiu a retirada desse critério. Foram então escolhidas para participação do estudo as unidades que responderam ao questionário distribuído na 6ª CRE e que aceitaram participar. O formato de perfil fica destacado como o mais utilizado pelos EDI da 6ª CRE em nossa sondagem inicial. Das cinco unidades participantes da 3ª fase da pesquisa (entrevistas), quatro fazem uso de perfil e uma usa a página.

5.2

Uso de redes sociais pelos EDI da 6ª CRE

Na 2ª fase da pesquisa distribuimos, através de link do formulário do Google um questionário²² (Apêndice B). Tivemos por objetivo, obter mais dados sobre quais EDI faziam uso do Facebook e analisar as formas de organização das instituições em prol do uso. Buscamos entender o objetivo de cada escolha, os profissionais envolvidos, equipamentos utilizados e modalidades de administração do mesmo. O link foi distribuído através do endereço de e-mail das instituições para todos os 29 EDI constantes em listagem cedida pela equipe de Educação Infantil da

²² Destacamos que o envio do link do questionário se deu em 3 diferentes momentos, via e-mail para todos os EDI da 6ª CRE. O primeiro envio se deu alguns dias após o início da suspensão das atividades escolares em toda rede, devido a Pandemia da COVID-19.

GED da 6ª CRE, complementada por consulta à lista do Data.Rio. Recebemos resposta de sete unidades. A seguir, traremos um pouco das informações resultantes desse questionário.

As sete unidades respondentes declararam fazer uso de redes sociais em interação com a comunidade escolar. Esse dado dialoga com aqueles trazidos pelo Cetic.br (2020), que dizem ter havido um crescimento de uso das redes sociais por escolas públicas urbanas brasileiras entre 2015 e 2019.

Todas as sete unidades afirmaram realizar registros fotográficos de vivências na instituição. Todas também utilizam redes sociais para postagem de registros sobre as atividades realizadas na unidade. A frequência de registro em imagens das vivências na unidade é semanal, porém as respostas ao questionário dizem também que há uma variação de postagens, que dependem da fluência das atividades que acontecem na unidade e da possibilidade e interesse dos profissionais em registrar. Este dado também dialoga com dados do CETIC.Br (2020), que mostrou que dentre os recursos mais utilizados por pais e responsáveis para interagir com as escolas estão as redes sociais, com crescimento de 32% para 54% entre 2016 e 2019.

Esses dados são representativos dos estudos que apresentamos ao longo do nosso texto em revisão (Capítulo 2) e estão em acordo com o que percebemos em nossa primeira fase de pesquisa. Evidenciam, também, a prática de compartilhamento de vivências das crianças na unidade através de registros compartilhados no Facebook. Entendemos que essa prática se tornou significativa e reverbera na comunicação com a comunidade escolar e com outros profissionais.

Sobre a organização e administração de uso do Facebook, as unidades declararam que são registradas fotos pelos professores regentes, PA e direção, fazendo uso de aparelho próprio do servidor. Apenas uma instituição relatou haver registros feitos por equipe de apoio e somente uma relatou haver um *tablet*²³ da unidade para os registros. A dificuldade com falta de recursos tecnológicos nas instituições educacionais é relatada por Silva (2017), ao sinalizar os desafios encontrados em seus resultados do estudo, sobre infraestrutura física (*hardware*) que envolvia aparelhos pessoais ou institucionais, disposição de rede *WiFi* e rede elétrica.

23 Computador portátil de pouca espessura.

Professoras regentes, PA e diretoras partilham a seleção das fotos a serem publicadas. Os responsáveis por fazer as publicações no próprio Facebook ficam distribuídos entre as profissionais citadas: professoras regentes, articuladora e direção. A média de postagem da rede é semanal ou diário, mas uma escola relatou que isso varia conforme a necessidade percebida. O compartilhamento se dá com alguns interlocutores nessas redes sociais; ou seja, amigos e seguidores, sendo profissionais da unidade e familiares das crianças interlocutores citados nas sete unidades respondentes.

Sobre a opção de uso de redes sociais pela instituição para interagir com as famílias e comunidade escolar, unidades fizeram as seguintes declarações no questionário:

Temos um melhor feedback da comunidade, uma melhor aproximação e relação de entendimento.
Levar a informação de forma mais rápida e interativa. Além de ser uma ferramenta de aproximação das famílias a nossa rotina e aos conteúdos de forma prática que exige a educação infantil.
Utilização da transparência do trabalho, além de feedback dos responsáveis quanto as atividades postadas.
Fortalecer o vínculo com as famílias. Compartilhar nossas vivências diárias de aprendizado e desenvolvimento dos nossos pequenos. Registrar momentos significativos de uma criança, de um grupamento específico.
A primeira e mais importante é compartilhar com a comunidade o trabalho que vem sendo desenvolvido no espaço e para que conheçam o encaminhamento dado ao projeto pedagógico anual que estamos desenvolvendo.
O uso das redes sociais nos auxilia na aproximação com os responsáveis, na troca de informações oficiais da unidade escolar e esclarecimento de eventuais dúvidas.
É uma forma de poderem acompanhar todo o trabalho desenvolvido bem como as habilidades exploradas e a rotina vivenciada pelos nossos pequenos... De entender um pouco os projetos de cada turma.

Quadro 7 - Respostas das instituições sobre motivação de a instituição utilizar as redes sociais para interagir com as famílias e comunidade escolar

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebemos aqui alguns pontos ou ideias presentes: a possibilidade de informação, a expectativa de diálogo, o desejo de compartilhar momentos vividos e de fazer ficar conhecido o trabalho realizado; aspectos que podemos entender como importantes na relação família e escola. Estes dados conversam com estudos que citam como as tecnologias digitais são entendidas por profissionais e famílias como potenciais recursos na comunicação entre família e escola (Clipa & Juravle, 2019; Giraffa, 2009; Silva, 2017).

Questionado sobre os usos das imagens nesse diálogo, notamos que as respostas são muito parecidas com aquelas que se referiam ao uso das redes sociais.

Para uma melhor interação
Mostrar de forma fidedigna nosso fazer diário.
Informações imediatas, nova forma de contato com os interessados.
Fortalecer o vínculo com as famílias. Mostrar e divulgar nossos projetos e envolver as famílias nos mesmos.
As redes sociais são uma nova realidade que garante maior acesso a todos da nossa comunidade, inclusive os responsáveis que trabalham no horário útil e não têm a oportunidade de ir na creche ver as atividades e conhecer melhor o trabalho.
Essa opção surgiu como forma de mostrar aos responsáveis como o nosso trabalho é realizado.
É uma forma de poderem acompanhar todo o trabalho desenvolvido, bem como as habilidades exploradas e a rotina vivenciada pelos nossos pequenos... De entender um pouco os projetos de cada turma.

Quadro 8 – Respostas das instituições sobre motivações para compartilhar fotos/vídeos das vivências das crianças na unidade através de redes sociais

Fonte: Elaborado pela autora.

O uso das redes apresentou-se ligado ao uso das imagens nas repostas dos participantes, visto que os argumentos abordados pelos respondentes são parecidos. Encontramos como ideia principal aqui o desejo de compartilhar momentos vividos e de fazer conhecer o trabalho realizado, mas ainda circula a própria ideia de uso de redes sociais, por tratar-se de um espaço possível de mostrar algo. Os registros são parte das estratégias utilizadas pelas professoras para a dinâmica do trabalho pedagógico. Entre avaliações, compartilhamento de vivências, organização de portfólios, as TIC têm sido tomadas como estratégicas nesse movimento (Couto, 2018). Chamou-nos atenção a ausência de diferenciação nas respostas sobre o uso em redes sociais. No entanto, as imagens também foram percebidas como elementos interessantes em outras pesquisas, que destacaram o fazer uso de recursos imagéticos que tinham respostas satisfatórias junto às famílias (Silva, 2017), possibilitando um fortalecimento da confiança no trabalho e uma aproximação tanto da comunidade atendida como de outros educadores (Novaes, 2018). Desde Chairatchatakul et al. (2012), percebeu-se que as fotos e comentários são os principais pontos de interação que acontecem nas páginas. Atraíu a atenção o lugar que tomou nessa discussão a possibilidade de informação imediata e, principalmente, via uso de imagens. Nos indagamos sobre a relação desse formato

de informação buscado e o lugar que tem as outras estratégias adotadas nas relações e comunicações entre EDI e famílias. Um debate sobre o trabalho pedagógico e a construção coletiva de uma proposta junto à comunidade escolar envolve troca, escuta e constância de ações. É necessário ciência das possibilidades de contribuição e também de restrições que o uso das redes traz ao diálogo sobre o projeto pedagógico. O imediatismo que a impressão de realidade da imagem provoca impele um cuidado, para que o debate sobre o que efetivamente ocorre na escola quanto ao projeto pedagógico e às práticas pedagógicas não perca espaço diante da simples exposição²⁴.

Todas as escolas responderam receber orientação sobre o uso de redes sociais. No entanto, nas respostas só aparecem o ponto da autorização de imagem como orientação oficial e parte das instituições relatam a preocupação sobre estar atento aos conteúdos das imagens. Não foi relatada nenhuma orientação oficial sobre o uso de redes sociais, apenas o documento adotado pela secretaria para uso de imagem de maneira geral. Diante das respostas, há uma compreensão de que a adoção das redes sociais não é uma prática oficializada. Trata-se de estratégia das equipes, nas entrevistas será possível discutir esse aspecto de forma mais aprofundada. Em estudos anteriores, havia outras orientações sobre as estratégias de uso, como a adoção de grupos fechados em vista de mostrar maior segurança. (Novaes, 2018; Silva, 2017).

5.3

Análise das entrevistas

A seguir são apresentados as categorias e subcategorias que, em conjunto, permitiram entender mais sobre as percepções dos participantes das entrevistas sobre o uso das redes sociais. Buscou-se uma aproximação em que a condução das discussões foi guiada por nossos objetivos específicos. Entendemos que olhar de que forma conceitos, ideias, posições ou impressões são recorrentes entre os participantes dos diferentes grupos ouvidos, é uma forma de nos aproximarmos das percepções apresentadas e oportunidade para perceber em que aspectos convergem e divergem acerca das categorias de análise construídas.

24 (Este aspecto será melhor abordado na discussão das entrevistas).

Dividimos a apresentação dos resultados das entrevistas e amostras de postagens em três eixos de discussão, que tratam: **(i) do propósito de uso do Facebook pelas unidades; (ii) da estrutura organizada para seu uso; e (iii) das reverberações percebidas pelos sujeitos acerca do uso da rede social.** A seguir, trazemos de forma mais detalhada como se compõe cada eixo de discussão com suas categorias e subcategorias.

5.3.1

Perspectivas profissionais sobre adesão ao Facebook

O primeiro eixo, **o propósito de uso**, discute os motivos evidenciados pelos sujeitos para a escolha de uso da plataforma Facebook na unidade. Evidenciaram-se **dois propósitos principais**, compondo duas categorias, **a integração entre família e EDI e o desejo de conhecimento e valorização da Educação Infantil.** Durante a análise das entrevistas as falas dos participantes destacaram às percepções que elas tinham sobre a relação família-EDI e suas percepções sobre a Educação Infantil. Desse modo, optamos por formar categorias referentes a essas perspectivas que acompanham o propósito enunciado sobre o uso do Facebook. Assim, formamos as categorias **perspectivas sobre a relação família-EDI e perspectivas sobre Educação Infantil** que compõem o eixo de discussão sobre o propósito de uso da rede social. Retomamos em partes o esquema das categorias e subcategorias já apresentado, para maior compreensão dos dados de pesquisa.

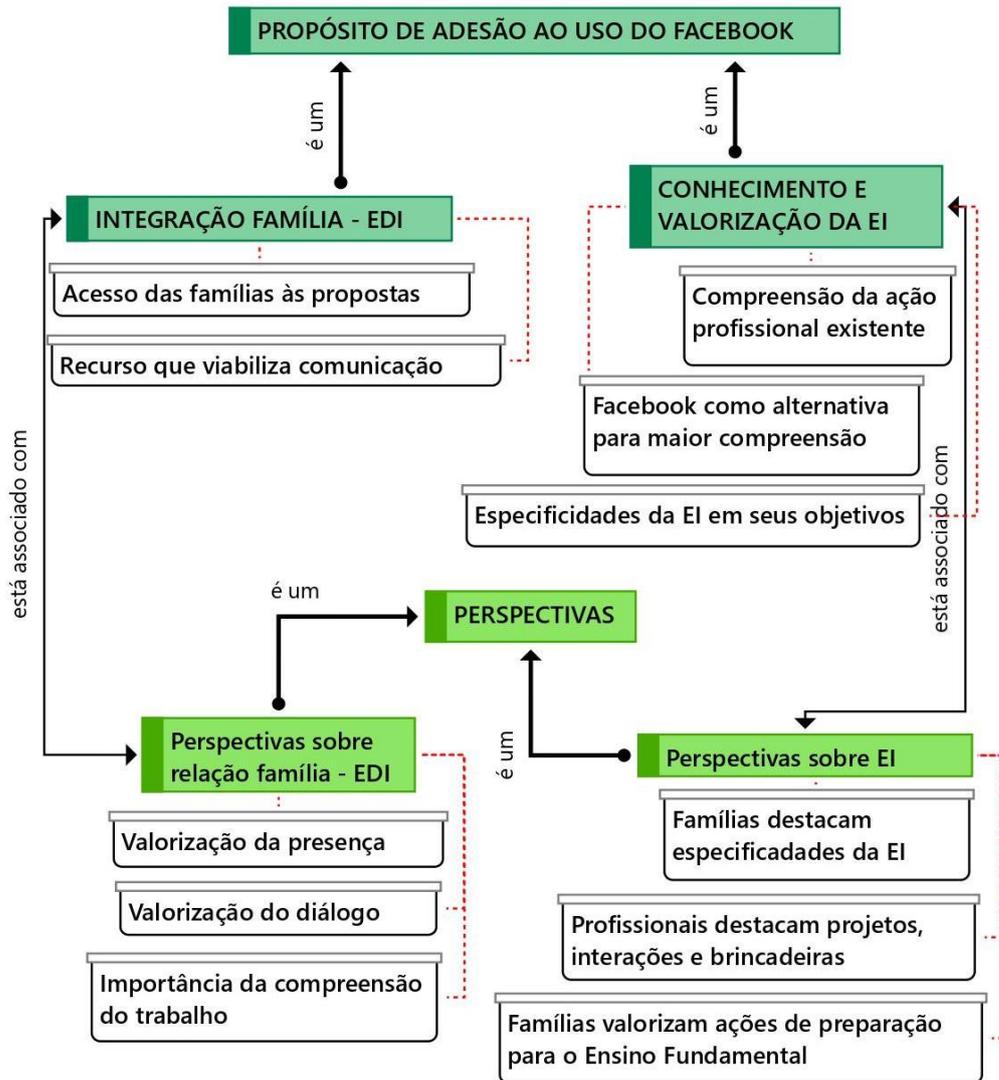


Figura 6 - Eixo Propósito de uso
Fonte: Elaborado pela autora.

5.3.1.1

O uso da rede social Facebook como estratégia para integração família-EDI

A categoria **integração família-EDI** trata dos aspectos abordados pelos sujeitos como motivos para adoção da plataforma Facebook em prol de uma aproximação entre instituições escolar e familiar. A possibilidade de aproximação é compreendida pela oportunidade de **acesso das famílias as propostas** do EDI, com visualização de registros que representam parte do que é realizado na unidade, o que promove maior comunicação, compreensão e interesse em participação. A

plataforma ainda é entendida como um **recurso que viabiliza a comunicação**, sendo de fácil alcance e utilização; o que a torna funcional para os pais com dificuldade de estar presente na unidade.

É importante retomar aqui os dados apresentados no questionário do Google, preenchido pela direção das unidades. Nele, todas as unidades respondentes disseram fazer uso da rede social e que esta seria uma ferramenta para que famílias e escola estivessem mais próximas, com maior comunicação sobre o que acontece na unidade. Nas entrevistas com os profissionais das três unidades selecionadas para esta análise, todos os participantes apresentaram a **integração famílias-EDI** como um propósito.

A gente vê assim como uma ferramenta que pode estar ajudando aproximar a escola, trazendo mais a família a participar, querer conhecer mais o trabalho da escola, a tentar entender um pouquinho mais de como as coisas acontecem de verdade (P.A. Raquel, EDI E, Entrevista - 14/09/2020)

O Facebook lá no EDI, no nosso trabalho, a gente passou a usar mesmo para divulgar, chamar os pais mais para perto, do que, a participar do nosso dia a dia. (Prof. Liana, EDI C, Entrevista - 24/08/2020)

Uma coisa que me veio a memória, uma coisa que as crianças gostaram muito, que foi a caça ao tesouro. Um dia eu me fantasiei de boneca e fui fazer uma caça ao tesouro com eles, eles assim, eles amaram. Tinha crianças que tinha medo de fantasia, até a mãe falou: "Helena, mas ele tinha medo" e tal, aí eu falei: "Mas não teve". E eu acho que as mães acabam se aproximando, acho que elas se tornam mais parceiras ainda. (Prof. Helena, EDI D, Entrevista - 14/09/2020)

Percebemos que há disposição para o uso da rede social Facebook e entendimento de que ela é uma alternativa para ampliar a **comunicação**, com potencial de fortalecimento de vínculos, através de maiores oportunidades de contato. Esses resultados estão em diálogo com os achados das pesquisas de Antunes (2017) e Mumcu (2018), que mostraram que famílias e educadoras estavam dispostos a utilizar meios de comunicação via internet para ampliar a comunicação entre eles e que esses tinham um papel na comunicação com os pais.

Os profissionais também deram destaque ao **acesso às propostas** associado à esta integração.

No primeiro ano, se você acessar essas publicações do ano de 2016 o nosso texto era sempre muito curtinho. Então na época a gente trabalhava muito com data comemorativa, então... Dia das Mães aí a gente colocava inúmeras fotos. Com o passar do tempo a gente viu que se a gente precisa mostrar para o pai né, para a

comunidade o que a criança faz não é só exibir a foto, mas é falar, conceituar, ter um pequeno, uma pequena introdução do que é o projeto que foi desenvolvido, do que foi alcançado. Então, isso é uma construção que a gente foi tendo com o passar do tempo não só colocando fotos, mas colocando textos em uma linguagem fácil para que o pai compreenda, para que a vó compreenda. (Dir. Paula, EDI C, Entrevista - 21/08/2020)

É o que a gente fala para os responsáveis, o Facebook deu uma visibilidade muito grande, não é só o miudinho, é amplo, então todo mundo pode ver o que está acontecendo dentro de uma escola. Se tornou muito mais fácil essa questão de estar vendo dentro da escola o que está acontecendo, qual é o trabalho que a gente está fazendo. (Dir. Simone, EDI D, Entrevista - 14/08/2020)

Para as diretoras é importante a transparência do trabalho, que os responsáveis saibam e tenham oportunidade de conhecer mais o que a escola propõe. Para elas, ao verem postadas imagens que representem parte do que é vivenciado na unidade, os pais conhecem mais. As professoras deram sinais de clareza quanto ao objetivo de compartilhar com as famílias as propostas da unidade, as vivências proporcionadas e favorecer uma maior compreensão da mesma.

Às vezes a gente vê isso em escola particular, né. Tem as reuniões, o pai vai lá e, né. E às vezes, por ser o colégio público, aí o pai está ali do portão mesmo na hora deixa criança aqui, e... Eu acho que é importante o pai saber da proposta da escola; porque a escola tá fazendo isso, por que vai ser assim, porque que a gente tá fazendo dessa forma, tá. Então, é só questão de comunicação e à medida que a escola aumenta essa comunicação eu acho que como consequência esses laços são estreitados, porque qualquer proposta que vier da escola que for, como dizer, compartilhada com eles de certa maneira eles vão se sentir participantes e isso só vai ajudar mais ainda para que haja sucesso seja qual for a proposta apresentada. (Prof. Pamela, EDI E, Entrevista - 01/10/2020)

Com as fotos a gente... com as fotos, com a filmagem tudo a gente podia mostrar isso para os pais porque às vezes a gente fala isso na reunião, mas a gente não tem um momento na reunião onde você vai poder passar aquelas fotos todinha, daquele dia a dia, né? E no Facebook eles acompanhavam praticamente diariamente, né, porque as atividades eram colocadas de acordo com que a gente tinha mandado para [diretora], ela ia colocando. Hoje eu fiz isso com a minha turma, ela ia lá botava: hoje a turma do 41 fez isso. (Prof. Helena, EDI D, Entrevista - 14/09/2020)

Dessa forma a gente pode ter uma interação maior com os pais, eles podem ver como o trabalho está sendo desenvolvido, como a criança está sendo trabalhada. (Prof. Júlia, EDI C, Entrevista - 27/08/2020)

A diretora Paula falou de um cuidado com a apresentação das postagens com este objetivo e de como perceberam a necessidade de adequações para que a instituição se fizesse entender pelos diferentes integrantes das famílias. Esses trechos de entrevistas mostram que a ênfase esteve em informar sobre um propósito

de trabalho, sobre sua organização, diferente do que se revelou no estudo de Antunes (2017), quando o foco revelado pelos professores no uso de dispositivos móveis para interações com as famílias, era de que os pais acompanhassem o desenvolvimento de seus filhos. Para os profissionais participantes da pesquisa aqui apresentada, a possibilidade de os pais terem acesso ao que é vivido nas unidades tem por objetivo conhecer que educação se constrói naquele espaço e de alguma forma inspirar a relação e contribuição com a mesma. Destacamos aqui a reflexão apontada por Moran & Tegano (2005) sobre o fato de os profissionais revelarem uma expectativa de que a imagem seja uma demonstração fidedigna. Segundo as autoras, os professores não refletem que desde o momento do registro, as imagens carregam significados, que podem propiciar novas interpretações.

Os profissionais expressaram que parte da colaboração para integração família-EDI que as redes sociais trazem se deve ao fato de o entenderem como **recursos que viabilizam a comunicação**. Pela proximidade com a comunidade escolar, percebem que o uso da internet e o alcance de público que as redes sociais oferecem são características que tornam a rede social uma estratégia para esse fim. Ainda compreendem também que estes recursos se adaptam a realidade da rotina de trabalho das famílias.

Por ser um canal bem mais fácil de manuseio para os pais, então a escola decidiu abrir esse leque para eles, por conta de que alguns já em algum momento já tiveram Facebook, já tiveram alguma página, mesmo que não esteja hoje utilizando, em algum momento ele já fez uso dessa ferramenta, então se torna fácil para ele manusear, até mesmo por conta de outras mídias como Teens ser uma coisa mais difícil. Então eu acredito que foi esse o motivo que a escola resolveu utilizar o Facebook. Até por conta também da gente no dia a dia, da gente utilizar esse meio. (Prof. Júlia, EDI C, Entrevista - 27/08/2020)

Eu acho que assim, a internet, o Facebook, o Whats app, auxilia muito nessa possibilidade de você mostrar para os pais o tempo todo ali o que os filhos estão vivenciando. Até pela questão da correria do dia a dia, aquele que trabalha tem mais dificuldade de estar acompanhando mesmo, que só vai lá, da o beijinho de noite, que chegue e as vezes a criança já está dormindo. (P.A. Raquel, EDI E, Entrevista - 14/09/2020)

Este é um olhar compartilhado pelas famílias participantes da pesquisa.

Assim, cara, se forem olhar a página tem tudo lá. A parte da escola... eu até perguntei a ela uma vez, né, se tinha algum fotógrafo, porque tudo ele põe lá, para gente estar perto da criança, né, e assim eu acho muito bom porque sim tem pais que não consegue nem ir numa reunião, né, porque trabalham e assim pelo meio do Facebook a gente hoje, a gente pode ver, né, o que está acontecendo ali com as crianças e a

gente vê o que está sendo ensinado, entendeu? A gente está de alguma forma... a gente está fazendo parte, né, a gente está tendo o conhecimento de estar vendo ali o que a criança está aprendendo. (Mãe Valesca, EDI C, Entrevista - 28/08/2020)

Então, é o Facebook que acaba aproximando, né? É pelo Facebook que a gente se relaciona. Então assim, se não existisse o Facebook eu iria ter que aguardar uma reunião de pais, um momento em que... para eu poder ter acesso a professora, ao relatório; então, o Facebook ele aproxima a comunidade escolar da Unidade Escolar; ele aproxima os pais. (Mãe Camila, EDI E, Entrevista - 29/09/2020)

Este resultado tem ressonância nos estudos de Palts e Kalms (2015) e Mumcu (2018) que também perceberam que os professores haviam aderido aos recursos de comunicação via internet por terem sido algo viável para os pais. Estes mecanismos estão acessíveis, são rápidos e simples, além de populares entre professores e pais (Mumcu, 2018). Apesar dos estudos incluírem outras plataformas, como WhatsApp, que em nosso estudo é utilizado apenas pelos diretores. Tais dados também estão amparados na pesquisa Cetic.br (2020), pois segundo dados da mesma, as famílias passaram a utilizar recursos de mídias sociais como forma de contato com as escolas, ainda que o estudo se refira ao Ensino Fundamental e Médio, percebemos que a Educação Infantil do Rio de Janeiro vem apresentando um comportamento semelhante. É importante lembrar que uma mesma família geralmente tem crianças em diferentes segmentos da educação básica, que podem adotar ou adaptar práticas usadas com os mais velhos para os mais novos. O acesso das famílias às novas tecnologias de comunicação está crescendo e vem tomando espaço (Cetic.br, 2020; Antunes, 2017). A rede social, aparece então como uma ferramenta, acessada por uma geração de pais que vivem a era da internet e lançam mão dela como instrumento de atualização das atividades escolares (Denman, 2018).

Outro dado apontado por apenas cinco participantes em nosso estudo, mas que vale um olhar mais específico, se refere a preferência do Facebook em detrimento de outras plataformas como blogs, que foram apontados como pouco acessados pelos pais das crianças.

Eu fiquei 8 meses administrando esse blog, então nós postávamos as atividades que as crianças faziam, os projetos. Só que o que eu percebi nesses 8 meses? Que esse blog ele era muito visitado por professores e aí o objetivo inicial que nós tínhamos, que era informar os pais os projetos, mostrar fotos, registros, nós não estávamos conseguindo alcançar, por que a maioria que visitava esse tipo de página eram professores ou pessoas ligadas a área pedagógica (Dir. Paula, EDI C, Entrevista - 21/08/2020).

Antunes (2017) e Denman (2018), também perceberam que tais plataformas não estavam no leque das utilizadas pelas famílias, mesmo quando as instituições pesquisadas investiam nesse modelo de plataforma. O Blog acabava não cumprindo a contento seu papel de divulgador digital do trabalho desenvolvido já que as famílias não se habituaram a acessá-lo.

Destacou-se nas análises como o propósito de **integração família-EDI** se fez presente na fala de todos os profissionais, revelando não só uma funcionalidade de uso da rede, como uma postura das equipes. Me refiro aqui a compreensão de que o trabalho da instituição pública de educação de crianças entre 0 e 5 anos, tem um trabalho conjunto com as famílias, em ação complementar para o pleno desenvolvimento das crianças, seja na creche ou na pré-escola, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) e como tem sido sustentado e reafirmado no campo acadêmico (Almeida, 2013, Almeida 2014, Saraiva-Junges & Wagner, 2016). A relação família e escola aparece como ponto central de uso da rede. Tal estratégia adotada pelos profissionais surge em um contexto de desafios e dificuldades percebidas no trabalho conjunto entre creches e famílias, em especial no Rio de Janeiro. (Almeida, 2013; Almeida,2014). Em meio as dificuldades encontradas para estabelecer o diálogo, os profissionais entendem que há alternativas surgindo com o avanço tecnológico e que estes podem ser complementares às ações já exercidas²⁵. No entanto, é necessário cautela, pois diante dos dados observados a adoção das redes sociais não era parte oficial de uma política ou da proposta pedagógica do município. O campo da Educação Infantil tem um histórico de construção do trabalho com forças de improviso e pouca assistência dos órgãos públicos. A escolha e justificativa presente nas entrevistas mostra profissionais motivados, interessados em desenvolver alternativas para construção da relação com as famílias. Isso deixa claro a ausência de ações oficiais, através de uma abordagem documentada e clara na proposta pedagógica do município que viabilize as relações família-EDI.

²⁵ Discutiremos a compreensão dessa complementariedade em outro eixo.

5.3.1.2

Perspectivas sobre as relações família-EDI

A categoria **perspectiva sobre a relação família-EDI** se refere a três aspectos que os sujeitos revelaram sobre essa relação. A **valorização da presença** envolve o destaque que os participantes deram ao vínculo, a qual deve ser frequente na comunidade escolar, com estratégias de estímulo para que esta ocorra. A **valorização do diálogo** se refere ao empenho de comunicação de diferentes formas, a revelação de empatia, escuta e diálogos sobre a proposta pedagógica. A **importância da compreensão do trabalho** abarca ações de comunicação sobre o propósito do trabalho, a percepção de que a participação dos pais auxilia na compreensão das propostas e o entendimento da confiança como elemento presente na compreensão do trabalho. A relação complementar entre família e escola na educação de crianças de 0 a 5 anos é preconizada na LDB (Brasil, 1996). Em virtude das especificidades dessa faixa etária e pela compreensão de desenvolvimento integral do sujeito criança, família e creches/pré-escolas são instituições que devem estar articuladas, em diálogo e com ações complementar. (Almeida 2013; Almeida, 2014; Silva & Luz, 2019).

As narrativas das mães e profissionais entrevistadas foram marcadas pela percepção da relação que é estabelecida entre familiares e equipes dos EDI. Queremos agora nos debruçar sobre essas percepções, por entender que estão presentes na forma como se conduz o uso das redes sociais na relação entre as duas instituições, família e unidade de Educação Infantil, assim, também contribuem a compreensão de nosso objeto.

Nas entrevistas, dez profissionais das três unidades relataram como os **diálogos** presenciais eram essenciais na relação da unidade com as famílias. Segundo elas, eram constantes, aconteciam principalmente na porta da unidade, mas também em reuniões e eram importantes para construção de um bom relacionamento, que construam empatia e vínculo.

A gente preza muito a opinião dos pais, a gente releva muito do que tem sido feito, cada comentário do Facebook, comentário feito na porta, na conversa, através da reunião também de pais, nós damos voz a esse pai. (Prof. Júlia, EDI C, Entrevista – 27/08/2020)

Eles são muito mais participativos lá no portão, o portão da escola é o momento participativo dos pais, antes da pandemia neh. (Dir. Simone, EDI D, Entrevista 21/08/2020)

As conversas nas unidades de Educação Infantil têm como parte de seu cotidiano as conversas em pequenos momentos de saída e entrada. Tais momentos são importantes para recados rápidos do dia a dia e o estabelecimento de troca básicas. No entanto, para Saraiva-Junges & Wagner, (2016), a estrutura institucional dedicada a momentos de diálogo é frágil e ineficiente. As reuniões de pais aconteciam com baixa frequência e espaçada. A carga horária dos educadores, sendo muitas vezes completamente preenchidas com atividades com as crianças, fica engessada, sem tempo organizado para a interlocução. Desse modo, as trocas entre familiares e professores nas entradas e saídas da instituição ainda seguem sendo um dos momentos mais oportunos de diálogo. Os profissionais seguem em esforços pessoais e improvisados para mais oportunidade de trocas e o uso do Facebook se apresentou até aqui como mais uma dessas estratégias.

Três das famílias também falaram da valorização de uma comunicação constante e relataram inclusive satisfação com a forma como os profissionais dedicaram-se a ouvi-las e da satisfação do diálogo no dia a dia.

Mas elas costumam ser bem participativas assim, gostam da nossa opinião, gostam de conversar. Elas conversam bastante com a gente também sobre isso [as crianças na internet]. (Mãe Rizete, EDI C, Entrevista – 31/08/2020)

Essa questão de ferramenta para comunicar, assim, eu prefiro está pessoalmente. Pessoalmente é melhor, neh, conversando, dialogando, entendendo o que tá acontecendo, É tentar melhor... Eu acho que é uma maneira de carinho e amor que você tem para criança. Saber como é que está sendo a criança; como é que está sendo desenvolvimento; como é que elas estão ali, né. Porque é um ato de carinho também você se preocupar com a direção, com todos que estão ali, entendeu? Então eu sempre fui assim, sempre fui muito no pessoal. (Mãe Lenita, EDI C, Entrevista – 31/08/2020)

As múltiplas possibilidades de contato e diálogo com os profissionais dos EDI são relatadas e exaltadas pelas mães entrevistadas, que atribuem a isso uma valorização de sua presença e possibilidade de participação. A pesquisa de Almeida (2013) revelou que famílias e educadores buscavam o diálogo, com empatia e negociações sobre a educação da criança. Havia múltiplas estratégias sendo adotadas pelas instituições em prol dessa relação e as famílias mostraram-se satisfeitas com

educadores que eram atenciosos, compartilhavam informações sobre a rotina da creche e do desenvolvimento das crianças.

Dez profissionais entrevistados citaram a **valorização da presença** e sua importância quanto a relação entre família e EDI. Ressaltaram que a relação que a escola constrói com a comunidade escolar preza pela possibilidade de estarem convivendo e compartilhando experiências vividas na unidade. Assim, traçam estratégias de promoção para os encontros e trocas.

E a gente procurava fazer atividades é que trouxesse os responsáveis para dentro da escola entendeu? Não só nos momentos de festividades, de eventos. (Dir. Simone, EDI D, Entrevista 21/08/2020)

Tanto que até assim, levando muitas vezes os pais a participarem do projeto, né, de forma coletiva ou individual também; dependendo como as coisas vão fluindo nos projetos de turma, já aconteceu de cada semana um pai participar de uma forma diferente, né, dentro daquele projeto; ou em cada turma em uma semana trazer a família para vivenciar, né, porque as crianças estavam voltadas tanto para aquele assunto dentro de casa e querendo saber mais. Então assim, a gente está sempre fazendo essa troca, né. (PA Raquel, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

A dedicação a estar presente na unidade foi destacada por seis das nove mães participantes e abordada como parte importante da relação estabelecida com a unidade de educação.

Eu consigo estar lá, porque eu trabalho perto, perto do colégio. Ai sempre que tem alguma coisa a diretora... tipo procurar em um horário que dê para eu estar presente. Porque eu falei: diretora eu gosto de estar presente, gosto de participar. Porque eu acho muito bacana a mãe estar presente; e a criança sente quando a mãe está ou não está; mas quando a mãe não pode estar, a criança entende. Mas com eu tão perto porque não estar, então ela costuma fazer um horário, assim, tipo no meu horário de almoço, porque é bem perto quase do lado. Ai eu sempre estou presente nas reuniões e nas atividades que tem, que tem que estar presente, eu sempre estou presente. (Mãe Nathália, EDI D, Entrevista – 21/09/2020)

É um tipo de coisa que pode sempre estar ali com a criança, sempre estar ali com a família. Então, assim, o nosso EDI, assim eu posso falar pelo nosso EDI, né, a gente tem uma família. Porque ali dentro a gente é muito próxima mesmo dos professores, dos diretores e o contato é muito forte mesmo. Eu acho que a escola e a família estando junto a gente caminha, porque é um ajudando o outro, né. (Mãe Valesca, EDI C, Entrevista – 28/08/2020)

O uso das redes sociais foi visto como uma possibilidade extra para participação de pais que tem limitações de tempo. Porém, a abordagem da presença das famílias nas entrevistas revela-nos outro ponto, que há um movimento da equipe

em prol da presença das famílias e há expectativa delas em relação a possibilidade de estar na unidade. Como revelado nas questões do formulário do Google e na categoria sobre a aproximação entre família e EDI como razão para o uso do Facebook, busca-se que a rede social seja um recurso somado à aproximação, ao vínculo. A evidência de uma maior aproximação entre creches e famílias também foi destacado por Teodoro (2017); no estudo desse autor os participantes relataram que os espaço das unidades de creche estavam mais receptivos a presença dos responsáveis, vistas como partes complementares, entendendo-se como parte do processo de cuidado e educação das crianças.

A importância de compreensão do trabalho foi citada por profissionais dos EDI D e E. Eles enfatizaram como esse é um elemento importante para construção do trabalho e parceria com as famílias. As falas revelaram um anseio por parte dos profissionais de que não haja conflitos entre as expectativas das famílias e a proposta da unidade. Destacaram as estratégias que adotaram enquanto equipe para que a comunidade escolar se articule, se aproprie e valorize o trabalho que se constrói no primeiro segmento da Educação Básica.

E eu sempre falo para eles nas reuniões que a gente tem, principalmente na primeira reunião do início do ano, essa questão que aponte para você anteriormente, do nosso trabalho ser muito além, a gente faz todo aquele discurso que o professor de Educação Infantil tem na ponta da língua, neh, do trabalho da educação ser além, do trabalho da educação infantil ser além da folha, do papel e tudo mais. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista 04/09/2020)

Quando participa disso e a gente começa a trazer eles para participarem, a partir do momento de vir contar uma história dentro daquela proposta que surgiu, de trazer uma experiência mesmo de uma receita a partir de algum alimento que descobriu no quintal ou até mesmo no refeitório ou quando estava fazendo alimentação. E aí a mãe vem para participar de uma receita junto na escola. Assim, tudo isso acaba que os pais começam a entender melhor. (PA Raquel, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

Entre as mães, três citaram o conhecimento do trabalho como elemento importante. Revelam a estima que têm pela oportunidade de conhecer e dialogar com a equipe sobre aquilo que entendem ser o caminho de aprendizagens e desenvolvimento de suas crianças. Revelam ainda as oportunidades que percebem para tal articulação, destacando os encontros pessoais em reuniões.

Então, assim, o que mais me chama atenção é que ali dentro a gente pai sabe como está sendo o ensino, né, da criança. E eles todo mês eles fazem essa reunião, né, para a gente saber qual o projeto, tudo direitinho, eles fazem até umas brincadeiras dentro

da sala, né, para gente entender o objetivo, né, do projeto; qual o sentido daquele projeto, né. E é o que mais eu acho interessante. (mãe Valesca, EDI C, Entrevista 28/08/2020)

Por que assim, antigamente, quando não tinha o Facebook a gente não via o que as crianças estavam fazendo em sala de aula neh, a gente sabia em reunião, quando ia lá eles falavam, "ah fizemos isso". (Mãe Rizete EDI D, Entrevista 25/09/2020)

Em pesquisa sobre as representações sociais de famílias de crianças matriculadas em unidades de Educação Infantil, Monteiro (2014) explicitou que a maneira como a escola organizou sua proposta pedagógica traz elementos de constituição das percepções das famílias sobre o segmento, bem como de qual o papel dos profissionais e das famílias. A categoria aqui apresentada mostrou como nessa relação que as unidades desejam construir com as famílias tem um destaque para o desejo de compartilhamento dos objetivos, de conhecimento dos processos e de partilha das experiências. As famílias, por sua vez, revelaram interesse e, inclusive certa frustração quando o cotidiano os impede de tal vivência. Quando há ruído nessa relação, quando há pouco entendimento entre os sujeitos, a riqueza da troca se perde e se revelam acusações (Saraiva-Junges & Wagner, 2016) e o objetivo de ação conjunta entre famílias e unidades escolares se extravia e perde muito em qualidade.

5.3.1.3

O uso da rede social, Facebook, e o anseio pelo conhecimento e valorização da Educação Infantil

A **categoria desejo de conhecimento e valorização da Educação Infantil** tem como propósito de uso do Facebook a busca para que o trabalho da Educação Infantil seja conhecido e valorizado em sua especificidade. Envolve a busca por uma **compreensão da ação profissional existente**, por meio das trocas profissionais, da exibição de propostas e ações docentes, com desejo de valorização das mesmas. Outra subcategoria aqui presente é o entendimento de que o **Facebook é alternativa para compreender mais**, usado como ferramenta para visibilidade das propostas da EI também em seus processos e não só em seus produtos finais. **As especificidades da EI em seus objetivos** se compõem do desejo de dar visibilidade aos potenciais das crianças e sua centralidade nos processos em

oposição às perspectivas de assistência e submissão aos propósitos do Ensino Fundamental.

O primeiro dado que nos chamou atenção nesta categoria é ela não ter se mostrado um motivo expressivo no questionário do Google, respondido pelos profissionais de equipes diretivas. Nas entrevistas, no entanto, esteve presente na fala de todos os profissionais participantes, ao destacarem aspectos como o desejo de que a comunidade escolar perceba a **ação profissional existente**; seja pelo anseio de que se faça **compreender o trabalho específico**, próprio da Educação Infantil, e por expressar que vê no uso do **Facebook um potencial recurso** para esse desejo.

O uso das redes sociais foi um espaço considerado pelos EDI da pesquisa como oportunidade de ser visto, de promover **compreensão da ação profissional existente**. As três unidades mencionaram o uso do Facebook como forma de divulgação e exposição de atividades que são realizadas. Evangelista (2017) aponta que, no campo da educação, escolas que fazem uso das redes como forma de mostrar as coisas interessantes que acontecem na instituição, a fim de criar maior interação dos alunos com a instituição. Os dados apontam que a criação de uma página no Facebook foi utilizada pela necessidade de postar o processo, de mostrar o que o papel não mostra, de fazer ser visto um trabalho profissional que acontece no cotidiano da Educação Infantil.

Por mais que chamem de Tia, que é uma maneira que eles guardam, não repudio isso, nada, eu gosto mesmo até que chame de tia, mas eles têm que saber que essa tia estudou para trabalhar com as crianças da pré-escola entendeu? Então assim, eles já conseguem ter esse olhar. (Dir. Simone, EDI D, Entrevista - 21/08/2020)

Os EDI estão inseridos em um município onde 91% das escolas em outros segmentos da Educação básica desenvolveram algum tipo de prática mídia-educação; porém apenas 69,3% trabalhavam com análise de conteúdos veiculados na internet (Duarte et al., 2019). Comparando os estudos, Evangelista (2017) afirma que o Ensino Fundamental quis mostrar ações diferenciadas da unidade. Duarte et al. (2019) descreve as redes sociais começando a serem inseridas nas abordagens pedagógicas da Educação Infantil, para dar visibilidade ao seu cotidiano, revelando a especificidade que cerca a ação profissional junto às crianças de 0 a 5 anos.

Muitas das vezes eles estão em casa e acham que que só estão ali na creche, não estão se desenvolvendo, não estão fazendo atividade nenhuma. Então é uma forma também deles estarem vendo como nosso trabalho está sendo aplicado. (Prof. Julia, EDI C, Entrevista - 27/08/2020)

Eu acho que, desde o início, o objetivo foi esse mesmo de divulgar o trabalho da escola; até porque a gente trabalha com projetos e a gente sempre chama o responsável. Nas nossas reuniões têm a reunião com a direção e tem aqueles momentos mais específicos com a turma em que a gente mesmo fala diretamente com o responsável. (Prof. Pamela, EDI E, Entrevista – 24/08/2020)

Para os profissionais, as fotografias, os registros das experiências cotidianas, que já compunham a prática docente da Educação Infantil, poderiam tornar o trabalho visível à comunidade escolar também pelas redes sociais. Para eles há ainda pouca valorização da ação profissional no segmento da Educação Infantil (Almeida, 2013), onde compreende-se pouco da ação de cuidado-educação, essa seria uma forma de fazer a comunidade conhecer o empenho profissional e valorizar as ações docentes. As professoras destacaram que isso acontecia não só em relação às famílias, mas a toda comunidade escolar.

Muitas coisas são feitas no dia a dia da escola e a fotografia, como é postada, ou os vídeos que são postados no Facebook é uma forma de dar visibilidade ao nosso trabalho, valorizar o nosso trabalho. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

Não só os pais, que acabam estando no dia a dia presente na escola. mas também a comunidade, de modo geral, a comunidade local e a comunidade, como que vou te falar? outros profissionais da rede, de outras redes inclusive. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

A especificidade da EI exige um caminho de lutas e defesa do trabalho, pois nela a brincadeira é elemento base das ações, compondo um binômio com as interações e o cuidado-educação, há ainda um caminho de lutas e defesa desse trabalho. As profissionais revelaram entender que o **Facebook é alternativa para maior compreensão** das ações da EI, uma ferramenta útil nas batalhas de valorização desse segmento e reconhecimento de seu papel específico. Isso se fez presente na fala de diretores e professores.

Porque a gente enquanto traz eles para escola, trazia eles para escola, a gente sempre trazia um questionamento sobre alguma coisa da educação, uma reflexão sobre como eles tem que olhar para os filhos, qual a maneira que eles tem que olhar para os filhos enquanto alunos da pré-escola, e aí a gente, com isso, consegue dar uma abertura maior, até por que eles vão entender o que é feito dentro da escola , o porquê,

qual o objetivo que a gente tem enquanto professor. (Dir. Simone, EDI D, Entrevista - 21/08/2020)

Né, então os pais, no início quando chegam lá - o primeiro ano na escola, o primeiro ano no berçário, no maternal - eles sempre sentem um pouco a questão da gente não tem a Páscoa, não ter o dia da Mãe, o Dia do Pai. A gente não tem esse trabalho em cima das datas comemorativas. Então assim, o trabalho, né, mostrar através da internet é uma forma deles estarem entendendo porque um pouquinho da gente não estar voltado para essa questão da data, por exemplo. Mostrar que a gente pode estar se superando situações que poderiam estar relacionadas a data comemorativa, mas no decorrer de todo o ano e não especificamente naquela data; a partir do momento que eu traga uma vivência de algum material, de algum brinquedo que indígena eu vou falar do índio o ano inteiro e não vou falar especificamente no mês do Índio. (PA Raquel, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

Para as professoras, há oportunidade de compreensão dos propósitos, do caminho, e é possível maior sintonia, quando os pais têm oportunidade de ver os projetos que são construídos com as crianças; quando podem acompanhar o caminho percorrido na construção deles; de como são significantes no dia a dia das mesmas. Os questionamentos que cobram práticas incoerentes com o propósito de construir conhecimentos significativos para as crianças poderiam ser evitados e desenvolver maior segurança sobre a proposta pedagógica.

Por exemplo, esse ano eu fiz uma caça ao tesouro com as crianças por todo espaço da escola, foi muito legal, mas se eu dependesse de uma culminância de projeto por exemplo para mostrar esse trabalho, talvez ele nunca pudesse ser mostrado e com Facebook é uma forma de dar visibilidade para esses trabalhos também, para os pais para a comunidade de modo geral. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

E aí eu coloco para eles, como uma forma deles acompanharem o trabalho, eh, o trabalho de uma forma muito melhor, é olhando o Facebook do que olhando o caderno da criança que vai para casa, né. (Pro. Júlia, EDI C, Entrevista 27/08/2020)

Amaya e Pereira (2014) percebeu que instituições privadas faziam uso das redes para promoção da instituição e que as unidades públicas buscavam levar informação para os alunos já matriculados. Couto (2018) aponta que o uso das TIC junto ao papel da documentação pedagógica na Educação Infantil viabiliza o compartilhamento do conhecimento produzido na instituição escolar. Nos EDI participantes da pesquisa a rede social foi pensada como mais uma vertente, onde registros foram utilizados, não como forma de promoção, avaliação ou acompanhamento do desenvolvimento de uma criança, mas como forma de partilhar a proposta pedagógica.

Nas falas a seguir fica claro o anseio que os profissionais apresentaram por lançar mão de recursos que as auxiliassem a alcançar as famílias sobre o que é a Educação Infantil, com o objetivo que a comunidade escolar conheça as **especificidades desse segmento e seus objetivos**. Durante as entrevistas foi expresso que a escola buscava oportunidades e estratégias distintas para esclarecer suas propostas. Esse ponto foi citado por seis professoras, distribuídos entre as três unidades de educação.

Até mesmo essa questão da gente tentar por sempre um trabalho vindo das crianças. Por que muitas vezes os pais ainda ficam presos naquela questão do tradicional, da repetição: “Ah! não vai trabalhar a letreirinha?” “Não vai focar na questão do caderno, da pauta?”. Daí, então, assim, mostrar que tudo isso vai acontecer naturalmente, né, mas a partir do interesse que a criança traz para gente e não a gente propor sempre, né. [...] Eles também têm grandes desafios para gente. Então, assim, eu acho que isso mostra muito para os pais... ajuda muito os pais entenderem [...]. (PA Raquel, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

Acho que consegue atingir o objetivo do Facebook de dar visibilidade ao nosso trabalho e dar visibilidade as crianças também, ao que eles fazem na escola. Não só numa data específica que é eleita a culminância do projeto, mas durante todo o ano, durante todo processo. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

Tornar evidente o papel que a própria criança tem em seus processos de construção de conhecimento é uma forma de colocar em realce a criança enquanto sujeito. Essa discussão presente entre os profissionais da área é um desafio no cotidiano educacional e tem avançado gradualmente. O desejo de que os pais compartilhem as ações da criança nos processos educativos é legítimo ao propósito da Educação Infantil. A prerrogativa de complementariedade que cerca a ação desse segmento da educação básica significa envolver toda comunidade escolar no desenvolvimento de um projeto educativo, entendendo a criança como centro da ação.

Outro apontamento refere-se ao desejo de desmistificar perspectivas de assistência e/ou preparação para o Ensino Fundamental.

Mesmo assim eles não acreditam que aconteça alguma coisa, né? Ainda mais sendo o ensino integral, então eles acreditam que nós somos as babás dos filhos deles, né, que nada acontece. A criança vai tomar banho, vai ficar higienizada, vai se alimentar. Enfim, então eu acho muito importante; eu percebo, assim, uma diferença muito positiva quanto essa questão do uso da rede do Facebook, porque a gente vê um retorno dos pais. (PA Neli, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

Sim, ajuda. Porque provavelmente às vezes eles vem com a vivência de que creche é um depósito de criança e conforme eles vão vendo as fotos vão analisando, vão vivenciando, né, porque a gente também abre as portas também para eles estarem participando; então aquela visão retrógrada, aquela visão que eles tinham de creche como depósito vai caindo por terra porque eles vão vendo o grande trabalho que está sendo realizado. (Pro. Júlia, EDI C, Entrevista 27/08/2020)

Não estou dizendo que eu sou a melhor não, sou não. Mas assim eu vi essa essa questão de responsável preciso saber o que é a pré-escola, né? É porque acho que eles viam como “local que o meu filho vai ficar enquanto vou trabalhar, enquanto eu vou a Madureira, enquanto eu vou em qualquer lugar”, entendeu? Isso eu já tenho percebido que já há uma mudança, né? (Dir. Simone, EDI D, Entrevista - 21/08/2020)

Porque a Educação Infantil (...) nosso trabalho na Educação Infantil ainda está muito sob aquela perspectiva, na creche especificamente, do cuidado e na pré-escola muito da preparação para o Ensino Fundamental. E a gente que está na pratica sabe o quanto que é penoso, doloso, dói literalmente na gente desmistificar isso neh. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

Ao dar destaque ao lugar da própria criança nas propostas elaboradas pelas unidades, ajuda a evitar que a comunidade escolar tenha percepções e expectativas que colocam a Educação Infantil submissa aos propósitos do Ensino Fundamental ou a antiga perspectiva de assistência. Monteiro (2014) entende, pela perspectiva teórica das representações sociais, que a forma entendida pelos sujeitos sobre a Educação Infantil se dá pelo contexto. Em sua pesquisa percebeu que os familiares manifestaram percepções de acordo com as propostas que tinham acesso pelas unidades de Educação Infantil e que, na falta delas, haveria espaço para valorização do que conhecem pelos seus históricos de vida, muito mais relacionadas ao Ensino Fundamental. Assim, o modo como a instituição se organiza influencia na construção da representação social de Educação Infantil e suas funções no cotidiano, dos pais e das mães.

Ainda é importante destacar aqui que é necessário um cuidado com a crítica presente aos pais que organizam sua vida contando com o serviço oferecido pelas unidades de educação. É importante estar em diálogo com a comunidade escolar em um propósito de compreensão da Educação Infantil enquanto direito da criança, sem, no entanto, ceder a julgamentos sobre as famílias, visto as diferentes demandas e redes de apoio de diversas composições em cada contexto.

5.3.1.4

Perspectivas sobre a Educação Infantil e uso da rede social

A categoria **perspectivas sobre Educação Infantil** envolve como famílias e profissionais abordam a Educação Infantil nas entrevistas. É composto pela subcategoria **famílias destacam especificidades da EI**, em que as mães dão destaque a aspectos sobre desenvolvimento infantil em sua percepção integral, a valorização das interações vividas nos EDI e a centralidade dada à participação da criança. A subcategoria, **famílias valorizam ações de preparação para o Ensino Fundamental**, trata das percepções de familiares que subordinam a Educação Infantil às expectativas de preparação para o Ensino Fundamental e valorização de práticas concernentes a esse segmento. Já a subcategoria, **profissionais destacam projetos, interações e brincadeiras**, está presente nas percepções e exemplos de ações docentes que se embasam nos princípios e propostas específicas da Educação Infantil defendidas em documentos e por pesquisadores da área (Melo, 2019; Buss-Simão et al., 2015; Leite Filho & Nunes, 2013)

Um dos objetivos apresentados pelos profissionais participantes foi o conhecimento e valorização da Educação Infantil, trataremos das percepções que os participantes revelaram ao abordar essa temática. Assim, nos aproximaremos do que profissionais se propõem a dizer à comunidade escolar bem como do que os pais expressam sobre esse segmento, por entendermos que isso relaciona-se ao próprio eixo de propósito de conhecimento e valorização da EI.

Sete professoras oriundas das três unidades **destacaram aspectos referentes aos projetos, interações e brincadeiras** como elementos constituintes do trabalho da Educação Infantil ao falar de suas perspectivas.

Mais voltado para o projeto de turma, né. Cada turma tinha um projeto em si, não havia uma, uma... tínhamos, temos o tema, né, norteador da escola, mas cada turma tinha seu projeto de turma que acontecia de acordo com alguma proposta que aparecia a partir de uma brincadeira que a criança trazia de casa, a partir de algum comentário que a criança, né, traz do seu dia a dia com a família ou de alguma vivência que teve dentro ou fora da escola; e esse projeto é criado a partir daí, né, no decorrer do ano. (PA Raquel, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

Então, naquele momento a gente apresenta: tem projeto anual e tem os subprojetos. E o nosso EDI, ele trabalha muito com o projeto de turma. Ano passado nós trabalhamos assim o ano todo, o ano retrasado vamos dizer que na metade do ano

para lá nós começamos. O ano passado foi o ano todo e esse ano a ideia era manter, né. (Prof. Pamela, EDI E, Entrevista 01/10/2020)

O trabalho com projetos na Educação Infantil teve destaque como elemento importante da proposta pedagógica de uma unidade. Em suas falas, as professoras referendavam o que está previsto na literatura específica, legislação e políticas públicas. Reconheceram os primeiros anos de vida como dedicados ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança, principalmente ao destacar o lugar que a brincadeira ocupa na organização cotidiana.

Brincadeira, cada atividade que a gente propõe, né, o segurar no lápis vai acontecer de uma forma mais natural do que se botar ele fazendo uma repetição, né, de atividades. (PA Raquel, EDI E, Entrevista 14/09/2020)

E principalmente por essa questão do nosso trabalho na Educação Infantil, muitas das vezes não é um trabalho palpável, né. No sentido de ser um cartaz, às vezes é uma brincadeira que a gente faz com um objetivo específico, às vezes é uma atividade na área externa da escola. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

Apareceu a preocupação de que a brincadeira seja compreendida como principal elemento, como linguagem da criança, numa substituição às expectativas de alfabetização e a outros objetivos dos segmentos seguintes. Mostrou-se um entendimento dos profissionais que a expectativa dos pais ainda é cercada pela premissa de preparação para o “futuro” escolar (Losso & Marchi, 2011). Diante do anseio das famílias em ver seus filhos preparados, com competências necessárias à vida em sociedade, as professoras demonstraram estar atentas a envolver os responsáveis na proposta da unidade e uma compreensão do lugar que a brincadeira ocupa.

Apenas uma das mães participantes não abordou **especificidades do trabalho da EI**. Houve ênfase para aspectos mais sociais nas falas das famílias sobre o que veem nos registros. Mesmo as mães que citaram a alfabetização, ao serem questionadas sobre a importância do que vem sendo realizado na unidade, destacaram aspectos sociais, corroborando com os dados de Losso & Marchi (2011).

Infelizmente não foi aproveitado, que mal começou o ano aconteceu esse lance da pandemia, mas assim tudo o que eles fazem ali na Creche [EDI C]... com essa interação, com essas coisas que enriquecem o conhecimento deles tão pequenininhos; eles podem ser tão pequenininhos, mas eles têm uma capacidade

enorme de absorver o conhecimento através das coisas que ele transmite, que é transmitido ali, além dessa interação. (Mãe Lenita, EDI C, Entrevista - 31/08/2020)

Foram vários benefícios que eu vi depois que ela entrou para escola, né, de desenvolvimento também, coisas que chegava toda feliz escola falando que aprendeu (Mãe Ana, EDI E, Entrevista – 29/09/2020)

Era tanta coisa assim, porque minha filha ela é muito tímida, então isso daí, acabava que lá na escola acabava interagindo mais, então tudo que ela fazia lá, ela brincava bastante e ela tem muito apego com as diretoras, a professora. (Mãe Rizete, EDI D, Entrevista – 28/09/2020)

Essas citações indicaram o valor dado pelas mães ao trabalho em prol do desenvolvimento integral das crianças, além de apresentarem a alegria demonstrada pela criança como critério de avaliação do que é vivenciado na unidade, além de mencionar a importância das interações que as crianças vivem na unidade. Nos estudos de Teodoro (2017) as mães descreveram a unidade de Educação Infantil como auxílio principal em relação aos cuidados e à educação de seus filhos. Mesmo assim, haviam famílias que davam ênfase aos aspectos de assistência. Albuquerque (2016) menciona que para alguns responsáveis os aspectos de desenvolvimento estariam ligados à uma aproximação e exposição constante ao que a unidade apresenta sobre sua proposta. A citação a aspectos de desenvolvimento pode também refletir a expectativa de desempenho da criança nas etapas de educação seguinte. Os elementos da pesquisa nos permitem apenas uma reflexão, com atenção às expectativas em prol do diálogo.

Seis mães, deram destaque a expectativas de ações que tivessem por intuito o desenvolvimento de habilidades importantes para escolarização em níveis futuros. Nessas falas, valorizaram **ações de preparação para o Ensino Fundamental.**

Eu vejo, assim, pelo menos ele. Eu vi que ele evoluiu bastante, né. Para uma criança de cinco anos, eu vi que ele evoluiu conforme a idade dele. A parte da escola ela está fazendo; o papel dela, ela está fazendo. E não tenho o que reclamar, porque a letra, ah, a letra do papai, a letra da mamãe, a cor vermelha do coração, a cor amarela no sol, então... As coisas básicas ele sabe fazer, ele sabe falar. (Mãe Luana, EDI D, Entrevista 25/09/2020)

É uma coisa que eu achei muito interessante, porque a gente pensa que a gente deixa as crianças ali para alguém tomar conta; e não é. Entendeu? EDI simplesmente é uma forma de ensinar, né, a criança aprender o abc... essas coisas do começo da escola. (Mãe Valesca, EDI C, Entrevista 28/08/2020)

Nos preocupa aqui em que aspectos as famílias estão de fato apropriando-se do discurso coerente com o objetivo das EI, que é do lugar de cuidado e educação ou se a perspectiva preparatória está invadindo o espaço e as expectativas têm se deslocado da assistência para a escolarização. O desejo de valorização da Educação Infantil e do trabalho profissional nesse segmento não pode estar referendado em ações próprias do Ensino Fundamental. Em entrevista, Valesca (mãe) demonstra percepção que alterna valores da assistência à preparação para o Ensino Fundamental, o que deixa a especificidade da Educação Infantil, invisibilizada. Na fala, a mãe diz que sua visão mudou sobre o EDI, inicialmente o via como lugar de “tomar conta”, no entanto percebeu que não era só isso, e enfatiza as ações de alfabetização. Demos destaque a essa fala por perceber mudanças em relação as percepções de assistência, como encontrado em outros estudos antes citados (Albuquerque, 2016; Teodoro, 2017). Blanco & Silveira (2011) descreve que ainda há muito o que avançar, principalmente em relação a compreensão dos adultos sobre as formas próprias da criança se relacionar com o mundo e se apropriar do mesmo.

Como lidar com as ansiedades justas e legítimas dos pais na preocupação com a formação de seus filhos, frente aos contextos culturais e econômicos em que estão inseridos, é um desafio. Se defendemos um olhar para as infâncias em seus contextos culturais, é necessário acolher anseios das famílias e ao mesmo tempo defender crianças e infâncias.

No estudo de Ciríaco & Roman (2016), na busca por vagas, os responsáveis declaram critérios assistencialistas como cobertura de vagas para mães trabalhadoras, creche como local de guarda, ênfase em cuidados e visão das professoras atrelada a figura materna. Percepções parecidas foram encontradas nos estudos de Blanco & Silveira (2011) e Losso & Marchi (2011). No entanto, atrelado aos resultados de outros estudos (Albuquerque, 2016; Teodoro, 2017), parece-nos que o caminho que vem sendo traçado pelas instituições na articulação com as famílias e as próprias mudanças desencadeadas pela formação dos profissionais, tem revelado uma mescla entre as perspectivas de assistência, preparação para o Ensino Fundamental e dos próprios objetivos do segmento da EI.

5.3.2

Estratégias de organização e uso do Facebook

O **segundo eixo, estrutura de uso do Facebook**, trata da forma como as instituições se organizam no uso da plataforma, e divide-se em **dois pontos de discussão, o gerenciamento e os tópicos de postagens**. Nesse eixo de discussão temos por objetivo entender, a partir do exposto sobre os objetivos de uso do Facebook, como as unidades organizam-se em prol deles. O gerenciamento da plataforma foi abordado inicialmente no Questionário do *Google Forms*. Entre as sete unidades respondentes, a organização envolvia os professores regentes no registro e os profissionais que compunham a direção da unidade como administradores da página, realizando postagens que em sua maioria referiam-se às imagens das propostas vivenciadas na instituição.

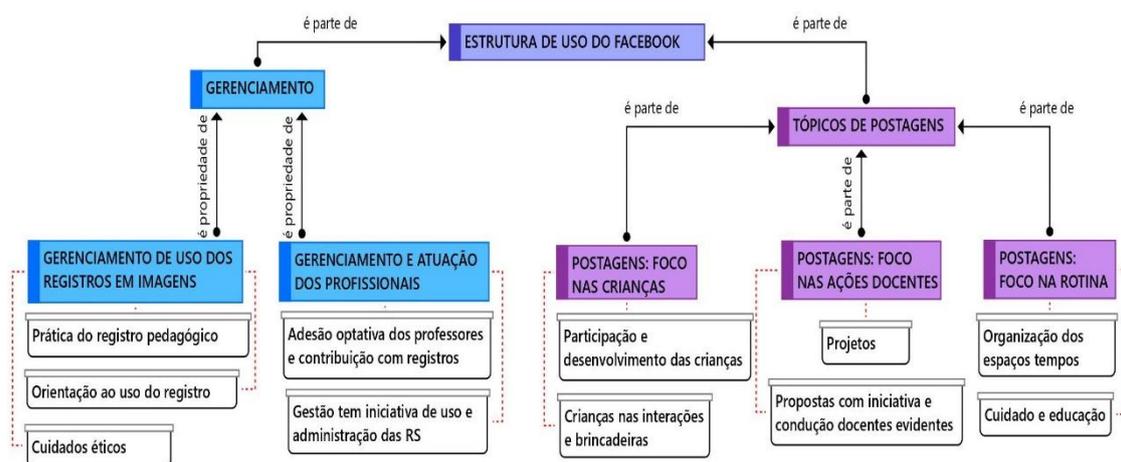


Figura 7 – Eixo estrutura de uso

Fonte: Elaborado pela autora.

5.3.2.1

Gerenciamento

O **gerenciamento** compõe-se de **duas categorias**. O **uso dos registros em imagens** trata de postagens de fotos e vídeos que retratam vivências na instituição; essa ação se relaciona à **prática do registro pedagógico**, quando os profissionais da instituição fazem uso de fotografias e filmagens das propostas que acontecem e que são vivenciadas por crianças e adultos. Também se relaciona a isso a

orientação ao uso do registro, quando diretores, professores articuladores, profissionais da Gerência de Educação Infantil ou os coordenadores da CRE solicitam aos profissionais que façam e compartilhem os registros com eles. As duas práticas anteriores envolvem ainda **cuidados éticos**, entendidos pela necessidade de obter autorização para uso de imagens das crianças pela Secretaria de Educação do município, bem como a filtragem daquelas que possam causar constrangimentos a adultos e/ou crianças, e, ainda, um olhar atento dos profissionais das unidades à disposição das crianças em serem fotografadas e/ou filmadas.

5.3.2.1.1

Gerenciamento de uso das imagens

Registrar o que é vivido na instituição através de fotografias e vídeos tem feito parte das ações docentes e esteve presente na resposta das sete unidades que responderam ao questionário. Nas entrevistas, as participantes mencionaram que a **prática do registro pedagógico** compõe as ações cotidianas de adultos e crianças. As docentes destacaram, no entanto, que o uso das redes sociais foi adotado de forma complementar a possibilidade de partilhar, visto que o uso das imagens como forma de registro e compartilhamento já estava no cotidiano do trabalho com a Educação Infantil.

No EDI D A escola já tinha essa cultura muito forte da fotografia.
(Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

A gente sempre... a gente tem esse costume, né, de tirar as fotos, né, de registrar os momentos; até mesmo para que os pais possam estar ali visualizando as fotos... (Prof. Liana, EDI C, Entrevista 24/08/2020)

E depois eu tinha os meus registros, mas era ali só para estar em algum momento... fazer um vídeo para o final do ano, para mostrar para os pais. Essa era a minha intenção. (Prof. Pamela a, EDI E, Entrevista 01/10/2020)

Já em relação às crianças, os adultos mencionaram o comportamento social de fotografar como algo de nossa cultura. Nos relatos as fotografias e pequenas filmagens eram realizadas cotidianamente por adultos e crianças, com a intenção de compartilhar o vivido.

Dos desenhos mesmo, assim, de giz no chão, eles pedem: "tia vai tirar foto?" "Eu fiz isso." "Fiz o sol." E às vezes com o amigo, né... (prof. Helena EDI D, Entrevista 14/09/2020)

E as crianças adoravam, adoravam... Oh, vamos tirar foto. Eles já sabiam. Às vezes eu poderia até esquecer de tirar fotos e eles me lembravam: "Tia, você não tirou foto, hein." Ainda mais que eles eram maiores, né, eles até me lembrar para poder tirar foto. (prof. Tânia, EDI C, Entrevista 25/08/2020)

Couto (2018), ao abordar o uso das TIC na Educação Infantil, chamou atenção para as possibilidades de protagonismo das crianças, além da visibilidade do conhecimento produzido na instituição escolar por meio da documentação pedagógica. Essa autora não estudou o uso das redes sociais como forma de compartilhamento dessa documentação, mas é importante pensar aqui, como o uso de registros em imagens, que veio sendo desenvolvido nas instituições de Educação Infantil, começou a estar presente na fala dos participantes como parte do conteúdo das redes sociais. Assim, como no estudo de Couto (2018), as professoras aqui entrevistadas demonstraram compreender que as ferramentas digitais são potenciais reveladores do protagonismo infantil e boas oportunidades de compartilhar o processo pedagógico com a comunidade escolar. No entanto, entendemos que é necessária uma apreciação mais minuciosa, visto que parte dessa documentação é revelada à comunidade escolar através das redes. Está evidente que a possibilidade de informação, a expectativa de diálogo, o desejo de compartilhar momentos vividos e de fazer ficar conhecido o trabalho realizado está envolvido na articulação entre o uso dos registros em imagens, que compõem parte da documentação pedagógica, e o uso das redes sociais (Silva, 2017; Novaes, 2018, Chairatchatakul et al., 2012). É preciso refletir sobre como a prática, ainda que informal, do uso de redes sociais tem de fato contribuído quando pensamos o papel que tem a documentação pedagógica na proposta de trabalho.

A documentação pedagógica tem um papel crucial de avaliação e acompanhamento do desenvolvimento das crianças. Ainda que esta pesquisa tenha dados que demonstraram a adoção das redes sociais em grande quantidade pela rede, esta não se mostrou uma prática oficial, uma orientação administrativa por parte da Secretaria Municipal de Educação e CRE.

Sim, Sim. Tirando, vamos dizer assim, o material mesmo dali que é o termo, né, de autorização, nenhum - que eu me lembro, sendo sincera com você - nenhum que a gente tenha que assinar e tenha que ter ciência. Então, aqueles informes gerais que a

gente recebe, mas nada especificamente, que eu me lembre, relacionada as redes sociais e nem a sua utilização. (Prof. Pamela, EDI E, entrevista 01/10/2020)

Orientação até então nesse período que estou na escola, nunca recebi da CRE da SME diretamente a mim, nunca recebi, se tem fica mais na direção da escola, nunca chegou ate mim enquanto professora. (Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

Já a **orientação de uso dos registros** em imagens e o compartilhamento dos mesmos com os profissionais da SME/RJ, como forma de documentar e partilhar o trabalho é citado.

A gente recebe, eh... Por exemplo, na semana da educação infantil, a gente recebe que fotografe, que faça... Tem esse movimento, né, pedindo para que seja feita as atividades e coloca lá hashtag educação infantil alguma coisa - do que o que foi o tema, a proposta daquela semana - a gente recebe essas orientações. (Prof. Helena, EDI D, Entrevista 14/09/2020)

Quando nós fizemos o Facebook da unidade, em 2016, a própria... A SME não, sempre teve essa questão do Rio Educa. Então, as atividades que nós... enquanto professores, construímos sempre houve essa parceria enquanto SME e Gerência de Educação. Nós mandávamos a atividade, né, o resumo. E eles sempre publicavam nessa página do Rio Educa. (Prof. Paula, EDI C, Entrevista – 14/08/2020)

Percebe-se nesses trechos que os profissionais recebiam orientações para utilização de registros do trabalho e divulgação do mesmo. Apreende-se também que a intensificação de uso de redes sociais, agora mais difundida que *blogs* e *sites*, chegou à SME e à CRE. Isso também foi percebido nos estudos de Gillens (2015), no entanto, havia uma intencionalidade declarada nas políticas educacionais ao integrar as mídias sociais no programa educacional de Ensino Fundamental e Médio. Nos resultados de nossa pesquisa chama atenção a ausência de formalidade e regulação, relacionado ao contrastante incentivo de uso. São ações individuais, sem articulação oficializada, mas que já integram as condutas dos diferentes níveis da rede de educação municipal.

Das orientações oficiais citadas pelos profissionais em relação aos **cuidados éticos**, houve uma evidente preocupação em ter autorização de uso de imagem das crianças por parte das famílias. Esta orientação precede o uso das redes sociais, pois sempre foi prática da rede o uso de imagens para documentar e compartilhar as propostas. Os profissionais ainda mostraram preocupação em filtrar imagens que pudessem trazer algum tipo de constrangimento a adultos e crianças ou que

comprometesse a imagem do trabalho; ainda relataram a necessidade de prudência para fazer filtragem das imagens a expor.

Às vezes elas sugerem se podem fazer alguma alteração, se podem incluir algo no título. E elas também têm o cuidado de, assim, que, por exemplo, me deixa mais tranquila, porque elas filtram as fotos; porque a gente sabe que às vezes acontece de... Às vezes até mesmo sem querer, né, que uma criança abaixou e aí está aparecendo a calcinha, por exemplo. A gente sabe que isso pode dar um problema futuro, se de repente essa foto for publicada, né. E a gente no dia a dia, na correria registra e não percebe. Situações assim, mais delicadas, que de repente podem escapar em uma foto, né. Mas, aí a gente sabe que elas fazem todo esse filtro, a diretora e a adjunta, antes de publicar. Então, eu fico um pouco mais tranquila. Assim, eu já envio tudo logo de uma vez, porque eu sei que elas fazem esse filtro; porque se soubesse que elas não fariam, eu teria mais esse trabalho de olhar foto por foto, detalhe por detalhe. (Prof. Judite, EDI D, Entrevista - 04/09/2020)

Eu acho que como um todo, né, você tem um certo cuidado também, né, porque pode cair na mídia, na rede social; a gente tem que sempre analisar bem a foto que a gente tirou, né. Para ver se não tem algo que a gente vai poder expor até mesmo uma criança e a nós também, né. A gente tem que ter cuidado de olhar a foto antes de postar, né, a foto comum... Normal mesmo. Como nossas fotos mesmo. Você dá uma olhadinha, o que tem lá atrás da foto que eu não percebi, né. Mas, assim, a gente tem esse costume de tirar foto e eu acho isso muito bom. (Prof. Liana, EDI C, Entrevista 24/08/2020)

Há um grande desafio para os profissionais da educação referente a articular o desejo de partilhar o vivido na Educação Infantil, lançando mão de uma ferramenta tão difundida socialmente, e manter cuidado com a imagem das crianças em redes sociais. Augusto & Simões (2017) alertam sobre o grau de conscientização de vigilância e restrições aplicadas ao uso de redes sociais. Eles identificaram quatro tipos de usuários: (i) usuários que desconhecem com segurança; (ii) usuários preocupados; (iii) usuários não preocupados; e (iv) usuários cientes de risco. Em nossa pesquisa as crianças não são usuárias diretas, de todo modo, os adultos demonstraram posturas em relação ao uso da rede que não diferem muito com os resultados apresentados pelos autores antes citados. Mumcu (2018) evidencia a necessidade de maior reflexão sobre os direitos das crianças e o debate da postura profissional que concilie as expectativas e a proteção.

5.3.2.1.2

Gerenciamento e atuação dos profissionais

A categoria, **atuações profissionais**, versa sobre como professores e gestão (diretoras, diretoras adjuntas e professoras articuladoras) organizam suas tarefas em prol do uso da plataforma. Nessa organização, a **gestão tem iniciativa de uso e administração das redes sociais**, assim, propõe o uso e administra a conta do Facebook e há uma **adesão opcional das professoras e contribuição com registros**. O que significa que elas têm a opção de aderir ou não ao uso da rede social e sua participação acontece por meio da decisão de quais momentos do cotidiano da Educação Infantil querem retratar e compartilhar com a direção da unidade ou direto, na própria plataforma.

De acordo com as entrevistas, a atuação dos profissionais para o uso das redes sociais acontecia de acordo com a melhor avaliação de cada unidade e também a adesão de cada sujeito. O questionário revelou que as unidades tinham como principal administrador da página os profissionais que atuam nas equipes de direção, assim, a **gestão tinha iniciativa de uso e administração da rede social**. Nas três unidades participantes houve uma proposta de uso das redes sociais por parte de algum membro da equipe diretiva e adesão voluntária dos professores e/ou demais profissionais da unidade. Percebemos que essa organização pode ser um pouco diferente no que se refere ao acesso direto pelos professores a postagens na plataforma. Apenas uma das unidades apresentou uma organização em que havia opção de as professoras postarem, mas em todos os EDI havia uma figura principal na organização.

Em 2016, eu virei diretora adjunta do EDI C. Quando eu cheguei aqui não existia nenhum tipo de contato, né, nenhuma mídia social utilizada pela direção, pela Unidade. Em 2016, o Facebook já estava bem divulgado entre, eh, bem difundida entre as pessoas, né, já existia as páginas; então, ambos os lados do Facebook já eram bem conhecidos. E aí eu fiz a proposta na época para diretora, eh, para gente estar criando esse Facebook. (Dir. Paula, EDI C, entrevista 14/08/2020)

Não tem mais dificuldade por ter... Eh... por saber que a administração do Facebook não está na minha mão. Eu acho que é muito mais difícil para a direção, né, de olhar todas as fotos, colocar uma legenda, que ela sempre coloca uma legenda pouca que tenha haver com a foto... Então, assim, eu não tenho desafio, acho que o desafio maior é da diretora que tem que pesar isso tudo. (Prof. Larissa, EDI D, entrevista 04/09/2020)

Na organização do trabalho, havia uma **adesão optativa pelas professoras e contribuição com registros**. As professoras regentes tinham a incumbência de registrar e encaminhar as imagens a equipe da direção. Mas esta ação não ficava restrito a elas, as diretoras, professora articuladora e a equipe de apoio também contribuía, dentro das possibilidades cotidianas. Os professores regentes eram orientados, por iniciativa da SME e Gerências, a realizar fotografias e filmagens, com a adesão às redes sociais. O movimento tomou mais uma vertente, principalmente para os gestores. Como nem sempre as professoras tinham uma conta na plataforma Facebook, os mesmos tinham opção de fazer uso direto da própria página da escola, ou fazer o envio para os diretores.

O Facebook é administrado pelas diretoras, a diretora e a adjunta e aí quando a gente registra a atividade, a gente encaminha para elas pelo WhatsApp as fotos com o título que a gente quer que seja publicado no Facebook. (Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

Ela conversou com a gente, com a entrada dela, né. Aí ela foi e falou: vamos fazer dessa forma, eh, vocês fazem uma atividade na sala, tira foto e envia para gente, que a gente vai estar postando, né. (Prof. Tânia, EDI C, Entrevista 25/08/2020)

Esse ano eles fizeram isso, de tirar a foto e mandar para mim. E aí eu verifico todas as fotos aí eu que exponho. (Dir. Silvana, EDI D, Entrevista 21/08/2020)

Os professores relataram não haver uma obrigação de fazer, mas disseram ser esperado pelas famílias. Também não havia por parte da CRE uma obrigação da existência de redes sociais, apenas uma orientação quanto ao registro, mas há um incentivo, visto que o uso de redes sociais por parte dos diferentes níveis da SME veio se expandindo e compondo as relações estabelecidas entre os diferentes níveis. No relato das diretoras ficou evidente que tentam lançar mão dessa ferramenta e que concentram a organização dela, a fim de evitar que os professores se vissem obrigados a participar ou que ficassem sobrecarregados. Nos estudos de Correia (2013) o uso de ferramentas de mídias sociais oportunizou o estreitamento da relação professor-aluno, porém também trouxe consequências como a exposição dos docentes e a utilização por parte das instituições como instrumento de controle. O autor revela um “exercício de poder” através das redes, que se refletia inclusive nas relações trabalhistas. Observamos em nossa pesquisa o fato de haver uma demanda de trabalho não relacionada às atribuições profissionais dos diferentes níveis. O uso improvisado da rede social se mostrou parte das relações de trabalho

e da carga horária de profissionais, sem mencionar o uso de recursos tecnológicos próprios. A não distinção dessas atividades de forma oficial, ao mesmo tempo que as inclui nas ações pedagógicas como iniciativa de melhor relação comunidade-escola, expõe profissionais a demandas que ignoram a divisa – vida privada e profissional – além de uma sobrecarga de trabalho, sem registro.

5.3.2.2

As vivências compartilhadas no Facebook: a EI se faz conhecer(?)

O ponto de discussão sobre **os tópicos de postagem** trata diretamente sobre o que as unidades optam por colocar na plataforma, e está dividido em **três categorias: o foco na rotina, o foco nas ações docentes, e o foco nas crianças**. Nessas categorias, estão incluídas as análises das amostras de postagens no Facebook, traremos exemplos das três unidades em cada subcategoria. A intenção deste eixo é voltar-se para as falas dos sujeitos e para as imagens postadas, ainda relacionadas aos objetivos de uso do mesmo e organizações adotadas pelas unidades. Para compreender as percepções de profissionais e de familiares sobre o uso das redes sociais nos EDI, ponderamos os conteúdos das postagens realizadas pelas unidades na plataforma Facebook. Diante dos propósitos apresentados pelos participantes que são a integração da família com o EDI, o conhecimento e a valorização da Educação Infantil, traremos a seguir uma análise da configuração desse propósito nas falas de famílias e de profissionais sobre as postagens e nos próprios conteúdos encontrados na página.

Buscamos analisar o conteúdo das postagens por entender que elas contêm informações que as unidades consideravam ser importantes para compartilhar com a comunidade escolar. Há uma variedade de propostas nas entrevistas de profissionais e mães, entendemos que essa escolha já reflete parte do trabalho construído com a infância em cada unidade.

Mas aí no caso, eles postam muito as atividades que eles fazem no dia a dia entendeu? Então é bom, porque a gente acaba acompanhando (Mãe Rizete, 25/09/2020).

Mas também tem muito disso do nosso dia a dia, assim que situação que ocorrem no dia a dia que as vezes a gente acaba registrando, publicando (Larissa, 04/09/2020)

5.3.2.2.1

Postagens: Crianças e seus modos de estar nos EDI

O **foco nas crianças** são postagens que procuram evidenciar como as crianças vivenciam a Educação Infantil. Tem como subcategorias a **participação e desenvolvimento das crianças**, quando dá foco em seus envolvimento e a expressões de suas aprendizagens, e **crianças nas interações e brincadeiras**, quando o destaque são as iniciativas das mesmas.

A gente sempre procurava manter esse vínculo com as famílias, né, através dessas fotos, né, mostrando o dia a dia da criança; as atividades que estavam sendo propostas para elas e como elas estavam ali participando. (Prof. Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

Por exemplo, o livro. A gente empresta, usa passa para o outro coleguinha, né. Aquela questão do... Tipo o livro da vida, né. Vai emprestando para a família se integrar legal do que está acontecendo; porque a criança, o bebê, ele chega sem falar e do nada começa a balbuciar, a falar. Aí a mãe: “Nossa de onde essa criança tirou essa palavra?” “Que personagem é esse?” Então, é para a família estar mesmo. A gente procura fazer com que a família se integre com o que está acontecendo lá dentro, né, da unidade. (Prof. Neli, EDI E, entrevista 09/10/2020)

Rotina... progresso... desenvolvimento deles, a gente vai tentando relatar ali e postar. (Prof. Neli, EDI E, entrevista 09/10/2020)

A **participação e o desenvolvimento das crianças** foram citados por metade dos participantes, tanto por mãe como por profissionais, como objeto de registro e postagem. Entendemos que esta escolha acontecia relacionada a ambos os propósitos de uso das redes mencionados. Para os profissionais o propósito era as fotos evidenciar para a comunidade as experiências vividas no EDI e mostrar o envolvimento das crianças. A seguir trazemos 3 postagens que foram codificadas com o código participação e desenvolvimento das crianças.

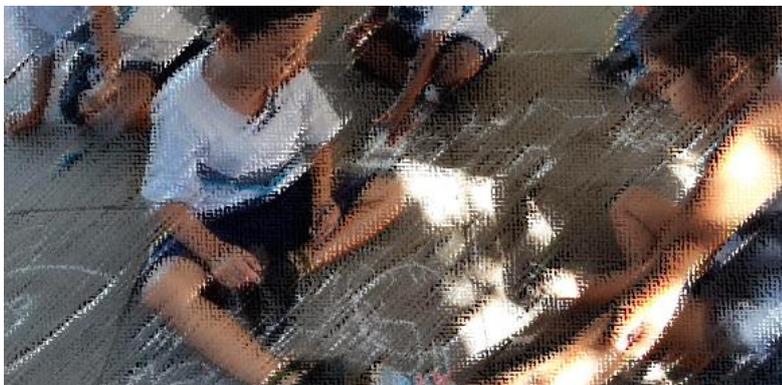


Figura 8 – Imagem 01: (EDI D, 12/09/2019)

Fonte: Facebook da unidade.



Figura 9 – Imagem 02: EDI E (20/09/2019)
Fonte: Facebook da unidade.



Figura 10 – Imagem 03: EDI C, 23/10/2019
Fonte: Facebook da unidade.

Tomamos aqui exemplos das três unidades, a fim de perceber nas postagens, registros que ajudam a olhar a intenção dos profissionais de que a proposta de trabalho da EI possa ser conhecida. Nas falas dos participantes percebemos a referência as postagens que tenham a criança como foco. Ao olhar amostras de postagens das unidades, percebemos que essas registravam ações das crianças. Seja em propostas mais direcionadas pelos adultos ou em propostas que as crianças experienciavam de forma mais autônoma. Estavam em destaque nos registros em pequenos ou grandes grupos e também de forma individual.

Na fala das mães participantes, as crianças tiveram destaque nas postagens em diferentes momentos de vivência no EDI. Relataram ver nos registros não somente o que a unidade propunha, mas o envolvimento de seu filho(a) pela possibilidade de perceber como a criança era afetada pelas experiências propostas naquele lugar. Citaram o bem estar da criança nas imagens que viam.

O Facebook, então, era uma maneira de eu ver, de ter acesso a isso. A ver como minha filha é na escola. O que ela estava aprendendo, eh... Dela com os amiguinhos, nas atividades ou... Às vezes tinha recreação também, tinha lanche. (Mãe Ana, EDI E, entrevista 29/09/2020)

O andar, o desenvolvimento, o dia a dia, as brincadeiras. A gente ver no sorriso da criança, na foto, como ela está se saindo, entendeu? Eu, como mãe, penso assim. Eu vejo que meu filho está bem nas fotos, nas brincadeiras. Então são muitos momentos bons, entendeu? Eu acho que deveria continuar assim, porque está sendo muito bom. (Mãe Thayane, EDI C, 18/09/2020)

Na Educação Infantil, as propostas de trabalho têm um olhar para a criança em sua totalidade (Brasil, 2009). As postagens com foco nas crianças e suas vivências mostrou-nos uma busca por usar mais uma ferramenta de evidência de suas potencialidades. As proposições buscavam envolver as crianças em sua integralidade, o que colabora para o afastamento de percepções sobre a Educação Infantil como etapa preparatória ou de uma função assistencialista. É um desafio lançar mão de alguns registros, em vista de colaborarem com o propósito de fazer conhecer a capacidade de produção simbólica da criança e de sua contribuição como membro de um grupo social (Dip & Tebet, 2019). Esta estratégia precisa estar atrelada às vivências reais e a diálogos entre profissionais e desses com as famílias.

A compreensão da criança como ser ou potente e da forma como ela relaciona-se com o mundo é elementar diante do propósito de fazer conhecer a Educação Infantil e integrar famílias e unidade escolar no trabalho com crianças e

bebês. Nessa articulação, há outro ponto destacado por metade dos profissionais e famílias como parte do que é postado, que se refere às **crianças nas interações e brincadeiras**.

Assim como crianças que eram às vezes muito tímida ou muito mal humorada e tinham a mesma reação na hora de passar por um túnel, na hora de fazer um percurso e que a criança estava de fato vivendo aquela brincadeira e a gente conseguia pegar o clique naquela hora e a mãe falava: “Nooooossa tia! Eu fiquei impressionada.” (Dir. Paula, EDI C, Entrevista - 21/08/2020)

Mostra que nosso trabalho é muito além do que só folhinha, do que só trabalho. A gente está desenvolvendo todos os aspectos das crianças através da brincadeira, através da atividade dirigida, até mesmo do parquinho que as crianças usam, enfim. (Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

O desejo de evidenciar como a criança vive a brincadeira, como ela interage e relaciona-se com seu entorno, foi um dos temas evidenciados por parte dos profissionais. A marca da brincadeira como forma da criança relacionar-se com o mundo é essencial para dialogar com as famílias, não só sobre o trabalho que a unidade constrói, mas sobre a forma do adulto olhar para a criança e envolver-se no relacionamento que ela constrói com seu entorno. As três postagens a seguir foram codificadas como **crianças nas interações e brincadeiras**.



Figura 11 – Imagem 04: Postagem, EDI E, 22/10/2019
Fonte: Facebook da unidade.



Figura 12 –Imagem 05: Postagem, EDI C, 30/08/2019
Fonte: Facebook da unidade.



Figura 13 – Imagem 06: Postagem, EDI D, 03/09/2019
Fonte: Facebook da unidade.

Nas três imagens, as experiências vividas nas brincadeiras se fazem presentes. As mães deram destaque ao lugar que a brincadeira tinha, relataram que viam postagens das brincadeiras e ainda mencionaram fatores relacionados ao desenvolvimento dos filhos. Destacaram também o papel das brincadeiras como algo essencial para o que viam sendo desenvolvido na creche. A mãe Ana, ainda mencionou a brincadeira em oposição a uma visão de lugar em que as crianças

receberiam apenas cuidados essenciais, reconhecendo a brincadeira como elemento da proposta pedagógica. Aqui trata-se de entender a brincadeira como recurso comunicativo, forma de a criança realizar e agir no mundo (Rivero & Rocha, 2019).

Era tanta coisa assim, porque minha filha ela é muito tímida, então isso daí, acabava que lá na escola acabava interagindo mais, então tudo que ela fazia lá, ela brincava bastante e ela tem muito apego com as diretoras, a professora. (Mãe Rizete, EDI D, Entrevista 25/09/2020)

Aprender com uma brincadeira, né, porque lá não é uma coisa assim de você só tomar conta da criança. Eles aprendem dentro do EDI, nesse formato do E.D.I. Não é igual a creche de antigamente. (Mãe Ana, EDI E, Entrevista 29/09/2020)

Brincadeiras e interações são os eixos norteadores da proposta pedagógica da Educação Infantil (Brasil, 2009, Art. 8º). Houve destaque para as brincadeiras nas vivências das crianças quando profissionais e mães falaram, além de estar representado nas próprias postagens. Esses fatores nos permitiram entender que havia a intenção de estimular a compreensão sobre o papel da brincadeira na proposta e que os profissionais buscavam fomentá-la através dos registros. Em Blanco & Silveira (2011) vimos a percepção das famílias sobre o lugar da brincadeira, ocupando um lugar de oposição às aprendizagens, muitas vezes depreciada em prol de propostas inerentes ao Ensino Fundamental, como a alfabetização. Em nosso estudo, ao focar nas brincadeiras, a instituição buscou pôr em evidência o papel crucial que ela tem no trabalho, pois ainda é necessário refletir o quanto essa evidência está clara. Não é algo complementar ou objetivada para fins de alfabetização ou aprendizagens, mas como linguagem e forma de a criança interagir com o mundo, se apropriar dele e transformá-lo (Rivero & Rocha, 2019; Soares & Côco, 2019). O avanço desta discussão passa pelo cotidiano, pelos encontros diários, pela construção coletiva da proposta pedagógica, o que requer maior articulação e, conseqüentemente, maior tempo das famílias em contato com a proposta da unidade.

5.3.2.2.2

Postagens: destaque das ações docentes

O foco nas ações docentes traz como conteúdos os **projetos** que acontecem na unidade; seja em comemorações, culminâncias e desenvolvimento dos mesmos. Também trazem **as propostas com iniciativa e condução docentes** relacionadas ao planejamento docente e a condução de aprendizagens. Havia evidência de ações das crianças e as ações docentes que orientam as experiências. Observamos proposições claramente pensadas, organizadas e apresentadas pelos docentes e projetos elaborados na unidade que vinculam interesses e planejamentos de adultos e crianças.

As profissionais de dois EDI falaram sobre **as propostas com iniciativa e condução docentes** e a necessidade de se sentirem valorizadas, bem como sobre a vinculação do que era proposto aos eixos curriculares regidos por legislações da área.

Um momento muito bacana. Então, a gente trabalha conteúdos, né, do nosso dia a dia, da educação infantil, conceitos seguidos pela BNCC, mas que trazem também aquela realidade para o nosso dia a dia. Não está naquela... Só longe, nos livros, distante. Porque a gente tentou trazer um pouquinho dessa vivência para eles. (Prof. Júlia, EDI C, entrevista 27/08/2020)

Muitas fotos a gente acaba priorizando, enviar fotos de atividades, num tem como a gente fugir disso né porque ... a gente quer por o que a gente planejou. Professor tem muito disso, desse narcisismo "porque fui eu que planejei, fui eu que fiz , então olha que lindo que eu fiz! E muitas vezes a gente ignora né ou deixa para lá a criação das crianças, o que veio a partir delas, a gente quer mostrar o que veio a partir de nós adultos, uma visão autocêntrica mesmo, de que veio a partir de nós para eles a não delas para nós. (Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

É interesse a percepção que a professora Judite mostrou ao perceber sua condição de adulto que quer ser reconhecido em seu trabalho e que sabe que se coloca em posição superior aos interesses e às ações das crianças. Essa consciência é importante no cotidiano do trabalho, o reconhecimento disso já é um passo para reconduzir as práticas habituais. Reconhecer uma perspectiva autocêntrica deve estar acompanhada de um projeto de trabalho que pense a infância a partir do que ela tem, como força e capacidade (Kohan, 2008) e que estejam atentos e impelidos das demandas das crianças, para incentivar e promover as proposições infantis (Soares & Côco, 2019).



Figura 14 – Imagem 07: (EDI C, 30/11/2019)
Fonte: Facebook da unidade.

Descrição: Amor? Que sentimento mais nobre! Que valor significativo!
Espalhe amor!



Figura 15 – Imagem 08: (EDI C, Postagem 16/08/2019)
Fonte: Facebook da unidade.

Descrição: Esta semana, a turma EI-51 trabalhou a contação da lenda Saci. A professora Júlia levou a turma até o quintal para capturar a carapuça do Saci. Após, os alunos retornaram para a sala de aula e, lá, descobriram o que tinha na carapuça (pedacinhos que formavam palavras), que, depois de descobertas, além, do desenho,

houve a tentativa da escrita das mesmas. No final, a turma coloriu e montou o quebra cabeça do saci.



Figura 16 – Imagem 09: (EDI E, 29/09/2019)

Fonte: Facebook da unidade.

No artigo de Bernardi & Silva (2015), aparece a oportunidade de fazer conhecer a elaboração de ideias, planos e eventos pelos funcionários da escola. O destaque as propostas e orientações das professoras está presente nas imagens e nos dois enunciados. A tensão está entre o lugar da brincadeira e do protagonismo da criança e a necessidade de mostrar o trabalho profissional e as ações docentes. É necessário clareza sobre ter a criança como centro do planejamento curricular, pois a ênfase no papel dos adultos não deve ocasionar uma contradição em vista das lutas da Educação Infantil que visa a valorização de seu lugar.

Somente as mães do EDI E mencionaram postagens referentes às ações docentes. O brincar foi citado como algo que aparece bastante nas postagens. Enquanto nos estudos de Blanco & Silveira (2011) a brincadeira foi mencionada pelos participantes em oposição às aprendizagens, como algo para entretenimento apenas, em nosso estudo a abordagem sobre as brincadeiras e ações docentes acontece com reconhecimento de sua importância. A partir do que os pais disseram – ver e entender como importante – a alfabetização e outras habilidades que são propósitos do Ensino Fundamental não tiveram destaque. Questionadas sobre o valor do que viam, as mães atribuíram às vivências um valor de desenvolvimento social e ao falar de projetos, associam à construção de conhecimento de mundo.

Aprender com uma brincadeira, né, porque lá não é uma coisa assim de você só tomar conta da criança. Eles aprendem dentro do EDI, nesse formato do E.D.I. Não é igual a creche de antigamente. (Mãe Ana, EDI E, entrevista 29/09/2020)

As pessoas têm a visão de que creche você não ensina nada, né. Porque são crianças, eh, e você ensina brincando... Então, acho que... se fosse tudo sem muita responsabilidade, mas não é, né! Tem programa a ser seguido. Um programa não, hum... acho que esqueci o nome, me fugiu a palavra. Cronograma, né? A se seguir, coisas a serem ensinadas. Então, eu acho que é importante porque mostra isso, entendeu, que têm atividades ali sendo feitas, que tem coisas a serem ensinadas. (Mãe Ana, EDI E, entrevista 29/09/2020)

As mães destacaram postagens com motivos ou significados que associavam admiração pelo trabalho e compreensão do brincar como parte dos processos infantis de construir conhecimento. Porém, percebemos que há um longo caminho na defesa do papel da brincadeira e do adulto como sujeito que impulsiona a própria linguagem do brincar na Educação Infantil, pois ainda é uma linha tênue que separa o olhar para a brincadeira como linguagem e dela como ação objetivada em propósitos adultos de abordagem de conteúdo.

A postagem de **projetos** foi citada por profissionais das três instituições. As professoras destacaram que a instituição trabalha com projetos e mencionaram a importância das famílias perceberem a construção, desenvolvimento e culminâncias dos projetos. O registro dos projetos é entendido como uma forma de compartilhar os percursos e da família acompanhar o que a escola estava propondo como experiência para as crianças.

Coloco ali, aquilo ali está visualizando, está expondo, tanto para escola como para comunidade, que aquela proposta da turma para ser uma colocada ali. E eles abraçam essa ideia. Então acho que é uma maneira de, vamos dizer, de olhar para aquela foto e dizer: não, foi isso mesmo que a professora falou; É isso daí, a nossa turma fez essa proposta. (Prof. Pamela, EDI E, entrevista 01/10/2020)

Ai essa identidade cada turma, são super diferentes, cada turma faz do seu jeito. E aí essas fotos dos professores que tiram e mandam para mim, né? É desse jeito. (Dir. Simone, EDI C, entrevista 21/08/2020)

Chamou-nos atenção os projetos como parte das ações docentes, tanto em postagens como na fala dos participantes, relacionando-os às ações que os adultos propunham para serem vividas pelas crianças. Este ponto se relaciona com a própria demanda que vem da administração central e da CRE, visto que parte de indicações sobre enviar imagens/registros de culminâncias e eventos podem induzir a

preferência por esses momentos. A SME/RJ adota postura de construir grandes temáticas de projeto e de solicitar que todas as instituições abordem e façam registros deles.



Figura 17 – Imagem 10: (EDI C, 15/11/2019)
Fonte: Facebook da unidade.

Descrição: 1ª ExpoZoo do EDI C – animais terrestres. Explorando todos os sentidos e agregando vivências. Com a Natureza e a sua Biodiversidade aprendemos valores e a respeitar de forma sustentável nosso hábitat. Ait CRE



Figura 18 – Imagem 11: (EDI D, 15/11/2019)
Fonte: Facebook da unidade.

Descrição:

“Na telinha da EI-53 aprendemos e participamos de diversas atividades sobre esse meio de comunicação tão presente no universo infantil (emoji de televisão) #noar #natelinha”.

30 FOTOS



Figura 19 – Imagem 12: EDI E, 13/11/2019

Fonte: Facebook da unidade.

Algumas postagens tinham sinalizações, também citadas em entrevistas, que são realizadas com marcações dos níveis superiores da SME nas redes sociais e com temáticas indicadas com #. A indagação que nos ocorre é: e as vivências que são originárias dos interesses das crianças, como as indicações da SME e CRE fomentam o destaque a elas?

A proposta da Educação Infantil deve se fazer a partir dos projetos que proporcionem interesse e compreensão de mundo, com brincadeiras e interações, nas quais as crianças são protagonistas na construção de seu próprio conhecimento. Diante de tal proposta pedagógica a SME/RJ tem o papel de incentivo às iniciativas profissionais e institucionais que valorizem os interesses das crianças. Deve fomentar ações que prestigiem o protagonismo das crianças e que reconheçam suas potencialidades. Entendemos que demandas recorrentes de projetos unificados não contribuem para o olhar subjetivo, que requer o conhecimento dos interesses das crianças em cada unidade ou grupo. Há na narrativa das profissionais uma preocupação com os registros indicados pela SME ao mesmo tempo que narram que nem sempre é possível registrar o que é vivido, pelas demandas do trabalho cotidiano. Também há narrativas de que a equipe da direção acaba se envolvendo propositalmente nos registros de projetos, já que se preparam para tal enquanto as professoras estão envolvidas nos mesmos, assim os projetos institucionais têm maiores oportunidades de registro.

Mas era muito linda. Eu não sei se você algum dia já foi na exposição, mas se você entrar na página do EDI C, tem a exposição, as fotos da exposição. Aí você vai ver que é uma mais linda do que a outra. (Mãe Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

Tem muitas comemorações que elas postam bastante as comemorações assim que teve, teve uma comemoração que elas fizeram desfile com as crianças, coisinha mais linda assim, as crianças desfilando. (Mãe Rizete, EDI D, entrevista 25/09/2020)

Outra indicação se refere à possibilidade de ver o processo realizado para a construção dos projetos. Este ponto foi abordado pelas mães de dois EDI participantes, quando demonstraram satisfação em ver como crianças e adultos vivenciam a condução dos projetos.

Porque a gente não vê o trabalho que elas têm com a criança, para a criança fazer aquele trabalhinho. Maioria das vezes agente chega lá e já está pronto. A gente vê aquilo lá bonito, bem bacana, mas não vê o processo, em como é trabalhoso, como a criança se importa, como umas ligam, outras não para fazer aquilo ali, elas iam filmando e tirando fotos de cada etapa: oh estão começando a fazer, o meio e já pronto. Eu gostava muito de ver esse processo, de etapas pelo Facebook. Entrava para ver as etapas, o passo a passo das crianças. Até na merenda (Mãe Nathalia, EDI D, 21/09/2020)

As narrativas e postagens nos mostraram convergências e distanciamentos, indicaram a dinâmica presente que envolve o vivido, o desejado e o debatido. Os professores lançaram mão de registros de diferentes momentos de experiências, que envolviam o que foi ou não planejado pelos adultos. O destaque para as ações docentes que aconteceu nas narrativas traz para o debate o desejo de reconhecimento do trabalho, seja por iniciativa dos profissionais da instituição ou pelos profissionais da SME. No entanto, é necessário estar atento ao limite entre esse desejo e as práticas que ignoram o papel da criança em seus processos de desenvolvimento. O anseio pelo reconhecimento profissional e a luta pelo conhecimento da infância como lugar de possibilidades são caminhos integrados, mas podem ficar tencionados, na militância pela educação de bebês e crianças.

5.3.2.2.3

Postagens: A rotina em evidência

O **foco na rotina** refere-se às postagens que representam a variedade de vivências que ocorrem na instituição em seu dia a dia. Está dividida na **organização dos espaços tempos**, que mostra o cotidiano da Educação Infantil em suas interações, aprendizagens e espaços e no **cuidado e educação** nas ações cotidianas. Mães e profissionais das três unidades citaram este tópico sobre as postagens.

A gente sempre procurava manter esse vínculo com as famílias, né, através dessas fotos, né, mostrando o dia a dia da criança; as atividades que estavam sendo propostas para elas e como elas estavam ali participando. (Prof. Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

Quando eu fui de berçário, ainda tinha os agentes ali para estar auxiliando: “Olha eu vou estar fazendo essa atividade, tira uma foto aí”. Mas você enquanto pré-2 está sozinha. Isso aconteceu várias vezes. A própria [...], que é a nossa diretora, ela: “Poxa Pamela registra essa atividade. Tão legal”. E as vezes eu estava lá fora fazendo uma hortinha com eles, estava com a mão na massa, com a mão toda suja... Ela mesmo ia lá pegava o celular e ela registrava, depois ela passava para mim. (Prof. Pamela, EDI E, 01/10/2020)

Os profissionais destacaram aqui o uso das redes sociais como um espaço onde a escola poderia expor-se, e as três escolas evidenciaram estarem voltadas para divulgação e exposição de atividades que eram realizadas cotidianamente, revelando as rotinas construídas. Abaixo, as postagens se referem aos usos dos espaços e tempos, mostram diferentes atividades em locais diversos das unidades.



Figura 20 – Imagem 13: EDI C, 03/09/2019
Fonte: Facebook da unidade.



Figura 21 – Imagem 14: EDI D, 10/10/2019
Fonte: Facebook da unidade.



Figura 22 – Imagem 15: EDI E, 19/11/2019
Fonte: Facebook da unidade.

Diferente das unidades de Ensino Fundamental estudada por Evangelista (2017), as unidades de Educação Infantil em nossa pesquisa não focaram em apresentar ações diferenciadas. Deram destaque ao cotidiano, as organizações diárias, **a organização dos espaços tempos** por adultos e crianças. As postagens buscaram representar um pouco da variedade de coisas vividas na unidade, das interações e brincadeiras que compunham o cotidiano e que eram maneiras diversas de crianças e adultos viverem experiências naquele lugar.

Mas aí no caso eles postam muito as atividades que eles fazem no dia a dia entendeu? Então é bom, porque a gente acaba acompanhando.

É, quando as crianças estavam em sala de aula, eles postavam muitas atividades mesmo do dia a dia, lá na escola da minha filha eles postavam assim bastante as crianças brincando, o dia a dia mesmo, no refeitório, no parquinho, na hora das atividades junto com as outras crianças, então eu gostava bastante. (Mãe Rizete, EDI D, 25/09/2020)

É um álbum muito legal que seria sala da leitura, de coordenação motora, da questão das cores. Ela montou no terraço, ela aproveitou o espaço que estava lá na unidade. Para ensinar a criança questão do trânsito, a questão da calçada, a questão de criança rabiscar parede ficar à vontade não é coisa que a gente fica louca quando faz em casa da criança ficar com vontade que aquela parede ali rabiscando... (Mãe Lenita, EDI C, 31/08/2020)

As mães citaram diferentes organizações e usos de espaços tempos. Apresentaram contentamento com a oportunidade de ver as postagens que mostravam as propostas nos diferentes espaços da unidade e citaram o que entendiam como oportunidades nas experiências vividas. Na pesquisa de Bernardi

& Silva (2015), o formato de apresentação de propostas em que aparecia o cotidiano foi bem aceito pela comunidade escolar. A utilização do Facebook também foi organizada em prol de divulgar a rotina das crianças da escola e oportunizar à comunidade o acompanhamento de eventos no cotidiano. As postagens dos EDI, com foco nos espaços tempos, dialogaram com o objetivo exposto pelas profissionais em fazer conhecer a Educação Infantil em suas especificidades. Apresentaram à comunidade escolar alguns elementos da proposta de Educação Infantil que busca o desenvolvimento integral das crianças, relacionando-os aos espaços tempos e as muitas possibilidades de explorar os espaços em propostas significativas e diversas.

Outra categoria analisada se refere ao **cuidado e educação**. Este ponto se fez presente na entrevista de treze participantes divididos entre as três instituições. Referências a momentos de alimentação e sobre gestos de carinho e atenção dos profissionais se fizeram presente nas falas de mães e professores.

Porque, assim, as fotos expressam, né, a alegria da criança. A criança está ali, ali entretida nas brincadeiras, nas atividades, né, em todo nosso processo; então, assim, eles botavam: “que legal ver meu filho assim alegre”, né? “Saber que está em uma escola de qualidade” Eh... “O carinho dos profissionais, com carinho que vocês têm para com as crianças”. Então, isso tudo é muito gratificante. É muito bom, né, a gente recebe esse tipo de comentário, né, ver que nosso trabalho está sendo feito de uma forma positiva para eles, está chegando para eles de forma positiva. (Prof. Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

Até na hora da alimentação, uma coisa também que chamou muita atenção, um aluno que tem um certo problema com a obesidade e só quer comer coisas que não são muito saudáveis e tal, e aí teve um dia que teve um mingau na escola e ele falou que não ia comer porque não gostava. Aí eu falei: “não, mas é bom e tal...”. Aí ele comeu, pediu para tirar foto: “tira foto para minha mãe, que eu comi e tal, não sei o que” e mostrou. (Prof. Helena, EDI D, entrevista 14/09/2020)

Como eixo de trabalho da Educação Infantil, o cuidado e a educação se fazem presentes nas práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da EI pela DCNEI (Brasil, 2009). É uma especificidade do segmento que se difere dos propósitos vistos nos estudos de Evangelista (2017) e Duarte et al. (2019). Ao querer tornar evidente os objetivos específicos desse segmento, mostrar o trabalho em sua especificidade. Os profissionais procuraram registrar a ocupação dos espaços, as relações entre adultos e crianças, as emoções aparentes, a alimentação e outras nuances que compõem de forma subjetiva o trabalho e que revelam a potência comunicativa e relacional do cotidiano de um trabalho com crianças e

bebês que articula cuidado e educação. As postagens a seguir trazem imagens do cotidiano, momentos vividos com frequência na unidade e que apresentam instantes dedicados à alimentação. Também se faz presente gestos de atenção e cuidado entre profissionais e crianças, situações que se misturam ao contexto, mas que têm atenção das mães entrevistadas.



Figura 23 – Imagem 16: EDI E, 22/10/2019
Fonte: Facebook da unidade.

Descrição: “Hoje foi dia de piquenique na RI 21... Quanta expectativa das nossas crianças, que amaram (emojis de carinhas apaixonadas)”



Figura 24 – Imagem 17: EDI C, 23/10/2019
Fonte: Facebook da unidade.



Figura 25 – Imagem 18: (EDI E, 22/10/2019)
Fonte: Facebook da unidade.

A alegria e o bem estar das crianças foi fala recorrente quando as mães relatavam o que viam nas postagens. Mencionaram a postura dos adultos na relação que estabeleciam com as crianças e como isso era significativo na avaliação que faziam sobre o trabalho e o desenvolvimento das crianças. O cuidado, a alegria das crianças, seu bem estar é ponto importante nos sentidos atribuídos pelas famílias à Educação Infantil (Araújo, 2015). A expectativa de que as professoras sejam atenciosas, cuidadosas e carinhosas em prol do bom desenvolvimento de seus filhos integram seu olhar para as informações que buscam e avaliam. Isso também acontece em relação às informações que circulam nas redes sociais.

Olha teve uma vez que ela colocou sobre a criança interagindo com alimentação e se foi uma interação da criança com alimento dentro da creche, eu achei muito legal... (Mãe Lenita, EDI C, entrevista 31/08/2020)

O tratamento dos professores, da diretora... Eu acho muito bom por isso. A gente vê o carinho deles com a criança, é muito bom. (Mãe Juliete, EDI D, entrevista 28/09/2020)

Se ela consegue realizar as atividades, se ela está dormindo, se ela está se alimentando direito, toda essa rotina. (Mãe Camila, EDI E, entrevista 29/09/2020)

Há um potencial comunicativo e relacional no cuidado, sendo uma postura ética, de construir uma relação de alteridade, de zelo, de entrega ao diálogo (Guimarães et al., 2019). Em nossa pesquisa, o cuidado e a educação amparam o desejo de conhecimento e reconhecimento das especificidades do atendimento a

bebês e crianças. As falas e postagens suscitaram aspectos que estão nos cotidianos de trabalho e nas discussões acadêmicas. Em vista das possibilidades tecnológicas de comunicação, esses aspectos tomam mais um espaço de visibilidade e podem ser uma oportunidade de ampliar o diálogo cotidiano e pessoal entre os diferentes sujeitos da ação educativa. O objetivo é que o cuidado e educação sejam vistos em seu sentido real e cotidiano (Guimarães et al., 2019), desde que considerados as diferentes dimensões necessárias no fenômeno já recorrente de uso das redes sociais pela educação.

5.3.3

O que traz o uso do Facebook? Percepções entre EDI e famílias

O **terceiro eixo** de discussão refere-se às **reverberações** percebidas pelos sujeitos sobre o uso da rede social e é composto por **quatro categorias de análise: diálogos, situações que requerem cuidado, papel complementar no conhecimento da proposta pedagógica e receptividade de uso do Facebook**. De acordo com as narrativas dos participantes, há duas vertentes no propósito de uso da rede: o diálogo entre EDI e família e a expectativa de que a Educação Infantil seja conhecida e valorizada. É importante ter estes objetivos lembrados ao olhar o que trazem como percepção das decorrências de adoção da rede.

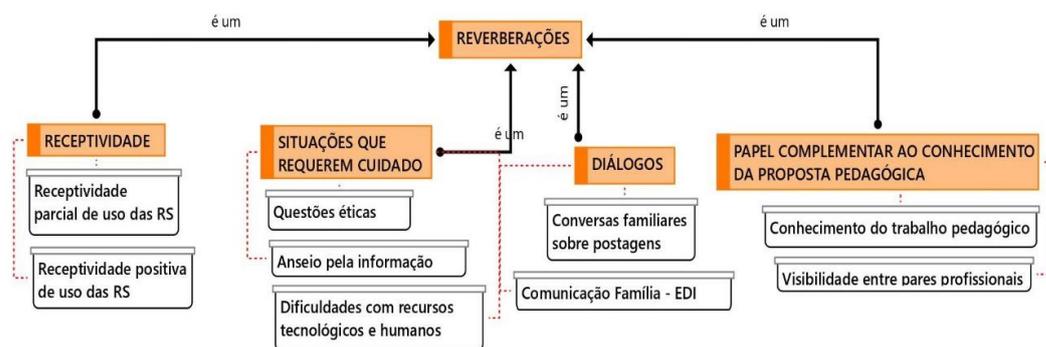


Figura 26 – Eixo Reverberações
Fonte: Elaborado pela autora.

5.3.3.1

A adesão ao uso da rede social

A categoria **receptividade de uso do Facebook** se mostrou **positiva** ou **parcial**. A positividade se apresentou na participação intensa das famílias através das ferramentas de interação da plataforma, como comentários, curtidas e compartilhamentos, além de falas constantes de aprovação nas entrevistas. A receptividade parcial refere-se ao fato de que a adesão acontece por um grupo determinado, que se mantém constante no uso da rede e pela adesão gradual das famílias de crianças recém matriculadas na unidade.

Na percepção de nove profissionais, das três instituições, havia uma boa adesão às redes sociais por parte das famílias. Ainda que compreendam que nem todos eram alcançados, percebiam as famílias presentes, com **participação através de comentários, reações e compartilhamentos das postagens**. Todas as mães avaliaram o uso de forma positiva e disseram perceber que houve boa adesão de outras famílias também.

Ah, com certeza. Sempre eles estão enaltecendo o trabalho, estão sempre falando da grande visibilidade, eles aplaudem mesmo, eles ficam felizes de estar vendo o retorno. (Prof. Júlia, EDI C, entrevista 27/08/2020)

Sim, com certeza. Os pais comentavam, néh? Os pais curtiam, comentavam. Isso era muito legal, as atividades... nossas atividades lá; a foto das crianças fazendo as atividades. Então, assim, eles curtiam e comentavam. É gratificante ver esse retorno deles; é bom ver nosso trabalho sendo com carinho, com qualidade - tentando fazer com máximo de qualidade possível - e ver/ter que esse retorno dos pais no nosso dia a dia. (Prof. Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

Assim, tem uma participação sim; tanto de comentários quanto as vezes que eles mandam fotos: 'olha eles também fizeram aqui em casa para mostrar como é foi na escola' e estarem mandando para gente. (PA Raquel, EDI E, entrevista 14/09/2020)

Os profissionais trouxeram relatos de participação nas redes através de alguns recursos presentes na plataforma. Por parte das mães houve receptividade e reconhecimento em relação aos esforços de comunicação e transparência da unidade no uso das mídias sociais como ferramenta de comunicação (Locklear, 2019).

Acho que sim, acho que pesa bastante o fato de a gente poder acompanhar a rotina, o dia a dia pesa bastante então acho que vale a pena sim, apesar do medo. (Mãe Rizete, EDI D, 25/09/2020)

Sim, eu costumava e quando eu ia... quando eu via, às vezes, eu chamava ela e falava: 'Eu amei! Que Deus capacite vocês'. Eu até via lá, mas eu gostava mais de falar com ela no privado. (Mãe Lenita, EDI C, entrevista 31/08/2020)

Tem sim, tem. A gente está sempre próximo dos professores. Os professores, como a gente, comentando e respondendo. (Mãe Nathália, EDI D, Entrevista - 21/09/2020)

Profissionais e famílias expuseram entender que as ferramentas ampliaram as oportunidades comunicativas e que essas se desvelam em outras oportunidades fora das redes sociais, pois não consideram esse aparato uma substituição para o que pode ser vivido presencialmente nas unidades de educação (Palts & Kalms, 2015). Mas destacam que a ferramenta fomenta o diálogo e que a presença com as interações permitidas pela plataforma é possível aos responsáveis uma participação que reflete satisfação em poder ter informações sobre o que é vivido pelos filhos. Alguns relatam, inclusive, surpresa ao acompanhar vivências e desenvolvimentos que não imaginavam que a criança fazia ou era capaz de fazer.

5.3.3.2

Os cuidados que o uso da rede requer

A categoria **situações que requerem cuidado** remete-se a circunstâncias que, em virtude do uso do Facebook, exige prudência dos profissionais das diferentes esferas, requer atenção a **questões éticas**, pela exposição que o uso de redes sociais suscita. É necessário também cuidado com o **anseio pela informação**. Pela aspiração das famílias em ter informações de seus filhos com postagens constantes, há algumas posturas evidenciadas, como a cobranças em relação aos profissionais para o uso constante de registros e postagens que contemplem todas as crianças e a autorização de uso de imagem, subordinada a possibilidade de ver registros dos filhos através das redes. Quanto às **dificuldades com recursos tecnológicos e humanos** abarcam os impasses com a necessidade de registrar algo quando há poucos profissionais disponíveis no cotidiano das unidades e o uso de recursos pessoais para a promoção dessas ações. Por entender que há algumas nuances no que tange a exposição e adoção informal do Facebook, tornaram-se ponto de nossa investigação especialmente **os cuidados que o uso da rede requer**.

As **questões éticas** são recorrentes e importantes em debates sobre as redes sociais na sociedade; no caso desta pesquisa, principalmente, por estarem veiculadas a muitas imagens de crianças nas plataformas. Todos os participantes citaram a autorização de imagem como parte de um processo de cuidado, mas apenas quatro profissionais, especialmente do EDI E, manifestaram maior preocupação com este quesito.

Assim, a gente percebe que alguns professores ainda tem certo receio, né, de estar fazendo a exposição das crianças e tudo mais, mesmo tendo essa autorização dos pais. Alguns já fazem com mais liberdade, facilidade de estar colocando.
(PA Raquel, EDI E, entrevista 14/09/2020)

Olhando os limites, porque a gente sabe que ali é uma super exposição. Desde o momento que você coloca ali, você pode receber: “Ok! Estou gostando do trabalho”. Ou então pode de repente ouvir algum comentário, uma opinião, não devido ao trabalho, porque a gente vê muitas vezes alguns comentários que a pessoa realmente desconhece o trabalho ou porque olhou para você e não gostou e gostava mais da professora do ano passado, então aquele comentário vem seguida daquela opinião dela. (Prof. Pamela, EDI E, 01/10/2020)

Entre as mães, seis, das três unidades, ponderaram apreensão com a exposição. As manifestações de preocupação das mães tiveram maior relação com a exposição a sujeitos mal-intencionados quanto à noção da rotina das crianças, como o conhecimento de sua localização e horários. Ao mesmo tempo, indicaram parte de confiança e aceitação dessas condições, como forma de aproveitar o recurso para se manter a par do que acontece e acompanhar as vivências de seus filhos de forma rotineira. Os pais não citaram o controle da plataforma em si, mas mostraram entender que a exposição não era um risco tão presente e que o risco era válido em prol de se ter as informações.

Eu fico com pouco de receio neh, no sentido assim, porque expõe muito também as crianças neh. Tudo tem seu lado bom e seu lado ruim.
Acho que sim, acho que pesa bastante o fato de a gente poder acompanhar a rotina, o dia a dia pesa bastante então acho que vale a pena sim, apesar do medo.
(Mãe Rizete, EDI D, 25/09/2020)

Está essa exposição no Facebook. Botou as fotos, divulgou a exposição, a montagem da exposição. Então, assim... tem o seu lado bom? Têm! Mas também tem o seu lado ruim. Porque o Facebook tem aquele critério de quem realmente está entrando para ver aquelas fotos, daquelas crianças, para estar observando. A minha preocupação é somente por esse lado. Porque o nosso tem como a gente trancar, né, mas de uma escola tem como trancarem? (Mãe Lenita, EDI C, entrevista 31/08/2020)

Eu acho que foi bom sim. Eu não consigo ver hoje nenhum malefício. Eu fiquei com uma pouco de mede, por conta de exposição né. Porque a gente não sabe quem está vendo as fotos, né, e coisa e tal; mas a gente não tem como controlar isso. Então, são mais pontos positivos que negativos. (Mãe Ana, EDI E, entrevista 29/09/2020)

Augusto & Simões (2017), destacaram diferentes perfis de usuários das redes sociais, em relação à postura de vigilância sobre os riscos da rede. Encontraram três perfis de usuários, de acordo com o grau de conscientização da vigilância e as restrições aplicadas na rede, sendo (i) usuários que desconhecem com segurança; (ii) usuários preocupados; (iii) usuários não preocupados; e (iv) usuários cientes de risco. As crianças não são as usuárias diretas das redes sociais, de todo modo, os adultos apresentam visões diferentes de consciência sobre os riscos que envolvem a exposição de imagens e rotinas de crianças e adultos.

Quanto aos cuidados que envolvem a imagem das crianças, percebemos um impasse, o **anseio pela informação**, e o desejo de visualizar os próprios filhos em postagens e o cuidado necessário com a exposição. A mãe Rizete, trouxe esse aspecto ao expressar a ponderação que faz entre o receio com riscos de exposição e a facilidade trazida por mais uma ferramenta de comunicação. Krasnova et al. (2010) entendem que, embora o risco dificulte a autodivulgação, muitas vezes é compensada por benefícios e mitigada pelas crenças de confiança e controle. A questão ética que envolve acesso tecnológico, informação e exposição representa para profissionais e famílias possibilidades de maior integração através do diálogo, no entanto, para que ela seja efetiva, depende da forma como a utilizamos.

De modo geral é equilibrar, balancear assim, como não consigo registrar todas as crianças realizando aquela atividade é balancear né
(Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

Então a gente começou com trabalho de conscientização com esses pais, porque aqueles pais das crianças introspectivas, eles se sentiam como se os filhos fossem esquecidos, né. Ah: Porque aparece mais a foto de algumas crianças e de meu filho nem tanto? (Dir. Paula, EDI C, Entrevista - 21/08/2020)

Para as professoras, existia inclusive um certo incômodo, com a manifestação frequente de familiares que aspiram ver seus filhos com frequência nas postagens da unidade; dez dos professores citaram esse anseio. Além disso, mencionam as dificuldades de organizar o material de modo a atender as expectativas das famílias, que o trabalho demanda. Quadro parecido foi relato por Novaes (2018), em que aborda o descontentamento das professoras por questionamentos de famílias que

cobram quando não encontram fotos de seus filhos disponíveis na rede social e sobre a demanda de trabalho que isso envolve.

Todas as mães participantes demonstraram ter de fato expectativas de acesso frequente à imagem de seus filhos.

Porque assim, até pelo bem do nosso filho, né? Porque você tá vendo uma criança de... no meu caso um bebê de 7 meses. O B1 é de 6 meses a 1 ano. Aí você vê um bebe de 6 - 7 meses engatinhando ou então botando a mão sozinho na folha de tinta; aí você tá pensando: será que meu filho tá fazendo isso?; será que o meu filho tá participando? será que meu filho tá lá no chão deitado sozinho chorando? Entendeu. Então, você fica com aquela expectativa que vão uma hora para aparecer uma foto do seu filho e não vai, entendeu? Aí é chato e dói, dói demais; porque você quer ver o que aconteceu com seu filho. Você não tem nenhuma foto de recordação, entendeu? E como foi o desenvolvimento dele. (Mãe Thayane, EDI C, entrevista 18/09/2020)

Tinha bastante fotos de todas as crianças. O que eu acho legal, porque, como pais, a gente quer ver o nosso filho. A gente gosta de ver também, né, outras crianças, é bonito, mas gente quer ver nosso filho aprendendo e vendo eles fazendo as atividades dentro de sala. (Mãe Ana, EDI E, entrevista 29/09/2020)

O acordo com o uso da imagem, que inclusive não estava necessariamente vinculado ao uso das redes, é apenas um aspecto da gama de cuidados e organizações que envolve veicular as rotinas das unidades. Silva (2017) citou a falta de clareza dos protocolos de uso das tecnologias. Este deve ser um aspecto de preocupação da Gerência e SME/RJ, deveriam produzir uma orientação oficial de uso do Facebook ou outras redes sociais, já que há presença constante dos diferentes níveis da SME e seu incentivo e presença implica imputar-se.

Atuar com a Educação Infantil e defender a criança enquanto sujeito, intima o compromisso de articular demandas de famílias, profissionais e crianças e não apenas subordiná-las às necessidades dos adultos. O compromisso com a criança passa por agir com apreço e cuidado à sua exposição, é sobre elas que falamos. Se é sobre as experiências que as crianças vivem nesse lugar, as ações devem ir além da autorização dos adultos. A adoção do compartilhamento de registros deve passar também pela participação da criança no planejamento, com escuta e o diálogo para finalmente decidir sobre o que e como compartilhar.

5.3.3.3

Os diálogos entre redes e encontros

A categoria **diálogos** é relativo à **comunicação família-EDI**, que compreende o Facebook como uma possibilidade de ampliar as interlocuções das profissionais com os familiares sobre o que é vivido pelas crianças na unidade de educação, e o **Diálogo da família sobre as postagens**, que se refere as conversas entre adultos crianças, impulsionadas pelo maior acesso às informações. Os profissionais mencionaram ver como resultados da prática adotada a ampliação de **comunicação**. Antunes (2017) percebeu que tanto as famílias quanto as educadoras estavam dispostas a utilizar meios de comunicação via internet para se comunicarem. Em nossos dados há mais que disposição, há o desejo, e foi ele quem moveu a busca por e a adoção das redes sociais.

Eu vejo mais como uma proposta... eu acredito que essa sempre foi a intenção da direção de tentar, vamos dizer assim, estreitar os laços, né, com os familiares. (Prof. Pamela, EDI E, 01/10/2020)

Eu trabalhei lá o ano inteiro e vamos dizer assim, eu consegui ter uma proximidade muito grande, com afeto. Pude estar mais próximo dessas famílias graças as redes sociais, o Facebook; porque isso nos aproximou muito e foi gostoso, foi gratificante; foi muito bom. Posso dizer que foi um ano maravilhoso. (Prof. Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

Sim. Eu acho que torna mais acessível. Eu acho que... como eu falei, a gente mostra o que está sendo feito. E eu acho que os pais se sentem... Não é que eles se sintam íntimos, não é isso, mas eles veem de uma forma assim mais acessível realmente: eu posso ter contato com a professora. As vezes eles chegam no portao: “eu posso falar?” “eu posso né...”. Isso aí facilita muito. (Prof. Helena, EDI D, entrevista 14/09/2020)

Os participantes revelaram que a adesão às redes colaborou para que as famílias, inclusive aquelas que não podiam ir à escola, pudessem **estar a par** do que seus filhos viviam na unidade. Citaram a felicidade dos familiares ao ver as atividades de seus filhos na escola. Estes dados convergem com os achados de Chairatchatak et al. (2012), o destaque maior se deu porque, justamente, quem estava ativamente na rede social era também quem estava presente cotidianamente na escola. Todas as mães participantes fizeram menção a ampliação de oportunidades de complementar a participação cotidiana através das redes.

A gente como mãe, a gente se preocupa, porque a gente deixa nossos filhos muito tempo neh, na responsabilidade delas então é tão bom quando assim, eu estou em casa e do nada elas postam um vídeo das crianças comendo, brincando, então assim, eu gosto, gosto bastante. (Mãe Rizete, EDI D, 25/09/2020)

Criou um laço, uma família, né? Então, assim o meio do Facebook trouxe para gente uma forma a mais, né, a gente já tinha os informativos, a gente sempre teve reuniões; mas assim trouxe a gente mais perto, porque se hoje eu não posso estar numa reunião... porque eles me mostram lá e ver o que tá acontecendo que foi falado na reunião. Então assim, é muito importante essa essa forma dele de trabalhar hoje com a gente, né. (Mãe Valesca, EDI C, Entrevista 28/08/2020)

De ter mais contato, mesmo que via internet tem mais contato com professores com diretores, né sempre ta ali, é bem transparente, ai eu gosto acho bem legal. (Mãe Rizete, EDI D, 25/09/2020)

O espaço virtual não era utilizado para diálogos, segundo as professoras, o comportamento dos pais nas redes sociais ficava mais restrito a elogios e compartilhamentos. Ao mesmo tempo, as profissionais enfatizaram que este comportamento tomava um caráter complementar a participação cotidiana, pois se configurava como um convite a estar presente na unidade e oportunizar outras interlocuções. Ainda que as entrevistas tenham tido como tema o uso da rede social, a todo momento os profissionais apontavam os diálogos cotidianos que aconteciam pessoalmente e como o uso da rede acontecia de forma complementar. Como parte disso, aconteciam também muitos **diálogos familiares sobre as postagens**, especialmente em vista da visualização das crianças em experiências na unidade. Ainda houve destaque para a percepção dos adultos de como as crianças participavam desse processo.

Na correria do dia a dia, aquele que trabalha tem mais dificuldade de estar acompanhando; Então, vai lá dá um beijinho de noite porque chega e a criança já está dormindo; mas eu acho que ajuda assim a estar participando mais, entendendo às vezes... Viram lá na foto, não pode estar com a criança na... conversar com a criança naquele dia, lá, no final de semana: poxa, vi isso aqui que legal, a tia postou para mamãe ver, achei legal que você fez isso. (PA Raquel, EDI E, entrevista 14/09/2020)

Ah! Eles curtem de mais, né. Ver os rostinhos deles vendo as próprias fotos deles. Eles chegam em casa e sabem que a mãe comenta que viram a foto por lá, nossos registros lá. (Prof. Liana, EDI C, entrevista 24/08/2020)

A gente conversa bastante, os tios dela sempre que veem, compartilha, manda mensagem, sempre que vê ela "ah vi você lá na internet" você estava lá fazendo isso neh, as primas dela que também são pequenas, que também estudam. (Mãe Rizete, EDI D, 25/09/2020)

Todo dia quando ela chega da escola, eu pergunto o que que ela fez na escola, o fez de bom, que atividade teve. Aí quando eu vejo alguma imagem lá no Facebook eu sempre salvo, como te falei, e aí mostro para ela... Olha filha aqui o que eu vi, você com os amiguinho. Foi legal esse dia? O que foi que fez? Como é que foi? Ela me conta toda feliz. É bom porque a criança às vezes esquece, né, as coisas. Não tem a memória tão fixada igual a gente tem. Então, quando mostrou uma foto dela, ela lembra: “Esse dia foi legal, a gente fez isso”. Me conta como foi o dia da foto. (Mãe Ana, EDI E, entrevista 29/09/2020)

5.3.3.4

Sobre outras oportunidades de conhecer a proposta pedagógica

A categoria **papel complementar ao conhecimento da proposta pedagógica**, trata da percepção por parte dos entrevistados de que o uso das redes sociais serve ao objetivo de proporcionar diferentes formas de acesso para conhecer o trabalho realizado. Assim, a **visibilidade entre os pares profissionais**, seja dos colegas que atuam em salas de aula ou dos profissionais que atuam nas esferas administrativas da Secretaria de Educação, permite inteirar-se dos acontecimentos nas unidades. Já às famílias seria oportunizada mais uma maneira de **conhecimento do trabalho pedagógico** que acontece nas unidades, promovendo circunstâncias extras de visibilidade, diálogos, conhecimento, envolvimento e valorização do trabalho. A possibilidade de usar a rede social como recurso complementar para que toda a comunidade escolar conhecesse o trabalho construído na Educação Infantil se fez presente nos relatos de todos as participantes.

Como te falei muitos pais vem, muito não, algum neh, muitos é querer demais, (risos) mas alguns pais chegam até mim para poder elogiar o trabalho feito ou então fala que a criança chegou em casa comentando sobre aquela atividade e ai tem o registro do Facebook que eles conseguem ver realmente como aconteceu, então a gente sente essa valorização. De forma sutil mas a gente sente essa valorização do nosso trabalho. (Prof. Júlia, EDI C, entrevista 27/08/2020)

PESQ: Você falou que vocês tem essa proposta de surgir, de projetos, do que a criança mostra, que vocês não trabalham com datas comemorativas. Você acredita que poder colocar isso tudo lá no Facebook - nesse projeto, desse interesse deles - de alguma forma, você percebe se consegue ajudar os pais a compreenderem, por exemplo, porque da escolha de não fazer uso da data comemorativa e sim do interesse das crianças que é a ideia da educação infantil, em si. Os pais poderem ver isso, você acha.../ Você percebe que eles verem essas fotos ajuda que eles compreendam isso, esse posicionamento da escola?

PEI: Sim, porque conseguem ver sempre, vamos dizer, há uma solidez, não é uma coisa solta. Desde o momento que é apresentado para eles, olha: a gente vai fazer isso durante esse período, vamos trabalhar com isso, isso, isso; tal dia quero fazer uma oficina com vocês. A gente vai deixando tudo muito amarrado. Então, eu acho

que, desde o momento que isso é compartilhado com ele, a ideia, as ideias são colocadas, eles estão vendo as imagens lá divulgadas no Facebook que isso que foi combinado, foi falado está sendo feito... Então, eu acho que isso vai criando mais clareza e chega um determinado momento que ele sabe... acho que ele já meio que não considera isso como tão relevante, uma criança, por exemplo, sair de lá vestida de índio, pintado, ne, caracterizado. (Prof. Pamela, EDI E, 01/10/2020)

E aí eu sinto sim, uma resposta desses pais, que de modo geral estão envolvidos na escola entendeu? Que participam de reunião, que se envolve nas propostas que a escola coloca, nos próprios eventos que a escola tem. E os que não se envolvem no Facebook e por que não se envolvem em nada mesmo entendeu? (Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

Há um desejo e expectativa de que a exposição dos movimentos de crianças e adultos dentro dos projetos torne-se um convite para os pais. A vontade de compartilhar o processo é ponto importante. Segundo os professores, houve retorno das famílias nesse sentido, pois, a visualização fomenta diálogos que acontecem presencialmente, além de estimular que os responsáveis estejam mais presentes em eventos com participação da comunidade.

PESQ: Você comentou que dos vídeos que a escola tá fazendo, você tá mostrando para ela. E no ano passado quando você via alguma coisa que Larissa tinha feito na creche ou que você via outra criança, mas você sabia que ela teria feito também na creche, costumava perguntar para ela, para saber dela como é que tinha sido aquilo, comentava sobre aquela foto que você vinha no Facebook?

MÃE: Na verdade não, porque como ela era pequenininha ela não contava muito, mas ela costumava muito gesticular, repetir as brincadeiras que ela fazia na creche em casa, entendeu? Então, a questão da planta, de regar a plantinha. Não perguntei a ela, eu simplesmente vi a foto. De repente eu me pego no final de semana com ela em casa ela querendo que eu encho o regadorzinho para ela molhar a planta, porque aqui onde eu moro tem muita árvore e ela querendo ir regar, molhar... botar água no regador para poder ela regar as plantinhas. Então, eu observava que às vezes as atitudes dela, que ela repetia aqui em casa, tudo atividades que ela fazia na creche, entendeu? Como ela tem 2 anos ainda não... fala mais um pouquinho enrolado eu não costumava ter essa conversa, mas eu costumava observar muito essas atitudes dela que ela vinha da creche com as atitudes que ela fazia lá, entendeu? (Mãe Rizete, EDI D, Entrevista 25/09/2020)

A comunicação *online* não é a solução para a comunicação ineficiente, como explorado por Clipa e Juravle (2019), mas uma alternativa complementar a ela. As profissionais e mães deixam claro que precisam estar presentes. As professoras argumentam que há muitas coisas que acontecem pessoalmente que são importantes nessa relação. Considerar a comunicação virtual suficiente, significa que tem algo errado na comunicação, ou seja, que basta a comunicação informativa, o que revela uma perspectiva subalternizada da família na relação com a escola. Em nosso

estudo os profissionais valorizam as trocas cotidianas e entendem o uso da rede como ação que fomenta a participação e buscam oportunidades de escuta.

As interações de usuários do Facebook em grupos de interesse comum, têm sido fonte de informação e formação para muitos professores que encontram lacunas (Zadminas & Vasconcellos, 2015). No caso deste estudo, as trocas configuram compartilhamento do vivido, do apoio em valorização profissional, por tornar o trabalho **visível entre pares profissionais**. Há uma participação importante dos níveis de gerência da SME nesse aspecto.

A participação que eu vejo como te falei, o pessoal sempre comenta que eles publicam compartilham, minha mãe me via muito quando é compartilhado pq a 6 CRE tem a página deles né tbm no Facebook, eles compartilham muitas atividades que os professores fazem dentro das escolas. (Prof. Judite, EDI D, entrevista 04/09/2020)

PESQ: Vocês recebiam alguma orientação, assim pensando mais agora nos aspectos mais institucionais mesmo... Vocês sabem se foi feito algum tipo de orientação por parte da SME ou da secretaria de educação com relação a esses usos, né. A partir do momento que a escola resolveu a usar, está sendo comum... De alguma forma você recebe alguma orientação vindo da CRE ou da secretaria?

PEI: Você está falando em relação ao que? Ao cuidado com o uso do Facebook?

PESQ: De uma forma geral, ao fato da escola usar o Facebook. Se tem algum aspecto, alguma orientação seja para o uso, seja no cuidado do uso ou incentivo ao uso. Em qualquer sentido.

PEI: Olha só. Antes da Pandemia, vou falar de 2019, já havia sim, vamos dizer, essa parceria, vamos supor, a SME ou a CRE estava atenta a essas postagens, não era algo que era limitado só ao nosso EDI. Tanto que algumas postagens você colocava lá hashtag 6CRE, então isso não ficava só restrito ao nosso EDI, isso era ampliado também para rede. (Prof. Pamela, EDI E, 01/10/2020)

Além desse suporte de exibição que a 6ª CRE procura sempre compartilhar o que nós fazemos e hoje a secretaria faz muito isso. Então, vira e mexe a gente vê uma atividade de nosso EDI na página da SME. (Dir. Paula, EDI C, Entrevista - 21/08/2020)

Então quando uma amiga minha me convidou para ir para lá e tal. Então, deixa eu olhar aqui no Facebook, porque a gente começa a olhar, né, o trabalho que a escola faz, os amigos que tem em comum... Entã, foi dessa forma, né, eu também conheci a escola, de certa forma, pelo Facebook. (Prof. Helena, EDI D, entrevista 14/09/2020)

Como abordado por Bernardi & Silva (2015) o uso da rede social permitiu compartilhar a elaboração de ideias, planos e eventos. Em nosso estudo percebemos que isso acontece inclusive pela criação de uma espécie de acervo do histórico da instituição. Os estudos que tratam das relações entre escola e família têm tido ponto comum à ideia de que uma boa comunicação e a promoção de ações que gerem

confiança mútua são essenciais (Silva & Luz, 2019, Monção, 2015). Estes elementos só são alcançados numa relação, que passa pelo processo de conhecer o trabalho que acontece na unidade.

Abordamos aqui reflexões entre as falas de profissionais, as percepções de famílias, postagens e estudos anteriores para olhar esse fenômeno. São diferentes aspectos que circundam o uso das redes, desde a razão de sua adoção até os acontecimentos decorrentes de seu uso. Entre as falas é recorrente a ideia de que novos elementos podem integrar as ações de construção e fortalecimento das relações, em prol da confiança mútua, do estabelecimento de uma comunicação efetiva e de uma preocupação de bem-estar de crianças, adultos e familiares.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve por objetivo conhecer as percepções de familiares e professores sobre o uso do Facebook pelas equipes de três EDI, todos localizados na 6ª CRE, do município do Rio de Janeiro. Tivemos por foco o diálogo com onze profissionais e nove mães sobre o uso de redes sociais na interlocução das professoras e famílias das crianças matriculadas em três EDI e o compartilhamento do que é vivenciado nas instituições. Foram utilizados instrumentos que reúnem dados sobre a adesão de uso das redes sociais pela rede de educação, entrevistas com os participantes e postagens na plataforma do Facebook. A escolha do Facebook se deu a partir de uma sondagem prévia de quais redes sociais são mais usadas, sendo esta plataforma a de maior uso.

O caminho da pesquisa com sondagem inicial e condução de entrevista semiestruturada de forma *online* permitiu dialogar e conhecer as percepções de diferentes participantes (mães e professoras). Nossa aproximação com elas se deu em uma postura que considere seus contextos, suas histórias, a partir das enunciações presentes. As interlocuções possibilitaram ressignificar alguns pontos iniciais de abordagem da pesquisa e conduzir a mudanças de perspectivas de trabalho, o que entendemos como um movimento rico em uma pesquisa. A análise, demonstrou que as professoras adotaram o uso do Facebook como forma de Educação Infantil ser mais conhecida, revelando-se alternativa complementar à comunicação entre famílias e EDI, bem como ferramenta que possibilita a troca entre pares. Para as professoras e diretoras, esse é um movimento importante para a valorização desse segmento da educação básica; para as famílias, uma possibilidade a mais para acompanhar o cotidiano de seus filhos nos EDI.

Na análise aqui apresentada, buscamos aprofundar o que estudos anteriores já mostravam referentes ao motivo de uso das redes sociais, visto que já traziam em sua maioria o desejo de promover maior proximidade entre família e escola. Nossa pesquisa buscou contribuir para o aprofundamento das discussões que têm por foco diálogo entre escola e família. Na Educação Infantil, essa interlocução tem papel de complementação em prol do desenvolvimento e aprendizagens de crianças.

Entendemos que já havia uma busca de diálogo entre escolas e famílias, e que esse içou mais uma estratégia com os avanços da comunicação e das mídias sociais.

Entendemos que uma forma de nos aproximarmos das compreensões construídas entre os sujeitos dos diferentes grupos ouvidos em nosso diálogo, é através do olhar para os conceitos, ideias, posições ou impressões recorrentes. É uma possibilidade de perceber em que aspectos convergem e divergem do tema. Procuramos então sistematizar as impressões que nos afetaram no decorrer das atividades do campo, um olhar panorâmico, que buscou registrar a percepção da pesquisadora na fluidez do diálogo construído nas entrevistas.

Na dinâmica de aproximação ao objeto, a pesquisa foi feita buscando conhecer o uso de tecnologias da informação em redes sociais na educação e as discussões próprias de uma pedagogia da/para Educação Infantil. No campo das tecnologias da informação e comunicação, em especial, focando as redes sociais, os estudos ressaltaram o papel que essas ferramentas vêm assumindo no campo da educação e revelam que sua adoção vem se tornando comum e cada vez mais aceita entre profissionais e bem vista por famílias como alternativa comunicativa. Ao mesmo tempo, ressaltam dilemas em seu uso, como acesso às tecnologias, exposição de profissionais e crianças e segurança na internet, temas já presentes em debates gerais de uso de redes sociais que tomam também parte das discussões sobre seus usos na educação.

Nesses estudos, a adesão às redes sociais pela educação visava as relações de ensino e aprendizagem com maior conexão entre professores e crianças. Alguns deles destacaram que o uso da rede social na comunicação com as famílias, a fim de acompanhamento da vida escolar das crianças, também se mostrou útil para a educação básica. No caso específico da Educação Infantil, a adesão das redes se dava no contato entre instituição e famílias, aspecto um pouco diferente das etapas seguintes de educação, visto terem como propósito de uso da plataforma a ampliação dos recursos e dinâmicas em prol dos processos de ensino-aprendizagem, que envolviam professores e alunos.

A literatura nos mostrou que na Educação Infantil o uso das redes sociais acontece em consonância com as famílias, pela faixa etária das crianças e pela proposta de trabalho construída no campo. Destacaram a ampliação da comunicação pela dinâmica proporcionada pelos recursos. Além de evidenciarem que os participantes das pesquisas indicaram a escolha pelo uso das redes sociais

pelo aumento do acesso aos recursos tecnológicos e pela ampliação da comunicação sobre o que acontecia nas creches.

No diálogo com as profissionais, algumas ideias se destacaram. A primeira trata dos motivos que diretoras e professoras apresentam para a escolha pelo uso do Facebook. O motivo é perpassado pela ideia de tornar o trabalho da Educação Infantil conhecido e valorizado em suas especificidades. Como argumentos apresentados há falas referentes às percepções da Educação Infantil como um atendimento assistencial; a falta de conhecimento dos pais sobre um trabalho sério, estruturado, com uma proposta pedagógica; a expectativa de entender o papel profissional do professor em acordo com especificidades dessa faixa etária; e, ainda, a associação desse segmento com o preparo para o Ensino Fundamental. As professoras e diretoras mostraram um desejo de evidenciar o trabalho realizado como reafirmação de sua ação profissional e de compreensão da contribuição da Educação Infantil para o desenvolvimento da criança.

Na entrevista, as professoras enunciam que têm por propósito o uso dos perfis de Facebook para trazer transparência ao projeto pedagógico e apresente a prática escolar. Com análise das postagens nos perfis dos EDI foi possível identificar os registros que a escola buscava compartilhar sobre a proposta pedagógica da escola, construindo seus *feeds* com sequências e apresentações dos projetos e outras propostas vividas nas unidades. Percebemos que o conteúdo das postagens dialogava com as ideias de Educação Infantil presentes nas propostas que as unidades entendem ser importantes compartilhar com a comunidade escolar.

No segundo capítulo trouxemos estudos da Educação Infantil cujo foco eram as práticas de trabalho educacional oferecido a bebês e crianças e que está presente na comunicação que acontece entre escola e família. Buscamos um panorama do que se fala entre profissionais e famílias sobre a educação infantil.

Trouxemos para nossa reflexão estudos que indicaram haver, nas perspectivas apresentadas pelos sujeitos, diferentes compreensões sobre Educação Infantil que se entremeiam. Entre as famílias, aspectos da assistência apareceram como prerrogativa para matrícula e expectativa de atendimento para as crianças. Mas houve estudos que também indicaram que a prerrogativa de direito ao desenvolvimento integral se faz presente nas propostas, ao mesmo tempo que há expectativa e destaque para ações pedagógicas de antecipação das ações das fases escolares seguintes.

As entrevistas com as mães demonstraram que há destaque para aspectos de cuidado e de educação entre as famílias. Estudos anteriores relataram que os pais entendem como importantes ações referentes à alfabetização ou a outras ações que concernem ao Ensino Fundamental, em nossa pesquisa percebemos maior ênfase em fatores referentes à socialização. As famílias destacaram especificidades da Educação Infantil como a brincadeira citada como algo recorrente nas postagens e, questionadas sobre o valor do que veem, as mães atribuem ao desenvolvimento social, além de associar registros dos projetos a situações de construção de conhecimento de mundo. Mesmo assim, entendemos haver um longo caminho para consolidação de uma percepção social que tenha a criança como elemento central na ação educativa.

Defendemos que a Educação Infantil se constrói com propostas que visem o desenvolvimento integral dos sujeitos. Aspectos referentes à variedade de vivências teve destaque na fala de todos os envolvidos no estudo e merece um olhar diante de nosso objeto. Ao mesmo tempo, a percepção da variedade ainda requer uma análise junto aos aspectos concretos registrados, como a menção ao relato de brincadeiras e interações, aos projetos e às propostas planejadas.

Ao olhar a perspectiva de Educação Infantil que se encontra presente nos diálogos analisados, encontramos temas que, de alguma forma, representam questões e ideias em construção. Dentre elas os distanciamentos e convergências presentes na comunicação que envolve o vivido, o desejado e o debatido presentes no cotidiano. Foi perceptível que as professoras se valeram de registros dos diferentes momentos de experiências propostas na instituição, com fotografias e descrições do que foi ou não planejado pelos adultos. Assim, atividades planejadas, com ou sem registros escritos, projetos desenvolvidos, brincadeiras, interações dos sujeitos, momentos de alimentação, processos de atividades, produtos de atividades, vivências em grupo, iniciativas das crianças e culminâncias de projetos foram alguns dos pontos que se destacaram nas falas, não só das professoras, mas também das mães.

A fala das mães sobre o uso do Facebook por parte do EDI refletiu satisfação em poder ter informações sobre o que era vivido pelos filhos. Ainda houve falas sobre maior segurança em poder ver, frequentemente, que o filho estaria bem, seja pelas ações dos profissionais, seja pela felicidade demonstrada pela criança nas vivências compartilhadas nas imagens. Alguns relataram surpresa ao acompanhar

vivências e desenvolvimentos que não imaginavam que a criança fazia ou era capaz de fazer.

Relatos como esses nos convidam à indagação o lugar que o registro em imagens tem e a ideia de que os registros compartilhados refletem a realidade. Nossos dados descrevem que as redes sociais são utilizadas com uma seleção de informações que, visam compartilhar os momentos que envolvem alegria e beleza, seguindo as práticas sociais atuais. Ainda que as profissionais e famílias busquem na rede social o propósito de compartilhar o vivido, é necessário estar atento a fatores e nuances que não se refletem nos registros; fatores esses essenciais para o conhecimento da proposta pedagógica e que só podem ser objeto de diálogo nos contextos reais do cotidiano.

Os dados demonstram que as enunciações evidenciam o entendimento de complementação de uso das redes sociais às interlocuções. Profissionais mencionam a rede social como estratégia para aumentar o contato entre creche e famílias, para que a presença e participação sejam parte do conhecimento do trabalho. É necessário refletir sobre um outro ponto, na ausência de políticas institucionalizadas que planejem uma conexão entre família e escola, mais ações são tomadas de forma improvisada pelos profissionais. O Facebook acaba sendo uma estratégia na tentativa de estabelecer um diálogo, quando faltam tempos dedicados a isso institucionalmente e isso precisa ser pensado pela gestão da Educação Infantil municipal.

Esta é uma contribuição prática que o estudo traz como reflexão. Ao mesmo tempo que as profissionais e mães exaltam o lugar que tem a rede social, as entrevistas mostram que há uma busca por inspirar maior interesse e valorização e que a comunicação de modo virtual contém apenas alguns elementos complementares aos diálogos cotidianos.

De acordo com outros estudos, a rede social não substitui o encontro, quando os responsáveis têm pontos importantes a tratar com a unidade, referentes a questões de aprendizagens ou comportamentos. No caso da Educação Infantil, o encontro vai para além da solução de problemas, é o próprio transcorrer da ação educativa. Na garantia de que as ações de educação da criança pequena aconteçam em complementariedade do EDI e a família, é preciso que tempos e espaços para o encontro componham não só o esforço dos profissionais no cotidiano, mas também as propostas institucionais, com calendários escolares, onde as ações sejam além

das reuniões de pais. É preciso encontrar as famílias como ação estratégica, de profissionais que se mostrem disponíveis ao diálogo e engajados em ações partilhadas.

A organização do trabalho foi um dos itens que fizeram parte de nossa discussão, pois envolvem o cotidiano de uso das redes sociais. As narrativas mostraram que partiu de membros da direção a iniciativa de uso de redes sociais com convite aos demais profissionais. Os registros foram feitos em sua maior parte pelos professores. As professoras faziam a primeira seleção e, na maioria dos casos, a postagem passava por uma segunda seleção, feita pelas diretoras, que tinham a preocupação de evitar imagens que trouxessem algum tipo de constrangimento. Aqui, dois aspectos destacaram-se: o uso dos registros em imagens no cotidiano e as questões de cuidado com a imagem.

Os dados nos apresentaram um destaque para os registros em imagens realizados pela unidade que são utilizados para as redes sociais. A ação de registrar foi apresentada como parte das ações docentes, inerente ao trabalho pedagógico e indicado pelos níveis superiores da SME. A veiculação dos registros tomou mais contornos com o uso das redes sociais, mas já compunha o cotidiano das instituições como parte dos registros pedagógicos e se construía de modo coletivo entre os profissionais, entendidos assim como instrumento propositivo para os profissionais partilharem processos vividos (Moraes, 2021; Couto, 2018; Pinazza & Fochi, 2018).

Sobre os cuidados necessários para os usos das imagens, as entrevistas mostraram que as manifestações de preocupação eram maiores com relação à exposição a riscos de segurança para a criança, como a possibilidade de saber a rotina e a localização dela. Não fez parte das narrativas preocupações referentes à chamada Política de Utilização de Dados – PUD (Simões & Augusto, 2019). E a própria exposição foi relativizada pelas mães, em prol da possibilidade de obter informações das vivências da criança na unidade. É importante trazer a necessidade de discutir junto às famílias os usos dessas mídias, bem como ter isso claro no Projeto Político Pedagógico da Unidade, caso de fato se torne parte das práticas institucionais.

Ao mesmo tempo, este ponto mostrou-se um grande desafio para a reflexão da pesquisadora, pois envolve expectativas familiares, propostas de ação das unidades educativas, mas, principalmente, envolve as crianças. Aqui, o bem estar e

as perspectivas delas só puderam aparecer através da voz dos adultos, quando mencionaram o envolvimento delas nos registros e diálogos sobre os registros. Este é um ponto importante que requer aprofundamento em pesquisas futuras: o lugar e as perspectivas das crianças nos contextos atuais de visibilidade pelas mídias sociais e por outros meios, em especial pelos usos institucionais na educação. Esse fenômeno nos invoca a pensar a escuta das crianças sobre sua presença nas mídias sociais institucionais e como a sociedade tem valorizado formas de respeitar crianças.

Nos relatos, as professoras descrevem ausência, no nível central da SME, de produção de protocolos que envolvam o uso de imagem para além de modos de autorização. O uso das redes sociais é prática já evidente entre instituições, porém sem clareza de protocolo no uso das tecnologias.

Não é possível ainda dizer se a adoção das redes é uma estratégia adequada para o propósito que os profissionais das instituições de educação pesquisadas têm. É perceptível que ainda é necessário cautela, debates entre diferentes profissionais da área, protocolos e uma abordagem pautada na proposta pedagógica, caso seja entendida como parte da ação educativa. O fato é que o fenômeno de adoção das redes sociais aconteceu e que as escolas viram nos avanços tecnológicos uma possibilidade de aumentar a comunicação e avançar o processo de melhor interação com as famílias.

As profissionais evidenciaram a busca por ampliar as alternativas de interlocução dos EDI com as famílias. As redes sociais são um convite à presença, pois pretendem que a partir dali haja o desejo de mais encontros e diálogos. A lógica não está só na alternativa para aqueles que não podem se fazer presentes fisicamente, mas que a participação seja pelo conhecimento, pela interlocução e troca, no sentido de que o cotidiano e os processos importam mais que os resultados e trabalhos finais expostos. O ímpeto em revelar o cotidiano, como convite ao diálogo e à presença, ainda que tenha sido exposto nesta pesquisa no uso das redes sociais, revela um esforço coletivo em defesa do lugar que a Educação Infantil ocupa na educação pública brasileira.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, L. de A. **O discurso de gestores, professores e pais sobre a qualidade das creches municipais no Rio de Janeiro**. 2016. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALMEIDA, A. M. S. B L. **A relação família-creche no programa Primeira Infância Completa**. 2014. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ALMEIDA, F. M. C. **Família e educadores da infância: um diálogo possível**. 2013. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ALVES, K. K. **Sentidos da educação infantil para as famílias que buscam vagas nessa etapa da educação básica: ressonâncias na formação e no trabalho docente**. 2015. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

AMANTE, L. Facebook e novas sociabilidades: contributos da investigação. In.: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27-46.

AMAYA, S.; PEREIRA, J. H. V. ESTRATÉGIAS DE ESCOLAS DE PRESTÍGIO: ANÁLISE NOS/DOS SITES ESCOLARES E REDE SOCIAL DE DUAS INTITUIÇÕES DE CAMPO GRANDE - MS. In: **XII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste - Reunião Científica Regional da ANPED**, 2014, Goiânia. Anais do XII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro-Oeste - Reunião Científica Regional da ANPED,. Goiânia: Instituto Antônio Poteiro, 2014. v. 1. p. 1-14.

AMORIM, K. de S.; BARRETO, A. M. R.; GOMES, M. de F. C., MACÁRIO, A. de P.; NEVES, V. F. A.; OLIVEIRA, Z. M. R.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C.. Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. **Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v.23, n.1, p.22-35, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/tpe.v23i1.49985>. Acesso em: 04 out. 2020.

ANTUNES, M. C. F. **A tecnologia digital na integração creche-família**. 2017. 139p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARAUJO, E. A. **Tecendo sentidos: a Educação Infantil na perspectiva das crianças, famílias e educadores (as)**. 2015. 238f. Dissertação (Mestrado em

Ciências)- Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2015.

AUGUSTO, F. R.; SIMÕES, M. J. *To see and be seen, to know and be known: Perceptions and prevention strategies on Facebook surveillance. Social Science Information*, v. 56, n. 4, p. 596-618, 2017.

AZEVEDO, H. H. O. de. Implicações teórico-práticas do binômio cuidar-educar na formação de professores de educação infantil. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 159-179, 2007.

BARKER, R. L. **The social work dictionary**. 6.ed. Washington, DC: NASW Press, 2014.

BARROCA, K. C. **Concepções de criança, desenvolvimento e educação infantil: uma análise interpretativa de familiares e profissionais de creches**. 2016. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Culturas e Identidades) – Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2016.

BARROS, A. P. de. **Currículo em ação e educação infantil: análise comparativa sobre concepções e práticas de professoras de duas realidades socioeconômicas diversas**. 2013. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BERNARDI, P. M.; SILVA, S. de A. O uso do Facebook como ferramenta para o compartilhamento de atividades pedagógicas: uma experiência em uma escola pública de educação infantil. **Atoz: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 108-112, jul./dez.2015.

BICEN, H.; UZUNBOYLU, H. *The use of social networking sites in education: A case study of Facebook*. **J. UCS**, v. 19, n. 5, p. 658-671, 2013.

BLANCO, W. P. A.; SILVEIRA, D. B. O Brincar: a perspectiva das mães de crianças que frequentam a educação infantil. **ANAIS DO ENIC**, v. 1, n. 3, 2011.

BONDIOLLI A; MANTOVANI, S. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos - uma abordagem reflexiva**. 9. ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

BONILLA, M. H.; PRETTO, N. Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, p. 23-40, jul./dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581. Acesso em: 06 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.** Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 1998. (v.3)

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 06 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 06 out. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 06 out. 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. *Using thematic analysis in psychology.* **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n.2, p. 77-101, 2006, Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 27 nov. 20120.

BROUGÈRE, G. Lúdico e educação: novas perspectivas. **Linhas críticas**, v. 8, n. 14, p. 5-20, 2002.

BUJES, M. I. E. Escola Infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, M; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001, p.13-22.

BUSS-SIMÃO, M.; ROCHA, E. A. Ca.; GONÇALVES, F. Percursos e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na Anped. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 96, n. 242, p. 96-111, jan./abr. 2015.

CAMPOS, M. M.; ROSERMBERG, F. Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CASANOVA, L.V. O que as crianças pequenas fazem na creche. As famílias respondem. **Anais da 36ª Reunião da ANPEd**, v. 6, 2011. Disponível em:

<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT07/GT07-240%20int.pdf>.
Acesso em: 05 out.2020.

CERISARA, A. B. Por uma pedagogia da educação infantil: desafios e perspectivas para as professoras. **Caderno Temático da Formação II - Educação Infantil. Construindo a Pedagogia da Infância no Município de São Paulo**. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de orientação Técnica - n.2, São Paulo, v. 2, p. 8-13, 2004.

CERISARA, A. B. Referencial Curricular nacional para educação infantil no contexto das reformas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n.80, p. 329-348, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n80/12935.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

CERISARA, A. B. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 11-21, jul./dez. 1999.

CETIC. **TIC Domicílios 2019**: principais resultados – Coletiva à imprensa. 2020. Disponível em:
https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf.
Acesso em: 06 out. 2020.

CHAIRATCHATAKUL, A.; JANTABUROM, P.; KANARKARD, W. Using social media to improve a parent-school relationship. **International Journal of Information and Education Technology**, v. 2, n. 4, p. 378, 2012.

CIRÍACO, K. T.; ROMAN, J.M. A visão da família sobre o papel da educação infantil. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, Natal, n. 13, p. 134-162, mar. 2016. Disponível em:
<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/7677>. Acesso em: 05 out. 2020.

CLIPA, O.; JURAVLE, V. The roles of the online environment in school-family communication. **Innovations, Technologies and Research in Education**, p. 289, 2019.

CORREIA, F. P. **O impacto das redes sociais na profissão docente**. 2013. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) --Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, W.A. Reprodução interpretativa e Cultura de pares. In.: MULLER, F.; CARVALHO, A.M.A (Orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 31-50.

CORSARO, W. A.; EDLER, D. *Children's Peer Cultures*. **Annual Review of Sociology**, [s.l.], v. 16, p. 197-220, 1990. DOI
10.1146/annurev.so.16.080190.001213. Disponível em:
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=9101282651&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 set. 2020.

CORSARO, W. A. *Peer Culture in the Preschool. Theory Into Practice*, [s. l.], v. 27, n. 1, p. 19, 1988. DOI 10.1080/00405848809543326. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=5200701&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 30 set. 2020.

CORSINO, P. (Org.). **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas: Autores Associados, 2009.

COUTO, A. L. M. **Tecnologia na Educação Infantil: contribuições das tecnologias digitais no processo de construção da documentação pedagógica**. 2018. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

CRAIDY C.M.; KAERCHER, G.E.S.. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed; 2001.

CUNHA JÚNIOR, F. R. da; VAN KRUISTUM, C.; VAN OERS, B. Teachers and Facebook: Using online groups to improve students' communication and engagement in education. **Communication Teacher**, v. 30, n. 4, p. 228-241, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17404622.2016.1219039>. Acesso em: 05 out. 2020.

DELGADO, A. C. C.; MULLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 161-179, maio 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020.

DENMAN, C. T. **Social Media and Parent Communication# Doesithelp**. 2018. 88f. Thesis (Doctor of Education) College of Professional Studies, Northeastern University. Boston, Massachusetts: 2018.

DIP, F. F.; TEBET, G. G. de C. Sociologia da Infância, protagonismo infantil e cultura de pares: um mapeamento da produção acadêmica sobre o tema. **Revista Zero-a-seis**, v. 21, n. 39, p. 31-50, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2019v21n39p31>. Acesso em: 05 out. 2020.

DRAPE, R. A. et al. A rede social Facebook como ferramenta de comunicação entre a escola e a família. **Educitec**, Manaus, v. 04, n. 08, p.75 -94, nov. 2018.

DUARTE, R.; MILLIET, J.MIGLIORA, R. Projetos e práticas de mídia-educação nas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e202710, 2019.

EVANGELISTA, E. Q. N. **Práticas Docentes e o uso das TIC: E-Prinfo e o curso Redes de Aprendizagem**. 2017. 161f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.

FACEBOOK. Facebook Reports Fourth Quarter and Full Year 2019 Results. **PRNewswire: Facebook, Inc. (Nasdaq: FB)**. 2019. Disponível em: <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2020/Facebook-Reports-Fourth-Quarter-and-Full-Year-2019-Results/default.aspx>. Acessado em: 06 out. 2020.

FARIA, A. L. G. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: Faria, A.L.G.; PALHARES, M. S. (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 5. ed. Campinas, SP, Autores Associados, 2005.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONG, M. **Latina/o/x Parents' Facebook Posts as Evidence of Community Cultural Wealth and Funds of Knowledge: An Exploratory Study of Parental Engagement in a K-5 School**. Thesi (Doctor of Education) Office of Graduate Studies, University of California, 2018.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2002.

FREITAS, M. A. **As representações sociais de famílias sobre professoras(es) da educação infantil da rede municipal de ensino de Belo Horizonte**. 2017. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

FURTADO, M. A. **Concepções de creche em artigos acadêmicos publicados nos periódicos nacionais A1 e A2 da área de educação**. 2014. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GALLO, B. C. **Qualidade na educação infantil pública: concepções das famílias usuárias**. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

GIGLI, A.; DEMOZZI, S.; CASTILLO, M. P. *La alianza educativa escuela/familia y los grupos de chat de padres: una mirada a la situación italiana*. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 22, n. 3, p. 15-30, 2019.

GIL, M. O. G. **Políticas Públicas de Educação Infantil no Município do Rio de Janeiro: berçário em foco (2009 – 2016)**. 2018. 218f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GILLENS, P. L. **Social media networking tools in public school education: The policy behind the practice**. 2015. Thesis (Doctor of Education) - Department of Educational Leadership and Policy Studies, Howard University, 2015.

GIRAFFA, L. Uma odisseia no ciberespaço: O software educacional dos tutoriais aos mundos virtuais. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Porto Alegre, v.17, n.1, p.20-30, 2009.

GÓES, M. C. R. O jogo imaginário na infância: a linguagem e a criação. *Anais 23ª REUNIÃO ANUAL DA ANPEd*. Caxambu: ANPEd, 2000. Disponível em: https://anped.org.br/sites/default/files/gt_07_08.pdf. Acesso em: 27 set. 2020

GONZALEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GONZALEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Thompson, 2005.

GUIMARÃES, D. O.; ARENHART, D.; SANTOS, N. de O. Docência na creche: atencionalidade pedagógica na rotina e no planejamento. **Anais da 39ª Reunião Nacional da ANPEd**, Niterói, RJ: 2019.

GUIMARÃES, D. Entre gestos e palavras; pistas para a educação das crianças de 0 a 3 anos. **Educação on-Line (PUCRJ)**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 4, p.1-18, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13586/13586.PDF>. Acesso em: 04 out.2020.

GUIMARÃES, D. **Relações entre adultos e bebês na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

HERSHKOVITZ, A.; FORKOSH-BARUCH, A. Student-teacher relationship in the Facebook era: the student perspective. **International Journal of Continuing Engineering Education and Life Long Learning**, v. 23, n. 1, p. 33-52, 2013.

HEW, K. F. *Students' and teachers' use of Facebook*. **Computers in human behavior**, v. 27, n. 2, p. 662-676, 2011.

KOHAN, W. O.. Infância e Filosofia. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S.de. (Orgs.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 40-61.

KOHAN, W. O. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, W. O. **Infância**: entre educação e filosofia. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KRAMER, S. Crianças e adultos em diferentes contextos: desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação. In: SARMENTO, MI;

GOUVEA, M. C. S. de. (Orgs.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 163-189.

KRASNOVA, H.; SPIEKERMANN, S.; KOROLEVA, K.; HILDEBRAND, T.. *Online social networks: Why we disclose*. **Journal of information technology**, v. 25, n. 2, p. 109-125, 2010.

KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2011.

LAPA, A., PRETTO, N.L. (2019). La comunicación en disputa: el rol de educadores y científicos. **REDU. Revista de Docencia Universitaria**, Valencia, v.17, n. 1, p. 33-43, ene./jun. 2019. Disponível em: <https://polipapers.upv.es/index.php/REDU/article/view/11240>. Acessado em: 04 dez. 2020.

LEITE FILHO, A G.; NUNES, M. F. Direitos da criança à Educação Infantil: Reflexões sobre a história e a política. In: KRAMER, S. NUNES, M. F., CARVALHO, M. C. **Educação Infantil: Formação E Responsabilidade**. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

LOCKLEAR, Joshua D. **Using Social Media To Improve Communication With Stakeholders In A Local School District**. 145f. Thesis (Doctor of Education) Department of Educational Leadership, East Carolina University, 2019.

LOPES, J. J. M. É coisa de criança: reflexões sobre Geografia da Infância e suas possíveis contribuições para pensar as crianças. In: VASCONCELLOS, Tânia de. (Org.). **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EDUFF, 2008, p. 10-28.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B.M. Geografia da Infância: onde encontramos as crianças? **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 1, p. 101-118, 2017.

LOSSO, C. D.; MARCHI, R. C. A construção social do “ofício de aluno” na educação infantil. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenal, v. 6, n. 3, p. 603-631, set./dez. 2011. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2821>. Acesso em: 05 out. 2020.

LUCENA, S. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 59, p. 277-290, jan./mar. 2016.

MACÊDO, L. C. de; DIAS, A. A. O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na educação infantil. **Reunião Anual da Anped - Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: Desafios e Compromissos**, v. 29, 2006.

MACHADO, L. B.; MONTEIRO, L. O. F. Educação infantil: O consensual nas representações sociais de pais e mães de crianças. **Roteiro**, [s.l.], v. 41, n. 2, p. 337-354, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9442>. Acesso em: 05 out. 2020.

MAIA, J. N. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, 2012.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In.: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.) **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: ARTMED, 1999, p. 59-104.

MELO, C.V. de. **Da creche universitária à EEI-UFRJ: uma pedagogia da infância entre rastros, rascunhos e alinhavos**. 2019. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 9-29.

MONÇÃO, M. A. G. O compartilhamento da educação das crianças pequenas nas instituições de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 652-679, jul./set. 2015.

MONTEIRO, L. O. F. **A educação infantil nas representações sociais de pais e mães de crianças pequenas**. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

MORAES, A. A. **Educação Infantil: uma análise das concepções de criança e de sua educação na produção acadêmica recente (1997-2002)**. 2005. 206f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MORAES, E. H. M. B. de. **Fotografar e Documentar na Educação Infantil: um jogo de luzes e sombras**. 2021. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MORAES, J. S.; MARINHO, L. V.; SIMOES, M.; AMORIM, C. A. A. Representações sociais da educação infantil dos pais de crianças de 5 anos. **Anais do XI Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**. Curitiba: PUC/PR, 2013.

MORAN, M. J.; TEGANO, D. W. *Moving toward Visual Literacy: Photography as a Language of Teacher Inquiry*. **Early Childhood Research & Practice**, v. 7, n. 1, p. 1, 2005.

MOREIRA, J. A.; JUNUÁRIO, S. Redes Sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In.: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 67-84.

MULLER, F. Entrevista com Willian Corsaro. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 271-278, abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2020.

MUMCU, T. **The Role of social media products in parent involvement: from the perspective of parents and teachers on communication**. 2018. 171f. Dissertação (Master of Science) Departamento of Early Childhood Education, Middle East Technical University, 2018.

NOVAES, G. **Construindo vínculos e compartilhando experiências: educação infantil de zero a três anos e o trabalho com as famílias**. 2018. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, L. G. X.; MOURA, L. R. C., CUNHA, N. R.S; PIRES, R. R.. As influências externa e interpessoal na intenção de uso do Facebook. **Refas-Revista Fatec Zona Sul**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 42-58, fev. 2019.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T.; PINAZZA, M. (Org.). **Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro**. São Paulo: Artmed, 2007.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 06 out. 2020.

ONU - – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança**. 20 nov. 1959. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Crian%C3%A7a/declaracao-dos-direitos-da-crianca.html>. Acesso em: 06 out. 2020.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. **Interações: ser professor de bebês - cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012.

PALTS, K.; KALMUS, V. *Digital channels in teacher-parent communication: The case of Estonia*. **International Journal of Education and Development using ICT**, v. 11, n. 3, 2015.

PASCARIU, L. M.; CEOBANU, M. C. *Insights on the Use of Facebook in Educational Context-a Systematic Review (2015-2018)*. **Revista Română De Biblioteconomie și Știința Informării= Romanian Journal of Library and Information Science**, v. 15, n. 2, p. 61-74, 2019.

PINAZZA, M. A.; FOCHI, P. S. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p.184-199, maio/ago, 2018.

QUEIROZ, N. L. N. de; MACIEL, D. A.; BRANCO, A. U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p. 169-179, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 out. 2020.

REIS, A. L. E. P dos. **O trabalho pedagógico na concepção do cuidar e educar: perspectivas e desafios na Educação Infantil**. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdades de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RIO DE JANEIRO (Município). Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal De Educação. Gerência Especial De Educação Infantil. **Espaço de Desenvolvimento Infantil - EDI - Modelo Conceitual e Estrutura**. Fev. 2010. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

RIVERO, A. S.; ROCHA, E. A. C. A brincadeira ea constituição social das crianças em um contexto de educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 01-24, dez. 2019.

ROCHA, E. A. C.; KRAMER, S (Orgs). **Educação infantil: enfoques em diálogo**. São Paulo: Papyrus, 2011.

ROCHA, E.A.C. **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia**. 1999. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

RODRÍGUEZ-HOYOS, C.; SALMÓN, I. H.; FERNÁNDEZ-DÍAZ, E. *Research on SNS and education: The state of the art and its challenges*. **Australasian Journal of Educational Technology**, v. 31, n. 1, 2015.

ROSSETI-FERREIRA, M. C.; MELLO, A. M.; VITORIA, T.; GOSUEN, A.; CHAGURI, A. C. (Orgs.) **Os fazeres na educação infantil**. São Paulo: 1998.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013. (coleção comunicação)

SANTANA, V. F.; MELO-SOLARTE, D. S.; NERIS, V. P.A, MIRANDA, L. C.; BARANAUSKAS, M. C. C. Redes sociais online: desafios e possibilidades para o contexto brasileiro. In: **Congresso da Sociedade Brasileira de Computação**. 2009. p. 339-353.

SANTOS, C. C. B.; MOREIRA, A. R. P.; VASCONCELLOS, V. M. R. Experiência com Parceiros mais velhos e Desenvolvimento de Crianças na creche. **Educação em Foco, Belo Horizonte**, v. 13, p. 115-146, 2010.

SANTOS, E.; ROSSINI, T. Comunicade REA-Brasil no Facebook. In.: PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 85-112.

SANTOS, I. S. **O Fluxo do Significado do brincar na cadeia criativa:** argumentação e formação de pesquisadores e educadores. 2010. 237f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SARAIVA-JUNGES, L. A.; WAGNER, A. Os estudos sobre a relação família-escola no Brasil: uma revisão sistemática. **Educação**, Porto Alegre, v. 39, n. Esp, p. s114-s124, dez. 2016.

SARMENTO, M.J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B. (Org.). **Crianças e miúdos:** perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. Visibilidade social e estudo da infância. In.: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **Infância (in)visível.** Araraquara: Junqueira&Marin, 2007, p. 25-49.

SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). **Estudos da Infância:** educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, A. P. R. **Tecnologias Digitais como alternativa complementar à comunicação entre a família e a escola:** um estudo na educação infantil. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SILVA, I. O. A creche e as famílias: o estabelecimento da confiança das mães na instituição de educação infantil. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 53, p. 253-272, jul./set. 2014.

SILVA, I. O.; LUZ, I. R. Relações entre famílias e instituições de educação infantil: o compartilhamento do cuidado e educação das crianças. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 50, e14110, jul./set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/EccoS.n50.14110>. Acesso em 10 abr. 2020

SILVA, L. S. P.; LOPES, J. J. M. (Orgs.). **Diálogos de pesquisas sobre crianças e infâncias.** Niterói: EDUFF, 2010.

SILVA, M. C. **Trajetórias Educacionais de crianças com necessidades especiais no município do Rio de Janeiro.** 2013, 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SIMÕES, M. J.; AUGUSTO, F. R. Expostos e duplamente vigiados: o caso do Facebook. **Análise social**, Lisboa, v.54, n. 230, p. 132-153, 2019.

SKEMP, K. Facebook. **Salem Press Encyclopedia**, 2019

SOARES, L. C.; CÔCO, V. Enunciações docentes sobre a brincadeira na educação infantil: concepções e interações. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 44, p. 61-1-25, 2019.

SOUZA, M. da S. **O brincar na Educação Infantil**: concepções sobre o brincar de professores de um CEIM de São Mateus/ES. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, São Mateus, 2017.

SUTTON-SMITH, B. *The struggle between sacred play and festive play*. In BERGEN, D. (Org.) **Play as a medium for learning and development**. Portsmouth: Heinemann, 1988, p. 45-47.

TEODORO, R. F. **Educação escolar na primeira infância**: percepções e concepções de mães e professoras. 162f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.

TIRIBA, L. Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. **Reunião Anual da Anped**, v. 28, 2005.

VASCONCELLOS, V. M. R. **Educação da Infância**: história e política. 2. ed. Niterói: Editora da UFF, 2011.

VASCONCELLOS, V. M. R. Infância e psicologia: marcos teóricos da compreensão do desenvolvimento da criança pequena. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares. (Orgs.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 62-81.

VASCONCELLOS, V. M. R.; AQUINO, L. M. L.de; DIAS, A. A. (Orgs.). **Psicologia & Educação Infantil**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2008.

VASCONCELLOS, V. M. R.; EISENBERG, Z. W. (Orgs.). **As muitas faces de uma creche**: pesquisa acadêmica na educação Infantil. Curitiba: Editora CRV, 2016.

VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Orgs.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2007.

VERMELHO, S.C.; VELHO, A. P. M. As pesquisas sobre redes sociais digitais no Brasil: análise do período de 2001 a 2012. **Revista Digital: Hipertextus**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 7-26, 2016.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Textos de psicologia)

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e Pedagogia).

ZADMINAS, M. R.; VASCONCELLOS, V. M.R. Facebook: espaço de investigação & educação infantil. **Internet Latent Corpus Journal**, v. 5, n. 1, p. 27-38, 2015.

Apêndice A

Sondagem de EDI no Facebook

Sigla	Nome	Endereço	Bairro	Cep	Email	Telefone	CRE

Perfil, Página ou Grupo	Data da busca	Solic. amizade necessária à visualizar	Data de 2ª consulta	Link / Endereço	Observações

Data 1	Data 2	Data 3	Data 4	Data 5	Data 6	Intervalo 1

Intervalo 2	Intervalo 3	Intervalo 4	Intervalo 5	Média da frequência	Participantes da pesquisa

Apêndice B

Questionário *online* sobre o uso de redes sociais pelos EDI

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

Caro diretor, diretor adjunto ou professor articulador,

você está sendo convidado a responder a um breve questionário, que irá requerer entre 5 e 10 minutos do seu tempo. Nós queremos conhecer melhor como as vivências das crianças nos EDI tem sido compartilhadas com as famílias.

Sua participação será de grande contribuição para uma pesquisa de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO. Todas as informações serão codificadas e as identidades das unidades permanecerão anônimas. Essa pesquisa está autorizada pela Subsecretaria de Ensino da SME do Rio de Janeiro, através do processo nº 07/010.473/2019.

Obrigada por sua participação!

***Obrigatório**

1. Identificação: *

Marcar apenas uma oval.

- 1ª CRE
- 2ª CRE
- 3ª CRE
- 4ª CRE
- 5ª CRE
- 6ª CRE
- 7ª CRE
- 8ª CRE
- 9ª CRE
- 10ª CRE
- 11ª CRE

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

2. Qual nome do seu EDI? *

3. Qual função você exerce na unidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Diretor
- Diretor Adjunto
- Professor Articulador
- Outro: _____

4. Sua unidade faz fotos ou vídeos das vivências das crianças na instituição? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 10*

5. Em média, com que frequência sua instituição faz fotos/vídeos das vivências das crianças na unidade? *

Marcar apenas uma oval.

- Diária
- Semanal
- Quinzenal
- Mensal
- Maior que mensal
- Outro: _____

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

6. Quem são os profissionais que fazem as fotos/vídeos das vivências? *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Professor(a) regente ou auxiliar
 Equipe de apoio
 Professor(a) articulador(a)
 Direção

Outro: _____

7. Qual o aparelho mais utilizado para fazer as fotos/vídeos? *

Marcar apenas uma oval.

- Celular/Smartphone de funcionários da unidade
 Tablet ou câmera fotográfica de funcionários da unidade
 Celular/Smartphone da unidade
 Tablet ou câmera fotográfica da unidade
 Outro: _____

8. Sua unidade compartilha com a comunidade escolar fotos/vídeos das vivências das crianças que acontecem na instituição? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não *Pular para a pergunta 10*

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

9. Em que contextos a instituição compartilha as fotos/vídeos das vivências das crianças que acontecem na unidade? *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Murais
- Reunião de responsáveis
- Eventos escolares
- Conversas informais
- Redes sociais (Facebook, Whatsapp, Instagram, Twitter, e-mail, etc.)
- Relatórios de avaliação

Outro: _____

10. Sua instituição utiliza as redes sociais para estabelecer interação com as famílias das crianças matriculadas e demais membros da comunidade escolar?

*

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 14*

11. Marque as redes sociais que a sua instituição usa para interagir com as famílias e comunidade escolar. *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Facebook da unidade
- Facebook dos profissionais
- Instragram
- Twitter
- Whatsapp
- E-mail

Outro: _____

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

12. Marque as estratégias utilizadas pela unidade para interagir com as famílias através das redes sociais. *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Comunicados
 Relatos de vivências na unidade
 Fotos/vídeos de vivências na unidade
 Fotos/vídeos de outros assuntos

Outro: _____

13. Fale-nos sobre a motivação de a instituição utilizar as redes sociais para interagir com as famílias e comunidade escolar. *

14. Sua instituição compartilha fotos/vídeos das vivências na unidade através de redes sociais? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim *Pular para a pergunta 16*
 Não

15. Caso sua instituição NÃO compartilhe as fotos/vídeos em redes sociais, fale-nos sobre o(s) motivo(s). *

Pular para a pergunta 22

https://docs.google.com/forms/d/1QkmuY89bz2GjGryclKSTU_RuGJluhVQaCobehDj7Arg/edit

5/8

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

16. Marque as redes sociais usadas pela instituição para compartilhar as fotos/vídeos. *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Facebook da unidade
 Facebook dos profissionais
 Whatsapp
 Instagram
 Twitter
 E-mail

Outro: _____

17. Quem faz a seleção das fotos/vídeos que serão utilizadas para postar nas redes sociais? *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Professor(a) regente ou auxiliar
 Equipe de apoio
 Professor(a) articulador(a)
 Direção

Outro: _____

18. Quem são os principais responsáveis por fazer as postagens das fotos/vídeos nas redes sociais? *

Pode assinalar mais de uma opção

Marque todas que se aplicam.

- Professor(a) regente ou auxiliar
 Equipe de apoio
 Professor(a) articulador(a)
 Direção

Outro: _____

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

19. Qual a frequência média de postagem das fotos/vídeos nas redes? *

Marcar apenas uma oval.

- Diária
- Semanal
- Quinzenal
- Mensal
- Maior que mensal
- Outro: _____

20. Com que sujeitos são compartilhadas as fotos/vídeos das vivências das crianças através das redes sociais? *

Pode assinalar mais de uma opção.

Marque todas que se aplicam.

- Profissionais da unidade
- Familiares das crianças matriculadas
- Demais membros da comunidade escolar
- Equipe da CRE e SME

Outro: _____

21. Fale-nos sobre a(s) motivação(ões) de a instituição ter optado pelo compartilhamento de fotos/vídeos das vivências das crianças na unidade através de redes sociais. *

03/04/2020

Usos de redes sociais pelos Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI) do Rio de Janeiro

22. A unidade recebe orientações da SME e/ou CRE sobre o uso de redes sociais pela instituição escolar? *

Marcar apenas uma oval.

Sim *Pular para a pergunta 23*

Não

23. Caso a resposta da pergunta anterior tenha sido positiva, relate abaixo quais são as orientações. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice C

Entrevista online com gestoras

Entrevistas com as diretoras:

OBS: Ao início da entrevista as diretoras foram informadas sobre a pesquisa situar-se no uso do Facebook em momento anterior a Pandemia e sobre o momento que seria direcionado às questões referentes ao período de pandemia.

1. Fale um pouco suas impressões sobre a escola fazer uso do Facebook.
2. Com que objetivos a unidade optou pelo uso do Facebook e se for o caso, pelo uso de outras redes sociais? Me situe por favor sempre que mencionar as outras e se o objetivo e conteúdo são os mesmos?
3. Fale sobre o motivo de a instituição ter optado pelo uso das redes sociais. De onde partiu a ideia? Foi decisão de quem? E motivado a partir do que?
4. Que orientações recebem da SME e/ou CRE sobre o uso de redes sociais pela instituição escolar?
5. Que critérios a própria instituição tem sobre o uso das redes sociais?
6. Quais são os momentos que a direção considera importantes de serem registrados e por quê? Vocês dão algum tipo de indicativo do que registrar para compartilhar?
7. Há critérios/ou combinados para escolher quais registros serão compartilhados nas redes sociais? Quais?
8. Quais são as experiências vividas pelas crianças que vocês costumam compartilhar com as famílias e por quê?
9. São consideradas as impressões das famílias nas escolhas do que será compartilhado? Como?
10. Como avaliam os comentários feitos nas postagens do Facebook pelos familiares? Como percebem o retorno das famílias sobre esses registros (seja nas redes ou em diálogos cotidianos)?
11. Consideram que as impressões expressadas pelas famílias correspondem as intenções da instituição no uso do compartilhamento?
12. Há algum diálogo ou organização que pense o cuidado com o uso das imagens das crianças? Quais?
13. Tem servido aos interesses do trabalho pedagógico o uso do compartilhamento de registros feitos pela unidade nas redes sociais? De que forma?

14. O uso das redes sociais tem sido promotora de diálogos entre família e escola sobre a Educação Infantil?
15. Caso use o WhatsApp, qual objetivo, qual a reposta dos pais É maior por lá? Postam fotos também?
16. Tem algo que considera interessante me contar, ainda sobre o uso anterior a Pandemia que eu não tenha perguntado?
17. E o que vocês me contam sobre o uso.

Apêndice D

Entrevista online com docentes

Roteiro de entrevista com professoras:

OBS: Ao início da entrevista as diretoras foram informadas sobre a pesquisa situar-se no uso do Facebook em momento anterior a Pandemia e sobre o momento que seria direcionado à questões referentes ao período de pandemia

1. Me fale suas impressões sobre a escola usar o Facebook.
2. Com que objetivos a unidade optou pelo uso do Facebook e se for o caso, pelo uso de outras redes sociais? Me situe por favor sempre que mencionar as outras e se o objetivo e conteúdo são os mesmos?
3. Me fale um pouco sobre o que a escola quer mostrar 4. Que orientações recebem da sme e/ou cre sobre o uso de redes sociais pela instituição escolar?
5. Que critérios a própria instituição tem sobre o uso das redes sociais?
6. Quais são os momentos que consideram importantes de serem registrados e por quê? Vocês dão algum tipo de indicativo do que registrar para compartilhar?
7. Há critérios/ou combinados para escolher quais registros serão compartilhados nas redes sociais? Quais?
8. Quais são as experiências vividas pelas crianças que vocês costumam compartilhar com as famílias e por quê?
9. São consideradas as impressões das famílias nas escolhas do que será compartilhado? Como?
10. Como avaliam os comentários feitos nas postagens do facebook pelos familiares? Como percebem o retorno das famílias sobre esses registros (seja nas redes ou em diálogos cotidianos)?
11. Consideram que as impressões expressadas pelas famílias correspondem as intenções da instituição no uso do compartilhamento?
12. Há algum diálogo ou organização que pense o cuidado com o uso das imagens das crianças? Quais?
13. Tem servido aos interesses do trabalho pedagógico o uso do compartilhamento de registros feitos pela unidade nas redes sociais? De que forma?

14. O uso das redes sociais tem sido promotora de diálogos entre família e escola sobre a educação infantil?
15. E como as crianças vivem isso?
16. Caso use o WhatsApp, qual objetivo, qual a reposta dos pais é maior por lá? Postam fotos também?
17. Me fale sobre desafios ou dificuldades do processo de uso das redes.
18. Me fale um pouco sobre os resultados de opção de uso do Facebook. Acredita que o objetivo de uso tem sido alcançado? Por quê?
19. Tem algo que considera interessante me contar, ainda sobre o uso anterior a Pandemia que eu não tenha perguntado?
20. Tem algo que gostariam de me contar?

Apêndice E

Entrevista online com os familiares

Roteiro de entrevista com responsáveis:

1. Me fale de forma geral o que você pensa sobre o fato da escola fazer uso do Facebook.
2. O que mais você costuma ver lá?
3. Dos momentos do dia a dia das crianças que costuma ver, quais considera mais importantes?
4. Gostariam de ver outros momentos compartilhados? Quais?
5. Costumam interagir no Facebook da escola com comentários, curtidas e etc?
6. Costumam conversar com os profissionais após ver uma postagem? O que costumam dizer?
7. E com seus filhos? Costuma conversar sobre o que veem no Facebook? o que?
8. Como acham que essas experiências que as crianças vivem da creche e que veem nas imagens são importantes para a criança? De que maneira?
9. O que você considera ruim no uso do Facebook?
10. Você sente alguma diferença quando você vê e quando você não vê registros do que a criança vive no EDI?
11. Qual sua opinião sobre a presença da imagem de seus filhos na rede social da escola?
12. Que importância vocês atribuem ao uso do Facebook para a relação que você tem com a escola?
13. Acredita que o uso do Facebook te ajuda a conhecer o trabalho que acontece na escola?
14. Me conte sobre como tem sido o uso do Facebook na Pandemia.

Apêndice F

TCLE para Gestores



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Projeto: **A EDUCAÇÃO INFANTIL E O FACEBOOK: REGISTROS E DIÁLOGOS**
 Pesquisador Responsável: Sirlene Oliveira de Souza
 Orientadora: Zena Winona Eisenberg

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Gestor,

Você está sendo convidada(o) a participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada “A Educação Infantil e o Facebook: registros e diálogos”, conduzida pela Prof.^a Sirlene Oliveira de Souza (sirssouza@gmail.com), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PUC Rio, na linha de pesquisa Trabalho Docente, Currículo, Aprendizagem e Práticas Pedagógicas, sob a orientação da Dr.^a Zena Winona Eisenberg (zwe@puc-rio.br), do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Os critérios de sua seleção para este estudo são: a. seu desejo em colaborar com a pesquisa; b. fazer parte da equipe gestora de um Espaço de Desenvolvimento Infantil da cidade do Rio de Janeiro; c. a unidade ter uma conta na plataforma Facebook, com uso constante e compartilhamento de ações pedagógicas da instituição.

Este estudo tem por objetivo geral compreender que significados são produzidos por profissionais e familiares no âmbito do compartilhamento de documentações pedagógicas no Facebook de EDI do município do Rio de Janeiro e refletir sobre as concepções de Educação Infantil aí presentes. Diante deste objetivo temos como intuito: a. Verificar junto aos profissionais da equipe pedagógica sua intenção no compartilhamento pela rede social. b. Identificar os profissionais que fazem uso do Facebook para divulgar seu trabalho e como se dá esta iniciativa. c. Evidenciar as intenções das escolhas de quais momentos de experiências das crianças registrar e divulgar. d. Conhecer os sentidos dados por familiares às experiências a que têm acesso pelo Facebook. e. Identificar e problematizar as divergências e similaridades entre a intenção de profissionais da unidade e a compreensão de familiares diante das experiências compartilhadas no Facebook. f. Verificar se as compreensões apresentadas pelas famílias são consideradas pelos profissionais para o planejamento e registros de novas atividades. g. Analisar as relações entre os sentidos dados por profissionais e familiares e o que se apresenta como o papel da educação infantil em documentos da área.

A participação da equipe na pesquisa consistirá em: a. dar entrevista de aproximadamente 60 minutos; b. preencher questionário sobre as características das instituições de Educação Infantil e o seu uso da plataforma Facebook; c. participar de 2 a 3 encontros com a equipe de pesquisa, previamente planejadas. d. ajudar na divulgação da pesquisa e recrutamento de famílias para participação nela.

As entrevistas e questionários ocuparão cerca de 60 minutos do seu tempo e não apresentam perguntas invasivas, mas poderá provocar algum desconforto, com questões que envolvam as propostas de ação e uso do Facebook além de modificar um pouco sua rotina com o agendamento dos encontros. Para contornar desconfortos, tudo será combinado previamente de forma que não prejudiquem os interesses pedagógicos e a rotina da instituição, os participantes terão acesso a equipe de pesquisa para diálogos e a mesma ficará atenta realizando adequações de calendário, horários ou abordagem para amenizar tais situações. Além disso, sua participação na pesquisa poderá lhe dar oportunidade de: a.

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
 Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, CEP 22453-900
 Rio de Janeiro - RJ - TEL (21) 3527-1619

discutir com pesquisadores e seus assistentes sobre seu plano de ação para sua unidade de educação e relação entre a família e a escola; e b. Refletir sobre o uso que faz do Facebook e buscar aprimorar as ações que envolvem o diálogo entre gestores, profissionais de Educação Infantil e familiares na rede de educação da qual faz parte.

Os dados do estudo ficarão sob minha guarda e os resultados serão divulgados junto aos participantes da pesquisa, bem como nos trabalhos de conclusão de curso dos pesquisadores envolvidos, em eventos e periódicos científicos. Todas as informações recebidas através desta pesquisa serão confidenciais e o sigilo sobre sua participação será assegurado. Dessa forma, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação uma vez que, durante a pesquisa, você será identificado/a por um nome fictício.

Em caso de qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a professora Dr.^a Zena Winona Eisenberg - seus contatos são: (21) 3527-2714 (PUC-Rio), (21) 99640-4038 (celular) ou ainda pelo e-mail zwe@puc-rio.br. E, com o pesquisadora Sirlene Oliveira de Souza, pelos telefones 21.991261765, pelo e-mail sirssouza@gmail.com ou no Programa de Pós Graduação em Educação da PUC Rio, localizado Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ – Brasil, Cep: 22451-900 - Cx. Postal: 38097 | Telefone: (55 21) 3527-1001 Caso você tenha dificuldade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da PUC Rio, que funciona na Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ - TEI (21) 3527-1619.

Eu, _____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a aplicação do questionário e entrevistas para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, terei a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Nome completo: _____
E-mail: _____ Tel. _____
Identificação(RG): _____

_____ Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Gestor participante

Prof.^a Ms Sirlene Oliveira de Souza
Doutoranda em Educação
Programa de Pós Graduação em Educação / Departamento de Educação /
PUC Rio

**Declaro estar ciente
do presente
documento em:**

____/____/____
20____.

Assinatura (e carimbo)
do responsável pela
instituição

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – TEI (21) 3527-1619

Apêndice G

TCLE para Docentes



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Projeto: **A EDUCAÇÃO INFANTIL E O FACEBOOK: REGISTROS E DIÁLOGOS**
Pesquisador Responsável: Sirlene Oliveira de Souza
Orientadora: Zena Eisenberg

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) professor(a),

Você está sendo convidada(o) a participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada “A Educação Infantil e o Facebook: registros e diálogos”, conduzida pela Prof.^a Sirlene Oliveira de Souza (sirssouza@gmail.com), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PUC Rio, na linha de pesquisa Trabalho Docente, Currículo, Aprendizagem e Práticas Pedagógicas, sob a orientação da Dr.^a Zena Winona Eisenberg (zwe@puc-rio.br), do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Os critérios de sua seleção para este estudo são: a. seu desejo em colaborar com a pesquisa; b. atuar como professor de um Espaço de Desenvolvimento Infantil da cidade do Rio de Janeiro; c. ter participação no uso que a unidade faz de uma conta na plataforma Facebook, com uso constante e compartilhamento de ações pedagógicas da instituição.

Este estudo tem por objetivo geral compreender que significados são produzidos por profissionais e familiares no âmbito do compartilhamento de documentações pedagógicas no Facebook de EDI do município do Rio de Janeiro e refletir sobre as concepções de Educação Infantil aí presentes. Diante deste objetivo temos como intuito: a. Verificar junto aos profissionais da equipe pedagógica sua intenção no compartilhamento pela rede social. b. Identificar os profissionais que fazem uso do Facebook para divulgar seu trabalho e como se dá esta iniciativa. c. Evidenciar as intenções das escolhas de quais momentos de experiências das crianças registrar e divulgar. d. Conhecer os sentidos dados por familiares às experiências a que têm acesso pelo Facebook. e. Identificar e problematizar as divergências e similaridades entre a intenção de profissionais da unidade e a compreensão de familiares diante das experiências compartilhadas no Facebook. f. Verificar se as compreensões apresentadas pelas famílias são consideradas pelos profissionais para o planejamento e registros de novas atividades. g. Analisar as relações entre os sentidos dados por profissionais e familiares e o que se apresenta como o papel da educação infantil em documentos da área.

A sua participação na pesquisa consistirá em: a. dar entrevista de aproximadamente 60 minutos; b. preencher questionário sobre as ações pedagógicas e o uso que faz da plataforma Facebook da instituição; c. participar de 2 a 3 encontros com a equipe de pesquisa, previamente planejadas; d. ajudar na divulgação da pesquisa e recrutamento de famílias para participação nela.

As entrevistas e questionários ocuparão cerca de 60 minutos do seu tempo e não apresentam perguntas invasivas, mas poderá provocar algum desconforto, com questões que envolvam as propostas de ação e uso do Facebook, além de modificar um pouco sua rotina com o agendamento dos encontros. Para contornar desconfortos, tudo será combinado previamente de forma que não prejudiquem os interesses pedagógicos e a rotina da instituição, os participantes terão acesso a equipe de pesquisa para diálogos e a mesma ficará atenta realizando adequações de calendário, horários ou abordagem para amenizar tais situações. Além disso, sua participação na pesquisa poderá lhe dar oportunidade de: a.

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea CEP 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – TEL (21) 3527-1619

discutir com pesquisadores e seus assistentes sobre seu plano de ação para sua unidade de educação e relação entre a família e a escola; e b. Refletir sobre o uso que faz do Facebook e buscar aprimorar as ações que envolvem o diálogo entre gestores, profissionais de Educação Infantil e familiares na rede de educação da qual faz parte.

Os dados do estudo ficarão sob minha guarda e os resultados serão divulgados junto aos participantes da pesquisa, bem como nos trabalhos de conclusão de curso dos pesquisadores envolvidos, em eventos e periódicos científicos. Todas as informações recebidas através desta pesquisa serão confidenciais e o sigilo sobre sua participação será assegurado. Dessa forma, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação uma vez que, durante a pesquisa, você será identificado/a por um nome fictício.

Em caso de qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a professora Dr.^a Zena Winona Eisenberg - seus contatos são: (21) 3527-2714 (PUC-Rio), (21) 99640-4038 (celular) ou ainda pelo e-mail zwe@puc-rio.br. E, com o pesquisadora Sirlene Oliveira de Souza, pelos telefones 21.991261765, pelo e-mail sirssouza@gmail.com ou no Programa de Pós Graduação em Educação da PUC Rio, localizado Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ – Brasil, Cep: 22451-900 - Cx. Postal: 38097 | Telefone: (55 21) 3527-1001 Caso você tenha dificuldade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da PUC Rio, que funciona na Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ - TEI (21) 3527-1619.

Eu, _____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a aplicação do questionário e entrevista para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, terei a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Nome completo: _____
E-mail: _____ Tel. _____
Identificação(RG): _____

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20____.

Professor(a) participante

Prof.^a Ms Sirlene Oliveira de Souza
Doutoranda em Educação
Programa de Pós Graduação em Educação / Departamento de
Educação / PUC Rio

**Declaro estar ciente do
presente documento
em:**

____ / ____ / 20____.

Assinatura (e carimbo)
do responsável pela
instituição

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – TEI (21) 3527-1619

Apêndice H

TCLE para os familiares



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Projeto: **A EDUCAÇÃO INFANTIL E O FACEBOOK: REGISTROS E DIÁLOGOS**
 Pesquisador Responsável: Sirlene Oliveira de Souza
 Orientadora: Zena Winona Eisenberg

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados pais e responsáveis,

Você e sua criança _____ estão sendo convidados a participar, como voluntários da pesquisa intitulada “A Educação Infantil e o Facebook: registros e diálogos”, conduzida pela Prof.ª Sirlene Oliveira de Souza (sirssouza@gmail.com), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PUC Rio, na linha de pesquisa Trabalho Docente, Currículo, Aprendizagem e Práticas Pedagógicas, sob a orientação da Dr.ª Zena Winona Eisenberg (zwe@puc-rio.br), do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Vocês foram selecionados(a) porque sua criança está matriculada em um Espaço de Desenvolvimento Infantil que faz uso de uma conta do Facebook para compartilhar experiências das crianças na unidade, e por sua participação nesta plataforma ser constante.

Este estudo tem por objetivo geral compreender o planejamento e uso que os profissionais do EDI fazem do Facebook no trabalho realizado com as crianças. Diante disso temos como intuito: a. verificar as intenções dos profissionais no uso do Facebook. b. identificar quem faz uso e como isso acontece. c. evidenciar as intenções que tem ao registrar e divulgar as vivências das crianças. d. conhecer os que as famílias pensam sobre o uso do Facebook. e. pensar sobre semelhanças e diferenças do que familiares e profissionais pensam sobre o uso do Facebook f. Refletir sobre as ações na Educação Infantil em relação aos documentos da área.

A participação de seu/sua filho(a) na pesquisa se dará a. sendo observado e fotografado com colegas, professores, familiares e pesquisadores, b. através de análise de registros com a presença dele. A sua própria participação como responsável da criança consistirá em ser entrevistado(a) sobre o uso do Facebook pela instituição e pela família. A pesquisa poderá causar algum desconforto a você, seu/sua filho(a) ou a sua família, por ser uma entrevista e análises de registros com a presença de seu filho. Para contornar desconfortos, tudo será combinado previamente, você terá acesso a equipe de pesquisa para diálogos e a mesma ficará atenta a realizar adequações de calendário, horários ou abordagem. Além disso, sua participação e de seu/sua filho(a) na pesquisa buscará oportunidade de que você expresse seus pensamentos sobre o trabalho da unidade e conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido com seu filho.

Os dados do estudo ficarão sob minha guarda e os resultados serão divulgados junto aos participantes da pesquisa, bem como nos trabalhos de conclusão de curso dos pesquisadores envolvidos, em eventos e periódicos científicos. Todas as informações recebidas através desta pesquisa serão confidenciais e o sigilo sobre sua participação será assegurado. Dessa forma, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação uma vez que, durante a pesquisa, você será identificado/a por um nome fictício.

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
 Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea CEP 22453-900
 Rio de Janeiro – RJ – TEL (21) 3527-1619

Em caso de qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a professora Dr.^a Zena Winona Eisenberg - seus contatos são: (21) 3527-2714 (PUC-Rio), (21) 99640-4038 (celular) ou ainda pelo e-mail zwe@puc-rio.br. E, com o pesquisadora Sirlene Oliveira de Souza, pelos telefones 21.991261765, pelo e-mail sirssouza@gmail.com ou no Programa de Pós Graduação em Educação da PUC Rio, localizado Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ – Brasil, Cep: 22451-900 - Cx. Postal: 38097 | Telefone: (55 21) 3527-1001 Caso você tenha dificuldade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da PUC Rio, que funciona na Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_ CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ - TEI (21) 3527-1619.

Eu, _____ (nome do responsável), de maneira voluntária, livre e esclarecida, autorizo meu(minha) filho(a) _____ (nome do aluno), da turma _____ a participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a aplicação do questionário para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, terei a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Nome completo: _____

E-mail: _____ Tel. _____

Identificação(RG): _____

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do pai/mãe ou responsável

Assinatura do pai/mãe ou responsável

Prof.^a Ms Sirlene Oliveira de Souza
Doutoranda em Educação
Programa de Pós Graduação em Educação / Departamento de Educação
/ PUC Rio

**Declaro estar ciente
do presente
documento em:**

____ / ____ /
20 ____.

Assinatura (e carimbo)
do responsável pela
instituição

Apêndice I

Termo de Assentimento



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Projeto: **A EDUCAÇÃO INFANTIL E O FACEBOOK: REGSITROS E DIÁLOGOS**
 Pesquisador Responsável: Sirlene Oliveira de Souza
 Orientadora: Zena Eisenberg

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a),

Você está sendo convidada(o) a participar, como voluntária(o), da pesquisa intitulada “A Educação Infantil e o Facebook: registros e diálogos”, conduzida pela Prof.^a Sirlene Oliveira de Souza (sirssouza@gmail.com), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/PUC Rio, na linha de pesquisa Trabalho Docente, Currículo, Aprendizagem e Práticas Pedagógicas, sob a orientação da Dr.^a Zena Winona Eisenberg (zwe@puc-rio.br), do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Os critérios de sua seleção para este estudo são: a. seu desejo em colaborar com a pesquisa; b. atuar na equipe de um Espaço de Desenvolvimento Infantil da cidade do Rio de Janeiro; c. ter participação no uso que a unidade faz de uma conta na plataforma Facebook, com uso constante e compartilhamento de ações pedagógicas da instituição.

Este estudo tem por objetivo geral compreender que significados são produzidos por profissionais e familiares no âmbito do compartilhamento de documentações pedagógicas no Facebook de EDI do município do Rio de Janeiro e refletir sobre as concepções de Educação Infantil aí presentes. Diante deste objetivo temos como intuito: a. Verificar junto aos profissionais da equipe pedagógica sua intenção no compartilhamento pela rede social. b. Identificar os profissionais que fazem uso do Facebook para divulgar seu trabalho e como se dá esta iniciativa. c. Evidenciar as intenções das escolhas de quais momentos de experiências das crianças registrar e divulgar. d. Conhecer os sentidos dados por familiares às experiências a que têm acesso pelo Facebook. e. Identificar e problematizar as divergências e similaridades entre a intenção de profissionais da unidade e a compreensão de familiares diante das experiências compartilhadas no Facebook. f. Verificar se as compreensões apresentadas pelas famílias são consideradas pelos profissionais para o planejamento e registros de novas atividades. g. Analisar as relações entre os sentidos dados por profissionais e familiares e o que se apresenta como o papel da educação infantil em documentos da área.

A sua participação na pesquisa consistirá em: a. dar entrevista de aproximadamente 60 minutos; b. preencher questionário sobre as ações pedagógicas e o uso que faz da plataforma Facebook da instituição; c. participar de 2 a 3 encontros com a equipe de pesquisa, previamente planejadas de forma que não prejudiquem os interesses pedagógicos e a rotina da instituição; d. ajudar na divulgação da pesquisa e recrutamento de famílias para participação nela.

As entrevistas e questionários ocuparão cerca de 60 minutos do seu tempo e não apresentam perguntas invasivas, mas poderá provocar algum desconforto, com questões que envolvam as propostas de ação e uso do Facebook além de modificar um pouco sua rotina com o agendamento dos encontros. Para contornar desconfortos, tudo será combinado previamente de forma que não prejudiquem os interesses pedagógicos e a rotina da instituição, os participantes terão acesso a equipe de pesquisa para diálogos e a mesma ficará atenta realizando adequações de calendário, horários ou abordagem para amenizar tais situações. Além disso, sua participação na pesquisa poderá lhe dar oportunidade de: a.

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
 Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea CEP 22453-900
 Rio de Janeiro – RJ – TEL (21) 3527-1619

discutir com pesquisadores e seus assistentes sobre seu plano de ação para sua unidade de educação e relação entre a família e a escola; e b. Refletir sobre o uso que faz do Facebook e buscar aprimorar as ações que envolvem o diálogo entre gestores, profissionais de Educação Infantil e familiares na rede de educação da qual faz parte.

Os dados do estudo ficarão sob minha guarda e os resultados serão divulgados junto aos participantes da pesquisa, bem como nos trabalhos de conclusão de curso dos pesquisadores envolvidos, em eventos e periódicos científicos. Todas as informações recebidas através desta pesquisa serão confidenciais e o sigilo sobre sua participação será assegurado. Dessa forma, os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação uma vez que, durante a pesquisa, você será identificado/a por um nome fictício.

Em caso de qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a professora Dr.^a Zena Winona Eisenberg - seus contatos são: (21) 3527-2714 (PUC-Rio), (21) 99640-4038 (celular) ou ainda pelo e-mail zwe@puc-rio.br. E, com o pesquisadora Sirlene Oliveira de Souza, pelos telefones 21.991261765, pelo e-mail sirssouza@gmail.com ou no Programa de Pós Graduação em Educação da PUC Rio, localizado Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ – Brasil, Cep: 22451-900 - Cx. Postal: 38097 | Telefone: (55 21) 3527-1001 Caso você tenha dificuldade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, comunique o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da PUC Rio, que funciona na Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ - TEI (21) 3527-1619.

Eu, _____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a aplicação do questionário e entrevista para fins acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, terei a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

Nome completo: _____
E-mail: _____ Tel. _____
Identificação(RG): _____

_____ de _____ de 20 ____.

Professor(a) participante

Prof.^a Ms Sirlene Oliveira de Souza
Doutoranda em Educação
Programa de Pós Graduação em Educação / Departamento de Educação /
PUC Rio

**Declaro estar ciente
do presente
documento em:**

____/____/____
20 ____.

Assinatura (e carimbo)
do responsável pela
instituição

Comitê de Ética em Pesquisa PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – TEI (21) 3527-1619

Anexo A

Parecer de Aprovação do CEP/PUC-Rio



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio – CEPq / PUC-Rio
Parecer Nº 100/2019 – (Protocolo 105/2019)

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio denominado, CEPq – PUC-Rio, vinculado à Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, é responsável pela avaliação e acompanhamento de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, a ele encaminhadas, observando os fundamentos éticos e científicos pertinentes.

Identificação:

Título: "A Educação Infantil no Facebook: registros e diálogos" (Departamento de Educação da PUC-Rio).

Autora: Sirlene Oliveira de Souza (Doutoranda do Departamento de Educação da PUC-Rio).

Orientadora: Zena Eisenberg (Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio).

Apresentação: Pesquisa qualitativa que visa compreender que significados são produzidos por profissionais e familiares no âmbito do compartilhamento de documentações pedagógicas no Facebook do EDI - Espaço de Desenvolvimento Infantil do município do Rio de Janeiro e refletir sobre as concepções de Educação Infantil aí presentes. Terá como sujeitos a equipe gestora (direção e professores articuladores, profissionais da educação e familiares de crianças matriculadas no EDI). Serão realizadas entrevistas e aplicação de questionários e análise das postagens da página do EDI no Facebook.

Aspectos éticos: O projeto e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. Os Termos expõem com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garantem o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados. Informam sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Aprovado


 Profa. Ilda Lopes Rodrigues da Silva
 Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 07 de novembro de 2019

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
 Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq/PUC-Rio
 Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900
 Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
 e-mail: vrac@puc-rio.br

Anexo B

Autorização de Pesquisa pela SME/RJ



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Secretaria Municipal de Educação
Subsecretaria de Ensino

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Sr (a) Coordenador (a) da E / 6ª CRE

Autorizamos a realização do Projeto de Pesquisa Acadêmica de **Sirlene Oliveira de Souza**, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, processo nº **07/010.473/2019**, denominado: **“A EDUCAÇÃO INFANTIL E O FACEBOOK: REGISTROS E DIÁLOGOS”**, de acordo com o **Parecer Favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq / PUC-Rio e da Equipe da E/EPF**.

O objetivo consiste em compreender de que maneira os registros pedagógicos que os Espaços de Desenvolvimento Infantil do Município do Rio de Janeiro compartilham com as famílias através do Facebook são significados entre profissionais e familiares, de maneira que a evidência do trabalho da Educação Infantil corrobore a compreensão sobre esse segmento.

A pesquisa fará uso de questionário via internet com todos os Espaços de Desenvolvimento Infantil visando uma caracterização da rede, questionário com a equipe diretiva, entrevista semiestruturada com profissionais da Educação das unidades e familiares e gravação de voz com a equipe diretiva, profissionais da Educação e familiares.

A pesquisadora se compromete a respeitar a rotina da UE e a divulgar os resultados a Subsecretaria de Ensino, conforme a Portaria E/SUBE nº 3/2020.

A pesquisa terá validade até agosto de 2021 e este documento deverá ser entregue na sede da E/6ª CRE.

Rio de Janeiro, 2 de março de 2020.

CHARLES WILSON MARTINEZ REJALA

Assistente II – E/SUBE

Mat.: 12/177137-7

Anexo C

Autorização de Pesquisa da SME/RJ publicada em Diário Oficial



Valer esclarecer que a simples manifestação de Interesse não altera a classificação do candidato no concurso público. Contudo, o candidato que for contratado para o cargo de 40 horas sairá do banco, pois estará renunciando à contratação para 30 horas.

Valer lembrar ainda que aqueles que não comparecerem ou não apresentarem a documentação exigida serão eliminados do concurso.

***TECNICO DE ENFERMAGEM
VAGAS REGULARES**

Onde ir:

2022ª DIANA ALVES ADONIAS

Letras e:

*Candidatos inscritos na ota de Negros e Índios - Lei Municipal 6.896 de 27/03/2014

2022ª WAGNER LUIS DOS SANTOS

ANEXO I

- 2 (duas) foto 3x4 coloridas e recentes;
- 2 Carteira de Identidade (original);
- Carteira de Trabalho e Previdência Social (original e cópia do espelho e verso);
- 2 CPF (original e cópia ou cópia autenticada);
- Título de Eleitor, com respectivos comprovantes da última eleição - 1ª e 2ª turno (original e cópia ou cópia autenticada);
- Comprovante de Vacinação atualizado (dT adulto, Hepatite B);
- 2 Comprovante de Residência no nome do profissional ou do cônjuge (concessionárias de luz, água ou telefone fixo convencional) emitidos há menos de 60 (sessenta) dias (original e cópia ou cópia autenticada); Quando o comprovante de residência não estiver no nome do profissional ou do cônjuge, entregar declaração original e cópia do RG ou da CNH do proprietário (nome que constar no comprovante);
- Certificado de Reservista (Dispensa de Incorporação, Carta Patente ou Incorporação de Reservista), se do sexo masculino (original e cópia ou cópia autenticada);

Certidão de Nascimento, se solteiro, ou Certidão de Casamento, se casado (original e cópia);

Cédula do PIS/PASEP ou CARTÃO CIDADÃO - caso não tenha, apresentar declaração de NADA CONSTA da Caixa Econômica Federal (FIC) ou Banco do Brasil (PIS/BBP) (original e cópia);

CPF e Certidão de Nascimento de filhos menores (original e cópia);

Carteira de vacinação de dependentes com idade inferior a 7 (sete) anos, e Declaração de Freqüência Escolar, se idade superior a 7 (sete) anos (original e cópia);

Carteira do conselho (CREMERJ, COREN etc), comprovante de pagamento da anuidade 2019 e Certidão Negativa (original e cópia);

Comprovante da declaração de Imposto de Renda 2018/2019, parte da declaração de bens (cópia);

Diploma (original e cópia);

Comprovante de abertura de conta no Banco Santander; caso tenha: Termo de Guarda e Posse, em caso de adoção (original e cópia ou cópia autenticada);

Termo de Curatela (original e cópia ou cópia autenticada);

Carta de Naturalização, se estrangeiro (original e cópia ou cópia autenticada);

Levar impresso as fichas de cadastro on-line;

Entrar no site <http://consulta.cadastral.inss.gov.br/Esocial> e realizar a consulta da Qualificação cadastral para verificação de divergências nos dados cadastrais. Entregar a consulta impressa e sem divergências.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

COORDENADORIA DE ADMINISTRAÇÃO
AVISO DE LICITAÇÃO
Processo nº 07/001.487/2019 - Pregão Eletrônico SRP/SME nº 0163/2020
Data: 30/03/2020 às 10:30h
Objeto: AQUISIÇÃO DE BRINQUEDOS

Valor: R\$ 788.897,40 (setecentos e trinta e nove mil, setecentos e noventa e sete reais e quarenta centavos).
Local para retirada do Edital: pelo site www.comprasnet.gov.br
Telefone para contato: (21) 2376-2120 - Horário: 10:00 às 17:00 horas.

COORDENADORIA DE ADMINISTRAÇÃO

AVISO
Processo nº 07/000.237/2019 - Pregão Eletrônico SME nº 0129/2020
O Pregão da Secretaria Municipal de Educação comunica que o certame está ADIADO SINE DIE.

**SUBSECRETARIA DE ENSINO
EDITAL ES/UBE Nº 1 DE 12 DE MARÇO DE 2020
AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

A Subsecretaria de Ensino torna público, conforme determina a Portaria ES/UBE Nº 3 de 9 de Janeiro de 2020, a autorização para as pesquisas abaixo relacionadas:

07/006.680/2019
07/006.864/2019
07/007.866/2019
07/007.872/2019
07/008.919/2019
07/010.473/2019
07/11/000.863/2019

**1ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
LAUDA DE ANÁLISE BACTERIOLÓGICA DA ÁGUA**

EXPEDIENTE DE 16/ 08 /2020
De acordo com a Lei nº 3527 de 07 de abril de 2003, foram realizadas análises bacteriológicas nas amostras de água das Unidades Escolares abaixo relacionadas, sendo obtidos resultados satisfatórios para o consumo:

Unidade Escolar	Data do laudo
E/1ª CRE (11.20.019) EM RODRIGO OTÁVIO	12/03/2020

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1712395/CA

**Você sabia que cerca de
80% dos focos
de *Aedes aegypti* no
Rio de Janeiro estão
dentro das residências?**

**AQUI MOSQUITO
NÃO SE CRIA**

#FaçaSuaParte

Elimine os focos do mosquito na sua casa e ajude
e Evitar a dengue, zika e chikungunya.